MEMORIAS DIARIAS

DA

GUERRA DO BRASIL

PELO

Dr. A. J. de Mello Moraes

E O COMMENDADOR

Ignacio Accioli de C. e Silva.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

55 — RUA DA QUITANDA — 55.

1855.

MEMORIAS DIARIAS

DA

GUERRA DO BRASIL

POR ESPAÇO DE NOVE ANNOS, COMEÇANDO EM 1630

DEDUZIDAS DAS QUE ESCREVEU O MARQUEZ DE BASTO, CONDE E SENHOR DE PERNAMBUCO

PELO

DR. ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MORAES

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS

E

IGNACIO ACCIOLI DE SERQUEIRA E SILVA

COMMENDADOR DA ORDEM DA ROZA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL DO CRUZEIRO E DA DE CHRISTO,
CHRONISTA DO IMPERIO, ETC.

RIO DE JANEIRO.

TYP. DE M. BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 55.

1855.

ADVERTENCIA.

A luta da provincia de Pernambuco com os Hollandezes, que da maior parte della outr'ora se apoderárão, é um dos objectos historicos que summamente honra o Brasil. Muito se ha escripto a tal respeito; mas em nosso entender achamos que merece especial apreço o marquez de Basto, pela minuciosa e exacta descripção que faz dos factos que refere. Pareceu-nos pois que algum serviço prestaremos com esta publicação, e animar-nos-ha o seu acolhimento a progredir em outros trabalhos congeneres, não querendo agora tratar dessa que acaba de ter logar na Hollanda, sobre o mesmo objecto da que annunciamos, por acharmos acertado não perder o tempo com rapsodios escriptos a longa distancia, e por aquelles que muito interessão em alterar a realidade dos factos de que fallão.

ADVERTENCIA.

A luta da provincia de Pernambuco com os Hollandezes, que da maior parte della outr'ora se apoderárão, é um dos objectos historicos que summamente honra o Brasil. Muito se ha escripto a tal respeito; mas em nosso entender achamos que merece especial apreço o marquez de Basto, pela minuciosa e exacta descripção que faz dos factos que refere. Pareceu-nos pois que algum serviço prestaremos com esta publicação, e animar-nos-ha o seu acolhimento a progredir em outros trabalhos congeneres, não querendo agora tratar dessa que acaba de ter logar na Hollanda, sobre o mesmo objecto da que annunciamos, por acharmos acertado não perder o tempo com rapsodias escriptos a longa distancia, e por aquelles que muito interessão em alterar a realidade dos factos de que fallão.

Illm. Sr. Antonio José da Costa.

Ao terminar o importante trabalho que ora entrego ao dominio da imprensa, que contém ***Memorias Diarias da Guerra do Brasil,*** lembrei-me que lhe devia uma divida impagavel, que o coração contrahiu, isto é, que lhe devia os mais sinceros sentimentos de amizade ; e muitissimo reconhecida a minha gratidão, lhe offerece para a sua distracção a lembrança das acções gloriosas dos nossos maiores.

> Lysia rivalisou do Tybre a gloria,
> Lysia ao mundo deu leis, e novos mundos
> Ao mundo descobriu ! essas riquezas
> Com que hoje blasonais, nações da Europa,
> Suas forão, vós della as recebestes.
> Vossos nautas intrepidos não podem
> Um só golfão sulcar sem que no trilho
> Dos Lusos e do Gama as velas soltem !
>
> (*J. M. da C. e Silva, o P.*)

E de facto já o mundo parecia pequenino para conter as glorias portuguezas, quando um interregno reduziu Portugal á condição humilhante do escravo.

Com a morte do cardeal D. Henrique (em 30 de janeiro de 1580), Felippe II de Castella julgou-se com direito á corôa de Portugal, e aproveitou-se das circumstancias, e apresentou nas fronteiras portuguezas um exercito de 22,000 homens, e conquistou-o ; e teve Portugal que soffrer 60 annos do mais aviltante captiveiro. (*)

(*) O Padre Antonio Vieira na sua *Historia do Futuro*, pag. 124, faz sentir que S. Bernardo, amigo particular do rei Affonso Henrique, prophetisou com admiravel clareza o termo dos 60 annos de castigo, e a continuação dos successos dos reis portuguezes antes e depois della.—*Dou as graças a V. S. pela mercê e esmola, que nos fez do sitio e terras de Alcobaça, para os frades fazerem mosteiro, em que sirvão a Deus, o qual em recompensa ão desta, que no céo lhe pagará, me disse, lhe certificasse eu da sua parte, que a seu reino de Portugal, nunca faltarião reis portuguezes, salvo se pela graveza de culpas, por algum tempo o castigar; não será porém tão comprido o prazo deste castigo que chegue a termos de 60 annos.*—Claravit, 13 de março de 1136.—*Bernardo.*—O captiveiro de Portugal durou 59 annos, 5 mezes e alguns dias.

Ha nas obras de Camões um canto triste de admiravel feição, em que o autor dos Luziadas periphrasêa um dos melhores poemas da antiguidade hebraica, pintando em sublimes versos as penas de uma grande nação que jazia no captiveiro. Este grito de dôr podia tornar-se desde 1579 o cantico nacional dos Portuguezes.

Posto que elles não citem o psalmo imitado por Camões, esta semelhança não escapou aos historiadores nacionaes, que, pintando o funesto periodo que succedeu á jornada de Alcaçar, e findou com a exaltação do duque de Bragança, lhe chamão os sessenta annos de captiveiro.

E' certo que Portugal perdeu toda a gloria politica ; e que os seus guerreiros se não mostravão dispostos a combater : só ficárão aos poetas olhos para chorar. Depois de rapidamente descrever successos, cuja influencia no resto da Europa ninguem se atrevêra a negar, fallece-nos o animo para memorar um a um os revézes que offuscárão a gloria desta nação ; nem temos o sufficiente espaço para amontoar tanta ruina Desde o primeiro anno do XVII seculo perdeu successivamente Portugal as

melhores possessões na America Meridional, Africa e India: em cada anno contava uma derrota, como outr'ora em cada anno ganhava uma victoria.

Um escriptor portuguez compilou chronologicamente, em poucas linhas, os factos relativos a este periodo desgraçado. Cita-los-hemos, pois cada recordação é uma accusação horrivel que deixa antever e justifica o grande feito da restauração. Começaremos, como elle, enumerando as calamidades que flagellárão os Açores, e durante as quaes pereceu D. Francisco de Portugal, illustre conde de Vimioso, a quem os Portuguezes chamão o segundo Viriato; segue-se a este acontecimento a entrada dos Inglezes no reino, a tomada de Cascaes e Peniche, e o terror que inspira um exercito que apenas se acha a quatro jornadas de Lisboa, trazendo na pilhagem só a mira Em 1594 os mesmos Inglezes tomão o Recife de Pernambuco e quanto alhi encontrárão, apoderando-se da carga de um navio da India que ali aportára. Em 1595 apossão-se do castello d'Arguim, na Costa d'Africa ... Neste mesmo anno metem Faro a saque; tomão os fortes do Cabo de S. Vicente e Sagres, e incendião tudo o que encontrão na passagem No anno de 1596 entrão por duas vezes em Buarcos, povoação de Portugal, que destroem depois de a terem roubado. Em 1597 invadem as ilhas de S Miguel, Fayal e Pico, e lanção fogo a uma embarcação da India, ancorada em frente de Villa Franca. No Brasil saqueão a cidade de S. Vicente, causando alhi innumeraveis damnos; apossando-se alfim da fortaleza de Queixome, na India, e da celebre ilha de Ormuz.

Em 1616 invadem os Mouros a capital da Ilha Terceira, e reduzem a captiveiro quasi toda a povoção, incendiando alhi quanto podem incendiar. Em 1617 entrão os mesmos piratas em Porto-Santo, não longe da Madeira, e lanção fogo a tudo. Os Francezes invadem a ilha de Itamaracá, no Brasil, e roubão os engenhos da Bahia, bem como os estabelecimentos do mesmo genero que existem nos Ilhéos. A ilha de Santiago de Cabo-Verde é roubada segunda vez pelos Hollandezes, porque já o havia sido por Drach durante a sua famosa viagem. As ilhas de S. Thomé, Porto da Cruz e outros estabelecimentos de terra firme, em Cabo-Verde, teem então igual sorte. Em Angola cercão os Hollandezes a cidade de Loanda, e queimão grande numero de embarcações dentro da barra, apossando-se das fortalezas de Cacheu, Ocre, e depois de Mina

Na India senhoreão-se das Molucas, da fortaleza de Tidor, e de tudo que pertencia aos Portuguezes Gôa e Malaca são tres vezes cercadas por elles André Furtado de Mendonça defende esta ultima; mas os Hollandezes incendêão em 1624 uma frota mandada pelo vice-rei D. Martim Affonso de Castro, sem que deixem della o menor vestigio. No Brasil entrão, em 1624, a cidade da Bahia, e em 1630 a celebre praça de Pernambuco. Segue-se a esta perda a das fortalezas do Rio Grande, Porto-Calvo, Itamaracá e cidades de Parahyba e Ceará, com todos os estabelecimentos que se encontravão até Sergipe, senhoreando-se por este modo de 300 leguas de costa. Eis-aqui os povos que vierão vindimar em a nossa vinha, por acharem todos os muros e portas arrazadas!...

A grandeza desta monarchia residia na nossa força e poder naval, que se fazia sentir em toda a extensão dos mares, e que livrava as nossas frotas dos roubos dos corsarios. Para este serviço havia el-rei tocado em certos direitos e rendas recebidas por empregados *ad hoc* convenientemente collado. Não só havia meios de occorrer ás despezas correntes, mas tambem se achava immediato remedio para quaesquer accidentes desagradaveis Para isso dava a ilha da Madeira a quinta parte da sua colheita de

assucar, com a condição de se lhe defender a costa, e de serem por conta e risco de el-rei quaesquer perdas que occorressem. A Castella applicou as suas proprias despezas os rendimentos que acabamos de citar; chegando a ponto de não haver em Portugal uma só fragata em estado de fazer-se de vela em caso urgente. Devassou-se então todo o oceano a qualquer pirata que se lembrasse de perseguir a nossa enfraquecida marinha.... As frotas portuguezas servião Castella á sua propria custa; mas Portugal pagava adiantada a despezados navios hespanhoes que empregava em seu serviço.

Todos largavão o serviço de Portugal, porque só erão felizes os Portuguezes que se sujeitavão a Castella como escravos; e até os nossos generaes obedecião a almirantes castelhanos. Não faltava quem comesse os rendimentos que o mar produzia, sem haver sequer um barco em estado de navegar, ou que pudesse ser commandado por algum dos officiaes que vivião em ocio. Assim ia esquecendo o nome e reputação dos Portuguezes no universo. Portugal sem armadas é uma vela sem luz; porque com a sua marinha encheu de esplendor os cantos mais desconhecidos do mundo. Um barco chato bastára outr'ora para atemorisar os Mouros (*)....

Para bem conhecer as verdadeiras causas desta situação, cumpre ter em vista um facto principal. A decadencia pecuniaria começava a ser medonha. Esta potencia colossal vira rapidamente diminuir certas rendas, como o provamos por calculos positivos, e a sua divida apresentava um augmento assustador (**). A Hespanha não podia fazer pelo estado, cujo territorio acabava de accrescentar ao seu na Europa, o que aqui fazia pelo seu proprio territorio; porém se conhecesse melhor os seus verdadeiros interesses, em vez de enfraquecer o valente Portugal, aproveitaria os immensos recursos que delle se lhe offerecião em vez de, por exemplo, abandonar as ferteis campinas de Pernambuco, a invasora industria dos Hollandezes, faria verdadeiros esforços para libertar quanto antes este bello paiz. As magnificas provincias do interior do Brasil serião então scientificamente exploradas; os thesouros de Minas-Geraes e diamantes do Tijuco serião descobertos um seculo antes do que forão; e os immensos capitaes que tornárão o reinado de D. João V. uma época de prodigiosa opulencia, darião a vida á moribunda monarchia.

As Indias Orientaes, que tanto valião quando as governava Affonso de Albuquerque; as ricas possessões de Malaca, Achem, Tidor e Ternate, admiravel escola para navegadores e soldados; as mais recentes feitorias da China, que promettião grandes recursos ao commercio, achavão-se igualmente desprezadas, e já não ministravão capitães nem marinheiros ao Estado. Poder-se-hião fazer novos sacrificios pecuniarios; virificar o espirito de conquista e industria; oppor barreira ás odiosas tramas e capacidade da maioria da gente influente, mas nada disto se fez. Cumpre todavia dizer, em abono da verdade e dos dous paízes, que um mal secreto damnava, havia mais de meio seculo, o governo das Indias Orientaes. Talvez fosse isto cúlpa dos homens encarregados do mesmo governo, ou do luxo que crescia por modo espantoso. A catastrophe achava-se imminente, porém o mal vinha de longe.

(*) Veja-se Antonio Velloso de Lyra, *Espelho de Lusitanos*. Esta curiosa obra, hoje assaz rara, encontra-se na Bibliotheca Real.

(**) M. Carlos Weiss provou este facto na excellente obra que ultimamente publicou. Na exaltação de Felippe II, a divida publica da Hespanha era de 35,000,000 de ducados; e pela sua morte subia a 100,000,000 delles, estando antecipadas as rendas de alguns annos. *A Hespanha desde o reinado de Felippe II até á exaltação dos Bourbons. Tomo II, pag.* 172.

Neste quadro que aqui apresento, desenhado por pincel estranho, e com as nossas tintas naturaes, póde ver V. S o quanto soffreu Portugal sob o governo bastardo da Hespanha; e a Hollanda, aproveitando-se do estado aviltante a que estava reduzido o famoso Portugal, veiu a nós, e sob as vistas de conquista assenhoreou-se das melhores praças que tinhamos, em modo a ser muito difficultoso esbulha-la da Bahia e Pernambuco. O como isto aconteceu, e os esforços que empregárão, dia por dia, os nossos maiores a sacudir o jugo hollandez, é o que lhe offereço, vertido a nosso modo, para seu entretenimento nas horas do descanso. A offerta vem de animo sincero, porque

Sou com particular estima de V. S., etc.

Mello Moraes.

Ao Principe dos actuaes oradores evangelicos, o muito venerando e douto padre-mestre Fr. Francisco de Monte-Alverne.

Padre-mestre Mont'Alverne, um Brasileiro como vós (bem que não tenha o vosso merito), e como vós cultor das letras e sciencias, e igualmente como vós amantissimo deste nosso paiz immenso, rico, fertilissimo e grande que se debruça sob o céo risonho da America Austral vem depor em vossas doutas mãos este livro (documento grandioso das nossas glorias marciaes), não para que o leais, porque sois cego, e já saberdes profusamente do que contém, porém sim para significar-vos que depois do frontespicio escrevi vosso illustre nome, ao mesmo tempo dedicando-vos as Memorias Diarias da Guerra do Brasil com a Hollanda, como expressão sincera de admiração aos vossos talentos, respeito a vossa sciencia e apreço ao vosso merito. (*)

A offerta, padre-mestre Mont'Alverne, parte de um Brasileiro de caracter independente, e que, como vós não tem aspirações e se não sabe humilhar a homem nenhum, por bem comprehender a sua missão na terra e a dignidade da feitura prima do Ente dos entes, unico soberano a quem tributo adoração e amor, e por isso é mais digna de apreço; e assim se a aceitardes benigno, e o meu livro tiver em vossas doutas mãos a estimação que eu espero, ficarei contente, porque vos dou publicamente o meu testemunho de admiração, respeito e apreço ao vosso profundo saber.

Mello Moraes.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1855.

(*) Para que a posteridade comprehenda esta actualidade (anno de 1855), e lhe dê o valor que merece, saiba que este grande orador, depois dos immensos trophéos de glorias colhidos no templo da eloquencia, e de haver conquistado uma reputação exclusivamente sua, cegou, e recolhendo-se a uma cella de seu convento, parecia já morto para o mundo, e ninguem já delle se lembrava. Sem admiradores do seu espantoso merito, vivia no convento de Santo Antonio, o sublime orador evangelico padre-mestre Fr. Francisco do Mont'Alverne, e foi necessario que para o Rio de Janeiro viessem dous estrangeiros mui importantes, os Srs. Eduardo e Henrique Laemmert, apreciadores das letras brasileiras, e fossem pedir ao sabio religioso os seus importantes discursos e publicassem por sua conta. A não ser esta espontaneidade de dous estrangeiros, nem se fallaria mais no grande orador, e nem as letras possuirião os seus escriptos, porque havião de ter o mesmo destino que teem tido muitos papeis importantes, que é—irem parar ás tabernas para embrulhar especiarias e bacalháo. O governo actual, que é prodigo em dar titulos e condecorações a quantos lazaronis teem apparecido, e os quer, porque ainda não se lembrou de uma mitra honoraria ao primeiro orador evangelico que temos? Esta nossa actualidade, esta nossa capital (bem o disse o Padre Caldas):

« Que merece bem o nome
« De Bysancio occidental;
« Onde o saber pouco val,
« Tem valor só prata e ouro;
« Branco assucar, rijo couro,
« E' melhor ter que virtude:
« Pelo menos assim pensa
« Gente douta e povo rude. »

MEMORIAS DIARIAS

DA

GUERRA DO BRASIL

POR ESPAÇO DE NOVE ANNOS, COMEÇANDO EM 1630

DEDUZIDAS DAS QUE ESCREVEU O MARQUEZ DE BASTO, CONDE E SENHOR DE PERNAMBUCO

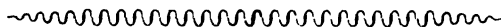
PELO

DR. ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MORAES

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS

E

IGNACIO ACCIOLI DE SERQUEIRA E SILVA

COMMENDADOR DA ORDEM DA ROZA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL DO CRUZEIRO E DA DE CHRISTO, CHRONISTA DO IMPERIO, ETC.

RIO DE JANEIRO.

TYP. DE M. BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 55.

1855.

para o fim e modo a que veiu, é para nós mais um argumento sem réplica dos sentimentos dos Portuguezes para com o Brasil.

Não foi um estrangeiro que aqui veiu derramar luzes nesta terra abençoada, foi um irmão nosso, um amigo devotado, o poeta Castilho; e em nome dos homens imparciaes, que sabem devidamente estimar o merito, agradecemos ao illustre humanitario os serviços que nos prestou

A nação portugueza nunca será nação estrangeira no Brasil: os laços que nos prendem são tão fortes e tão intimos, quer pelas relações de familia, quer pela historia, que jámais nos podemos desligar, por maiores que sejão os esforços que se empreguem. E' por todos estes motivos que não cessaremos até onde possamos pela imprensa, já que outros meios não temos, de estreitar, esclarecendo as verdades, as relações entre as duas familias irmãs, brasileira e portugueza.

MELLO MORAES.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1855.

Exm. Sr. conselheiro Dr. Antonio Feliciano de Castilho.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1855.

Quero, meu primoroso poeta, meu sublîme cantor das glorias nacionaes, meu distincto e nobre amigo, daqui do coração, e na distancia de duas mil leguas, em nome do Brasil de quem sou filho, mandar-vos em frente deste livro a expressão sincera do quanto vos devemos pelo sacrificio voluntario que por nós fizestes deixando a patria, os amigos, e mais que tudo o lar tranquillo da familia, para repartir comnosco o fructo de vossas locubrações e a luz da vossa intelligencia. O livro que vos offereço é a exposição circumstanciada dos factos mais extraordinarios da nossa historia, nos quaes veém-se os esforços mais que humanos dos Brasileiros e Portuguezes para expulsar gente estranha do Brasil, que sem nenhum direito se queria apossar delle. Estes factos que compilámos dos escriptos de uma testemunha ocular, são as — Memorias Diarias da Guerra do Brasil com a Hollanda, — que sahem agora impressas em linguagem vernacula a revelar aos meus compatriotas o quanto devemos aos nossos irmãos portuguezes; por isso recebendo nós de vós, generosos irmãos de ultramar, impagaveis serviços, convém que factos tão importantes sejão dedicados ao Portuguez que veiu ao Brasil nos tempos de agora offerecer-nos o que tinha. Ao sahirdes desta nossa terra americana deixastes impressões que nunca se hão de apagar, e em mim um amigo devotado que vos sabe amar e admirar.

Agora que vos achais em vossa patria, recebei tambem ahi as minhas expressões de saudade e os meus votos de reconhecimento.

Vosso amigo, admirador e criado,

MELLO MORAES.

MEMORIAS DIARIAS

DA

GUERRA ENTRE O BRASIL E A HOLLANDA

NO DECURSO DE NOVE ANNOS, A CONTAR DE 1630.

Resolvem os Hollandezes proseguirem na conquista do Brasil, começando por Pernambuco, para onde a Hespanha envia por general desta guerra Mathias de Albuquerque. — Forças que este levou comsigo, e quaes as que ali achou, bem como a fórma porque se preveniu.—Antes de chegar á ilha de S. Vicente um troço da armada inimiga encontra a nossa real do oceano, que seguia para as Indias; batem-se, e qual o resultado.—Dessa ilha largão em demanda de Pernambuco.—Diligencia do nosso general, e o que por sua ordem se obrou contra o inimigo na ilha de Fernando de Noronha, que é tudo quanto precedeu a estas *Memorias Diarias*.

Empenhada a companhia occidental dos Hollandezes em proseguir na empreza da conquista do Brasil, que havião encetado no anno de 1624, occupando a Bahia e a cidade de S. Salvador, restaurada em 1625, segundo varias relações impressas e manuscriptas (*); e ponderando os Hollandezes quanto esta perda era consideravel, e calculando, pelas muitas noticias que tinhão, o grande proveito que lhes podia resultar do Brasil, se o conquistassem, a despeito da falta de meios esgotados naquella primeira aggressão, era tal a sua cobiça, que por sobre as maiores impossibilidades conseguirão armar uma esquadra, que enviárão para as Indias em 1628, nomeando general della a Pedro Noynio, de cuja sorte pendia a que a fortuna lhes pudesse dar, como deu, afim de se remirem do empenho em que se achavão. Encontrárão uma frota da Nova Hespanha, que facilmente rendêrão-na, cujo producto foi calculado na Hollanda em mais de nove milhões.

Esta preciosa bonança não lhes entorpeceu a actividade, como sôe acontecer em casos tão extraordinarios e grandes. Puzerão em discussão qual o destino mais vantajoso que se daria áquelle thesouro.

Divergindo em opiniões os membros da companhia, recorrêrão ao conselho dos Estados-Geraes, dizendo que a recente acquisição era propriedade particular, pelo que

(*) E' um documento da maior importancia que se póde desejar o inimitavel discurso prégado na igreja da Ajuda, desta cidade, pelo grande *Antonio Vieira*. Este precioso documento é de tão subido valor, que o abbade *Rainal*, depois de transcrever um bom trecho, o colloca como o primeiro monumento da eloquencia sagrada.

MELLO MORAES.

não se deveria com ella emprehender cousa alguma que não dissesse respeito ao incremento da propria companhia.

O que geralmente se julgou mais util foi voltar-se á empreza do Brasil, reproduzindo as razões que os obrigárão a começar pela Bahia, e reforçando-as com outras que o tempo lhes offereceu de novo. Todas ellas forão:

« Que aquella provincia excedia em grandeza á Allemanha, França, Inglaterra, Hespanha, Escossia, Irlanda, e ás 17 provincias unidas, e que os Portuguezes a occupavão por espaço de mais de 400 leguas pela costa.

« Que por toda esta extensão não havia mais que duas praças principaes; que erão a bahia de Todos-os-Santos e Pernambuco, ganhadas as quaes, e fortificadas, erigindo-se a proposito em outros pontos algumas fortalezas bem montadas e guarnecidas, era possivel á companhia fazer-se senhora absoluta e para sempre de toda a terra dominada por ellas.

« Que os naturaes erão Indios, de quem se podia esperar pouca resistencia, e não muita dos Portuguezes; porque vivendo ali uns como commerciantes, outros no cultivo de suas fazendas, era crivel que não tivessem pratica nem cuidado das armas. (*)

« Que as duas praças, Bahia e Pernambuco, se bem que fossem as principaes, tinhão poucos fortes, e por isso estavão expostas a serem tomadas por uma armada consideravel que as assaltasse de improviso: o que se conseguiria com o segredo (*)

« Que ganhando-se aquella que primeiro aggredisse, se algum inconveniente houvesse para aproveitarem logo as munições da terra, podião consegui-lo por si mesmos e seus baixeis.

« Que todos os habitantes de suas provincias estavão conformes no desejo de que se continuasse esta empreza, considerando suas utilidades e os damnos que el-rei de Hespanha receberia com a perda do Brasil.

« Que tomando-se qualquer das duas praças, grande seria o despojo com que ficavão, pelas muitas fazendas, assucares, e o mais que certo existia nas casas e navios daquelles portos.

« Que o rei da Hespanha, e muitos particulares, tinhão grossas rendas no Brasil, as quaes ficarião desde logo pertencendo á companhia, que com ellas suppriria as despezas da empreza, para cujo effeito, á vista das grandes esperanças que de si dava, não podia faltar gente de mar e guerra, attrahida pelas vantagens que já cada um suppunha tocar com a mão, se o projecto fosse levado á execução.

« Que, com a posse de tudo isto, facil era á companhia construir grandes armadas com pouco dispendio seu para a continuação desta conquista

« Que ficarião sendo seus todos os direi-

(*) Este calculo só poderia prevalecer e dar segura confiança aos novos conquistadores, se em difficil provança não tivessem os Portuguezes subjugado quasi o mundo inteiro. Apezar de tudo ser mudavel neste mundo, todavia foi sempre do caracter portuguez não poder supportar jugo estranho.

Lembro-me que em 8 de maio de 1579, querendo unanimemente a nação protestar contra as forças estrangeiras, Martim Fernandes, sapateiro, e Antonio Peres, oleiro, em uma das salas do convento do Carmo de Lisboa dirigirão aos fidalgos a seguinte allocução:

« Senhores, consta-nos que varias das principaes pessoas, e alguns nobres, esquecidos das obrigações a que estão ligados, e fazendo da honra pouco cabedal, usão de uma linguaguem é praticão actos contrarios á segurança destes reinos. Como bons Portuguezes, estamos decididos a dar remedio a este mal, porque nos lembramos do que fizerão os habitantes desta cidade no tempo de João I, e no de outros monarchas. Rogamos a VV. SS., como primeiras pessoas da republica, que a ajudem a sustentar, e que não percão a sua honra e direito, dando orelhas á parcialidade, ou olhando as circumstancias particulares de alguns individuos. Podem VV. SS. ficar certos de que para a defensa de nossos direitos, e castigo dos Portuguezes versateis, estamos promptos a levantar-nos com quinze ou vinte mil homens desta cidade e seus arredores. Se fôr necessario, duas horas bastarão para os reunir, e iremos incendiar as habitações dos que começão a fallar e obrar contra o bem geral. Comtudo não recorreremos a taes meios em quanto tivermos esperança de obter remedio e castigo por outro modo. Talvez conviesse lembrar isto ao estado da nobreza, assim como aos dous outros estados, para que toda a assembléa trate com plena segurança do bem commum e da tranquillidade destes reinos, sem temor da força, violencia, e de meios preventivos ou damnosos. Esperamos que mais se não attenderá á voz dos que julgão tudo impossivel, e que não querem dar nem procurar remedio a semelhantes males. »

(*) O segredo foi sempre a alma dos grandes negocios. Quem delle não fôr capaz não se aventure a emprezas; e para o que é bom conservar-se o conselho do poeta Garrett, que diz:

O segredo é a rica joia d'alma,
Que não se mostra assim aos olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que raro confia homem prudente,
A chave a seu mais intimo....

(P.— Camões.)

tos que em Portugal se pagavão dos assucares e mais productos, porque tudo iria aos portos da Hollanda; e como aquelles direitos erão excessivos, se facilitaria mais a recepção delles, minorando-os a companhia.

« Que com os fretes dos navios (que serião de muita consideração) se enriqueceria muito a sua gente, e com isto seguiria voluntariamente tal navegação; e que os marinheiros deverião ser naturaes e não estrangeiros; porque dest'arte ficarião sempre na patria toda a sorte de interesses e conveniencias. (*)

« Que o excedente dos assucares consumidos na Hollanda seria reexportado para a Allemanha, França, Inglaterra, Italia, Polonia, Austria, Dinamarca, Suecia, Moscovia e outras partes, com o que a ganancia neste commercio necessariamente era grande, não sendo a menos principal que correrião ás suas provincias muitos estrangeiros a promover os seus interesses, onde evidentemente se ficarião augmentando assim os officios e as artes, e vedando a emigração aos naturaes, que por falta de occupações uteis abandonavão sua patria para ir buscar a subsistencia em plaga estranha.

« Que os impossibilitados de viver de seus officios passarião de boa vontade a exercê-los no Brasil; com o que não só lucrarião muito por seu trabalho, como se iria povoando toda aquella terra de seus naturaes.

(*) Se o governo do Brasil tivesse cuidado em proteger a nossa navegação, estariamos em outro estado que não o presente, em que, para podermos transportar os productos da nossa desfavorecida agricultura, é mister esperarmos que aos nossos portos venhão navios estrangeiros. Sem ser preciso remontarmo-nos a outras épocas, temos agora um exemplo sem réplica ante os olhos. Por causa da febre amarella, que entre nós appareceu em 1849 e 1850, os estrangeiros ficárão com tamanho receio de aqui virem, que poucos são os navios que entrão a levar os nossos productos, em modo a estarem os trapiches tão cheios, que os proprios navios de cabotagem vão servindo de depositos, por não haver logar nelles a receber os generos. Um governo protector, que deseja o incremento do seu paiz, entre as demais cousas que faz é proteger a sua navegação. Cromwell teve isto em tanta conta que em sua Acta de Navegação escreveu esta clausula: « *Que quaesquer effeitos e mercadorias da Europa poderão transportar-se á Grã-Bretanha por nacionaes ou estrangeiros de qualquer paragem, que venhão em navios devidamente habilitados por qualquer potencia. Conduzindo-se as mercadorias por subditos britanicos, pagarão os direitos regulares das alfandegas; se por estrangeiros, satisfarão os direitos que pagão os navios estranhos que entrão nos portos da Grã-Bretanha.* »

« Que o trafico dos negros, que se importavão de Angola, Guiné e Cabo-Verde se ampliaria; supponde já que tambem estas praças cahirião em suas mãos logo que cahisse alguma das do Brasil, onde erão mui necessarios estes negros para a lavoura dos assucares, do tabaco, e de todo o mais serviço braçal.

« Que entre todas as razões havia tres muito principaes para esperar que se augmentaria assás uma tal navegação: 1°, por substituir a dos Portuguezes no Brasil, Guiné, Angola e Cabo Verde; 2°, porque toda a Europa iria buscar á Hollanda os assucares e os mais productos do Brasil, como até então se dirigia a Portugal; 3°, porque todas as mercadorias que se levassem para a compra dos assucares passarião á Hollanda; e com ellas crescendo muito seus capitaes, em grande proveito da companhia, enfraquecerião o poder da Hespanha, desviando-lhe este importante commercio.

« Que a Hespanha, perdendo o Brasil, havia de consecutivamente perder grande parte das Indias Occidentaes e da navegação do Oceano.

« Que a Hespanha não podia agora construir armadas com tanta promptidão como fez quando restaurou a Bahia, porquanto com este commercio terião sempre nas costas do Brasil muitos baixeis para resistir.

« Finalmente, para mais animar a empreza, fazião notar que a terra do Brasil se achava no mesmo estado em que Francisco Draque observou a maior parte dos portos e logares das Indias quando passou a ellas: que era um notavel descuido de fortificações e de defensas; e que se a cidade de S. Salvador estava um pouco fortificada por tê-la escarmentado a primeira expedição, não era assim Pernambuco, praça para elles mais importante e das maiores do Brasil, comprehendendo em sua largura 60 leguas, só de costa, que começavão em 7° 2/3 de latitude austral no rio de Santa Cruz, que fórma a ilha de Itamaracá, e findavão no rio de S. Francisco em 10° 1/2, contando mais de cem engenhos, muitos canaviaes de assucar, muito excellente páo-brasil e outras tintas, tabaco, algodão, gengibre e outras drogas.

« Que a villa de Olinda era a capital daquella praça, e o porto da povoação do Recife, a uma legua ao sul della, era o principal e capaz de conter muitos navios até de trezentas toneladas.

« Que nelle carregavão os Portuguezes

cada anno cento e cincoenta, sómente dos fructos que a terra produzia, cousa que de poucas se podia dizer, e que estava em 8°, em posição média, e no caminho para suas mais proveitosas navegações; porque de novembro a fevereiro com grande commodidade podia effectua-las pelo novo estreito de S. Vicente; e correndo os riquissimos portos do mar do sul, passar as Philipinas.

« Que todos os annos, abaixo do mesmo porto do Recife, se poderia ir esperar as frotas das Indias occidentaes, do que colherião o mesmo fructo que agora estavão gozando.»

Entre estas e outras razões, que por brevidade muitos fazião pelo menor a conta das despezas e dos lucros que a companhia aguardava se a empreza se conseguisse, é que a ganancia seria mais de dous milhões por anno.

Muito errados serião todos os seus calculos se o nosso descuido não lhes fornecesse o contingente para a prova, porque fundando-os sempre em que podia haver resistencia contra o poder da Hollanda e sua armada, era infallivel e facil esta resistencia, se della se cuidasse logo como convinha, e assás o provou depois a experiencia; porquanto sendo tão grande o seu poder como pequeno o nosso, quasi o tivemos vencido, como adiante se verá.

Escutadas alfim como puderão, e admittidas com ardor todas aquellas razões, resolveu-se que a companhia proseguisse o que encetára, como o fez com uma armada de setenta vasos, conduzindo treze mil homens: oito mil de guerra e cinco de mar. Nomeárão general della Henrique Lonc, que já o tinha sido na India Oriental, por seu almirante Rodrigo Simon; por general da infantaria para o desembarque Theodoro Vanduardembourg, mui pratico e theorico em materias de fortificação; e com o titulo de coroneis Alexandre Simon e Estevão Calvi; e assim os subalternos.

Constando na Hespanha o apresto desta armada, e achando-se em Madrid Mathias de Albuquerque, que de proximo chegára do Brasil (onde tinha servido de governador e capitão general), pareceu que, tanto pela sua qualidade e valor, como pela experiencia que tinha daquelle estado, e mesmo por ser Pernambuco de seu irmão mais velho Duarte de Albuquerque Coelho, convinha envia-lo em seu soccorro. Ordenou el-rei que elle seguisse logo para Lisboa, mandando ao governo daquelle reino que providenciasse de fórma que utilisasse aos negocios de que ia incumbido. Julgou elle que, quando chegasse a Lisboa, acharia o necessario para oppor-se ás forças do inimigo, do qual participavão que se dirigia ao Brasil. Mas o que achou foi uma caravella com 27 soldados e algumas munições. Não lhe valeu representar com razões convincentes, e até protestos, sobre o resultado de uma tal prevenção. Porém mais pôde nelle a obediencia que a certeza de ir perder-se, se o inimigo o procurasse. Derão-lhe mais duas caravellas com munições para serem divididas pela Bahia, Rio de Janeiro, Parahyba o Rio Grande. Erão capitães della Diogo de Avila Bittançourt e Gil Corrêa de Castello Branco.

As ordens que se derão ao general Mathias de Albuquerque para esta expedição forão: — que visitasse e fortificasse as quatro praças do Rio Grande, Parahyba, Itamaracá e Pernambuco, e que estas lhe ficarião sujeitas, quanto á guerra.

Partiu de Lisboa em 12 de agosto de 1629, e abdicou o Recife a 18 de outubro seguinte.

Despachou logo as caravellas que levára com munições para o destino que el-rei lhes dera. Deixemos o general desembarcado, emquanto, como é mister, damos noticia da armada inimiga. Partiu ella de Texel a toda a pressa, e em numero de oito a dez vasos de cada vez, prevenindo assim a expectação que causaria se junta desancorasse; e veiu reunir-se em 14 de setembro de 1629 na ilha de S. Vicente (uma das de Cabo Verde), que jaz a 18° de latitude septentrional. Antes que chegassem, o seu general Henrique Lonc, com oito náos á vista de Teneriffe (outra ilha das Canarias, em 28° tambem do norte) encontrou a 23 de agosto 38 navios pertencentes á armada real, com os quaes o general D Fradique de Toledo, marquez de Valduega, ia para as Indias.

Ainda que este avistasse as náos do inimigo a duas leguas de distancia, como a sua era muito veleira, em breve as alcançou; e, ganhando-lhe o barlavento com dous navios mais, pelejou com o costumado valor. Cerrada a noite, ficou D. Fradique entre as oito náos inimigas, sem que as nossas pudessem chegar; mas receiando o bastante o general hollandez que o conseguissem, com o que não só se perderia, como a occasião de ir a Pernambuco, afastou-se do nosso (que tão empenhado se via já, que tres dias havião passado sem que elle visitasse a armada), e

tomando novo rumo aquella noite, com os pharóes apagados, seguiu para a ilha de S. Vicente, onde chegou a 14 de setembro: como já dissemos, aqui achou, e forão chegando os mais navios. Nesta ilha se demorárão até 26 de dezembro, exercitando sua infantaria nas armas, aprомptando os vasos que disso precisavão, fazendo aguada e todo o necessario para a sua empreza. Partirão dali no dia que já notámos; e emquanto navegão, voltemos ao que o general Mathias de Albuquerque ia dispondo com os poucos meios que tinha.

No mesmo dia em que chegou ao porto do Recife, e no seguinte, fez sahir 18 navios carregados de assucar, que estavão de partida para os portos de Hespanha. Depois passou a examinar o estado das fortificações principaes daquella praça, que elle havia levantado quando foi governador e capitão-general no Brasil. Muito sentiu achar todas desmanteladas, e particularmente a fortaleza do rio Tapado, e que lhe faltasse a artilharia que ali deixára para defesa de desembarque naquelle porto e nas praias da banda do Páo-Amarello.

Tambem achou demolida a bateria em frente da barra, e duas outras aos lados do forte de terra S. Jorge. Não só achou desta maneira aquellas fortificações que deixára, como convinha, mas tambem pouca gente, poucas armas, e quasi nenhum exercicio dellas. Tudo isto lhe deu justo cuidado, ponderando quão difficil seria pôr-se no estado de defesa com a brevidade que desejava, e era indispensavel, porque Pernambuco tinha 60 leguas de costa, com muitos logares distinctos, onde o inimigo podia desembarcar, com vinte e seis portos maiores e menores, accessiveis a baixeis medianos, sem defesa alguma que a villa de Olinda, cabeça daquella praça, estava ao lume d'agua sem fortificações; e que o porto principal do Recife tinha só seis peças de ferro na entrada de uma bateria incompleta, pois não tinha muralha nem trincheira, que sobre a barra, em uns recifes 600 passos geometricos distantes da terra, estava o forte da Lage, S. Francisco, com 15 homens sómente, por ser acanhadissimo; e que em frente do isthmo que se estende da mesma villa ao porto e povoação do Recife, havia outro forte chamado de S Jorge, tão incapaz por sua antiguidade, que sobre vigas assentava alguma artilharia de ferro, que tinha defesa de pouca consideração.

O porto do Recife com duas entradas, sem a principal, chamadas as Barretas dos Curraes e dos Afogados, dava facil ingresso ao inimigo, caso quizesse metter em suas lanchas toda a infantaria que pudesse. Tendo-as Mathias de Albuquerque deixado asseguradas com grossas correntes de ferro, agora as achava sem ellas, e sem outra alguma defesa.

Do porto do Recife á villa medêa uma legua de praia, e della ao rio de Maria Farinha quatro, incluindo a praia de Páo-Amarello; e em todas estas cinco leguas, que correm ao norte, podia o inimigo desembarcar, assim como no espaço de tres que ficão para o sul até á Candelaria, sem obstaculo algum.

Na villa de Olinda (*) sómente havia tres companhias de presidio, constando de 130 soldados para occorrer á defesa de tantas partes, havendo pouca e quasi inutil artilharia, e sem que para esta mesma houvesse artilheiros. Dos habitantes da villa achou quatro companhias com 550 homens, e outra com 100 na povoação do Recife; nos logares ou freguezias, como ali se diz, a gente que havia com seus capitães toda desarmada e sem exercicio das armas, no caso de havê-las, para ajudarem. Faltava emfim todo o essencial, que era gente veterana e pratica, armas, munições e abastecimentos. Tudo se ajustava ao intento e esperança dos Hollandezes.

Taes erão as impossibilidades em que se achava o general Mathias de Albuquerque; nem era das menores para o pouco tempo que suppunha ter para providenciar tudo; mas no que pôde não se descuidou. Achava-se ali Pedro Corrêa da Gama, sargento-mór do Estado, que havia militado muitos annos em Flandres; encarregou-o de residir no porto e povoação do Recife, com ordem de accrescentar a bateria em frente da barra, e levantar uma estacada para obstar o desembarque.

Para igual effeito em Páo-Amarello deu principio a um forte no rio Tapado, e a outro tambem em frente da entrada principal do Recife; aos lados do forte de terra S. Jorge fez duas baterias; e depois de ir-se entrincheirando o logar do Recife, começou outro forte á sua entrada, como ponto principal de toda aquella defensa, porque aquelle era o porto onde desembarcavão quanto vinha do mar fóra, e onde descarregavão todas as

(*) Hoje cidade.

drogas da terra, que não erão poucas. De sorte que aquella povoação e porto era o abrigo e a defesa dos baixeis que estavão dentro, para que o inimigo a não damnificasse.

Na barreta dos Afogados fez uma bateria para melhor defendê-la. A todas estas obras assistiá pessoalmente sem perder tempo; e para melhor aproveitar assistiu junto á mesma povoação do Recife, donde acudia a todas as partes com tal diligencia, que parecia assistir em todas. Ordenou que em toda aquella costa se fizessem pharóes, com gente de guarda das freguezias mais proximas, para por elles ser promptamente avisado do numero de navios que apparecessem, e de que lado vinhão. Mandou que os capitães de milicias fizessem rezenhas, e que as tropas de Olinda dessem guarda todos os dias, procurando juntar quantas armas se pudessem descobrir, fazendo concertar as que precisassem reparo. Expediu ordem a todos os districtos de fóra para que os habitantes estivessem promptos a acudir, nas occasiões necessarias, a villa de Olinda, como cabeça das mais, e as outras que pudessem. Avisou aos religiosos da Companhia de Jesus, que assistião nas aldêas doutrinando os Indios, que os fizessem prevenir de seus arcos e frechas, para que se achassem armados quando fosse necessario.

Despachou a conduzir abastecimentos de varias partes, e para recolhê-los edificou logo dous armazens, um na villa e outro no logar do Recife, a cargo de pessoas de con fiança.

Fez conduzir muitas embarcações dos logares em que as havia, com madeiras para fortificação e esplanadas, e muitos reparos para a artilharia que precisava Formou toda a gente maritima dos navios mercantes que ahi se achavão, debaixo do commando do capitão Jorge Cabral da Camara, para que estivessem promptos quando se necessitasse delles.

Andando pois assim com o cuidado que facil será de comprehender-se á vista da escassez de recursos; accrescendo saber que Pie de Palo (corsario hollandez que, cruzando naquella costa, a infestava havia dous annos) de proximo tinha saltado na ilha de Fernando de Noronha, de tres leguas em comprimento e uma de largura distante de terra firme cincoenta e duas, e oitenta ao norte de Pernambuco, a 5° de lat. sul: com dous portos, o menor a l'essuéste e o principal a nornordéste, com quatorze braças de fundo e capacidade para sessenta navios. Esta paragem convinha muito ao inimigo pela commodidade das suas navegações ás Indias orientaes e occidentaes, e particularmente para poder se aproveitar melhor das costas do Brasil, de que tantas vantagens com razão se promettião.

Com a noticia que o general tivera de què Pie de Palo estava nesta ilha, procurou todo o possivel para expulsa-lo pela má vizinhança que nelle contava. Aprestou sete caravellões com alguma gente, e por cabo della nomeou a Ruy Calaza Borges, e em segundo logar ao capitão Pedro Teixeira Franco. Largárão em 19 de dezembro de 1629 com ordem de tomar a ilha pela parte de L. S., onde estava o porto menor, para seguir por terra até o principal, onde era crivel que estivessem os baixeis inimigos. Assim o executárão de noite, e achárão fundeado um só.

A' vista disto formárão tres emboscadas, duas ao pé do ancoradouro, e outra (dirigida pelo capitão Teixeira) no logar onde se fazia aguada. Vindo naquella mesma noite a fazê-la (por sua desgraça), tomou-lhe a lancha do navio com seis roqueiras e sete Hollandezes, matando primeiro quatro, por que erão onze, e dando liberdade a sete Portuguezes prisioneiros que aproveitavão na marinhagem, tendo-os apresado com uma embarcação; e por haver succedido isto em parte que do navio não podia verse, ordenou o cabo Ruy Calaza que na mesma noite fosse o artilheiro Jorge da Fonseca com outra gente na mesma lancha e com artificios de fogo para atea-lo no baixel; elle o effectuou por quatro logares, dous a barlavento e dous na pôpa. Sendo já o incendio tal que pareceu inextinguivel, volvêrão á terra: porém o inimigo acudiu a dissipa-lo, de maneira que sómente perdeu o corredor da pôpa.

Pela manhã se fizerão de vela, e os nossos executárão o que lhes fôra incumbido, que era nullificar o que elles tivessem feito: e constava de uma bateria capaz de oito peças, que ainda não tinha, e quatro povoações, duas onde elles se recolhião quando estavão em terra, e duas de negros que havião capturado em um navio de Angola, os quaes tinhão já plantado muita mandioca: é a mandioca uma raiz semelhante ao nabo, mas comprida, de cuja massa

se prepara a farinha que suppre o pão, e é o alimento principal do Brasil.

Havia tambem plantados e nascidos muitos legumes e tabaco. Tudo isto os nossos destruirão, tomando alguns negros; porque a mór parte se acoutou nas altas serras da ilha.

Voltárão a Pernambuco em 14 de janeiro de 1630, primeiro do anno e destas *Memorias.*

1630

Apparecem os Hollandezes sobre Pernambuco.—Acha-se o general Mathias de Albuquerque em sua defensa.—Ganhão elles a villa de Olinda.—Sua perda no assalto do forte de S. Jorge.—Ganhão-o depois por assedio, bem como o da barra de S. Francisco.—Começão a se fortificar.—Colloca-se o nosso general entre a villa e o porto do Recife, em um porto que appellidão Real do Bom Jesus, e fortifica-se.—Busca-o o inimigo, que se retira com perda.—Impedem-lhe muitas vezes a sahida dos outros postos com damno seu.—Chega a noticia a Hespanha desta invasão, e o que se prepara afim de repelli-la.

Janeiro 14. — Logo que Ruy Calaza chegou a Pernambuco, fizerão-se perguntas aos sete Hollandezes que trazia, a cada um á parte, para colher alguma noticia sobre a armada da Hollanda. Nenhum delles sabia, e todos forão conformes em dizer que erão da campanha de tres navios com que *Pie de Palo* cruzava naquella costa, navegando muitas vezes á vista do porfo do Recife.

Ainda que destes prisioneiros nada se pôde saber da armada hollandeza, que na Hespanha se presumia que ameaçava Pernambuco, o general Mathias de Albuquerque, longe de descuidar-se, continuava com as fortificações começadas, como se tivera por certo o que elles não confessárão. Pouco tardou a certeza, porque a 9 de fevereiro aportou ao Recife um patacho despachado por João Pereira Côrte-Real, governador das ilhas do Cabo-Verde, com o aviso de que 70 náos da Hollanda tinhão estado em S. Vicente, donde sahirão fazendo-se na volta do Sul, e que, segundo dizião alguns prisioneiros de uma fragata que fôra tomada dirigindo-se ás Indias, e deixados na mesma ilha, a armada ia sobre Pernambuco. .

Sem demora o general Mathias de Albuquerque se dispoz, com o pouco recurso que havia, como se a armada já estivesse á vista.

Proveu o forte da Barra (S. Francisco), de que era capitão Manoel Pacheco de Aguiar, de tudo que este lhe requisitára; e assim o de S. Jorge, de que era capitão Antonio de Lima, e os mais pontos que se ião fortificando. Ordenou ao sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama que visitasse todos os nossos navios naquelle porto, e que os que estivessem de carga completa largassem para seu destino. Examinou-se quaes dos 38 navios que ainda ficárão tinhão artilharia, e de que porte e a gente que poderia tomar armas, para que o fizessem sob o commando de Jorge Cabral, como já estava determinado, e que a outra servisse na artilharia dos fortes e baterias, e nos mesmos navios.

No forte que se estava levantando no rio Tapado para defender o porto e a praia de Páo-Amarello, como se trabalhava nelle havia pouco tempo (acontecendo o mesmo nas outras fortificações), mandou o general fazer logo uma trincheira com travessas aos lados. Em todas as outras fortificações trabalhava infatigavel com o cuidado que era devido, por ver-se quasi sem gente para a occasião que já esperava. Sómente havia os moradores que, por não serem soldados, nos apertos tratão sómente de salvar suas mulheres, filhos e fazenda. Nada disto fez que, por desanimo, perdesse um momento em ir dispondo e obrando como se tivesse quanto era necessario.

Por meio de bandos publicou em todas as freguezias de fóra que todos os réos homisiados por crimes ou dividas podião livremente acudir ás armas, e, segundo seu procedimento na guerra, se perdoaria aos que não tivessem parte, conforme as ordens reaes que tinha. Elegeu para coronel dos moradores Ambrozio Machado de Carvalho, que havia sido capitão-mór do Rio Grande, e para seu sargento-mór Ruy Calaza Borges. Visto que não se podia acabar as fortificações começadas, tanto por serem muitas e o contingente pouco, como pela brevidade com que se esperava o inimigo, indicou logo os postos aos capitães da gente da villa, que erão Roque de Barros Rego, Affonso de Albuquerque, Salvador de Azevedo e Jacintho de Freitas, para que cada um acudisse ao que lhe tocasse.

Ao provedor da real fazenda, André de Almeida Fonseca, encarregou da distribuição das munições, dando-lhe ajudantes, e ordenando-lhe de recolher aos armazens todos os abastecimentos que se achassem, e toda a polvora e munições que houvessem nas vendas das villas.

Alistárão-se os carros e os negros que forão necessarios para isto. Correu bando, com pena de morte, para que ninguem sahisse nem retirasse cousa alguma da villa. Para inteira execução desta ordem collocárão-se guardas nas avenidas com cabos de confiança. Calculou-se que assim se defenderião melhor os moradores, por terem ali dentro as mulheres, os filhos e a fazenda.

Ao capitão Amaro de Queiroz encarregou de oito navios dos menos carregados, para que os tivesse no Poço, que é já dentro da barra do porto, no logar mais fundo, e a um tiro de peça para o norte da povoação do Recife. Fez passar-lhes cabos nas patelhas dos lemes para os encadear, enramando-os com brusca, alcatrão e outras materias inflammaveis, para que, se o inimigo pretendesse entrar a barra (como era crivel, para fazer-se senhor do porto, no que consistia toda a defensa) não pudessem conseguir, achando tamanho embaraço naquelle porto, por ser apertado, e não haver outro por onde entrassem. E quando tentassem forçar a entrada, ordenou que se désse fogo aos oito navios. Logo depois destes tinha outros oito com a mesma prevenção, a cargo de Raphael Rodrigues, para servir de segundo obstaculo, queimando-se tambem com os do inimigo. No caso de não entrarem as náos pela barra principal, no intento de metter sua infantaria em lanchas pela barreta dos Curraes (uma legua ao sul do Recife), ou o fizessem pela dos Afogados (um tiro de canhão ao sul do mesmo porto), postou ali um navio com 10 peças de artilharia e 160 homens, sob o commando de Nuno de Mello e Albuquerque e do alferes Bento Ferraz, para que dali impedisse a entrada da barreta dos Afogados e dos Curraes.

Ao patrão-mór Francisco Velho de Lemos ordenou que com todas as chalupas estivesse ao serviço do forte da barra, dos navios de fogo, e do que estava na defesa das barretas.

O logar do Recife, de 150 moradores, havia sido intrincheirado com uma boa estacada e uma bateria com quatro peças de ferro a cargo de Lourenço Vaz Serveira, que assistia na entrada do caminho que segue para a villa. Tambem havia praticado uma estrada coberta desta bateria ao forte de S. Jorge (600 passos), e outra deste 300 passos para a parte da villa, até onde se tinha começado o forte de quatro baluartes, chamado de Diogo Paez, e que estava já alguns pés acima do solo. Aos lados do de S. Jorge fez baterias com 8 peças cada uma, tiradas dos navios, encarregando-as aos irmãos Francisco e Antonio Rodrigues Loureiro. Deu lhes alguma gente do mar, a cargo de Vicente Quaresma, para serviço e ajuda da artilharia.

Empregando-se assim o maior cuidado na defesa do porto e fortes, o mesmo havia para com as outras fortificações, particularmente a do rio Tapado, por ser a defesa do porto e praias de Páo-Amarello, que estava a cargo do capitão André Pereira Temudo, que havia sido capitão-mór do Rio Grande; e era um dos tres de Presidio e pagos que existião na villa; os dous erão Francisco Tavares e Martim Ferreira. Terião todos até 30 homens; os dous ultimos tinhão ordem de acudir onde mais necessario fosse. Ao primeiro, pela autoridade do posto, se aggregárão os aventureiros e particulares, e tres companhias dos districtos de fóra mais proximos que forão mandados vir; como de Paratibi a Paulo Leitão, de S Lourenço a Henrique Affonso Pereira, e de Iguarassú a Pedro da Rocha Leitão, e aos Indios que tambem vinhão chegando. Toda esta gente tinha o capitão Temudo para guardar o porto e praia de Páo-Amarello, distantes da villa tres leguas, e quatro do Recife.

As partes e fortificações referidas que ti-

nhamos a defender, se bem se observa, excedião em numero á gente que havia para fazê-lo, porque (como já dissemos) do porto do Recife ao Páo- marello ha quatro leguas de praia para o norte, e para o sul até Candelaria tres; sendo tão pouca a gente com que o general se achava para defender o todo, que apenas poderia guarnecer qualquer das fortificações feitas ou das que se ião fa zendo. Duplicou as rondas a cavallo por todas aquellas praias, não só para vigia-las, como para ter depressa os avisos.

Na povoação do Recife estava o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, tendo ás suas ordens o capitão de milicias do mesmo logar Bento de Freitas com 100 homens. Tinha mais outros tres capitães das parochias vizinhas. Da varzea de Capibaribi, Francisco Monteiro Bezerra; da Muribeca, Miguel de Abreu Soares; e de Santo Amaro, Manoel da Costa Calheiros Por ser toda esta gente moradores, e não soldados, pediu Pedro Corrêa ao general uma esquadra dos 130 que apenas havia nas tres companhias de Presidio Deu-se-lhe logo, e por cabo della Francisco Martins, que o era da de Martim Ferreira; com o que se verá que o sargento-mór Pedro Corrêa, com sua muita experiencia, julgava o que se podia esperar de companhias de moradores, pois pedia uma esquadra de 25 soldados. Com tão pouca quantidade, difficil ou impossivel parecia o bom exito da defesa; porém como não havia mais, fazia-se o que se podia fazer.

Fevereiro 14.— Estando tudo assim prevenido (não como convinha, mas como era possivel) ao meio dia de 14 de fevereiro da villa de Olinda se avistou a L N. 67 baixeis; não havendo mais de 5 dias que tinha chegado o aviso do governador do Cabo Verde já referido. Tão pouco tardou. Até á noite pouco se approximárão da terra

Fevereiro 15.—Em 15 ao amanhecer viu-se a tres leguas a armada sotaventada do porto do Recife para o forte; porém o vento lhe foi dando logar a chegar-se. Entrou o general em uma chalupa, e foi visitar o forte da barra, pois todos entendião, segundo navegava o inimigo, que por ali aggredia primeiro. Metteu dentro o capitão de artilharia Pedro Fernandes da Veiga, e o capitão Gil Corrêa de Castello Branco, Antonio de Faria e outras pessoas particulares: tendo já o capitão daquelle forte Manoel Pacheco de Aguiar, e o seu tenente Pedro Barbosa, recebido quanto pedirão e era necessario. Passou logo a ver os navios de fogo que tinha no porto á cargo do capitão Amaro de Queiroz e os de Raphael Rodrigues, informando-se do que necessitavão, e recordando-lhes o cuidado com que devião proceder na occasião esperada. Volveu a terra, e fez o mesmo em todas as outras partes, que não erão poucas, e nem pouco distantes umas das outras.

Na armada inimiga vinhão 16 baixeis com outras tantas barcaças, e a duas chalupas cada um, destinados a deitar a gente em terra, e com ella o seu general Theodoro de Vauduardembourg Erão 3,600 a 4,000 marinheiros bem armados, com ordem de que, quando o resto da armada estivesse perto da barra do porto principal do Recife, se apartassem para desembarcar a gente nas praias do lado do norte ou do sul Trazião mais dous navios que demandavão menos agua, e 34 barcaças e chalupas com 2,000 homens, para que acommettessem e dessem rebate ás nossas trincheiras da villa que estavão junto ao mar, para que, não se achando resistencia por ali, desembarcassem; e encontrando-a, serviria isto de advertir-nos a attenção, afim de que o seu general Theodoro saltasse onde achasse menos.

A maior parte da armada foi dando fundo a distancia de tiro de peça do forte da barra do Recife, e duas náos de mais força encostárão-se quanto puderão á barreta dos Afogados, para proteger (segundo mostravão) com sua artilharia a entrada de alguma gente em chalupas.

Pela barra principal tinhão de tentar a entrada 20 baixeis dos que mais facilmente a pudessem conseguir; estes trazião 1,000 homens. E para fazê-lo até á paragem do Poço, por ser de mais fundo, tinhão mais 11 baixeis. Seu general de mar, Henrique Lone, com todos os que lhe ficavão, havia de bater os dous fortes, S. Francisco e S. Jorge, e a povoação do Recife. Nesta conformidade se repartirão; e no que mais se baseárão foi em aggredir-nos por partes tão distantes em quatro leguas de praias: uma do Recife á villa, e tres d'ahi ao Páo-Amarello. Dest'arte julgárão impossivel deixar de desembarcar o seu general Theodoro; porquanto se o impedissemos em Páo-Amarello, o effectuarião nas trincheiras que estavão junto ao mar, os 2,000 homens que trazião nos 2 navios e 34 barcaças e nas chalupas, como acima dissemos. Com tal distribuição suppuzerão ganhar a villa sem resistencia, e deixar cortada a gente que tivessemos em Páo-Amarello, para não

juntar-se á do Recife, e que ,se não acudissemos, lá a expulsarião, e que poderião vir marchando os 4,000 homens com o seu general Thodoro para a villa, que era aberta e incapaz de ser fortificada. E que quando não pudessem conseguir algum dos dous meios, entrando a barra e porto principal do Recife, tinhão alcançado o desejado, e podião logo contar-se donos do thesouro que havião de encontrar naquella povoação; porque com as duas diversões de Páo-Amarello e das trincheiras da villa, acharião menos gente e resistencia no porto do Recife. Consideravão tambem que os fortes de S. Francisco e S. Jorge erão de tão pouca importancia, que bem poderião dar fundo entre elles, porque mais damnos receberião dos canhonaços de suas náos do que ellas dos fortes: finalmente conhecião que quando achassem por aqui alguma opposição (o que não acreditavão) nenhuma teria no Candelaria. Tal era a ordem que o inimigo trazia: pareceu-me conveniente dilatar-me em declara-lo, para melhor intelligencia de todos; e tambem para confusão de quem, sem achar-se presente, julgou isto por erradas e suspeitosas informações.

O general Mathias de Albuquerque havia obrado o referido. Achando-se com 80 homens a cavallo, dos moradores, fez delles tres tropas para que rondassem de noite, uma de Páo-Amarello por suas praias, outra dellas á villa, e desta ao Recife outra.

Fevereiro 15.—Ao meio-dia de 15 deste mez forão-se os inimigos chegando para as embarcações em que ia o seu general Theodoro, com a prôa no rio Tapado para onde o nosso general foi logo. Estava ali de guarda o capitão André Pereira Tremudo, com a gente que já se disse; e de novo lhe levava o general os capitães Francisco Tavares e Roque de Barros. Com isto se dispoz a fórma de rebater o desembarque do inimigo; porque via-se que estava passando a infantaria para a barcaças e chalupas, e que já se tinhão afastado das náos. Parecendo que vinhão com a prôa no rio Tapado, voltárão a ellas, dando-lhes cabo, e apartando-as de terra. Largárão logo todo o panno, fazendo-se na volta ao mar. Neste mesmo tempo o resto da armada canhoneava por uma e outra parte o forte da barra e o de terra; e os vinte navios ião tambem procurando entrar, emquanto as duas náos, que havião dado fundo junto da Barreta, igualmente batião a que ali tinhamos para sua defesa, a cargo de Nuno de Mello e Albuquerque, com o que parecia quererem devassar aquella entrada, para metter por ella a infantaria em chalupas.

Presenciando-se isto de Páo-Amarello, onde então se achava o nosso general, julgárão todos que os baixeis inimigos começavão a entrar; e como isto se via de tão longe, mettendo-se de permeio uma enseada, parecia que já estavão dentro da barra. Tambem o grande estrondo e fumaça das baterias de suas náos e das nossas fortificações erão taes, que fazião crer que se perdia o porto e povoação do Recife. Como era nelle que tudo consistia, por ser o principal daquella praça, convinha acudir se-lhe logo, e tambem porque o inimigo o acommettia, e não outra qualquer parte, como se estava vendo.

Os que cercavão o general lhe protestavão que era precisa sua presença para a salvação do porto e da povoação do Recife. Prestou-se immediatamente, não tanto por aquellas instancias, como por ver que o inimigo ia entrando pela barra Mas por isso não tirou daquelle porto de Páo-Amarello gente alguma. Levou só até quinze cavallos, deixando com os outros André Dias da França, que ali se achou (capitão-mór que havia sido daquella praça) para que, com sua autoridade e valor, tivesse aquelle ponto em defesa possivel.

Passando pela villa levou dahi duas companhias, a de Affonso de Albuquerque e a de Jacintho de Freitas. Chegando ao Recife ás 4 horas da tarde, achou uma náo inimiga já perdida na barra. O nosso forte S. Jorge, por estar em frente della, e porque guardava melhor os navios do fogo do Paço, e defendia o logar, recebia mais damno. Por isso entrou nelle o general para dar mais alento aos que o sustentavão com muito valor, dando elogios ao seu capitão Antonio de Lima, que não parava em mandar jogar a sua artilheria incessantemente E porque o forte da barra não fazia tanto como se esperava, tendo principiado bem, enviou-se-lhe logo uma chalupa a saber a causa. Seu capitão Manoel Pacheco pediu mais alguma gente, polvora e munições: do que sem demora foi soccorrido. Por cabo dos soldados que lhe enviárão foi Gomes de Abreu Soares. O sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, da povoação do Reciffe, onde se conservava, obrava com todo o cuidado. Approximando-se a maré, forão entrando pela barra, com grande resolução, algumas barcaças e lanchas do inimigo, as quaes começárão a investir alguns

dos nossos navios de fogo; e ainda que bem defendidos pelo capitão Amaro de Queiroz, queimárão um delles; mas o damno que nossas baterias lhe causou apertou-os de modo que voltárão a sahir a barra. A náo que estava em defesa da Barreta, a cargo de Nuno de Mello e Albuquerque, fôra lançada a pique pelas balas dos inimigos que ali fundeárão, a despeito de ter elle obrado com todo o denodo em sua defesa. Durou o fogo mais de seis ho as, em que se affirma despendêra o inimigo mais de duas mil balas, das quaes nos deixou morta e ferida alguma gente, m s não que elle ficasse sem prejuizo das nossas.

Entrada já a noite, chegou aviso de André Dias da Franca de que as 16 náos, barcaças e lanchas que de manhã havião feito prôa áquella parte, a tornavão a fazer, sem duvida tentando desembarcar gente. Trouxe-a o Dr. Francisco Quaresma de Abreu (que depois foi ouvidor na chancellaria do porto), por quem respondeu logo o general que sem demora se marchasse a impedir o desembarque em qualquer ponto que o intentassem. Mandou juntamente ordem ao coronel Ambrozio Machado e ao sargento-mór Ruy Calaza, que estavão na villa, para que logo acudissem do posto de André Dias Fizerão-o com duas companhias, a de Martim Ferreira e a de Salvador de Azevedo.

Disposto isto assim, propoz o general ao sargento-mór do estado Pedro Corrêa, a João Peres Barreto, que havia sido capitão-mór daquella praça, a Francisco Gomes de Mello, que o fôra do Rio Grande, e a outras pessoas particulares que com elle se achavão, se conviria que fossem pessoalmente dar calor ao impedimento de desembarcar ao inimigo se tentasse fazê-lo onde André Dias o avisára. A todos pareceu que o posto do Recife era sómente o que com mais cuidado se devia guardar, por ser o principal, e onde estavão dous fortes de el-rei e todo o thesouro do assucar, páo-brasil, algodão, tabaco, gengibre e outras fazendas, onde se dirigia o furor da peleja; e que deixar a occasião para ir, a quatro leguas, ás pr ias de Páo Amarello, onde ainda não se sabia que a houvesse, era desamparar o todo, quando a gente que havia não bastava a defender um posto, quanto mais sete leguas de praias.

A maior razão vinha a ser que para as praias do Páo-Amarello estava prompta á defensa a maior parte da gente que havia com o capitão André Pereira Tremudo, e André Dias da Franca com a cavallaria. E que naquelle logar do Recife, onde tudo consistia, constava (por aviso que naquella hora dava Jorge Cabra), que os mais dos homens de mar que a seu cargo tinha evadirão-se em algumas chalupas pelos rios de Capibaribe e dos Afogados; e o mesmo affirmava o patrão-mór Francisco Velho de Lemos. A' vista do que, o perigo estava naquelle logar, em cuja defeza se devia arriscar tudo.

Sem embargo destas razões (não mal fundadas) e do muito que o general havia posto em pratica para a defesa de Páo-Amarello, enviou, já muito de noite, Jeronymo Cavalcanti (governador, que depois foi de Cabo-Verde) com ordem escripta, para que fosse logo onde tinha deixado André Dias da Franca, encarregando-o de novo daquelle desembarque, e dizendo-lhe que mui seguro estaria tudo quanto estivesse sob suas vistas. Levava tambem ordem o coronel Cavalcanti para tirar mais da villa a gente que pudesse reunir á que tinha Franca. Ordenou isto sendo já meia noite; e chegárão avisos dos dous de que o inimigo tinha deitado alguma gente em terra junto a Páo-Amarello Subito o general montou a cavallo (por mais que lh'o vedavão com protestos), deixando o Recife encarregado ao sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama Passando pela villa, achou que André Dias se havia recolhido á sua casa. Então reuniu a gente que com elle se recolhêra, e fez tudo o mais que achou conveniente, com o pouco de que dispunha, para impedir a marcha ao inimigo, e os intentos que trouxesse. Avisou o capitão André Pereira, que ainda su tentava o posto do rio Tapado ao pé de Páo-Amarello, de que logo o ia soccorrer com tudo o que pudesse levar.

Partiu ao amanhecer com 100 homens a cavallo, que com o Franca se havião recolhido, e 1,260 de pé, dos morad res que pôde juntar na villa, deixando em suas trincheiras sobre a praia os alferes sómente com as bandeiras, os velhos, e alguns clerigos que se quizerão reunir, afim de que só o inimigo quizesse tambem ali deitar gente (o que podia fazer) a visse a nossa, ainda que fosse da fórma que acabamos de ver. Como ia faltando o poder necessario para tanta defesa, suppria-o o ardil; porém nada era bastante contra o muito que a elles sobejava.

Desembarcárão emfim os 4,000 homens com o seu general Theodoro, o qual ordenou ás 16 náos, barcaças e chalupas, de que ha-

vião saltado, que se apartassem de terra, segundo se conheceu ao amanhecer. Era para cortar aos seus as esperanças de refugio, para que sómente se collocassem no valor com que pelejassem. Formárão-se quatro columnas da parte do norte do Rio-Doce, commandadas pelo general, pelo tenente-coronel Estevão Calvi, pelo tenente-coronel Adolfuorlst, e pelo sargento-mór-general Honox Foucques. Trazião ao todo 36 bandeiras e 4 peças de campanha. Por estar cheia a maré não pud rão passar o rio, tendo postado na bocca deste tres barcaças com quatro peças cada uma, para assegurar-lhes a passagem quando a maré désse logar, e virem protegidos por ellas, descobrindo as praias. Trazião por seu guia principal Antonio Dias Paparobalos, de nação hebréa, que havia estado annos commerciando em Pernambuco, e particularmente na villa, e depois fugira para a Hollanda.

Fevereiro 16. — Desta maneira encontrou o nosso general o inimigo em 16 de fevereiro, pelas 7 horas da manhã, quando chegou ao mesmo Rio-Doce pela margem do sul, que é o lado da villa, onde achou o capitão André Pereira Temudo, com a sua gente, a qual, com a que agora conduzia o general, fazia o numero de 550 infantes e 100 cavallos, com tres capitães, Francisco Bezerra, Felippe Paez e João Guedes Alcanforado. Havia mais alguns 200 indios com o seu principal que os governava, Antonio Felippe Camarão, e por seus interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira.

Reconhecendo-se bem o porto em que éstavamos, e o que o inimigo occupava, formou-se a nossa infantaria, com as costas para a matta proxima áquellas pr ias, e a cavallaria onde mais commodamente pudesse cerrar com as lanças de que usavão (como em Africa) depois que o inimigo começasse a passar o rio O mesmo farião os indios com seus arcos e flexas. Dada a primeira carga, todos havião de acommetter pela parte que o general lhes havia assignalado, com as espadas, porque o porto que tinhamos era encoberto á artilharia das tres barcaças, e mui perto do ponto onde o inimigo havia de passar. Dispostos assim as cousas conforme o pouco que havia, em relação ao muito que se ia arrostar, exhortou o general a todos com animoso semblante, para que pugnassem com coragem, lembrando-lhes que não só defendião daquelles hereticos rebeldes o seu natural rei e senhor, e a pureza com que a fé catholica de tantos annos se cultivava naquella provincia pelas ensinanças portuguezas, mas tambem suas proprias honras, mulher e filhos, patria e fazendas, e finalmente sua anti a reputação.

A este tempo, serião de 9 para 10 horas da manhã, a maré ia dando logar a que o inimigo passasse o rio. Não perdeu elle a occasião, como quem não ignorava que consiste o bom successo em saber aproveita-la.

Arrojou-se á passagem, e os nossos a impedir-lha. Precedia-os o general Mathias de Albuquerque com a espada em punho; porém durando nossa defesa (por ser tão desigu l o partido) pouco mais de meia hora, sahirão as tres barcaças inimigas da boca do rio, e vierão batendo toda a margem e praia com a sua artilharia; como que os nossos, vendo-se cortados della, forão entrando mais promptos pela matta do que pelo perigo. Porém para serem tão poucos, e esses moradores mais affeitos ás delicias do que ás armas, e a ver o rosto e sentir as balas de um inimigo tão opposto ao ocio, ainda resistirão mais do que se podia esperar delles. Sómente 100 homens, entre infantes e a cavallo, ficárão com o general Mathias de Albuquerque, e ainda destes nos matárão e ferirão alguns, não sem levarem tambem sua parte disto.

Vendo-se o general com tão pouca gente, lembrou-se guarnecer com ella a trincheira e platafórma chamada de S. Francisco, que estava cerca de um convento de descalços da provincia de Santo Antonio, de que no Brasil havia uma custodia de dez casas, sendo cinco só em Pernambuco. Esta trincheira, que o nosso general occupou, e que protegia um dos caminhos mais principaes que conduzíão á villa, investiu o inimigo por tres vezes, e de todas a defendeu o general, de modo que, com muita perda, desistiu do caminho que buscava, e tomou por outro que seu guia lhe ensinou, e que ia á villa por entre o collegio dos Padres da Companhia (tem alguns no Brasil) e o convento de S. Francisco Tambem achárão ali o capitão Salvador de Azevedo e alguns moradores que o defendêrão com grande valor, até que mortos e feridos, na maior parte, veiu o inimigo a romper por ali, ficando assim a cavalleiro de toda a villa. Neste mesmo tempo combatêrão os dous navios e 34 barcaças com os seus 2,000 homens; as trincheiras da mesma villa, que

estavão sobre a praia guarnecidas sómente dos alferes, velhos e clerigos, como já se disse, que não as puderão defender, e muito menos vendo-se tambem ferir pelas espadas, como o fazião os inimigos que estavão já entre o collegio e o convento de S. Francisco. Assim forão desembarcando os 2,000 homens sem resistencia, e fazendo-se tambem senhores por aquella parte do melhor da villa. Ainda que ao pé da igreja da Misericordia se resistiu alguma cousa, com a morte do capitão Temudo, e mais 45 homens, achando-se feridos 56, forão-se retirando os poucos que restavão, e viu-se o general com 20 sómente. Com estes entrou na povoação do Recife, para ver se poderia defendê-la com a gente e munições que lá tinha deixado. Emquanto isto durou, que foi quasi todo o dia 16 de fevereiro, tiverão tempo as mulheres e seus maridos, que lhes acudião, de retirar-se com quanto possuião como vinhos, azeite, e alguma farinha de Hespanha. Resultou desta diligencia não ficar o inimigo com a riqueza que se promettia no saque da villa : e o conseguiria se, logo que chegou, fossem destacando gente pelas estradas ; porque os moradores, com seus carros e negros, todos carregados de fazendas, não se havião apartado um tiro de mosquete. Vinte pessoas sómente acharão na villa, as quaes detiverão alguns dias.

Chegado o general Mathias ao Recife, e querendo dispor sua defesa, com a noticia de que já o inimigo estava senhor da villa, nem ao menos pôde animar a gente que ali havia, e que começou a fugir de maneira que muitos se lançárão no rio Beberibe, onde se afogárão, outros morrêrão de nossos mosquetaços, que, para lhes obviar a fugida, lhes mandou atirar o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama. O mesmo praticou do forte de S. Jorge o capitão Antonio de Lima.

Vendo o nosso general aquelle precipicio, e que nada bastava a reprimi-lo, tomou a resolução de metter nos dous fortes, S. Francisco da Barra e o de terra S. Jorge, todas as munições e abastecimentos que tinha na povoação do Recife. Para este ultimo se offereceu o capitão Affonso de Albuquerque com seu alferes Antonio Borges e um unico soldado que ficou, Belchior Velho. Tambem entrárão nelle o capitão Roque de Barros Rego (igualmente sem gente, porque lhe havia fugido), Alvaro Fragoso de Albuquerque, e seu irmão Paulo Fragoso de Albuquerque, Pedro Corrêa da Silva, os irmãos Antonio e Gaspar André, Manoel Martins, e até 25 homens mais com que o general as soccorreu ; e o mesmo fez para com o forte da Barra.

Vendo elle este estado de cousas, e que por absoluta falta de gente não se podia defender a povoação do Recife, e que poucos dias se podia conservar os dous fortes, resolveu (e acertadamente) queimar aquella povoação, deposito de todo o assucar que havia e do mais, e assim todos os navios que o tivessem ; encalhando os outros no canal, para que os do inimigo não o pudessem entrar no dia seguinte.

Fevereiro 17. — Executou-se tudo a uma hora da manhã do dia 17 de fevereiro, com o que ficou tudo reduzido a brasis e cinza. Esta diligencia tirou das mãos ao inimigo mais de 4 milhões, sahindo-lhe baldadas as contas que havia feito na Hollanda.

Ao alvorecer do dia, querendo o inimigo marchar da villa para a povoação do Recife, suspeitou do fogo que via, qual o fim delle, e suspendeu a marcha. Sabendo depois o que se passava o seu general do mar, Henrique Lone, e o de infantaria Theodoro de Vanduardembourg, deixárão com este pezar as demonstrações de gosto ao verem-se senhores da villa ; porque o que mais lhe encommendára a companhia, visto o empenho em que os deixára aquella armada e empreza, era em acautelar com toda a vigilancia o saque. Mas frustrou-lh'o alfim o general Mathias de Albuquerque, com tanto accordo, prudencia, solicitude e rapidez, como se não se achasse em tão evidente risco, e naquella confusão que a tantos faria perder o discurso.

Sentiu o inimigo esta perda mais como negociante do que como soldado ; porque o empenho em que a bolsa da compahia ficou para aprestar essa armada foi tal, que muitos dos que nella mettêrão quantias, apenas lhes constou este successo, saccárão a 70 por cento de abatimento. Consideravão tambem que para conservar o ganhado, e o que depois ganhassem nos fretes lhes havia de custar muito. Bem o antevêrão, e mal o lograrião se os nossos peccados, mais poderosos que suas armas, não se puzessem de sua parte, como se irá vendo.

Com o grande incendio da povoação do Recife sómente ficára habitavel uma casa chamada da Asseca, da outra banda do rio Biberibe (a um tiro de mosquete do forte de S. Jorge) para a qual se passava na baixa-mar. Ali se postou o general Mathias, levando da

povoação que ardia alguma polvora e munições, que para este fim deixára de metter nos fortes; porém tanto disto como de gente era tão pouca a que tinha, que mal se podia sustentar naquella casa. Com risco tão conhecido ainda não quiz apartar-se dos fortes para soccorrê-los, o que fez, até que não lhe foi mais possivel. Despachou algumas pessoas que com elle se achavão para as povoações e parochias de fóra, afim de convocarem todos os moradores para assistir-lhe; que viessem trazendo os abastecimentos que pudessem, nomeando as pessoas de mais respeito, para que tomessem muito sob sua conta a promptа execução de ordem, pois della pendia o poder tomar algum posto mais adequado que aquelle onde estava, para que, fortificando-o, se pudesse impedir os intentos do inimigo; e que, emquanto o não fizesse, com os soccorros que lhe enviassem das parochias acudiria aos dous fortes que ainda estavão em nosso poder.

Na barreta dos Afogados (como o inimigo tinha deitado a pique o navio que para sua defesa tinhamos, mas não fôra mui perto della) ficava facil entrar com lanchas. Se o effeituassem, ficavão senhores do posto, e os dous fortes cortados. Para obvia-lo, enviou o general a Diogo Paes Barreto (um morador dos mais nobres) levando o patrão-mór Francisco Velho de Lemos, para deixarem um patacho pequeno carregado de pedras, servindo de impedimento á entrada: immediatamente o inimigo veiu queima-lo; mas por fim tirou-se-lhe toda a esperança de entrar por ali, porque, depois de queimado o patacho, mandou-se metter a pique naquelle mesmo logar tres barcos grandes da mesma fórma carregados de pedra, com o que irreparavelmente se vedou a entrada.

Enviou os capitães Martim Ferreira e Pedro Fernandes Ferrete (ainda que este sem gente, porque sendo-o de Itamaracá, tinha vindo sem ella) só com 20 homens que o primeiro tinha, que com alguns indios tambem occupassem a ermida de Santo-Amaro, distante da villa um tiro de arcabuz, afim de tomarem por ali alguns caminhos, para obstar que moradores, olvidando seus deveres, fossem commerciar com o inimigo: havia já algumas suspeitas disto, e que pelo menos o tentárão alguns indios e pretos. Para total prohibição se deitou bando com pena de morte para quem o fizesse

Em tão duras e grandes impossibilidades, que cada dia cresciãocom a falta de tudo, para poder conservar-se ali o general estava de animo constante e desvelado em tolera-las, e até vencê-las, procurando ainda a defesa: achando seu infatigavel cuidado para fazê-lo, o que o mesmo tempo lhe negava; porque formou quatro tropas de 12 homens cada uma, e alguns indios, a cargo de João de Amorim Bittancourt, de Manoel Soares Robles, de Antonio Pereira e de Francisco Rebello, para que, andando perto da villa, não deixassem entrar nem sahir della pessoa alguma. Por uma que entrava e se prendeu, sendo logo enforcada, ficou vedada a facilidade com que se ia rapidamente introduzindo uma perniciosissima correspondencia.

Não foi só para este effeito que se organisárão as partidas, foi tambem para impedir que o inimigo sahisse ás hortas da mesma villa, sem estorvo, quando não fosse muita gente. Na de Manoel Valente degollámos-lhe de uma sortida 34 homens; na ermida de S. João, junto á villa 19, e ficárão 3 prisioneiros, 1 hollandez, outro inglez, e francez o outro. Perguntados cada um á parte, concordárão em que o inimigo trouxe 13,000 de mar e guerra, com o intento de ganhar aquella praça e as mais do Brasil; que tinhão na villa 6,000, que estavão fortificando as eminencias della, que havião sentido profundamente o incendio da povoação do Recife e dos navios com as fazendas; e finalmente que esperavão que os moradores e os indios lhes fossem pedir seus passaportes.

Bem receiava o nosso general uma e outra cousa. Por esta razão, mais do que por alguma outra, ordenou logo áquellas quatro tropas, que já dissemos, para motivar que lhes cobrassem o odio que sempre produzem os primeiros encontros, e particularmente nos indios, segundo sua natural inclinação. Foi para elles isto de tanto effeito, como se verá pelos annos que os tivemos ao nosso serviço; porque se assim não fôra, e naquella occasião se adunassem ao inimigo, sem duvida que elle ficaria desde logo absoluto senhor de toda a campanha, que depois lhe custou tanto.

Procurar ter abastecimentos era uma das cousas que dava mais cuidado; e com elle se solicitava tambem alguma gente, para poder tomar e fortalecer algum ponto a proposito, para impedir aos Hollandezes seus intentos, e para ir fazendo algumas tropas que pudesse juntar ás quatro. Acudirão 40 homens (alguns delles mamelucos, como lá se chamão, e são filhos de brancos e indios, e al-

alguns pardos); destes se formárão duas tropas encarregadas a dous irmãos, Francisco e Antonio Vianna, que tendo mais 3, todos 5 forão mortos do modo que adiante se verá. Consideravel por certo é a quantidade e qualidade da gente com que o general Mathias deu principio a uma guerra que veiu a ser de tanta opinião. O que mais deve sorprender é que não só entre tantas perdas a proseguisse, se não que com ellas mesmas se augmentasse, como verão os que a examinarem como militares e não como ignorantes.

Fevereiro **19.** — A 19 de fevereiro tentou o inimigo entrar pela barra do Recife, em seus navios menores. Mandou adiante algumas lanchas reconhecer o canal; e achárão que era impossivel por estar embaraçado com os baixeis que ali haviamos queimado e mettido a pique Visto como lhes convinha fazerem-se donos daquelle porto, vierão marchando da villa pela lingua de arêa que della conduz ao Recife, porque, bem que a 600 passos antes estivesse o forte S Jorge, entendêrão não lhes faria grande obstaculo, por ser incapaz de defesa a qualquer assalto. Executárão-no aos 20 deste modo

Fevereiro 20.— Es olhêrão 1,500 soldados veteranos e muitos officiaes reformados, com alguns gastadores, levando oito escadas e granadas, e outros artificios de fogo. Sahirão da villa ás 10 horas da noite, e a 1 havião de investir o forte desta fórma. Com cada uma das oito escadas ião 10 homens, que as havião de arrimar, e um capitão reformado com 25, para subir, outro não reformado com 80, para tirar as defesas e facilitar a entrada; outro capitão com 100, para forçar a porta, ou, havendo logar, lançar-lhe um petardo. Outro capitão reformado com 20, levava a seu cargo o uso dos artificios de fogo. O nosso forte tinha sómente 37 homens com o seu capitão Antonio de Lima, o alferes Jacintho Barreto e o sargento Luiz Fernandes, e assim o capitão Affonso de Albuquerque, com o seu alferes Antonio Borges e um soldado que se chamava Belchior Velho, do qual já fizemos menção e outros. Como o forte era á antiga, fabricado mais para defender-se dos indios do que das nações do norte, ficava sendo incapaz de resistir-lhes agora que elles o buscavão. Porém os que estavão dentro tratárão de cumprir com suas obrigações, tanto como logo se verá. Na proxima tarde tinha estado o general animando-os com sua presença, e ajudando-os com suas proprias mãos a collocar sobre o parapeito pesadas vigas com que se coroárão.

Disposto isto assim, tocou-se a rebate, avisando que marchava o inimigo: era meia-noite. Acudiu cada um aos postos que lhes forão marcados. Chegado elle e investindo, deu uma carga com a sua mosquetaria, e arrojando-se todos á execução da ordem que trazião, pondo as escadas e facilitando a subida, 5 se postárão da banda da villa e do mar, e 3 do lado do rio Beberibe e da porta que olhavà para a povoação do Recife. Por ser o forte mais alto deste lado não alcançárão o cimo. Os defensores oppuzerão-se valorosamente á escalada; e fazendo cahir as vigas e páos que estavão sobre os parapeitos, derribavão com as escadas os que as subião. Jogavão tres peças carregadas de cartuxos, mitralha e balas de mosquete, que fazião muito damno ao inimigo; porém elle, não desistindo, volvia a alçar escadas, a subir e a deitar granada e outros artificios de fogo, e entre elles alguns de fumo tão hediondo, que ninguem podia chegar no parapeito ou logar onde cahia. Pretendêrão com machados quebrar a porta; e sem affrouxarem os de dentro nem os de fóra, todos se valião bem de sua destreza. Mais por esta parte que por outra procurava o inimigo a entrada, julgando achar mais facilidade onde encontrou mais resistencia, porque a bateria que tinhamos com tres peças a cargo de Lourenço Vaz Cerveira, na entrada da povoação do Recife, descobria e defendia a porta do forte; e assim impediu que ali encostassem escadas. Com isto lhes pareceu que era consideravel a guarnição; e vendo morrer o cabo que trazião, affrouxárão e forão-se retirando em desordem. Deixárão as escadas, muitos artificios de fogo e muitas armas, mas não as esperanças de conseguir seu intento. Perdêrão nesta noite mais de 300 homens e seu cabo, ficando alguns prisioneiros. Matárão-nos o alferes Antonio Borges e Francisco Guedes Pinto, criado do general, e 3 pessoas mais, ferindo 8, entre os quaes era Pedro Corrêa da Silva e o sargento Luiz Fernandes.

No dia seguinte de manhã foi o general dar parabens ao capitão Antonio de Lima e aos mais, assim como a Lourenço Vaz; porque tendo comsigo só tres ou quatro homens (sendo um delles Diogo Monteiro, natural de Peniche, donde elle tambem era) assistiu sempre com valorosa constancia, como se tivera a gente que o inimigo julgou quando recebia desta parte o estrago referido. Com

grande cuidado procurou tambem pôr alguma gente na povoação do Recife, para o que já o incendio dava logar. Elegeu para isto algumas pessoas de confiança, como Manoel Rebello da Franca, cavalheiro de valor (neto do capitão mór que foi daquella praça André Dias da Franca), João Alvares de Barbuda e Francisco Monteiro, capitão de milicias da parochia de Varzea do Capiberibe (era a mais proxima) com alguma gente della e parentes seus. Não foi todavia possivel que assistissem mais de dous dias, porque no terceiro se retirou a maior parte dos que o acompanhárão. Deixou o porto, ficando nelle Manoel Rebello e João Alvares com 30 homens, que tambem lhe deixárão, por ver que com tão poucos não podião manter a povoação, cujo circuito demandava muito mais.

Conhecendo o general que se tornava impossivel metter gente na povoação, tanto por não haver, como porque a que chegava de tarde não apparecia de manhã (como voluntarios, moradores e não soldados obrigados, usando mais de sua vontade em se ausentarem do que de sua obrigação ficando), e entendendo de alguns que o seu natural era mais vagar nos bosques do que encerrar-se, as foi accommodando com os capitães de emboscadas; nome que tomárão os das tropas que havia organisado e das que ia effeituando. Sua utilidade cada dia se fazia mais notoria pelo grande temor que o inimigo foi dellas concebendo, não ousava sahir, nem mesmo ás hortas da villa que occupava. Com a presença destes capitães de emboscadas, não só se lograva o presente effeito, como de futuro servia ella muito, vedando-lhe, com este receio, o commerciar com os moradores, e obstando-os, por seis annos, de apoderarem-se da campanha; cousa que sem duvida conseguirião se o tivessem emprehendido logo. Mas como o general o anteviu, preveniu-o immediatamente de modo que nenhum preto podia entrar. Dest'arte ficou o inimigo impossibilitado de colher noticias, que erão importantes, do estado em que nos achavamos: sendo infallivel que se obtivessem far-se-hião senhores de tudo.

Não se deixava de tentar quanto era possivel a occupação do Recife e a defensão dos dous fortes, o da barra de S. Francisco e o de terra de S. Jorge, porque, podendo conserva-los, ficava o Hollandez sem porto para seus navios no inverno, que já se avizinhava; porque no Brasil começa em abril e fenece em setembro. Com o bom successo da defesa do forte de S. Jorge se facilitou a Antonio Ribeiro de Lacerda, que ali se achava, (pessoa muito respeitada de muitos moradores, especialmente dos da parochia da Ipojuca, onde tinha tres engenhos de assucar, e ficava a 11 leguas) o ir persuadi-los a que viessem todos, para que com a gente que trouxesse e com a que se esperava enviasse o governador da Parahyba, Antonio de Albuquerque, se pudesse continuar a defesa dos dous fortes e da povoação do Recife. Para este fim não só partiu o Lacerda, como outras pessoas, a differentes partes, com o mesmo zelo e com a mesma esperança.

Para que não faltasse ao general a ultima calamidade, até presumpção de pouca fidelidade houve em alguns; porque não só desejavão que não tivesse o cuidado e zelo que mostrava na defesa, mas até procuravão estorva-lo com toda a dissimulação; querendo antes negociar desde logo com o inimigo, do que pensavão (enganados) tirar proveito, do que tratar de fazer-lhe a guerra. Suppondo que melhor o conseguirião (estes que não erão muitos) desembaraçando-se do general que temião, ousárão (o que não fará pelo interesse a malvadeza?!) tocar fogo por duas vezes na casa da Assera que habitava. Parecendo casual a primeira, foi a segunda com tal despejo, que fizerão voar as taboas da mesma casa, deixando-o ferido no rosto.

Isto obrigou o sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama a metter mão á espada bradando—traição! traição!—ao que o general com semblante sereno respondeu:—havia de ser por desastre.—E dissimulando prudentemente, mostrou que não conhecia o perigo, por não declarar suspeitos os mesmos de quem esperava alguma coadjuvação. Soffrer e contemporisar com tal gente por espaço de 6 annos não foi a menor acção nem a de menos merito que do nosso general se possa escrever.

Como fosse crescendo a gente nos districtos e parochias de fóra, com a que se havia retirado da villa de Olinda e da povoação do Recife, foi sentindo-se falta de farinha, que era o principal sustento: com isto se desculpavão alguns de não poder vir assistir ao general; e sendo este anno muito secco, foi causa de haver tão pouca, que, valendo de ordinario 400 rs. a fanga, não se acha a por 2$000 nesta occasião em que mais necessaria se tornava; porque os capitães de emboscada e os indios que os acompanha-

vão, se não se lhe dava ração todos os dias, desamparavão os postos, que por tão salientes causas convinha guardar.

De villa Formosa (a 15 leguas de distancia) chegou o capitão daquella parochia, Pedro de Albuquerque, com 50 homens para oppôr-se a tantos mil inimigos. Ainda assim se collocárão na povoação do Recife, que tanto se desejava occupar. Porém nada bastava, porque tres dias não chegou a demorar-se esta gente, desamparando seu capitão, que veiu a ficar só com tres homens. Muito sentia o general a facilidade com que os moradores deixavão os postos que lhes encarregava, porque disto enferia quão mal podia fazer a guerra, e defender os campos com tal gente, e sem ter outra. Mas seu disvelo e industria pôde conseguir que destes mesmos, agora timidos e voluveis, procedessem os que depois se portárão com valor e constancia que se irá mostrando.

Alguns indios mais dos que já habitavão as aldêas de Pernambuco chegárão por este tempo, com o padre Manoel de Moraes, jesuita, o qual com elles foi assistir tambem na estancia da ermida de Santo Amaro, para que percorressem sempre os bosques proximos á villa, assegurando os caminhos que conduzião a ella. Foi tal o temor que o inimigo concebeu, (tinha-os por selvagens, e por taes os appellidava), que ficou na guarda daquelle posto ; mais com aquella opinião vã do que com a realidade; porque elles ainda não usavão armas de fogo, e sómente seus arcos e flexas. Como o padre Moraes occupou com elles este ponto, tirou delle o general o capitão Martins Ferreira, que era dos tres do presidio da villa, os quaes, tendo então 130 homens, agora se achavão apenas com 30. A companhia que vagou por morte de André Pereira Temudo foi provida em Francisco de Figueirôa ; o outro capitão era Francisco Tavares, e a todos tres tinha agora a seu lado.

Fevereiro 24.—Em 24 de fevereiro chegou o soccorro que o governador da Parahyba pôde enviar. Constava de 100 homens com os capitães André de Mello e Albuquerque, seu sobrinho Belchior de Valladares, e Cosme da Rocha, e assim 130 indios. Tudo veiu a cargo de seu irmão Mathias de Albuquerque Maranhão. Logo que chegou este soccorro, procurou o general pô-lo tambem na povoação do Recife ; mas de nenhum modo o póde conseguir. Igualmente o poz junto á estancia de Santo Amaro, e tudo quanto ali estava encarregou ao Maranhão, para assim segurar mais a reclusão do inimigo. Se algum sahiu, foi muito ás occultas, para não ter certa a morte.

O general Theodoro Vanduardenbourg fortificava-se na villa sem perder tempo, fazia algumas baterias em que collocou artilharia, uma no collegio dos Padres da Companhia de Jesus, outra na igreja matriz, na Misericordia outra, e outra na Conceição, que era tudo no alto da villa. Cobriu todas as casas com trincheiras e estacadas ; nas principaes entradas havia corpos de guarda. Receiava que o nosso general lhe désse alguma noite aziaga ; e receiava bem, porque elle o tencionou por vezes , mas a carencia de gente não lhe permittia executa-lo. Não se descuidava o inimigo, e menos a campanhia occidental ; porquanto aos 25 de fevereiro chegárão da Hollanda mais oito baixeis com nova gente e muitos abastecimentos. Não se póde negar que sua grande providencia nesta parte podia e devia ser imitada, pois não sendo ainda possivel saber-se lá qual o successo da armada e da empreza, já a soccorrião com a promptidão e cabedal a que os poderia animar o tê-lo sabido.

Da villa tentou o inimigo fazer uma sortida pela ponte do rio Biberibe, e vir dar na casa da Asseca, em que estava o nosso general. Como não tinhamos ali sentinellas, tocou-se alarma antes de amanhecer, tendo-se feito algumas emboscadas. Sahindo dellas com o primeiro aviso dos nossos poucos, em relação aos contrarios, como fosse para elles inopinado, as arvores lhes parecêrão homens, e logo se forão retirando, tanto ás cegas vivião até então. Ainda deixárão 14 mortos, além dos que recolhêrão, e feridos. Da nossa parte ficárão 4. Estes successos se noticiárão logo ás parochias afim de animar a todos a acharem-se nas avenidas ; pois que destes encontros resultava não só a reputação dos nossos, mas tambem o temor dos inimigos.

Dos dous fórtes S. Francisco e S. Jorge se tinha todo o cuidado, soccorrendo-os cada dia com o necessario ou com o possivel. Neste entrou mais o capitão Francisco de Figueirôa com sua pequena companhia, e outra gente, e o capitão reformado Gil Corréa de Castello-Branco, que havia chegado de ordem do da barra, onde estava.

Fevereiro 27.—A's 11 horas da noite de 27 de fevereiro houve avizo de que o inimigo, em grande numero, marchava ao

forte S. Jorge, por aquella lingueta de arêa que a elle conduz, e que tem de largura 200 pés, com o mar ao lado, e pelo outro o rio Biberibe. Endereçou-se logo ordem a Mathias de Albuquerque Maranhão para que a toda pressa viesse com a gente que trouxe de Parahyba, e com a dos capitães de emboscadas, atravessar o mesmo caminho, pelo que chamão Buraco-Grande de Santiago. Este é um dos passos daquelle rio, porque o general marcharia por outra parte, para que dando-se a mão, vissem o que a sorte lhes offerecia. Igualmente avizou-se os capitães dos fortes e Lourenço Vaz Cerveira, que constantemente sustentava ainda a bateria da entrada da povoação do Recife. A's 3 da manhã chegou toda a gente, que seria 200 soldados e 300 indios, com a que tinha o general. Ainda mesmo com numero tão inferior passára o rio, se a maré désse logar, que não deu por estar cheia. Seu intento (se o passasse) era fazer algumas emboscadas da outra parte, junto á mesma lingueta de arêa, por onde vinha seguindo o inimigo, e como era tão estreito, investi-los antes de aclarar-se o dia, a ver assim se a confusão e a sorte davão azo a estorvar o assedio, que se julgava vinhão pôr ao forte S. Jorge, como aconteceu. Mas nem a maré nem o poder adverso quizerão secundar este pensamento; porque o general Theodoro vinha em pessoa com 4,000 homens, e alguns dos que ultimamente lhe havião chegado de refresco.

Fevereiro 28.— Ao alvorecer do dia 28 viu-se, porque era a tiro de arcabuz, que o inimigo havia feito dous trincheirões na arêa, por onde veiu: um na frente do forte S. Jorge, e outro no passo do rio que olhava para a nossa banda. Mais adiante 300 passos, em frente da barra, e a tiro de mosquete do mesmo forte, tinha uma espalda com 5 cestões cheios, e 3 peças de 25 libras, e outras 3 de campanha sobre o rio, para defendê-lo melhor, e pela parte do mar que bate a arêa, por onde marchou 32 lanchas, em que se trouxe a artilharia, muitos marinheiros e artilheiros, e todo o necessario para uma tal expugnação. Recebia do forte muito prejuizo naquella manhã, mas como a artilharia inimiga era tão reforçada, fazia grande ruina, levando os parapeitos, sem que o pudessem empedir muitos saccas de algodão, que tinhão para seu reparo.

O forte da Barra não atirava quanto devia sobre as lanchas e fortificações do inimigo, os quaes lhes ficavão sujeitas a grande damno. Despachou o nosso general uma chalupa a saber a causa disto, ordenando a seu capitão Manoel Pacheco de Aguiar que apertasse mais o fogo. Enviou-lhe tambem alguma provisão recommendando-lhe muito a defensa. Servida de copiosos canhonaços, a chalupa abicou o forte; e descendo á porta para recebê-la o capitão de artilharia Pedro Fernandes da Veiga, foi morto por uma bala, perda consideravel por ser muito theorico e pratico em seu officio, e de muita sufficiencia.

Na noite daquelle dia mandou-se dar rebate ao inimigo muitas vezes, e em differentes partes, para distrahi-lo de seu trabalho. Ao capitão Martim Ferreira se ordenou que para o mesmo effeito lhe désse algumas cargas da outra banda do rio, de que recebêrão algum damno. Ficárão feridos tres soldados, com que se passou a maior parte daquella noite, e teve fim o mez de fevereiro.

Março 1.°—Na manhã desse dia tinha o inimigo levantado outra bateria de duas peças de 16 libras contra o forte, e com ella quasi desmantelado seus parapeitos, tendo-lhe feito muitas ruinas nas muralhas; apertavão o atirar quando podião, e os defensores da mesma fórma na defesa, mais com o seu valor do que com o necessario para ella. Todos estes dias se derão cargas com as mangas de mosqueteiros, de que o inimigo tambem recebeu damno. Morreu de um canhonaço o nosso condestavel Antonio Pinto, desencavalgárão-nos duas peças, ficando só quatro para jogar daquelle lado, e o parapeito estava quasi todo por terra; ia-se com isto difficultando o reparo, e facilitando ao inimigo a empreza.

Nesta noite puderão os do forte avisar por Antonio Fernandes Furna que o inimigo se chegava para a porta com uma trincheira, e do estado em que se achavão já sem parapeitos por dous lados, e que dentro não havia terreno para poder fazer outros, nem retiradas; porque como era o forte á antiga e sobre a arêa, se havia sustentado mais do que se podia esperar; além disso já nos tinha morto e ferido alguma gente. Respondeu o general, animando-os com dizer que a qualquer hora esperava soccorro, e que, em chegando, não só lh'o enviaria, como trabalharia para fazer quanto mal pudesse ao inimigo. Encarregava-os de proseguir com seu valor até a extremidade. Mas já o mensageiro não pôde entrar lá com a resposta, e mandárão-se mais dous, que tivêrão o mesmo successo.

Vendo-se pois os do forte tão apertados, foi preciso renderem-se. Enviárão o capitão Gil Corrêa para tratar da convenção, e Antonio Gonçalves de Olivença por interprete. Concordárão em que sahirião com suas armas, e livremente irião para onde estava o seu general. Porém o inimigo observou tão mal o que se havia ajustado, que, sahindo ainda do forte 60 homens, obrigárão a maior parte a levantar os dedos da mão direita, jurando não tomar armas por seis mezes contra os estados da Hollanda, o principe de Orange, a companhia occidental e elles. O capitão do forte, Antonio de Lima, seu alferes Jacintho Barreto, os outros capitães Roque de Barros, Affonso de Albuquerque e Francisco de Figueirôa, e outras pessoas mais gradas, não o quizerão fazer, respondendo que isto ia de encontro ao capitulado, e que ainda que os degollassem, o não farião. Pondo-os em prisão, começárão a mostrar sua infidelidade, e que só guardão palavra emquanto não visão maior conveniencia, do que não faltão sobrados exemplos. Neste sitio de poucos dias perdêrão mais de 200 homens, e nós 40, talvez entre mortos e feridos. Todavia, sendo tão poucos os nossos, procedêrão com tanto valor em tão incapaz fortaleza, que não resvalárão um apice do que puderão e do que devião.

Ganho o forte, reconheceu logo o inimigo a povoação do Recife (a 600 passos d'ali) e achou-a vazia, porque com aquella entrega Lourenço Vaz de Cerveira abandonou a bateria em que se conservára todos estes dias com tres homens. Vendo o Hollandez que só existia sem render-se o fórte da Barra, mandou-lhe uma chalupa, com bandeira branca, solicitando a entrega. Admittiu o capitão Manoel Pacheco a chalupa, sem responder á proposta ; mas voltando segunda mensagem, o fez : sem embargo do que lhe disserão algumas pessoas particulares, querendo defendê-lo até á ultima. Porém como aos mais não interessava a reputação, e sim a propria conveniencia, clamavão que como não possuião mais o forte S. Jorge nem a povoação do Recife, e estava o mar cheio de baixeis inimigos, era impossivel o soccorro, sem o qual era inutil a porfia. Assim entregou-se este forte com as mesmas condições que o outro, melhor guardadas, quiçá por havê-lo conseguido com menos damno. Estava este forte sobre o mar, no logar onde fenece a cordilheira dos Recifes, que por isso deixa a fuga da Barra, e faz aquelle porto accessivel, e para navios menores mui commodo. Ficou o inimigo senhor delle, que era o intento principal de seus empenhos, bem que mallogrados, por não ter effectuado o saque em que os fundava.

Tratou logo de desimpedir o canal do posto para entrar com seus navios. Deixou na povoação (ainda que queimada) 2,000 homens, com o tenente coronel Estevão Calvi. Depois empregárão-se em levantar casas e fortificações. Perdido isto, chegou Antonio Ribeiro de Lacerda com 130 homens, moradores da parochia de Ipojuca ; soccorro bem desigual ao que se esperava e era necessario. Sem embargos destas impossibilidades irremediaveis, e do pouco ou nenhum animo com que todos ficárão vendo perder-se o que unicamente havia, o general mostrou tal orgulho, zelo e confiança em tratar dos meios de defesa, e de fazer a guerra, que parecia sobrar-lhe o que faltava. Parecia-lhe que tudo suppriria com animo e constancia, e realmente não se enganou, como provárão os casos vindouros.

Fez voltar o soccorro da Parahyba á sua estancia de Santo Amaro. Os indios de Antonio Felippe Camarão fizerão o mesmo com o padre Manoel de Moraes, a quem obedecião. Os capitães de emboscadas acudirão a tomar as estradas junto á villa ; e o Lacerda, com a nova gente que trouxe, se postou nas casas de João Velho Barreto para tomar as entradas e sahidas da povoação do Recife. Para melhor conservar estes pontos pareceu ao general que convinha tomar outro, e fortifica-lo, e tambem para vedar o commercio que o inimigo em suas sahidas tentasse fazer com os moradores, porque, se effectuassem, ficava a defesa impraticavel. O que ha nisto de notavel é que o posto que se queria tomar e fortificar, á vista de tão pujante inimigo, era sem ter gente, sem armas, sem munições, sem artilharia, sem abastecimentos nem dinheiro ; e que sem embargos disso occupou-se, defendeu-se e sustentou-se por espaço de 6 annos, com grande perda do inimigo e reputação nossa. Assim verão os imparciaes um raro exemplo, de que se tira por conclusão, que nos casos de maior desesperação o remedio consiste em não desesperar delle.

Neste estado resolveu o general occupar e fortificar a casa de um morador chamado Antonio de Abreu. Estava ella em uma pequena eminencia, no centro, e descoberta, a

quasi uma legua da villa, e do porto e povoação do Recife. Tornavão-se d'ali todos os caminhos. Ficava além disso, cêrca do rio Capiberibe, e ainda mais do riacho Paranamirim, com boa agua e lenha, e em posição apropriada para ser soccorrido (a haver quem o fizesse.) Não faltou quem desapprovasse esta resolução, parecendo temeridade o querer fortificar-se tão perto do inimigo, carecendo de todo o necessario para sustentar-se. A estas contradicções respondia o general, sempre constante, que esperava em Deus (e em quem havia de ser ?) que d'ali faria uma formidavel resistencia, e que para isso convinha dar-lhe principio.

Março 4.— Levou-o á execução em 4 de março, começando-o com 20 pessoas sómente (se ousar a sós as cousas grandes é glorioso, julguem os que quizerem se aqui faltou esta circumstancia) ; a fortificação se accommodou ao sitio. Collocárão nelle 4 peças de ferro de 4 libras de bala, que o capitão Nuno de Mello e Albuquerque pôde tirar do navio, que mettêrão a pique quando estava na defesa das barretas dos Curraes e dos Afogados, como fica dito. Ião já acudindo alguns pretos e carros para ajuda da fortificação : erão dos moradores mais proximos; e, ainda que o fazião com mais pressa do que a necessaria, conseguiu-se a obra, dando-se lhe o augustissimo nome de—Real do Bom Jesus.

Despachou logo o general a dar avisos á el-rei, pela Bahia e Parahyba, porque, perdido o porto do Recife e os navios mercantes que ali estavão, não havia senão estes dous meios de communicação. Tambem da Parahyba enviou uma caravella com o capitão Pedro Ferreira de Barros á Carthagena das Indias, onde se achava o general do Oceano D. Fradique de Toledo com toda a armada real, para dar-lhe conhecimento do estado das cousas em Pernambuco Chegou este aviso á Carthagena, e chegárão a Lisboa os outros. Grande cuidado deu na Hespanha esta noticia pelas consequencias que resultavão de achar-se o inimigo em parte que todas as ultramarinas devião receiar, pela commodidade que dali tiravão para a navegação de ambas as Indias, de Angola, da Mina, Costa de Guiné e ilhas de Cabo-Verde : com o que se podião fazer senhores de quasi todo o oceano, e em particular das grandes riquezas do Brasil, se os deixassem ali estabelecer-se.

Taes considerações obrigárão a que se tratasse logo de aprestar uma armada em Lisboa para soccorrer Pernambuco, e que, emquanto não partisse, se fosse enviando caravellas com polvora, munições e alguma gente, afim de que o general se conservasse onde e como melhor pudesse, até que chegasse a armada.

Duas caravellas chegárão alguns mezes adiante com os capitães Antonio de Araujo Mogueimes e Sanctes da Costa, trazendo 30 homens cada um. Mas como este soccorro e os mais que vierão aportavão onde podião, por evitar tantos baixeis que o inimigo tinha naquella costa, sempre ficavão longe do Real do Bom Jesus, porque algumas caravellas o fazião 60 leguas para o norte, no Rio Grande, ou na Parahyba, que erão 26, e outras para o sul, a 40 e a 50. Como os caminhos e os rios que nestas distancias se havião de passar davão pouca commodidade para poder chegar o soccorro ao Real com a pressa de que sempre se precisava, quando chegava era em estado tal, que nem metade se aproveitava, tanto a respeito da gente como do mais que conduzião. Mal se poderia crer os intoleraveis inconvenientes que para tudo havia, se não fossem vistos e soffridos por tantas testemunhas, que sempre os farão certos. Nestas duas primeiras caravellas enviou el-rei ao general (sem outras cartas) uma duplicata pelo conselho de Portugal, e outra pelo de guerra de Castella, e era esta :

« El-rei.— Mathias de Albuquerque.— Em consideração ao zelo e cuidado com que sempre me haveis servido, e do bem e do valor com que ultimamente procedestes na occasião de Pernambuco, em submergir e queimar os navios; hei tido por bem fazer-vos mercê de nomear-vos do meu conselho de guerra, esperando que em tudo cumprireis com as vossas obrigações, como até aqui o haveis praticado ; do que vos hei querido advertir, para que assim o tenhais entendido. Madrid, 26 de janeiro de 1631.— Eu, el-rei. Por mandado d'el-rei nosso senho, Gaspar Ruy Escarahy. »

Bem bastavao por certo as singulares expressões desta carta, a honra e o premio que ellas involvem, para classificação do procedimento de Mathias de Albuquerque neste successo ; mas ao odio e á emulação nada é sufficiente.

As outras cartas continhão esperanças de que a armada partiria brevemente com soccorro bastante para a segurança, emquanto não fosse outro que acabasse de expulsar o

inimigo do que havia occupado, o qual não só fortificava a povoação do Recife, como principiava a fazer o mesmo da outra parte, a um tiro de arcabuz, em uma ilha que chamavão de Santo Antonio, e onde havia um convento de franciscanos descalços, que o havião desamparado. Existião ali mais algumas casas de moradores, e, junto a ellas, umas cacimbas appellidadas de Ambrozio Machado: são uns poços de que bebia e se valia a povoação do Recife, onde não ha agua. Quando era nossa, os moradores, não contentando-se com essa agua, a fazião conduzir em chalupas dos rios Capiberibe e Biberibe, de que o inimigo agora não podia aproveitar-se. Não só por esta commodidade, como por alargar-se, visto como era acanhada para tanta gente a povoação do Recife, tomárão o posto da ilha, que ali fórma o mar por um lado (ficando-lhe na frente a barreta dos Afogados), e pelo outro o rio deste nóme, tendo ainda pelo outro o Capiberibe Metteu o inimigo dentro de sua fortificação e quartel o convento, e fez por cabeça delle um forte real com quatro baluartes, ao qual nós chamavamos de Santo Antonio e elles de Ernesto. Advirta-se que nem agora nem depois (fazendo muitas fortificações) fez alguma em Páo-Amarello ou nas suas praias; entendendo como pratico que onde havia tantas partes proprias ao desembarque de quem a pretendesse, era inutil fortificar e defender uma.

O general Mathias não perdia tempo Creou mais alguns capitães de emboscadas, marcando-lhes os postos. Junto á villa, em Santo Amaro, tinha o soccorro da Parahyba, e o Camarão com seus indios, assistidos do padre Manoel de Moraes; e os quatro capitães João de Amorim, Manoel Soares Robles, Antonio Pereira e Francisco Rebello, com 48 homens, que erão para guarda da villa Os que a fazião para o Recife erão Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, com o titulo de governador das Salinas e casa da Asseca, na margem do rio Biberibe, que as dividia da povoação do Recife, e por seu tenente Pedro Fernandes Ferrete; tendo mais alguns capitães de emboscadas, como Pedro Manoel Pavão, Pascoal Pereira, Estevão Alvares, Antonio de Araujo e Carvalho, Antonio Barbosa e Simão de Figueiredo A casa de João Velho Barreto (em que estava Antonio Ribeiro de Lacerda, e passou a outra parte, como veremos) foi encarregada a Luiz Barbalho Bezerra, com os capitães Domingos Corrêa, Domingos Dias Bezerra, Antonio Gomes, Bartholomeu Favilla, Estevão de Tavora, João Dias Leite, Diogo Malheiros e Braz de Barros. Havia mais João Mendes Flôres e João Ferreira, que tinhão a cargo alguns indios, porque sabião bem a sua lingua; para os aventureiros que se quizessem alistar, fez-se capitão a Manoel Rebello da Franca, mas não os houve.

A Antonio Ribeiro de Lacerda, com a gente que trouxe, encarregou o posto do passo do rio dos Afogados, na passagem da ilha de Santo Antonio, porque se este logar não fôra guardado, ainda que com tão pouca gente, seria facil ao inimigo correr á campina pelo melhor della, que era a varzea de Capiberibe (chamada assim por ser torneada pela corrente do mesmo rio), contendo 16 moinhos ou engenhos de assucar, como lá se diz. Ainda que a gente que acudia não bastasse a guarnecer e guardar os portos referidos, ião cobrando opinião do que poderia fazer.

Com isto se impedia o commerciar com o inimigo, e que elle tivesse noticia dos moradores e soubesse ao certo as nossas forças, julgando-as sempre pelo maior, no que não nos enganava; illudia-se elle. Foi por isto que nos conservámos o tempo que se sabe. O Real do Bom Jesus, em que se ia trabalhando, ficava no centro de todos estes postos, para melhor prover a uns e outros nas occasiões que se fossem offerecendo, que não forão poucas.

Março 14.—Vendo o inimigo que o nosso general havia tomado posição tão proxima, e que se fortificava, receiando ou antevendo o damno que dali o ameaçava, resolveu-se estorva-lo. Aos 14 de março enviou 2,000 homens com o seu tenente-coronel Adolpho Fuerlest para esse effeito. Sahindo da villa pela ponte antes de amanhecer, era já dia quando chegárão. Se bem que a nossa fortificação estivesse com dez dias só de começada, o valor e a resolução dos nossos não lhes deu logar a examina-la; porque tocando-se a rebate, os investiu o general com os capitães Martim Ferreira, Francisco Tavares e Pedro Teixeira Franco, e assim alguns moradores, com o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama. Pelejando-se por largo espaço, houve tempo para que Lourenço Cavalcanti e Luiz Barbalho desde seus quarteis chegassem com os capitães que lhes assistião, de maneira que, vendo-se o inimigo ferir pela frente e pela retaguarda, se retirou á pressa; mas não se retirárão 170 mortos,

fóra os que serião conduzidos feridos. Dos nossos ficárão os capitães Pedro Manoel Pavão, Antonio de Araujo e Carvalho, Antonio Pereira, Gonçalo e Luiz Velho, irmãos, filhos de Gonçalo Velho e Maria de Souza, Luiz Lopes e Domingos Fernandes Calabar, que era um pardo de quem se fallará não poucas vezes nestas *Memorias*. De modo que entre mortos e feridos tivemos nesta occasião até 16. Com este successo concebeu o inimigo grande temor das mattas, segundo cada dia ia experimentando. Daqui resultou conservar os postos que occupamos; tanto póde na guerra a primeira opinião!

A fortificação que o inimigo fazia na ilha de Santo Antonio dava grande cuidado; porém se não tinhamos bem com que nos defender nos bosques, muito menos com que vedar o progresso de suas fortificações. Bem que o general assim o entendesse, não lhe soffria o animo que deixasse de tentar com pouco o que obraria com muito, se o tivera.

Março 24.— Portanto em 24 de março reuniu o general a gente que tinha nos postos e dividiu-a em dous troços, entregando um a M. Rebello da Franca, e outro a Luiz Barbalho. Havia de cada um acommetter por sua parte a fortificação que o inimigo levantava na ilha já com artilharia. Por cabo da facção ia Antonio Ribeiro de Lacerda; e ao romper da aurora se devia pôr isto em execução Fizerão-o com tanto valor, que ganhárão a fortificação, descavalgando as peças e arrojando-as da plataforma e muralha. Estivemos senhores do posto por mais de 2 horas, e o deixámos tendo-lhe degolado para cima de 200 homens. Como não o podiamos conservar, por falta de todo o necessario, o abandonámos, e tambem por achar-se ferido de uma bala de artilharia o Lacerda, de que morreu em poucos dias, perdendo-se muito, porque com seu zelo e actividade dava exemplo aos mais moradores; e ainda não appareceu a mercê que todos esperavão se fizesse á sua mulher e uma filha que tinha. Matárão-nos mais 6 homens, sendo um delles Pedro Fernandes Ferrete, tenente de Lourenço Cavalcanti; a seu filho Lucas Vieira Ferrete fez logo capitão o general. Feridos tivemos dez.

Vendo o inimigo que o aggrediamos dentro das suas fortificações, e lh'as ganhavamos, julgava de nossas forças de um modo que nos era vantajoso. Com isto os moradores, que até o parecião bem, não se contando seguros dentro das fortificações, já a peito descoberto escalavão a do inimigo. Com a morte de Antonio de Lacerda encarregou-se o passo dos Afogados que elle occupava a Francisco Gomes de Mello, que tinha sido capitão-mór do Rio Grande. Deu-se-lhe por tenente Manoel de Madureira e alguma gente que ia acudindo; porque a de Ipojuca, vendo morto o seu caudilho Lacerda, quasi toda se retirou. Fez-se capitão de emboscadas a Antonio André, que com 20 homens se derão ao Mello, e assim mais o capitão Francisco Monteiro, a quem o general deu a companhia de seu pai, do mesmo nome, e da parochia da Varzea proxima ali, e que por sua idade pediu que se désse esta occupação a seu filho. Tambem ali se postárão os capitães Manoel Ribeiro Corrêa, Martim Ayres Tenreiro, Nuno de Mello e Albuquerque, Antonio de Araujo e Carvalho e Francisco de Figueirôa. Ainda que erão muitos os capitães, era pouca a gente, por ser em excesso grande a descommodidade.

Abril 3.— Os que guardavão o posto de Santo Amaro o fizerão tambem no dia 3 de abril, que sahindo cem Hollandezes degollárão-lhes 17, aprisionando alguns.

Abril 18.— A 18 mandou o general fazer uma emboscada sobre as cacimbas da ilha de Santo Antonio, onde o inimigo ia tomar agua, e sempre com gente, por estarem um pouco distante da fortificação que levantavão, porque já nos ião tendo dentro della. Veiu um troço a buscar agua, que se lhes volveu em sangue, porque pelejando por algum tempo ficárão mortos 43 e 3 sargentos Como estavão tão perto das suas fortificações e das da povoação do Recife, que em lanchas podião ser soccorridos, forão-se os nossos retirando pelo passo dos Afogados, por onde tinhão ido, com quatro feridos.

Não tratava o general sómente de fazer guerra, mas tambem de sustentar a quem a fazia; não sendo esta a menor, e que mais se ia sentindo. Muitas vezes se deu de ração uma espiga de milho, por não haver outra cousa. Mandou plantar muitos abastecimentos, como mandioca, milho e varios legumes, para a colheita futura. A mingua de polvora e munições era mui grande; e se o provedor da fazenda real, André de Almeida, não tivesse salvado na perda da villa alguns barris della, já não haveria com que pelejar.

Chegou-se a tamanha falta de balas de arcabuz e mosquete, que obrigou o gene-

ral a mandar percorrer as redes dos pescadores para valer-se do chumbo dellas.

A taes minuciosidades se chegou por fim, e ainda a outra, tanto mais particular, que não a refiro, para que, parecendo exageração, não se ponha em duvida a verdade, que, entre os pouco credulos, corre seus perigos; venero-a eu tanto, que nem com estes a quero pôr em risco

Da Parahyba chegou á villa de Iguarassú (6 leguas ao norte) um barco que o governador Antonio de Albuquerque enviava com algum peixe salgado e farinha. Em optima occasião veiu isto, pela falta que se padecia de abastecimentos. Era seu cabo Antonio Dantas da Franca.

Abril 27.—Em 27 de abril se armou uma em' oscada, na ilha de Santo Antonio, para quando o inimigo sahisse a fazer fachina. Sahiu; e fazendo-lhe os nossos uma negaça, avançárão sobre ella 150 homens, e se empenhárão tão bisonhos, que se enternárão na emboscada, que constava de 200 homens (sendo 40 indios) e pelejando-se, ainda que pouco, porque vendo-se elles assaltados de emproviso, e tendo perto o logar para se retirarem, o fizerão com diligencia, dexando mortos 62, fóra os feridos: ficou-nos um só prisioneiro, e elles ferirão a Antonio de Santiago.

Maio 11.—Nesse dia sahiu o seu general de mar Henrique Lone da povoação do Recife para a villa, com 200 mosqueteiros; e estando emboscado junto do caminho João Mendes Flores, com alguns indios (que havião passado o rio, para o fim de assaltar os que do Recife fossem para a villa, ou desta para aquelle, servindo-se deste caminho), quiz a sorte que fosse a tempo que acabava de chover muito, com o que não podião os mosquetes tomar bem fogo; e acommettendo o nosso capitão o general que marchava, lhe degollou 50 homens. Por desordem dos indios não ficou preso o general, que já pedia quartel, deixando o bastão em poder do nosso capitão; porque recebendo uma frexada o cavallo em que elle ia montado, espantou-se de fórma que, volvendo á povoação, fez que o cavalleiro achasse a salvação no perigo.

Maio 19.— A 19 amanheceu com uma trincheira, a 300 passos do forte para a villa, e onde o nosso general tinha principiado o de fabrica, antes de chegar a armada inimiga, como já se disse. Vista aquella obra, se enviárão os capitães de emboscada João Ferreira e Pascoal Pereira com 60 homens, para que, sendo possivel, vedassem o trabalhar naquella trincheira. Executando-o com resolução, virão-se mais empenhados do que pensavão, encontrando muita gente, parte no trabalho, parte com as armas na mão. Pelejou-se um bom espaço, e houve mortos e feridos de ambos os lados. O que se viu foi ir-se levantando um forte de terra e fachina, ao qual chamaremos de Diogo Paez (e elles chamão do Brum) porque este nome, já o vimos, tinha aquelle posto, em que o nosso general lhe havia dado começo.

Não edificava o inimigo este forte sómente para guardar melhor a barra, mas tambem para segurança da povoação do Recife e do caminho que delle segue para a villa, ainda que a distancia é consideravel de uma a outra, por sobre aquella lingua de arêa, de que já se fez menção.

Junho 13. — Doendo-se o general Mathias de Albubuerque de ver proseguir aquelle forte, que elle tinha principiado, resolveu que na noite de 13 de junho o aggredissem os capitães Luiz Barbalho Bezerra, Pedro Teixeira Franco, Miguel de Abreu, Domingos Corrêa, João Dias Leite, Pascoal Pereira, Antonio de Araujo e Carvalho, Diogo Malheiros, Pedro Manoel Pavão, e Manoel de Madureira, tenente de Francisco Gomes de Mello, levando dez homens cada um com algumas alcanzias de fogo. Executárão-o valorosamente pelejando mais de duas horas; muitos subirão á muralha; mas como não se podia conservar pela grande desigualdade que havia, não só por serem os inimigos muitos, como porque estes pelejavão encobertos, tivemos-nos de retirar, fazendo-lhe bastantes mortos e feridos, não sem que nos matassem 5, e ferissem 2, que forão os capitães Pascoal Pereira, de um mosquetaço em uma perna, de que ficou côxo, e Pedro Manoel Pavão.

Ordenou-se que as parochias que havia em Pernambuco (erão 15, tendo cada uma capitão de milicias della, e algumas de cavallaria, se bem que mui destacadas uma das outras, como 50 e 60 leguas) viessem por turnos assistir 40 dias no Real do Bom Jesus e em outros postos que lhes marcou. Porém como isto lhes era grande incommodo, acudião poucos, e demoravão-se menos. Fazer a guerra com tal genero de gente é uma das cousas que nesta se podem admirar. Sendo o nervo principal della, e da conservação dos exercitos, aqui não o havia, nem jámais houve; offerecendo-se tantas occasiões em

que delle necessitavão, como se ha visto e irá vendo. Curar feridos e enfermos, pagar mantimentos, e o mais, que não era pouco, são cousas que demandão dinheiro para fazer-se. Afim de remediar isto, deu o general quatro mil ducados que lhe emprestárão, e de que passou letras sobre seus haveres em Portugal; entregou-os aos officiaes da real fazenda para despezas, com o que se começou a supprir algumas das muitas faltas que se padecia. Mandou tambem que se despendesse a fazenda que se achasse de seu irmão mais velho Duarte Albuquerque Coelho, que era senhor de Pernambuco; e assim se fez.

A' vista destes exemplos (porque debalde quer obrigar a semelhantes cousas quem não começa por si) acudirão muitos moradores com suas fazendas; e os mais proximos ao Real não ajudavão pouco, levando para suas casas os feridos e enfermos, onde se curavão com mais commodidade e regalo que no hospital, já feito pelos irmãos da Santa Misericordia, perto do mesmo Real. E ainda que o cuidado de sua caridade não faltasse, como ás vezes erão muitos os feridos e os enfermos, passavão melhor, recebendo cada morador quatro e seis.

Junho 29. — A 29 de junho, querendo o inimigo fazer uma sortida da villa, encontrou os das nossas emboscadas junto a S. João, que é quasi dentro della, e abaixo da eminencia que estavão fortificando. Como tudo aquillo era coberto de arvores, não forão vistos os nossos senão quando se puzerão face a face. Pelejou-se de modo que houve de retirar-se o inimigo deixando 8 mortos, que não pôde recolher, tendo tão perto o logar para isso. Da nossa parte não houve caso algum de morte nem de ferimento. Bem se póde dizer que nos utilisavamos das frutas e outros productos das hortas mais do que elles, em cuja posse estavão.

Julho 11. — Sahiu elle da povoação do Recife em 11 de julho, passando o rio Biberibe muito cedo para fazer fachina no campo das Salinas, em numero de 600 homens, e defronte do forte de Diogo Paez, que elles estavão acabando. Aqui havia uma boa casa de um morador chamado Francisco do Rego, junto ás mesmas Salinas, e cêrca do posto onde assistiu Lourenço Cavalcanti, do qual se avistou o inimigo. Tocando-se alarma, forão escaramuçando com elle, até que chegou o general com soccorro de mais gente. Durando a porfia mais de tres horas, elles, para fazer fachina, e nós para impedi-la, os obrigámos a retirar-se sem ella, e deixar ali degollados para mais de 70. Da nossa parte morreu o capitão Santos da Costa e o seu alferes, que havia poucos dias tinhão chegado de Portugal em soccorro. Ficou ferido o capitão Roque de um murro; e havia dous dias que o inimigo o tinha soltado, bem como o capitão do forte S. Jorge, Antonio de Lima, e os mais que prendeu contra o capitulado, como fica expendido; ficou tambem ferido Jacintho Barreto, que era alferes do mesmo forte.

Depois de chegadas de Lisboa as primeiras caravellas de soccorro, apparecêrão segundas com os capitães Francisco de Freitas e Paulo de Parada, que depois foi mestre-de-campo e general da frota da Nova Hespanha e da artilharia do exercito da Catalunha. Outras trouxerão os capitães Antonio de Madureira Trigo, Francisco Duarte, Manoel Quaresma Carneiro, João de Magalhães Barreto e Bento Maciel Parente, que desde a infancia se creára em Pernambuco, onde tinha muitos parentes; e por saber bem a lingua dos Indios, o enviárão para o que nisto pudesse servir. Trazião 30 a 40 homens e algumas munições. Com este refresco, e com as emulações que apparecêrão desde logo, com os das emboscadas, mostravão todos cada dia mais valor. As cartas que el-rei dirigia ao general erão quasi o duplo das primeiras (de que já demos cópia de uma) com esperanças de que brevemente sahiria a armada de soccorro que se ficava aprestando.

Com isto animárão-se os moradores para soffrer melhor os seus trabalhos; e acudião corajosamente com suas pessoas e bens, parecendo-lhes que mui depressa se verião em liberdade, tendo presente o exemplo da Bahia; mas *como este estado de cousas se foi cada vez mais prolongando, muitos forão perdendo as esperanças, a vida, e as fazendas, e o rei o melhor que tinha naquella corôa.*

Agosto 4. — Quatro dias successivos, que forão de 4 a 7 de agosto, teve o general armadas ao inimigo duas emboscadas, sendo cabo de uma o capitão Francisco de Freitas, como mais antigo; fazião-lhe companhia os capitães Parada, Tavares, Martim Ferreira, Francisco de Figueirôa e alguns Indios. Da outra era chefe Luiz Barbalho, a quem tambem assistião alguns capitães e indios. Collocou-se a primeira no logar denominado Buraco de Santiago, da outra parte do rio,

junto ao caminho que vai da villa á povoação do Recife, o qual era coberto de mangues, arvores que se crião nas marinhas. A segunda foi postada mais abaixo para a parte da povoação, e tambem da outra banda do rio Porém nada obrárão, por não ter o inimigo sahido nestes dias. Faço memoria disto sómente para que se conheça que não deixavamos de procurar occasião de pelejar, ainda com o incommodo de conservarnos 4 dias e outras tantas noites emboscados em logar onde sómente os muitos mosquitos que nelle ha são um formidavel adversario, segundo julgará quem o tiver experimentado e soffrido por tantos annos. De intentos semelhantes e frustrados como este não farei menção (bem que a mereção por muitas circumstancias attendiveis) para não dilatar-me em cousas que não sejão vir ás mãos com tanta desigualdade.

O aviso de que os Hollandezes tinhão de sahir da villa para o Recife a mudar gente, foi o motivo desta emboscada; se o fizessem, tencionavão os nossos, depois de investi-los, entrar de envolta com elles na villa ou na povoação, segundo a direcção que tomassem na retirada.

Elles, porém, sabendo disto, ou receiando-o pela experiencia que á sua custa tinhão adquirido, de quanto lhes era funesto o marchar por aquella lingua de arêa, nunca mais o fizerão sem a prevenção de disparar dous canhões da villa, e serem respondidos com outros dous da povoavão, para que sahissem a encontrar-se no caminho tornando-o assim mais seguro.

Pela nossa parte se levantava uma trincheira no Buraco de Santiago, ficando o rio entre ella e a lingua de arêa, pela qual a villa se communicava á povoação do Recife. Para os nossos poderem escaramuçar e pelejar cobertos quando elles passassem é que se fazia esta trincheira, de cujo local já o inimigo havia por vezes recebido muito damno; e por isso, para evitar o que ainda receiavão, tentárão destrui-la da maneira seguinte:

Agosto 10 —Sahirão nesse dia 1,500 homens, a tempo em que a maré não dava logar a passar-se o rio, com o que, formados, fizerão alto da outra banda. Começárão a dar algumas cargas de mosquetaria sobre os que trabalhavão em nossa trincheira, que por acaso era Luiz Barbalho com pouca gente, com a qual escaramuçava, como se em numero fosse igual ao inimigo.

Tocando-se a rebate, correu a gente dos postos mais vizinhos, e partiu o general do Real com a que pôde tirar, enviando adiante o capitão Freitas, a quem acompanhavão os capitães Parada, Tavares e Figueirôa, e assim alguns soldados da companhia do capitão Martim Ferreira, que ficára no Real. Antes de chegar esta gente deu a maré logar a que o inimigo transpuzesse o rio e atacasse a nossa trincheira, que ganhou pela superioridade do numero, mas com bastante custo. Neste tempo chegava a companhia das salinas (a tiro de mosquete distante da trincheira) e o soccoro do Real; e o inimigo a coberto nos atirava, achando-nos agora em campo razo; porém era tal o valor dos nossos, que depois de bater-se com tanta desigualdade, investirão a trincheira tão galhardamente e com tanta fortuna, que a retomárão, expellindo-o não só della como para além do rio, em que alguns ficárão afogados. Chegárão os mortos e feridos a 300, segundo confessárão alguns prisioneiros e rendidos. Dos nossos morrêrão dez, sendo um destes o capitão Tavares, cuja companhia proveu o general em seu neto Manoel Tavares. Feridos houverão 13, inclusive o capitão Freitas com o seu pagem da rodella, de um mosquetaço pelos peitos.

Agosto 14.—A 14 de agosto amanheceu o inimigo dando principio a um forte pentagono de 5 baluartes, junto ás mesmas cacimbas, na ilha de Santo Antonio, a 500 passos daquelle que ali tinhão quasi acabado, como acima dissemos. Reconheceu-se bem esta fortificação; e como o inimigo estava certo deste reconhecimento, preveniu-se. Sem embargo disto o general mandou ataca-la com 500 homens, dos quaes 300 erão indios, que o executárão com grande valor, esperando-os o inimigo com grande vantagem. Durou a escaramuça duas horas, ficando elles afinal com a sua fortificação e nós com a temeridade de investi-la, não sem pena de o haver feito, porque nos matárão 14 homens e ferirão 8, mas de uns e outros coube ao inimigo grande parte. Este forte appellidaremos das Cacimbas, bem que elles o chamárão das Cinco Pontas.

Setembro 4.— Pelejou-se a 4 e a 10 de setembro no Buraco de Santiago; mas com o rio no meio. De ambas as vezes lhes matámos e ferimos muita gente, que, como ficavão do seu lado, elles contarião melhor a perda.

Setembro 23.— Passou o inimigo para a nossa banda, antes que amanhecesse o dia

23, para queimar a casa de Francisco do Rego, no campo das Salinas; executou-o, chamando os nossos ás armas; e tomando-as os dos postos mais vizinhos, e acudindo o general com mais gente, como sempre era dos primeiros a fazê-lo, tomou a escaramuça maior calor, de sorte que ainda durou tres horas. Retirou-se o inimigo deixando 26 mortos, além dos feridos que levára: nós tivemos 3 mortos e 5 feridos.

Outubro 14.— A 14 de outubro sahiu o inimigo ás salinas para fazer fachina, mas foi-lhe por nós impedido, de modo que, sem leva-la, deixou ali 18 mortos; da nossa parte o foi Domingos Peres Landim, e ferirão com um mosquetaço no braço esquerdo o capitão de emboscadas Manoel Ribeiro.

Outubro 28. — A 28 queimou a casa da Asseca, da qual Lourenço Cavalcanti se retirára havia cinco dias para outro posto mais proximo ao Real; pois que naquella casa estava elle arriscado em demasia, depois que o inimigo continuou a passagem do Biberibe. Pelejou-se tambem ali; mas como esta casa estava perto e na frente do forte S. Jorge, protegidos por elle, puderão effectuar o incendio e retirar-se com menos perda; nós a tivemos de Francisco Carvalho, soldado do capitão de emboscadas Bartholomeu Favilla.

Não se guerreava já sómente em terra: era tal o orgulho dos nossos, que, sem ter embarcações, ião desafiar o inimigo no mar.

Novembro 3. — Na noite de 3 de novembro forão o capitão de emboscadas Manoel Ribeiro Corrêa, o condestavel de artilharia Jorge da Fonseca Pimentel, Gonçalo de Barros e outros mais, em jangadas, que constão de tres páos unidos e amarrados, cujo nome lhe provém da arvore de que os tirão, que costumão servir á pescaria, tangidas por um ou dous remos, até onde póde chegar tão fragil embarcação, se assim é licito chamar-lhes. Confiados pois nestes madeiros, forão pôr fogo em um navio que tinhão no poço em frente do forte S. Jorge. Já elle ardia quando acudirão da povoação do Recife muitas lanchas, que conseguirão apagar o incendio, mas não sem grande prejuiso, recolhendo-se os nossos sem nenhum.

Os capitães João de Amorim, Francisco Rebello, Manoel Soares Robles e Antonio Pereira (erão os que guardavão os caminhos da villa) derão sobre o inimigo que vinha buscar frutas no dia 20 de novembro, e matárão-lhe 26 homens Retirárão-se sem o que buscavão, ficando os nossos livres do damno algum, e com o gosto do bem que obrárão.

Novembro 28.— Dahi a oito dias voltárão á fachina com 800 homens; e como os postos que tinhamos proximos ás salinas erão tão bem guardados pelos nossos capitães, logo tocárão alarma, com o que, reunindo-se, começárão a escaramuçar, até que o general chegára com a gente que do Real tirára; como neste dia fez, e tanto a tempo, que o não teve o inimigo para o que intentava. Tres horas se pelejou, e retirando-se elle, deixou no campo 27 mortos. Nós tivemos um, que foi o capitão de emboscadas Antonio Barbosa Valente, de 3 mosquetaços; porém recebendo o primeiro em uma perna, não deixou de seguir avante, e então levou outro em um braço; e não esfriando o valor com que se dirigia ao inimigo, acertou-lhe o terceiro na cabeça, do qual cahiu morto: ficárão-nos tambem cinco feridos, inclusive Antonio Coelho, de um canhonaço lançado do forte de Diogo Paez, que lhe levou meia nadega, e foi depois um capitão benemerito pela coragem com que sempre procedeu.

Dezembro 8.— Em 8 de dezembro nos matou o inimigo, ao pé da villa, Mathias da Silva, soldado do capitão Luiz Barbalho.

Bem caras custavão ao inimigo as fachinas, mesmo perto de suas fortificações; e assim calculava quanto lhe custaria o procurar aproveitar-se dos campos, por mais que nos excedesse em numero, o que suppriamos com o ardil, a que sempre era necessario recorrer, visto faltar-nos aquelle.

De tudo o general dava conta a el-rei, endereçando-lhe cartas pela Parahyba, ponderando — que aquella guerra era insustentavel, a menos que não fossem as armadas com tal poder que assegurassem a restauração: que se no principio parecia que o inimigo recebia damno, era em quanto não ultimava suas fortificações; porque depois de desembaraçado desse trabalho, de certo não deixaria ociosas suas armas, e forças de 5 a 6 mil infantes, que sempre conservavão, bem como 40 a 50 navios que ali tinhão; pois que infallivelmente cada mez lhe vinhão da Hollanda dous ou tres com 50 e 80 soldados cada um, para supprir a falta dos mortos em combate, ou enfermidades, pelos quaes lhes chegavão abastecimentos e munições de todas as sortes.

Chegando á Hespanha estas razões, discorreu-se com a divergencia que é costume em tudo haver. Uns approvavão o que dizia o ge-

neral, e, conformando-se com elle, parecia-lhes — que sómente das armadas da restauração se devia tratar, e não das de soccorro, porque este bastava que fossem caravellas com o exactamente necessario, pois se em fracções consumissem os meios, faltarião afinal para envia-los reunidos; além disso dava-se desta fórma muito tempo ao inimigo para fortificar-se, mórmente sendo elle tão fornecido pela sua companhia; e que com a diuturnidade se difficultaria mais a empreza: que expulsa-lo do Brasil era de tanta importancia, que devia obrigar a todo o sacrificio para se conseguir o mais breve possivel, e que para convincente exemplo tinhão o da Bahia, por haver-se-lhe acudido logo.

A esta opinião verdadeira oppuzerão-se outras que andárão escriptas, fundando-se em que — o que convinha enviar era uma armada com dous mil homens, todo o necessario para elles, e alguma artilharia para conservar-se o porto do Real do Bom-Jesus, visto ser o mais apropriado para guerrear o inimigo, e impedir-lhe as sortidas que intentasse; que se o general Mathias de Albuquerque o fazia tão bem com tão pouca gente, com muita vantagem o executaria com mais dous mil homens; que com isto se iria fazendo guerra lenta (o que teria muitas conveniencias), e que sempre as formidaveis forças da Hespanha a poderião sustentar: que não seria assim para a companhia occidental, porque já com a primeira armada de setenta baixeis, e com o incendio do saque que esperavão em Pernambuco, havião perdido 60 por cento nos fundos com que entrárão para a bolsa da empreza, que fazê-la continuar com a excessiva despeza de fretes de navios, pagamentos aos soldados, munições, abastecimentos, e tudo o mais indispensavel para conservar-se ali, era a maior e mais assoladora guerra; que tambem o era para as provincias unidas, se quizessem auxiliar a companhia, sem o que não podia sustentar-se no Brasil: e que, pois erão negociantes, por interesses particulares o abandonarião; que finalmente, se este parecer fosse seguido, poupava el-rei o dispendio excessivo de uma armada de sessenta galeões com doze mil homens pelo menos; quando tudo era tão necessario nas costas da Hespanha, para o que pudesse acontecer, e não tão afastado della, nas do Brasil.

A resolução que se tomou sobre estas duas opiniões se irá vendo nestas *Memorias*, assim como os seus effeitos, e tambem como tendo o Brasil sempre o remedio diante dos olhos, nunca se enxergou, segundo se julgará das occasiões que houve e se perdêrão.

1631

Toma o inimigo novos postos, e fortifica-os.—Encontros sobre isto.—Sahe do porto do Recife, deita gente na barra da ilha de Itamaracá, e faz um forte.—Soccorros para resistir-lhe.—Damnos que nos faz com seus baixeis pela costa.—O seu general de mar Henrique Lone volta á Hollanda pelas Indias, e em seu logar vem outro com novos soccorros.—O nosso almirante general do oceano, D. Antonio de Oquendo, chega á Bahia, e soccorre-a; e passando a soccorrer Pernambuco, bate-se com o inimigo.—O que lhe acontece, e sua volta á Hespanha.—Tendo ficado o mestre-de-campo conde de Bagnuolo com o soccorro que lhe deu para Pernambuco, chega com elle, e onde.—O inimigo evacua a villa de Olinda incendiando-a, e concentra-se no Recife.—Intenta ganhar o forte do Cabedello, que é soccorrido, e qual o successo.—Segue o inimigo para o Rio Grande, e com que effeito.

Janeiro 1.—Com o principio do anno quiz o inimigo dar tambem começo a um novo forte real de 4 baluartes. Foi no 1° de janeiro, e na ilha de Santo Antonio, sobre a casa de um pescador chamado Manoel Taborda, cujo nome daremos ao forte, a que elles puzerão o de Amelioc Ficava a 250 passos adiante do que fazião nas cacimbas

de Ambrozio Machado, á beira do mar, que ali bate em frente da barreta dos Afogados; e pela parte opposta, circulada pelo rio Capiberibe, ião levantando quatro reductos, para melhor guardar os passos do mesmo rio, e poder ficar em contacto com os fortes que na ilha já existião, e com os que estavão edificando, afim de tornarem-se mais senhores della, e extinguir as emboscadas que todos os dias lhe armavamos, e nas quaes muitas vezes cahião com grande estrago seu.

Janeiro 3.— Todavia sua muita cautela e prevenção não lhes valeu para uma que a 3 do mesmo mez lhes preparavamos; porque effetuando-a dentro da propria ilha, os capitães Francisco Monteiro Bezerra, Nuno de Mello e Albuquerque, Antonio André e Manoel de Madureira, tenente de Francisco Gomes de Mello, bem como alguns indios, para estorvar-lhes a fachina que viessem fazer para o forte que tinhão em andamento, assim o conseguirão. Sahirão duas companhias com 200 homens, fiados em que tinhão toda a ilha fortificada, porém o valor dos nossos tudo facilitava, de maneira que desta vez lhes degollárão na peleja 43, e foi arrojada ao rio a fachina que havião feito. Sahimos com tres feridos, sendo-o perigosamente o tenente Madureira.

Janeiro 6.—No dia 6 ordenou o general ao capitão Pedro Teixeira Franco que, juntando-se com Mathias de Albuquerque Maranhão (o qual tinha a seu cargo a força com que veiu da Parahyba, e com que estava na guarda do posto de Santo Amaro, segundo havemos dito) fossem fazer uma emboscada na proximidade da villa, onde havia umas arvores chamadas cajueiros, de cujo fructo era o tempo proprio. O Teixeira levou mais os capitães Domingos Corrêa, Estevão de Tavora, Estevão Alvares e João Mendes Flôres, além dos que guardavão aquelles caminhos. Quiz sua sorte que encontrassem 400 inimigos tão descuidados, que muitos estavão sobre as mesmas arvores colhendo a fruta que, sendo doce, lhe tornamos com pouco trabalho nosso muito amargas. Sem resistencia degollámos 160, e entre estes um capitão inglez. Ficárão prisioneiros 2, muitas armas, e uma caixa. Custou-nos isto sómente o ser ferido o alferes Domingos de Faria por uma hallabardada que um sargento lhe descarregou.

Janeiro 28.—Irritado o inimigo por este successo, tanto em razão da perda consideravel, como por ser junto á villa, cousa para elles mais pungente, sahiu ao mesmo sitio nos dias 28, 29, 30 e 31 daquelle mez, com grande força; e apezar de ser a nossa tão inferior em numero, pelejou com elle todos os quatro dias consecutivos, causando-lhe bastante perda, se bem que tambem com alguma nossa. Quem reflectir que com tanta desigualdade se combatia quasi todos os dias, não deixará de convencer-se de que este excedia o possivel; accrescendo a particular circumstancia de não termos com que fazer um pagamento, nem dar que vestir, nem mesmo um par de sapatos aos soldados; pelo que a maior parte andavão descalços e com o mais diminuto alimento. Não tinhamos botica para as enfermidades e feridos; mas com tantas faltas nunca a houve em sua constancia e valor nas occasiões que a demandavão. Maior inveja por certo nos merecem pelos inimigos que dentro de si vencião, do que por vê-los vencer os estranhos todos os dias.

Fevereiro 3.— A 3 de fevereiro amanheceu o inimigo trabalhando na ponta da Assera, perto da casa deste nome, que elle havia queimado em 28 de outubro antecedente. O rio Biberibe banha esta ponta por uma parte, e pela outra o Capiberibe, para a qual fica a frente do forte que primeiro fizerão na ilha de Santo Antonio, sendo da banda opposta a povoação do Recife e os fortes de Diogo Paez e S. Jorge. Era esta ponta o posto mais apropriado para elles, pois que dali se podia bater as suas fortificações; e como receiavão que a qualquer momento chegássem as nossas armadas (como tinhão experimentado na Bahia), querião occupa-lo para que nós o não fizessemos, e não lhes dessemos assim o trabalho da defesa.

Quando o dia clareou viu-se que havião levantado um forte de tres baluartes, feito de estacas e pranchões á prova de mosquete; e, cobertos por elles, continuavão o serviço. Tocou-se a rebate, e acudirão de seus postos os capitães, vindo tambem o general com a gente que do Real pôde tirar.

Reconhecendo o que o inimigo praticava, ordenou investi-lo por tres partes. Por uma iria Domingos Corrêa com os capitães Domingos Dias Bezerra, Estevão de Tavora, Francisco Monteiro, Robles, Miguel de Abreu e Martim Ayres. Pela outra João de Amorim, Antonio Pereira, Antonio Vianna, Lucas Vieira e Antonio de Araujo e Carvalho. Pela terceira Estevão Alvares, Mendes Flô-

res, João Ferreira, Favilla, Simão de Figueiredo e outros, que todos o fizerão com mais valentia que consideração; porque como o inimigo tinha ali 4,000 homens, que cobrião e asseguravão os trabalhadores, pouco os podia impedir a nossa ousadia e numero desigual. Todavia resolveu o general investi-los pela terceira vez, e durou o ataque mais de 5 horas; porém, desenganados de que não era possivel desaloja-los, tivemo-nos de retirar com perda de 13 homens que nos matárão, e que erão muitos para os poucos que tinhamos. Um dos mortos foi o capitão Vianna; feridos tivemos 21, entre os quaes os capitães Rebello, Bezerra, Tavora, Abreu, Martim Ayres e Francisco Monteiro. Tambem ficou ferido Luiz Fernandes, que tinha sido sargento no forte S. Jorge. O inimigo perdeu neste dia mais de 200 homens, segundo affirmárão dous que vierão render-se no seguinte, como fazião muitos. Ficárão-se alfim com o forte, e o acabárão chamando-lhe Vanduardembourg, appellido do seu general Theodoro. Nós lhe chamaremos das Tres Pontas e da ponta da Asseca.

Não faltava quem condemnasse por escusadas estas investidas que o general fazia, notando-as antes de temerarias que de importantes. Discorrião que — emquanto não tinhamos poder para conservar o que emprehendiamos, de que servia tenta-lo, mais do que perdermos a pouca gente com que nos achavamos, e que tanto convinha poupar para quando chegassem as nossas armadas? Que de presente não tinhamos com que fazer a guerra defensiva, quanto mais para passar á offensiva. —Outros pelo contrario dizião— que se aquellas investidas não existissem, não se tirião os moradores tornado soldados tão valentes, já com o exercicio de tão timidos que erão d'antes, que todos estarião entorpecidos com a riqueza, delicia e ocio que naquella terra abundavão, e a que elles erão acostumados : que com as occasiões de guerra em que os haviamos envolvido, não só ião olvidando o que tanto mal lhes tinha feito, como em poucos dias ião cobrando não pequena reputação para com o inimigo, cousa que em muitos annos não se adquire. Que assim se ião conservando no Real e nos mais postos que occupavão: que não poderia ser, se não houvesse aquellas chamadas temeridades, do que resultava não tentar o inimigo tudo quanto podia, julgando as nossas forças muito maiores do que realmente erão.—Com tal divergencia discorre o juizo do homem, e muito mais quando é preciso obrar, e não ha os meios de fazê-lo!

Maio 13.— A 13 de maio, passando o inimigo do Recife para a villa, pelejou-se com elle, porque quasi sempre pagava a passagem da trincheira que tinhamos no buraco de Santiago, como o fizerão desta vez e de outras muitas.

Maio 23.— Sahindo no dia 23 a fazer fachina com 600 homens, empenhou-se tanto com elles o capitão Domingos Corrêa, que houve de ficar-lhes nas mãos. Assim que os nossos (que forão acudindo ao rebate) virão o seu capitão e companheiro preso, investirão tão resolutos e valorosos (foi o primeiro nesta acção o capitão Rebello) que o recobrárão, matando e ferindo alguns, com o que o inimigo se retirou, temendo que o nosso general chegasse com soccorro, como costumava; e não se enganava, porque elle appareceu quando já se havia recolhido. Aqui morreu Manoel Vianna, irmão dos cinco deste appellido. Sahiu ferido o capitão Pavão e 2 soldados, tendo todos neste ataque pelejado de sorte que perecêrão muitos outros.

Maio 28.— A 28 sahiu o inimigo do porto do Recife com 20 náos e algumas lanchas, conduzindo 2,000 homens. Dava cuidado á Parahyba com esta armada que navegava ao norte onde ella está. Resolveu o general enviar logo em seu soccorro o mesmo que de lá trouxera Mathias de Albuquerque, e ordem para que de caminho (pois ficava nelle) soubessem se o inimigo tentava tomar a ilha de Itamaracá, e que, no caso affirmativo, passassem a soccorrê-las. Assim aconteceu. Está aquella ilha em 7° a 2/3 da linha equinoxial para o sul, e a 7 leguas ao norte da villa de Olinda; fórma a um braço de mar que a cerca, tendo elle de largo um tiro de mosquete, e fazendo duas barras; uma serve para entrar, outra para sahir, a qual chamão Catuama: esta supporta barcos, e a outra navios de 200 toneladas. Aqui desembarcou o inimigo pela parte do norte, porque á do sul era já terra de Pernambuco, de que este braço de mar a separa, recebendo ahi o rio de Santa Cruz. Havia, uma legua acima, a villa de Iguarassú, uma das de Pernambuco. Tem a ilha dez leguas de circumferencia.

Na sua maior eminencia estava a povoação chamada villa da Conceição, de pouco mais de cem casas, e com poucos habitantes, porque sómente 60 soldados tinha ali o capitão Salvador Pinheiro, que a governava pelo conde de Monte-Santo, senhor della; e os

mais vivião em terra-firme, onde chamão Goyana, da mesma jurisdicção, e em que havia muitos engenhos de assucar a 5 e a 8 leguas da ilha, dentro da qual, exceptuando a villa, havia mui poucos moradores. Na barra principal deitou o inimigo sua gente; e no sitio e terreno mais a proposito para sua defensa começou um forte real, com o nome de Orange, e nós o appellidamos da barra de Itamaracá.

Logo que isto constou ao general Mathias, enviou ao capitão da ilha, Salvador Pinheiro, novo soccorro de polvora, munições e alguma gente com Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque, que era morador em Goyana, e ali possuia tres engenhos de assucar; porém assistia na guerra de Pernambuco. Levou comsigo o capitão Bento Maciel. Fez-se isto mais para mostrar que a nada se faltava do que por esperar daquelle soccorro utilidade alguma, pois mal podia dar auxilios quem delles tanto precisava. Ainda este tão fraco, e aquelle com que muito a tempo havia chegado Mathias de Albuquerque, forão de proveito; porque fizerão que o inimigo não se assenhoreasse da villa da Conceição logo que chegou, como pensára.

Grande cuidado deu ao nosso general esta acção do inimigo, por ver que ião cada vez lançando mais raizes; e por serem estas entre a Parahyba e Pernambuco, donde podia facilmente percorrer os campos por aquella parte, e commerciar com os moradores, sem que do Real se lhe pudesse fazer estorvo, tanto por faltar gente para isso, como porque não convinha destacar assim a pouca que ali tinha. Ordenou-se, como foi possivel para esta defesa, crear alguns capitães de emboscadas dos proprios moradores de Goyana, para que assistissem, nos portos mais appropriados, ao impedimento das sahidas ou entradas que o inimigo por aquella parte podia com facilidade effectuar do forte em suas lanchas.

Como Lourenço Cavalcanti tinha dous engenhos de assucar, e outra fazenda em Goyana, pareceu envia-lo tambem para dar mais calor á defesa, e levantar alguma tropa dos mesmos moradores.

Deu-se logo conta ao rei da nova aggressão do inimigo; ponderando o general que quanto mais tempo se lhe désse ou se tardasse em expulsal-o do Brasil, tanto mais elle se collocaria na posição de resistir. Quando esta participação chegou a Lisboa, tinha já dali desancorado a armada do soccorro em 5 de maio, commandada pelo almirante general do oceano, D. Antonio de Obuendo, do conselho de guerra de Sua Magestade, e pessoa bem conhecida pela sua qualidade, valor e meritos. Era almirante della Francisco de Vallecilla, sugeito tambem de grande opinião e experiencia no mar. Constava de 20 baixeis, sendo 15 da Corôa de Castella, e 5 da de Portugal, a cuja expensa se fez todo o apresto. Trazia 1,600 homens, com 12 peças de artilharia e seu trem, e mais 600 para deixar na Bahia, com 200 Castelhanos, que o capitão D. José de Gaviria tinha levado em caravellas, dous mezes antes da partida desta armada. Deixemos que navegue, até que a occasião chegue de fallar outra vez nella.

Junho. — Nos principios de junho chegou ao Real, com soccorro do Ceará, o capitão Martim Soares Moreno, do habito de Santiago (depois mestre-de-campo) que foi o primeiro que por el-rei esteve naquella fraca praça, e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns indios e poucos soldados. Ceará é uma mui pequena povoação (e a primeira onde começa o governo do Maranhão) com um reducto, com duas peças de ferro, mais para conter na obediencia os indios, dos quaes ha muitos ali, do que para outro effeito; porque só para isto se conservava aquelle posto, sem importancia a outro qualquer respeito, por não ter porto, estando junto ao mar, e nem a terra ser de proveito algum. Fica em 3° e 1/3 da linha para o sul, entre o Maranhão e o Rio Grande.

A guarnição que Martim Soares tinha era de 40 soldados, dos quaes a maior parte ficou com seu sobrinho Domingos da Veiga Cabral, a cujo cargo ficava aquelle posto, conforme a ordem de el-rei, de que o mesmo sobrinho foi portador. Não só era o tio homem de valor, mas de grande utilidade, por ser optimo interprete dos indios; e por isso o nosso general o aproveitou sempre nos dous predicados. Logo que chegou, aggregando-se-lhe mais alguma gente, tomou o porto que chamão de Nossa Senhora da Victoria, ao pé do rio Capiberibe, pela parte que divide a ilha de Santo Antonio, e em frente de dous dos quatro reductos que nella havia levantado o inimigo.

Luiz Barbalho foi para as Salinas, donde sahira Lourenço Cavalcanti para Goyana. O porto de Santo Amaro (sem embargo de ter Mathias de Albuquerque ido em soccorro de

Itamaracá) não deixou de ser assistido pelos capitães que guardavão os caminhos da villa, e pelos indios commandados por Camarão, e seguidos sempre pelo padre Manoel de Moraes.

Junho 22. — Em 22 de junho deu á costa uma náo do inimigo dentro do porto, e junto dos fortes de Diogo Paez e S. Jorge. Sendo tão difficil ir a ella, tudo a cobiça aplanou. Alguns dos nossos forão sem ordem (e que muito se a cobiça nunca teve!) para ver se aproveitavão alguma cousa. Ainda que o fizerão de noite, como o inimigo estava cuidadoso, impediu-lhes a approximação por uma hora, que para alguns foi a ultima.

Junho 25. — Em 25 começou o inimigo um reducto a 250 passos do forte de Diogo Paez para a villa, porque via quanto importava ter naquella lingua de arêa mais segurança para transitar sem perigo! A este reducto chamárão de Madama de Brum, por ser este o nome da dama do seu general Theodoro. Nós o chamamos do Perreril. Enviou-se logo Luiz Barbalho com alguns capitães para ver se podia arrazar aquella fortificação.

Executou-se, e conseguiu-se com tal galhardia, que ali se degollárão 30, ferindo muitos, e fazendo-os retirar. Porém voltando no dia 30 com mais gente e mais cuidados, continuárão e finalisárão seu reducto.

Vendo-se o inimigo assim fortificado, e com os postos que mais aptos lhe parecêrão para conservar-se, começou a dividir por aquella costa os seus navios, não só para aprezar o que pudesse, como porque soubesão que nos entravão em alguns portos caravellas de soccorro, e querião estorva-las. Assim cada um nos apertava mais, sendo-lhes agora facil o caminho por mar, onde não temião os capitães de emboscadas, que em terra os assaltavão com tanto damno seu. O que elle nos causou com essa vantagem foi mui grande; porque navegando com vento em pôpa para sudoeste, quando soprava nordeste, e para o norte e nordeste quando reinavão sueste e sul (são os que dominão naquella costa alternativamente de seis em seis mezes) chegavão em poucas horas aos portos que por terra não podiamos soccorrer em muitos dias, já pelas distancias, já pelos muitos rios que neste paiz demorão a marcha. Além desta vantajosa parte que elles tinhão, não era menos consideravel a de arredar-nos alguma gente dos postos para ir soccorrer os logares que invadião por mar, porque, tendo nós tão pouca, ficavamos sem ella, e tudo exposto a perder-se sem resistencia. Conserva-lo pelos annos que o fizemos, não chegando nunca a ter 1,000 homens, e sendo a maior parte moradores e Indios sem armas de fogo, ao principio, quando o inimigo contava 5 a 6 mil infantes, dous mil marinheiros e 40 a 60 navios que constantemente tinha, foi o mais que se fez e que se podia fazer. Quem calcular tudo isto com a justa consideração que merece, e não como erradamente alguns o fizerão, facilmente verá quanto cabe a quem foi causa de fazer que o inimigo consumisse tanta somma de dinheiro e gente, com outros prejuizos, sem outro algum interesse ou fructo nos primeiros seis annos mais que o dispendio.

Julho 1. — No 1° de julho fizerão duas náos inimigas dar á costa uma caravella mercante que vinha de Portugal, junto á bahia da Traição, que elles sabião mui bem por haverem estado nella no anno de 1625, quando forão em soccorro á bahia de Todos-os-Santos. Esta paragem era sete leguas ao norte da barra do rio Parahyba. Mandárão uma lancha com 200 homens á caravella; mas veiu uma tal mareta, que a sossobrou, já perto de terra, em que estava alguma gente que ali tinha o governador da Parahyba, Antonio de Albuquerque. Derão sobre os que não puderão voltar ás náos, nadando, que foi a maior parte, e os matárão. Prendêrão 6 e mais o capitão de uma das náos que vinha tambem naquella lancha.

Julho 10. — No dia 10 resolveu o inimigo atacar-nos ao romper da aurora no nosso posto da passagem dos Afogados, guardado por Francisco Gomes de Mello e pelos capitães já nomeados, Francisco Monteiro, Antonio André, Manoel Ribeiro Corrêa, Martim Ayres, Tenreiro, Antonio de Araujo e Carvalho, Nuno de Mello, Francisco de Figueirôa; e de novo estavão João de Magalhães Barreto e Francisco Duarte, dos que tinhão chegado de Lisboa nas caravellas. Sendo pois acommettidos, fizerão tal resistencia, que, desenganado o inimigo, se retirou, deixando estendidos no campo 23. Dos nossos matárão 3 e ferirão 5.

No mesmo dia entrou no porto do Cabo de Santo Agostinho, 8 leguas ao sul do Real, uma tartana da companhia da armada, que vinha em soccorro; e o capitão de mar della, Alberto Perez, disse ter-se apartado com um

aguaceiro, antes de passar a equinoxial, e que D. Antonio de Oquendo ia á Bahia para na volta metter o soccorro em Pernambucó. Chegou a ella (segundo depois se soube) a 13 deste mez, e lá o deixaremos até que possa sahir.

O general de mar, Henrique Lone, tinha partido com 30 navios para a Hollanda, fazendo sua viagem pelas Indias, como principal caminho seu, por ver se a sorte lhe dava occasião semelhante á que deu a Pedro Petretein, e quando não carregaria de sal nas ilhas que o tem, e onde houvesse gente sua. Esta viagem fazião todos os seus navios que sahião de Pernambuco, salvo se ião com algum aviso em direitura á Hollanda.

Soube disso o general Mathias, e avisou immediatamente para Cartagena das Indias, por uma embarcação que fez despachar da Parahyba, para que o governador daquella tão importante praça estivesse advertido, e advertisse ás mais, que nem disto se descuidava, tendo tão perto quem lhe prendesse a attenção.

Logo que Lone partiu, chegou da Hollanda com soccorro o coronel Alexandre Citon. Trazia 2,000 soldados, munições e abastecimentos em 12 vasos. Mas sabendo de lá que de Lisboa sahira D. Antonio de Oquendo, enviárão mais 1,500 homens e 8 náos, com o general para o mar, que era João Adrião Patre, que o havia sido na India Oriental, e era valente soldado e marinheiro. Chegou ao Recife nos fins de julho ; e sabendo de uns navios seus que navegavão da Bahia que ali tinha entrado a nossa armada, começou a preparar-se para ir busca-la, e, pelejando com ella, derrota-la, do que resultava não ser Pernambuco soccorrido.

Com a certeza de que D. Antonio ia primeiro á Bahia, despachou para lá o general Mathias dous barcos de coberta, enviando em um o alferes Rodrigo Fernandes (depois capitão), que largou do porto do cabo de Santo Agostinho. No outro foi o patrão-mór Francisco Velho de Lemos, que partiu do Porto das Pedras, que fica no rio que entra em Porto Calvo. Por elles scientificava o almirante-general de quanto lhe pareceu necessario, para pô-lo ao facto do nosso estado e do do inimigo. Chegou primeiro o alferes Rodrigo, um dia antes de sua entrada na Bahia a 13 de julho, e logo depois chegou o outro. Dest'arte soube elle que tanto precisava para dirigir-se em sua commissão.

Communicou-se D. Antonio com o governador capitão-general Diogo Luiz de Oliveira, que estava na Bahia, e com o conde de Bagnuolo, que vinha feito mestre-de-campo de um terço napolitano de 300 homens (que havia sido do marquez de Torrecuzo), e por governador de toda a mais gente que trazião em soccorro. Ali ia Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco. Com estes e com o seu almirante Francisco de Vallecilla, e os mais cabos da armada, conferenciou D. Antonio sobre os avisos que recebêra do general Mathias, para combinarem a maneira por que lançarião aquelle e qualquer outro soccorro em Pernambuco.

Ventillada bem a materia, concordárão todos em que logo navegasse o soccorro distribuido por 12 caravellas, que irião acompanhadas da armada para proteger o desembarque onde melhor se pudesse effectuar ; e com o mesmo abrigo sahiria tambem a frota dos assucares para Hespanha. Tratou-se da execução deste parecer Emquanto se põe em pratica, referiremos o que o general de mar hollandez tinha feito.

Havia postado no Recife 16 náos, sendo as mais dellas maiores que a do almirante general D. Antonio de Oquendo, com 1,500 infantes e com optimos marinheiros. Foi contra o parecer de seu general de terra Theodoro que se lhe deu tanta infantaria, julgando que lhe poderia faltar para resistir ao nosso soccorro quando chegasse, porque calculava-o tal qual devia ser, e não qual era. Antes que sahisse o Patre, enviou adiante seis navios, para, divididos a dous e dous, cruzarem na sahida da Bahia, esperando a nossa armada, para ir seguindo-a a barlavento atirando alguns canhonaços, e accendendo fogos de noite, porque elle andaria com as suas 16 náos tão perto, e em tal altura, que não perderia occasião. Levava as gavias á prova de mosquete com guarnição de infantaria e muitos artificios de fogo para na abordagem se servir delles, sem que ao principio pudessemos reparar o damno que recebessemos. A este respeito tudo o mais tinha tão prevenido, que julgava, segundo disse, poder levar ao Recife grande parte da nossa armada, considerando muita vantagem para a sua pelejar cobertos, o que nós não faziamos.

Agosto 18. — Com esta presumpção sahiu o general Patre do Recife em 18 de agosto ; ainda que o vento era sueste, e como ja estava no fim da monção, era mais brando, e assim não o estorvava muito, e menos suas

náos, que apontão e seguem melhor para barlavento. O nosso general Mathias, inteirado de tudo, e vendo o inimigo fazer-se á vella, despachou logo em um barco Antonio de Castro, que partiu do Rio Formoso, 15 leguas ao sul do Real, com carta para D. Antonio de Oquendo, em que o advertia de tudo, e de que o Patre ia resoluto a pelejar com a armada! Emquanto o não effectua, trataremos do que nos espera.

Finalisando o inimigo o forte da barra da ilha de Itamaracá, deixando nelle a guarnição conveniente para a defesa, retirou para o Recife alguns navios, que sempre ali conservára durante o trabalho, deixando ainda uma e duas barcaças para o que pudesse acontecer. A' vista disto mandou tambem o nosso general retirar Mathias de Albuquerque Maranhão com o soccorro de Parahyba com que tinha ido para o seu posto de Santo Antonio.

Agosto 24.—A 24 do mesmo mez enviou-se Luiz Barbalho com os mais capitães attentar a queima de grande quantidade de fachina que o inimigo tinha feito e depositado da sua banda junto ao forte de Diogo Paez, parecendo-lhe, com razão, que ali estava segura. Porém logo virão a contingencia das maiores seguranças humanas, porque os nossos, passando o rio de noite, conseguirão incendiar-lh'a com tanta facilidade quanto a elles parecia difficil.

Agosto 29.—Em 29 foi o capitão Martins Soares encarregado de, com a gente de seu quartel, e particularmente com os Indios que trouxe do Ceará, a acommetter um dos quatro reductos que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antonio. Passou Martim Soares, e investiu uma com tanta bizarria, que entrando-o degolou 12, e trouxe prisioneiro o sargento que o guardava com mais 40 homens; os outros o desampararão, aterrorisados de ver os indios, cujo aspecto nos primeiros annos lhes era terrivel: e estes do Ceará, por menos domesticados e trataveis, mais servião para este effeito que para outro qualquer.

Voltemos á nossa armada, em que tenciono ser mais extenso do que costumo; porque não só a materia o exige, mas, como fez parte do soccorro da guerra de Pernambuco, á qual pertencem estas *Memorias*, espero que se leve a bem a dilação.

O almirante general D. Antonio de Oquendo deixou soccorrida a Bahia com mais um terço de 800 homens (além do de D. Vasco Mascarenhas, que depois foi conde de Obidos, que nella estava de guarnição) e assim os 200 Castelhanos com que havia chegado antes o capitão D. José de Gaviria, e por mestre-de-campo deixou D. Christovão Mexia Boca-negra, cavalheiro de muita experiencia e valor, depois do conselho de guerra de Sua Magestade, e por seu sargento-mór D. Fernando de Lodenha, capitão dos antigos da armada real do Oceano e cavalheiro bem conhecido, que depois foi mestre-de-campo do mesmo terço. Seus capitães erão D. Frederico Henriques da Camara, irmão do conde de Villa-Franca, D. Nuno Mascarenhas, irmão do conde de Palma, Rodrigo de Miranda Henriques, Antonio de Brito e Castro, D. Diogo de Alcido, D. Affonso de Mello, Paulo Nunes Tinoco e Marcos de Torres, que era alferes da companhia do mestre-de-campo.

O outro soccorro foi distribuido em Caravellas; dez destas levarão o de Pernambuco e duas o da Parahyba, que erão 200 homens em duas companhias, sendo uma de 100 Portuguezes, de que era capitão Antonio de Figueiredo Vasconcellos, e outra de 100 Castilhanos, cujo capitão era Manoel Godinho, tambem Portuguez. Levava 4 peças de bronze com algumas munições e Vasconcellos levava 8, com as mais em outra caravella, que ião de soccorro para o forte de Cabedello que era da barra da Parahyba; sendo ao todo 12 peças com seus artilheiros, e mais pertences, e por condestavel da artilharia ia Pedro de Menezes. Embarcou-se em mais 10 caravellas o soccorro que ia para Pernambuco, constante de 1,000 homens, a saber: 300 castelhanos, com os capitães D. João de Xereda, que os governava como mais antigo, D. Fernando de la Riba Aguero, D. João de Orellano e Sebastião de Palacios; 400 Portuguezes, com os capitães D. Antonio de Ortiz de Mendonça, Braz Soares de Souza, D. Francisco Coutinho, D. Aleixo de Aza e D. João Vasques de Duenhas, e por sargento-mór, que os governava, Francisco Serrano; porque o mestre-de-campo deste terço, e da mais gente que ficou na Bahia com os capitães D. Frederico, D. Nunes, Rodrigo de Miranda e Antonio do Brito, era D. Alvaro de Mello, sendo o da gente armada de Portugal, depois bailio da ordem de S. João, e conde de Moura, e que por ordem d'el-rei havia ficado em Lisboa; vinhão mais 300 Napolitanos com os capitães João Dominico Mancherio Oliver Cachapueda, e Pedro Palermo, alferes da companhia do mestre-de-

campo, conde de Bagnuolo, levando por seu sargento-mór Muncio Orilia.

Vinhão mais para Pernambuco 12 peças de bronze com seu trem, e por capitão dellas André Marin, e por gentil homem Francisco Perez do Souto. O conde de Bagnuolo, além do seu terço, era governador deste soccorro, e trazia a seu cargo as 12 caravellas. Na que elle se embarcou, tambem o fez Duarte de Albuquerque, como desde Lisboa o praticára na capitania da esquadra de Bartalosa. Conduzirão-se tambem algumas fazendas para do producto dellas vestir os soldados, e acudir ás mais urgentes necessidades.

Setembro 3. — A 3 de setembro fez-se de vella D. Antonio de Oquendo com os seus 20 navios de guerra (bem que alguns nesta occasião mais parecião de paz) e as 12 caravellas de soccorros, assim como 24 navios carregados de assucar, com o que fazião ao todo 56 vasos. Logo ao sahir, 8 leguas ao mar, se avistárão dous, aos quaes deu-se caça, mas não se pôde alcança-los. Foi-se navegando com vento tão contrario, que, sahindo da Bahia em 13° lat. sul, em direcção a Olinda, que está em 3°, no dia 11 do mesmo mez nos achavamos a 17° para sul ; e neste dia ao pôr do sol fomos descobertos pela armada inimiga sem que nós a vissemos.

Setembro 12. — Ao amanhecer do dia 12 já estava a nosso barlavento, e a duas leguas pouco mais ou menos ; então o conde de Bagnuolo se chegou com a sua caravella á capitanea, e disse a D. Antonio de Oquendo que lhe parecia poder tirar-se das caravellas alguma infantaria para guarnecer melhor os navios, pois, se houvesse occasião de batalhas, naquellas fazia menos falta. Respondeu-lhe porém que os 16 navios inimigos que se avistavão erão, palavras formaes, *pouca roupa*. Tambem lhe pareceria que se distrahisse a gente de soccorro, poderião apparecer taes eventualidades, que tornassem impossivel reconduzi-la ás caravellas, com o que falhava a essencial missão que trazia, que era soccorrer Pernambuco. Ordenou portanto que as caravellas e mais navios de assucar se postassem a sotavento, abrigadas pelos de guerra.

O general inimigo, João Adrião Patre, com as suas 16 náos esteve á capa por algum tempo, emquanto lhe chegavão as chalupas, e recebião as ordens que elle entendeu dar-lhes. Feito isto, puzerão a prôa sobre a nossa armada ; e não causa pouca admiração a resolução com que o fizerão, sendo tão inferiores em numero. Sua capitanea vinha direita á de D. Antonio de Oquendo, e a sua almiranta a de Francisco de Vallecilla, trazendo logo náos de ajuda para a abordagem. A mesma ordem de abordar e ajudar-se tinhão, bem que o não fizerão todas como algumas das nossas o executárão, conformando-se mais nas acções que nas intenções, sendo estas menos culpaveis que aquellas

Oquendo dispoz sua capitanea com a intelligencia que lhe era propria, dando ordem para que ninguem fallasse, á excepção dos officiaes maiores de infantaria, mar, e artilharia. Aos mais navios recommendou a pontual observancia das instrucções que cada um levava, o que alguns não fizerão. A's 9 horas da manhã vinha a capitania inimiga já tão perto da nossa, que bem podia jogar a mosquetaria ; ia o nosso almirante-general mui attento ao governo da sua náo, tendo ao leme a gente mais pratica e de confiança, para em tempo opportuno cerra-lo á banda ; assim se fez, tanto que viu o gurupés da capitanea inimiga pela pôpa da sua, e junto a ella; e lançou-lhe o harpéo ; e como no mesmo ensejo o nosso leme fez a manobra, obedecendo-lhe a capitanea de tal fórma, que ficou cingida com a do inimigo por balravento, e assim ganhou esta vantagem que dantes não tinha, e que foi a sua salvação.

Como combate de artilharia e mosquetaria, foi o mais renhido e porfioso que se póde imaginar. Da que o inimigo trazia nas gavias recebemos muito damno, assim como dos artificios de fogo. Não o soffria elle menos ; e, experimentando-o já os seus, o Patre procurou desabordar, e tendo a prôa desembaraçada e a pôpa arrimada ao costado da nossa, mandou largar a vela de gavia e o velacho. Mas entendendo D. Antonio de Oquendo que elle tentava descerrar-se, porque de nada descuidava, mandou ao capitão reformado João Cotillo que com um calabrote entrasse na capitanea inimiga, e o passasse pela mezena ; o que executou com grande valor, ainda que logo o ferirão, e proseguiu pontualmente na sua commissão : já volvendo á nossa capitanea com a ponta do calabrote, derão-lhe outro mosquetaço com que o matárão. Porém como não houve descuido em acudir á ponta que elle trazia, ficárão outra vez atracadas ás capitaneas. Veiu então outra náo em soccorro da inimiga, para abordar tambem a nossa : fez o mesmo o capitão Cosme do Couto Barbosa com seu

navio, que era um dos cinco de Portugal. Pequeno era este vaso, mas não o foi o valor e bizarria com que se oppoz á nào do inimigo para estorva-la (mettendo a gente dentro) de soccorrer sua capitanea; e da fórma que póde foi causa de que a nossa recebesse menos damno, ficando o navio do Couto atravessado das tres prôas, que, cabeceando sobre elle, facilmente o mettêrão a pique, salvando-se alguma gente a nado na náo que vinha soccorrer a capitanea inimiga, ainda que muita lhe matárão emquanto pôde pelejar. Entre os mortos foi o capitão reformado Domingos da Motta o primeiro que saltou dentro della; dos nossos que nella se salvárão foi o proprio capitão Couto e o sargento-mór João de Araujo, com duas feridas. Neste tempo foi soccorrer o almirante-general o capitão João do Prado, na capitanea da esquadra de Bartalosa em que vinha; e em tal occasião chegou, que pôde salvar a de D. Antonio, a qual, sem vela, nem enxarcia, e atracada com a inimiga que já ardia, estava em risco de ser tambem queimada; mas por grandita deu-lhe o Prado um cabo com que a livrou do evidente perigo. Por esta acção se lhe derão oito escudos sobre qualquer que fosse o seu soldo; e el-rei o fez sargento-mór do terço da armada real; tudo bem merecido.

O incendio precedeu de uma bucha da nossa artilharia; o que vendo D. Antonio, ordenou aos mosqueteiros de atirarem sempre ali, para que o inimigo o não pudesse apagar. E assim ateou-se de fórma que toda a capitanea do general João Adrião Patre se queimou, morrendo elle tambem por não querer retirar-se, podendo, pois que as caravellas salvárão muitos dos seus. A primeira que chegou á nossa capitanea foi a do conde de Bagnuolo, onde ia tambem Duarte de Albuquerque. Grande foi a perda de gente que tivemos: só na capitanea morrêrão mais de 250 homens, e entre elles o capitão D. Rodrigo Porto-Carreiro, André de Herrera, Pedro Ucerenat, Italiano, que era capitão de mar da mesma campanhia da capitanea, e o contador João de Villa Nueva, bem com outras pessoas e officiaes reformados, cujo nomes não chegárão ao meu conhecimento; mas que naquelle dia bem merecêrão viver na memoria de todos. Feridos tivemos muitos. Durou esta abordagem das 9 horas da manhã até depois das 4 horas da tarde. Foi grande fortuna não ter D. Antonio recebido damno algum em sua pessoa, exposta sempre aos maiores perigos com tal valor e promptidão, que nestas sete horas bem se lhe deveu o que por tantos annos mereceu sempre.

Com igual resolução tinha a almiranta inimiga abordado á nossa, com outra náo de soccorro, tendo tambem Francisco de Vallecilla junto á sua o galeão *S. Boaventura*, de que era capitão D. Affonso de Alarcon e Molina. Pelejando-se o mesmo espaço de tempo, ou pouco menos, com incrivel valor, ficou ferido o nosso almirante de um mosquetaço pelos peitos. Com esta desventura appareceu a ultima, que foi metter-nos á pique a almiranta (havendo ella primeiro queimado a náo que tambem a abordára em ajuda da almiranta inimiga.) Vindo-lhe outra náo de soccorro, nos rendêrão o galeão *S. Boaventura*, matando o capitão; e igualmente D. João Ortega de Ullon, tambem o capitão e o tenente-general de artilharia D. Francisco Lupercio, o provedor-geral da armada Francisco de Urena Calderon, Francisco Netto, alferes do Alarcon, e auditor, que, vindo na almiranta, se salvárão no galeão, e o capitão de mar do mesmo galeão Pedro Pichon, e outra muita gente de valor e serviços. A perda de Vallecilla foi notavel, não só por suas muitas qualidades, serviços e valor, como pela falta que do presente se ia sentindo de pessoas de igual experiencia e conhecimento do mar Tambem se afogou com elle o capitão D. Luiz Coutinho, filho do conde de Rozendo, em Portugal, o capitão João de Casavante, e outros muitos, cuja perda será sempre sentida, por ser tão grande.

As outras náos contrarias não abordárão as nossas, nem estas o fizerão; do que se resentiu muito com alguns capitães dellas o almirante D. Antonio. Não faltou quem attribuisse esta omissão ao interesse e cobiça, que sempre serve de obstaculos; isto é, trazerem alguns maior carga de assucar do que a permittida aos navios da armada e guerra; mas apezar disso os mais delles recebêrão muito damno em gente, e de canhonaço nos baixeis.

A capitanea inimiga era de 56 peças, e algumas de 48 libras de bala, das quaes se serviu durante a abordagem com a nossa, que só tinha 34, e ficou em tal estado, que não pôde navegar até o dia 15, empregando-se a gente em esgotar a muita agua que fazia pelos rombos que os canhonaços lhe abrirão. De muito servirão para isto os marinheiros, que se salvárão da capitanea contra-

ria: donde se infere que ha perigos em que até os adversarios servem para seu remedio; porque D. Antonio, apenas ficou com gente para marcar, e o casco sem vellas e sem enxarcias, com os mastros e vergas rendidos emfim, não havia com que pudesse navegar desde do dia 12, em que foi dada a batalha a 15. O navio *Nossa Senhora dos Prazeres*, o maior dos de Portugal, do capitão Diogo de Freitas Mascarenhas, ficou tal, que não pôde seguir o almirante para a Hespanha, e por ordem sua arribou para a Bahia.

Com a perda que tivemos de 1,500 homens de guerra e mar (não sendo menor a do inimigo) foi preciso a D. Antonio de Oquendo tomar trezentos dos mil que ião de soccorro para Pernambuco; de sorte que quem delle tinha mais necessidade ficou menos servido, porque na Bahia deixou-se um terço de 800 homens, os 200 para Parahyba ião completos, e só dos de Pernambuco foi que tirou 300. Se reflectirmos bem sobre os mais soccorros que mandavão, se verá que sempre apparecião motivos de reduzi-los antes de chegarem. Parece que tudo concorria para a perda total de Pernambuco!

Setembro 17.—Aos 17 de setembro, navegando-se já para Pernambuco, por dar o vento logar, ao pôr do sol foi de novo avistada a armada inimiga, com o que o conde de Bagnuolo resolveu chegar-se, na caravella em que ia, á sua capitanea, e dizer a D Antonio que como se descobria a armada, e era certo pelejar no dia seguinte, seria melhor não perder tempo em afastar-se de noite com as caravellas, e ir metter o soccorro que levavão em alguns dos portos da costa de Pernambuco, o que parecia poder-se effectuar com menos risco, visto que deixavão fóra del'a aquella armada; e que na introducção daquelle soccorro consistia o fim principal da viagem. Ainda que isto tinha não poucas difficuldades, já pelo risco em que irião as caravellas sem o abrigo da armada, já porque chegando esta á Hespanha não podia D. Antonio dizer onde tinha deixado o soccorro, prevaleceu a consideração do perigo presente com a armada do inimigo á vista, e não do que podia de futuro acontecer a respeito do que tambem se devia justamente receiar.

Conformou-se Oquendo com o parecer de Bagnuolo; e dando-lhe a ordem, na mesma noite se apartou este com as doze caravellas em demanda de Pernambuco; seguindo a armada para a Hespanha, sem que no dia immediato se visse a inimiga, nem se pelejasse, á excepção da capitanea de quatro velas, na qual ia servindo de almirante, pela morte de Valecilla, o major Lazaro de Iguigurem, que se bateu com duas náos na altura da Parahyba, quando já nossa armada ia fazendo sua viagem; na qual foi a pique, com uma tormenta, e Iguigurem, e outro navio dos cinco de Portugal, de que era capitão Duarte d'Eça.

O conde de Bagnuolo chegou a dar fundo com onze caravellas, a 20 de setembro, ás 5 horas da tarde, junto do rio grande de Santo Antonio, já na costa de Pernambuco, quasi 40 leguas ao sul do Real do Bom-Jesus. A outra caravella, que completava as doze, foi entrar no Rio Formoso, 24 leguas mais para o Real, de que vinha a distar só 16. Era capitão della D. João de Orellano.

Setembro 21.—Na manhã do dia 21 se deu á vella, navegando junto á terra até a Barra Grande, onde entrárão o conde de Bagnuolo e Duarte de Albuquerque com dez caravellas, ficando ainda a 30 leguas do Real. A do capitão Antonio Figueiredo e Vasconcellos, com a sua companhia e as oito peças e o mais soccoro da Parahyba, sotaventeando-se um pouco mais, encontrou um navio dos muitos que o inimigo trazia por toda aquella costa, o qual, dando-lhe caça, obrigou-a a engolphar-se de modo que, escapando-se, foi entrar dali 90 leguas ao norte, no Rio Grande, que tem uma fortaleza de fabrica, mandada levantar por el-rei. Está em 5° da linha para o sul, com uma porta regular, e uma pequena povoação na margem, a meia legua, com 50 casas, a que chamão a cidade dos Reis; e em seu districto havia sómente dous engenhos de assucar, porém muitas fazendas de gado. Sentiu-se o não entrar esta caravella com as outras na Barra-Grande, mormente por tê-la visto no risco do inimigo: porém é tão limitado a nosso entender, que desta que julgavamos perdida se viu o que mais podiamos desejar, como adiante se mostrará.

Tanto que Bagnuolo deu fundo, avisou logo ao general Mathias, e juntamente foi desembarcando o soccorro, fazendo frente de bandeiras, e fortificando o quartel e o logar em que se descarregou tudo. Como ficava tão distante do Real, em cujo caminho havia muitos rios a passar, e outras não menores e até intoleraveis descommodidades, impossibilitava-se o desejado transito,

mórmente por ter de conduzir 16 peças de bronze, — 12 para o Real e 4 para a Parahyba. Mas deixemos miudezas e os grandes afans que em tudo se passárão, que por serem tantos até fatigão a penna para referi-los. O que não se póde prescindir de dizer é que Bagnuolo não se descuidou um apice, e que a presença de Duarte de Albuquerque enthusiasmou aquelles seus vassallos que pela primeira vez o vião, estimulando-se de tal modo (por verem que vinha ser seu companheiro naquelles grandes trabalhos), que acudirão com todas as demonstrações de sua estima, e com carros, pretos, cavallos, e o mais que tinhão, para ajudar a conduzir ao Real aquelle soccorro. Resultou disto effectuar-se a conducção mais breve do que ninguem pensou, devendo-se tambem muito ao cuidado do capitão de artilharia André Marin, e do incansavel gentilhomem Francisco Perez de Souto.

As fazendas que vinhão em soccorro se entregárão logo na Barra-Grande aos officiaes reaes della, que o general despachou para este effeito, com outras pessoas praticas, para que de tudo dessem noticias ao conde de Bagnuolo.

Novembro 10. — Este, com Duarte de Albuquerque, chegou, a 10 de novembro, ao porto e cabo de Santo Agostinho (não pôde ser mais breve, por não dar logar a conducção do soccorro), pouco mais de sete leguas ao sul do Real; logar bem a proposito para ser fortificado, por ser o porto que tem capacidade para mais de 200 toneladas. Alí vierão a entrar depois as outras caravellas que deixárão soccorros na Barra-Grande, e carregando aqui de assucar, partirão para Lisboa. Em uma calhêta deste porto ao norte se fizerão duas baterias com duas peças de ferro cada uma, para abrigar qualquer embarcação nossa que ali entrasse.

Passemos agora a relatar o que se ha feito no Real, por estes dias, de cuja relação me apartei, e justo será prosegui-la.

A armada inimiga, que se batêra com a nossa, aferrou o porto do Recife; bem quiz ella mostrar que resarcira a perda de sua capitanea e do general Patre, com a tomada do nosso galeão *S. Boaventura*, que trouxerão. Não ha duvida que foi grande a perda de tão bom soldado e marinheiro, se bem que destes tem muita abundancia, pelo continuado exercicio, de fórma que sempre lhes sobeja o que a outras nações falta. Ainda que era novo e forte aquelle galeão, desmanchárão-o para fazer lenha, pelo muito que della necessitavão para seus fornos, em que cozião o pão de munição para os soldados. E é bem digno de consideração que estando fortificados, havia pouco menos de dous annos, em logares onde tudo era lenha, lhes fosse defendida pelo nosso general com tanto valor, com seus capitães, que padecião esta tão grande mingua, de maneira que para remedia-la houverão de desfazer um vaso tão importante. Acima ficão bastantes exemplos de quanto lhes custava a fachina junto ás suas fortificações.

Novembro 11. — No dia 11 despachou o inimigo do porto do Recife uma caravella, que nos havia tomado, com 140 prisioneiros entre os quaes ião 50 soldados e gente de mar do galeão *S. Boaventura*. Mandava deita-los nas Indias, levando o vaso uma só vela e de guarda dous navios, para que não se lhe furtasse a volta, e nos viesse mais este soccorro. Não lhes aproveitou tanto cuidado; porque não sendo menor o da gente da caravella, na mesma noite da sahida se apartou dos navios, e veiu entrar no porto do cabo de Santo Agostinho. Deveu-se esta revolução não só a alguns pilotos, marinheiros, como particularmente a Atilano Gonçalez de Orejon, sargento da companhia do capitão D. João de Orteja, morto no galeão *S. Boaventura*

Novembro 15. — A 15, querendo o inimigo fazer fachina nas salinas, chamárão ás armas nossas sentinellas; e tomando-as Luiz Barbalho com a gente que tinha, acudiu tambem do seu posto Martim Soares, e o general do Real, escaramuçou-se por mais de duas horas, com o que evitárão que levasse a fachina; deixando em seu logar 24 mortos, que nos custárão 4; e foi um destes Lourenço Vianna, que já era dos cinco irmãos o terceiro que morria.

Novembro 23. — Em 23 vierão render-se tres soldados do inimigo: erão Francezes, e dous delles irmãos. Disserão (sem discrepancia) que vinhão da villa, a qual no dia seguinte devia ser abandonada, queimando-a, e passando á povoação do Recife, para terem assim unidas suas forças. Entendião, como são praticos, que não a podião sustentar nem a fortificar bem, por a natureza do sitio ser tal, que nem a sua muita arte dava logar para fazê-lo; accrescendo o verem que o tempo que a occupárão lhes custou muita gente, e que, com a que julgavão nos abundava com o

soccorro, menos o poderião fazer. Apenas o general soube isto, distinou armar-lhes duas emboscadas naquella noite, junto ao caminho que elles havião de seguir; mas ainda que a copiosa chuva que sobreveiu não deu logar a nada, menos o deu o inimigo, pelo cuidado com que effectuou a retirada, logo ao anoitecer, antes que estivessemos emboscados.

Deixárão em chammas a villa de Olinda, cabeça daquella praça, e que, pelo menos, continha 2,500 vizinhos, com quatro conventos de religiosos, sendo um de S. Bento, outro de recolectos de S. Francisco, o terceiro do Carmo, e um collegio dos Jesuitas, havia mais duas parochias, uma casa de Misericordia e a da Conceição de recolhidas, além das Ermidas. O que não póde referir-se, sem grande e devido sentimento, que tambem deixárão nas chammas todas estas igrejas e conventos, e as Santas Imagens.

No dia seguinte acudirão ali muitos moradores, com aquella magoa de quem nesta villa foi nascido e criado, e no desejo de atalhar o incendio e ruina de suas casas; pensando voltar á sua habitação com a prosperidade que d'antes gozavão, e com a brevidade que alguns imaginárão. Outros porém não se persuadião disto, vendo que o soccorro chegado de Portugal, depois de quasi dous annos, não subia a 700 homens, quando se esperava suffiiciente numero para a prompta restauração. Para estes, que era a maior parte, o soccorro que viera não só deixou de servir de remedio, mas até foi motivo de desesperação. Mitigar-lh'a o general, e soffrer-lh'a por tantos annos, não foi para elle menos do que resistir ás formidaveis forças do inimigo: e assim se deixa ver que ha taes occasiões em que todos, sem que o sejão, vem a parecer.

Evacuada assim a villa, e vendo-se que a gente do soccorro da Parahyba poderia lá fazer falta, resolveu o general envia-la logo, julgando que, reunindo o inimigo suas forças, não deixaria de tentar alguma facção.

E como sobre a Parahyba era que mais se devia receiar, ordenou a Mathias Albuquerque Maranhão que, com a gente que de lá tinha conduzido, regressasse a soccorrer seu irmão Antonio de Albuquerque, que governava aquella praça, mandando marchar tambem o capitão D. Aleixo de Aza, como soldado velho; o capitão de engenheiros Diogo Gaez, e o capitão Manoel Godinho com a sua companhia, que era do soccorro, que pertencia á mesma Parahyba.

O governador della tinha trabalhado sempre com applicação no forte do Cabedello, á entrada da barra do rio Parahyba, de que a cidade tomou o nome commum, ainda que em particular chamava-se Philippea. Estava a tres leguas da foz pelo rio acima, e em 60 2/3 de latitude sul; continha até 500 vizinhos a igreja maior, a Misericordia, e os tres conventos de S. Bento, Carmo e descalços Franciscanos. Em seus contornos e jurisdicção ha quinze engenhos de assucar, e muitos moradores que se enriquecêrão com a perda dos de Pernambuco, depois que o inimigo occupou o porto do Recife; porque logo que neste cessou o commercio, passou para aquelle, onde antes não existia; ainda que de pouco lhe durou, como succede em tudo o que entre os mortaes goza o vaidoso titulo de prosperidade.

Dezembro 9.—A 9 resolveu o governador (por advertir-lhe o capitão D. Aleixo), fazer uma trincheira, a 80 passos do nosso forte, para evitar que o inimigo apertasse tanto o cerco, no qual pudesse pôr alguns trabucos, e tambem para servir de embaraço á prompta approximação do forte Começou a executar o capitão de engenheiros Diogo Paes, que o general tinha ali mandado; e trabalhava-se nella com o cuidado que a occasião pedia, tendo gente postada fóra della, para se fazer com mais seguridade.

Dezembro 10.—No dia 10 amanheceu o inimigo com outro reducto, e uma bateria com duas peças de 24 libras de bala, com que começárão a bater o nosso forte, o qual de sua parte se desempenhava tão bem, que logo lh'as desmontámos; e quando trabalhavão para de novo assalta-las, uma das balas que do forte se despedião entrou por uma das aberturas, matando-lhe e ferindo seis homens, que elles sem demora vingárão, pois tambem nos matarão o capitão Godinho, natural de Moura, em Portugal, e que era da companhia de castelhanos, que veiu de soccorro para a Parahyba. Dizendo-se-lhe que descesse da muralha onde estava, respondeu:—Ainda que me fação boa pontaria, jámais poderão acertar.—Referia-se a ser elle da mais baixa estatura que póde haver, sem ser anão. Todavia uma bala de canhão do inimigo o fez em pedaços. Deu-se a companhia ao seu alferes D. Bernardo Soares de la Xara, e a bandeira a Domingos de Arriaga, sargento da mesma. Igualmente nos

matárão neste dia Ivo Soares, natural da cidade de Coimbra, nove soldados e um sargento, ferindo João Garcia Payteyra, Vicente de Paiva e Andre Salon, da companhia de D. Fernando de Riba-Aguero, e o sargento Atelano Gonçalez de Orejon, que estava aggregado á companhia de D. João de Xereda.

Deu tal cuidado ao inimigo a trincheira que iamos fazendo, que no mesmo dia em que a viu mandou reconhecê-la, e, sem dilação alguma, enviou 1,200 homens para toma-la. Não o conseguirão, porém, que os nossos valorosamente os rechaçarão, degolando-lhes 19, que nos custarão 7 mortos. Logo que esta nossa trincheira ficou acabada, encarregou-se della o capitão Xereda com os mais de sua tropa; aggregarão-se-lhe os capitães André de Mello e Albuquerque e Belchior de Valladares, com as suas companhias e alguns indios, a cargo do capitão Francisco Lopes, que com elles havia trabalhado bastante na trincheira, que foi tão util á nossa defesa, que o proprio inimigo a julgou por tal; conhecendo que emquanto não a tomasse não ganharia o forte. Por isso decidiu aggredi-la com todo o seu poder, e a horas que mais descuidados nos achasse; e que ao mesmo tempo se nos désse rebate por diversas partes com alguma gente, para nos dividir as forças.

Dezembro 11.—Nesta resolução desembarcou alguma gente do mar para mistura-la com a infantaria, além de tres companhias que na vespera tinhão chegado de soccorro, vindas do Recife. Ao meio dia de 11 nos investirão por quatro partes ao mesmo tempo, sendo uma em frente da trincheira. Ainda que a hora era de tanta calma, em clima tão quente, não serviu de pouco o ter collocado sentinellas ao largo, que bradando ás armas derão logar a tomal-as, mas não sem confusão, por ver que se tocava a rebate em tantas partes, e o aperto em que cada um estava para defender a sua.

Mas como não faltava o valor, ia-se supprindo com elle o mais que não tinhamos; porque começando os inimigos a acommetter com tanta audacia, resistiu nossa trincheira de modo que por tres vezes os repeliu; porém vendo os nossos a retaguarda cortada por uma parte dos adversarios envolvidos com a mais gente nossa, e quasi já chegados á estrada encoberta do forte; pensando que se perderia, desamparárão a trincheira para ir soccorrê-los, recebendo nisto muito damno; porque como o inimigo que a investia via-a evacuada, seguiu-os até se misturarem com a outra gente que estava pelejando, e, em verdade, já o fazião com grande confusão. Gastou-se nisto muito tempo, pugnando os nossos de envolta com os inimigos, e sem vantagem de parte a parte; mas reconhecendo-a elles da nossa, pelo valor e constancia com que nos portavamos, e o damno que elles recebião, lhes parecião ir-se retirando. Os do nosso forte, não perdendo esta occasião, jogárão-lhe a artilharia, que tinhão carregado com balas de mosquete; com isto e com os golpes dos nossos, que os perseguião, recolhêrão-se ás suas fortificações, deixando mais de 140 mortos, que bem caro pagámos, pois tambem perdemos os capitães Xereda, governador das quatro companhias castelhanas, cavalheiro estimavel pelo seu valor e outros predicados que o ornavão, e da mesma fórma Sebastião de Palacios, e o alferes D. Nicoláo de Plaçaola, que o era do capitão D. Fernando.

Da gente portugueza, do terço que governava o sargento-mór Serrano, nos matárão o capitão D. Aleixo, que era soldado mui completo, cuja falta é digna de se sentir sempre, o capitão Valladares, e Fr. Manoel da piedade, dos descalços Franciscanos da provincia de Santo Antonio. Este religioso era de grande exemplo e virtude; porque com um crucifixo nas mãos andou no meio da batalha animando e consolando nossa gente. Já se tinha achado na conquista do Maranhão quando Jeronymo de Albuquerque (pai do governador que agora era da Parahyba) expulsou de lá os Francezes. Emfim, os mortos forão 35 e os feridos 42, entre estes o capitão Orellana, seu alferes Gabriel de Maella, o alferes Thomaz de Vibanco, Manoel de Cuenca, sargento do capitão Palacios, e o seu cabo de esquadra D. Jeronymo de Santander e Bartholomeu Velasco. Estes dous ultimos forão depois capitães.

Quando o inimigo se foi retirando levou comsigo um moço que servia o capitão Palacios; homem esperto e animoso, pareceu elle nas respostas que deu ás perguntas que lá se lhe fizerão. Disse que naquelle dia entrava o conde de Bagnuolo com o resto do soccorro que o general Mathias enviava. Aconteceu dizer elle isto a tempo que chegava o capitão João Vasques de Duenas que o sargento-mór Serrano mandou adiante com 30 homens; e como vi-

nhão da cidade da Parahyba pelo rio abaixo, desembarcárão junto do nosso forte. Indo a espera-lo outra gente delle, fez que quem de longe olhasse, como para inimigo, suppozesse maior cópia. Por este evento acreditárão no que o moço referira; o que nos serviu de muito, porque os nossos, por causa dos mortos e feridos, ficárão menos e com pouca esperança de poder defender o forte.

Seria sem duvida o inimigo dono delle se fizesse o que o seu general de mar João Cornelio queria: aconselhára elle a Estevão Caliz (o coronel que tinha vindo governando a infantaria) que visto o pouco que até ali se conseguia entrassem as náos pela barra dentro; pois que se recebessem damno do nosso forte, tambem elle o receberia dellas; e que estando dentro, se coadjuvarião melhor, estando mais perto para o soccorro do seu quartel e das trincheiras, e se evitaria totalmente o que nos vinha em todas as marés pelo rio abaixo. Porém como nem o forte nem a praça da Parahyba tinhão de perder-se desta vez, os proprios inimigos que a pretendião erão os mesmos que nos ajudavão a sustenta-la; por quanto não annuindo o coronel ao que propunha o general, fez com que perdessem o que querião ganhar. Suppoz-se depois que fizera isto para lhe não dar parte da gloria do bom successo que já imaginava nas mãos em resultado do sitio em que nos poz sómente por sua conta. Estes são os calculos que fazem os imprudentes ordinariamente, tendo por seguro não só aquillo que pretendem alcançar, mas até o mesmo que perdem. A verdade foi que ouvindo que o general Mathias enviára o conde de Bagnuolo com todo o soccorro, julgando-o maior, desanimárão.

Tambem concorreu muito para que o coronel não conviesse na proposta do general o ver que da outra banda do forte se atiravão algumas ballas de quatro peças, que ali tinha o governador em um reductinho, para melhor obstar a entrada na barra, ainda que ficava um pouco longe, mas por elevação cahião algumas balas entre suas náos; pelo que julgava que, se tentassem o ingresso, receberião grande damno. Estava este reductinho encarregado a Duarte Gomes da Silveira, um morador rico e que tinha sequito (e quem duvida que os pobres não o tem?) o qual perdeu seu filho unico, despedaçado por uma bala das suas mesmas quatro peças; para que nos convençamos de que muitas vezes nos vem o maior perigo donde mais esperavamos defensa e remedio.

Na noite deste mesmo dia resolveu o inimigo, á vista do que affirmára o moço, levantar o assedio, ao que tambem o obrigou a grande perda de gente que havia soffrido; considerando além disso o empenho em que estavão, por ter sua artilharia em terra, e que mal a poderião recolher sem grande risco, por se achar tão perto de nossos quarteis. Por isso na mesma noite derão-nos duas ou tres cargas com a artilharia, o que nas precedentes não havião feito; e coroando as fortificações e trincheiras mais proximas ao nosso forte de cordas acesas, para persuadir-nos que seus soldados as tinhão nas mãos, tocárão-nos a rebate por tres ou quatro vezes, para nos encobrir a facção que ião pôr em pratica, que foi mui diversa do que nós pensavamos; por quanto não só se embarcárão, como tambem a sua artilharia, como se viu na manhã seguinte, deixando alguns barris de polvora e munições, muitas sapas, palas e marracos. Perdeu neste sitio para mais de 500 homens, e levou muitos feridos, como depois soube o general Mathias por alguns rendidos. Nossos mortos forão 70, e feridos 86. O governador da Parahyba, Antonio de Albuquerque, e os mais capitães cumprirão tão eminentemente os seus deveres nesta occasião, como bem se viu no successo e no valor com que o alcançárão.

Tendo-se o inimigo embarcado, receiou o governador que fossem ao rio Mamanguape, onde havia entrado a caravella do capitão Luiz Pinto de Mattos, e onde estavão mais dous outros navios; para cuja defesa enviou alguma gente, afim de evitar que o inimigo os conduzisse ou queimasse, como o intentou com tres náos e seis lanchas; mas até nisto lhe foi mal; porque achando a opposição que não esperavão, voltárão a prôa para o porto do Recife. O conde de Bagnuolo soube no caminho, antes de chegar á Parahyba, que o inimigo levantára o cêrco, e por isso retrogradou para o Real; como eu tambem o farei, visto ter-me apartado para referir o que acabamos de ver.

A companhia do capitão Xereda deu-a o general a seu alferes D. Christovão Villa-vicencio, e a do capitão Palacios ao ajudante Martin Munoz, que o era das mesmas quatro companhias, e o governo dellas deu ao capitão D. Fernando de la Riba Aguero, por ser o mais antigo, o qual depois foi governador de Porto-Rico e de Carthagena das In-

dias. A companhia do capitão D. Aleixo (das do terço de Portugal) deu-se a Manoel Rebello da França.

Apenas chegára o inimigo ao porto do Recife, principiou de novo a se preparar para fazer segunda expedição: e recciando o nosso general que fosse outra vez sobre a propria Parahyba, avisou a toda a pressa o governador, com ordem de que não sahissem de lá as companhias castelhanas, nem as do sargento-mór Francisco Serrano, que ainda ali estavão.

O general Theodoro, sentido e estimulado pelo máo successo do seu coronel no forte do Cabedello, quiz ir pessoalmente indemnisar-se, embarcando-se com 2,000 homens em 22 náos e algumas barcaças.

Dezembro 21.—Partiu do Recife a 21 do proprio dezembro, e a 24 foi avistado da Parahyba, com o que se julgou que volvia ali; porém ás 10 horas do dia 25 não se descobria mais. A' tarde chegou um navio nosso, que vinha da costa de Portugal, e affirmou ter naquella manhã visto as náos inimigas a NO com a Bahia Formosa, 13 leguas ao norte da barra da Parahyba, e que ião correndo a costa. Com isto se julgou que irião ao Rio Grande, onde era governador Cypriano Pitta Porto Carreiro. O de Parahyba, não se descuidando, resolveu logo enviar-lhe o soccorro que pudesse, despachando por terra seu irmão Mathias de Albuquerque Maranhão com tres companhias e 200 Indios, e o capitão João Vasques com a sua companhia, alguma polvora e munições, mandou em um caravellão. Este chegou no dia seguinte, 26, á enseada de Ponta-Negra, que fica tres leguas para o sul do forte do Rio Grande: e na manhã de 27 tinha já mettido dentro o soccorro. A 28 chegou o Maranhão com a gente que conduzia.

O general inimigo foi deitar sua gente uma legua para o norte do mesmo forte, onde chamão a enseada de Domingos Martins; porém, como soube que tudo já estava prevenido, desesperou do bom successo da empreza; procurando todavia tornar util a viagem, tentou tomar algum gado que por ali abundava; porque, tanto na povoação do Recife, como nos outros postos que occupava, não havia carne fresca. Mas nem isso pôde conseguir, por lhe estorvar Mathias de Albuquerque, não só com a gente e indios que levava, como com a muita que se lhe ajuntou das aldêas circumvizinhas. Unidos assim puderão fazer retirar o gado para o centro, e subtrahi-lo á cobiça do inimigo, que, estando na posse do Recife havia quasi dous annos, ainda não lhe era possivel (nem lh'o consentia o nosso general, já por si, já por seus capitães) comer uma só vacca. Alimentavão-se sómente com os generos que a Hollanda lhes enviava; pelo que, póde dizer-se sem escrupulo que, estando elles em terra havia tanto tempo, ainda navegavão, pois que não tinhão outros mantimentos mais que salgados.

Pensando, pois, o general Theodoro que com esta sua viagem resarciria o que o seu coronel havia perdido na Parahyba, ainda fez menos do que elle. Assim muitas vezes acontece áquelles que, tendo por facil emendar erros alheios, accrescentão-nos com os proprios. Com isto o general Theodoro voltou para o porto do Recife, e o nosso soccorro que tinha ido ao Rio Grande regressou á Parahyba.

1632

Proseguem os encontros com o inimigo; nossas descommodidades.—Sahe o seu general com a armada a dar fundo na ilha de Itamaracá, por diversão.—Levanta ferro de noite, e amanhece no cabo de Santo Agostinho; qual o successo, e o forte que ali levantámos.—Manda vinte baixeis á India, mas prevenidos pelo nosso general, nada puderão obrar.—Vai render-se-lhe Domingos Fernandes Calabar, o primeiro que tal fez, e cujas insinuações derão causa a que soffressemos graves damnos.—Saqueia a villa de Iguarassú.—Tentamos queimar-lhe uma caravella no seu porto.—Reductos que de novo levantámos.—Effeito de um ataque ao forte nimigo na barra de Itamaracá. — Chega-lhe outro soccoro.

O capitão Cosme do Couto Barbosa, que, como acima se disse, salvou-se dentro da náo inimiga, andou prisioneiro desde 12 de setembro passado, sempre embarcado; porque receiavão que, se elle saltasse em terra, lhe seria facil escapar-se para nós, o que effectuou mesmo do logar onde tinhão por mais seguro, porquanto, tendo dado fundo a náo em que o trazião junto á ilha de Santo Aleixo (que está a sete leguas ao sul do cabo do Santo Agostinho, em 8° e 2/3 cêrca da terra um quarto de legua, onde desembocão os dous rios Formoso e Serinhaem), pôde mais nelle o sentimento da liberdade que o temor da morte a que se expunha para alcança-la; e assim no dia 8 de janeiro á noite lançou-se da náo ao mar; e quiz sua sorte que, sem ser sentido, nadasse até tomar terra; e a 10 do mesmo mez chegou ao Real, onde foi bem recebido, e despedido com licença para ir á Hespanha, como o fez, embarcando na Parahyba.

Fevereiro 11.—A 11 de fevereiro sahiu o inimigo do seu forte Wandembourg, que nós chamamos da ponta d'Asseca, para fazer fachina; e parece que veiu mais dar-nos as espias que procuravamos; porque, sahindo Luiz Barbalho a estorva-lo, o conseguiu, e lhe fez dous prisioneiros, que tanto se desejava, afim de tomar conhecimento do objecto do apresto que de novo fazião as suas embarcações para desaferrar o porto. Elles nos certificárão que o seu general ia sahir com 24 baixeis e algumas barcaças; mas que não havia transpirado o ponto a que se dirigia.

Com tal noticia começou a dar outra vez cuidado a Parahyba, enviando-se logo aviso ao governador para que estivesse prevenido. Não é facil de conjecturar o desvelo e grande trabalho que nos davão estas viagens do inimigo; só quem os padeceu poderá aprecia-los como realmente era; porquanto era muito possivel que o alvo de seu intento fosse para o sul, como o cabo de Santo Agostinho, o rio Serinhaem, o Formoso, a Barra-Grande, Porto-Calvo, Laguna, e outros logares que nós não podiamos acautelar, por estarmos applicados á segurança do norte, como Itamaracá, Parahyba, Rio-Grande, cujo soccorro tão dividido ficava sendo quasi nullo, e o Real e outros pontos sem defensa, em razão da gente que se lhes tirava para enviar a outros logares. Na verdade, quem pesar este montão de inconvenientes na balança da experiencia (e será temeridade julga-los de outra maneira) decidirá que não só se fazia muito no que se effectuava, mas ainda no que se desejava fazer.

Todas as vezes que se enviava esta gente de soccorro, sempre voltava com diminuição, não só por morrerem nas batalhas, como estropeados do caminho, ou fatigados de tão repetidas viagens pelos incommodos que sof-

frem naquellas mattas, e outros que se extraviavão, esquecendo o desempenho de suas obrigações, e não volvião.

Tudo alfim concorria para a minoração dos nossos recursos, sem que pudessemos refazê-los, como acontecia ao inimigo, a quem todos os mezes chegavão de soccorro duas e tres náos carregadas de mantimentos e munições, além de 50 e 100 soldados cada uma, para substituir nas suas companhias os mortos, os feridos e os estropeados. Estes soccorros lhe chegavão intactos ao porto do Recife, sem receio de achar naquella costa navios nossos que os estorvassem, como as nossas caravellas encontravão os seus, até nos mal seguros portos que tomavão.

Fevereiro 24. — A 24 de fevereiro sahiu o general Theodoro do Recife com 24 náos, algumas barcaças e 1,500 soldados, com os quaes foi dar fundo na barra da ilha de Itamaracá, onde tinhão seu forte; pelo que julgou-se que ali, ou mais ao norte, na Parahyba, desembarcaria sua gente. Mandou o nosso general algum soccorro, além das quatro companhias castelhanas que lá estavão, e do major Serrano; mas soube-se depois que nem a uma nem a outra parte o inimigo foi; porque, sahindo de noite, amanheceu a 28 do mesmo mez sobre o cabo de Santo Agostinho, junto á calheta que está ao norte da ponta, e da barra daquelle porto um tiro de mosquete.

O nosso general tinha ali Bento Maciel Parente, com 60 homens, e os capitães Nuno de Mello e Albuquerque e Rodrigo Fernandes: e desejando postar lá mais gente para assegurar aquelle porto, era tão pouca a que havia para defender os outros, que tinhamos tão perto do inimigo, que não restava com que poder remediar.

Com a certeza de que a armada inimiga estava sobre o cabo, quiz logo o general soccorrê-lo. Para fazê-lo com a gente do Real, impedia-lhe uma grande inundação dos rios. que sobreveiu no mesmo dia, com que se perdêrão muitas casas dos vivandeiros que estavão nas suas margens: sem embargo deste entrave, mandou-se alguma gente em jangadas e n'uma lancha. Emquanto isto se dilatava, enviou-se ordem a Francisco Gomes de Mello, que tinha a seu cargo, como já se disse, o passo dos Afogados, por estar uma legua menos, e em logar onde a enchente não impedia o transito, para que logo despachasse a mais gente que pudesse em soccorro do Cabo, visto que, estando o rio soberbo assim, não dava passagem ao inimigo para vir acommetter o seu posto. Toda a gente que pôde tirar delle erão pouco mais de cem homens; com elles, e com 60 que estavão no Cabo, se pretendia resist r a 1,500 inimigos, além da sua gente de mar e das embarcações! E o peior, o que nunca se pôde remediar, foi que por espaço de seis annos tivessemos de bater-nos sempre com tamanha desigualdade.

O nosso general não ordenou a Francisco Gomes de Mello que fosse com este soccorro, pela razão de que, como elle tinha occupado já o logar de governador do Rio Grande, não se suscitassem questões de preferencia com Bento Maciel, que em occasiões semelhantes são tão prejudiciaes. Porém o Mello, como não se lhe prohibia que fosse, deixando as providencias que lhe parecêrão necessarias, não só enviou a gente, como acompanhou-a, participando ao general que ia com muito gosto a ser soldado de Maciel naquella occasião; porque em casos taes sómente o serviço de el-rei devia preceder a tudo. Julguei dever commemorar esta acção imitada por poucos, mas cuja omissão tem causado damnos irreparaveis, do que ha muitos exemplos.

O general inimigo trabalhou quanto pôde para deitar a gente em terra naquella mesma manhã, levando-a em barcaças e chégando ás náos, para que debaixo de sua artilharia o effectuassem melhor; levando em cada uma das barcaças duas peças de quatro libras. Todos se encaminhárão á calheta onde os nossos poucos estavão para defendê-la, e muitos lhes deverião parecer: porque, acommettendo-nos por tres vezes, em todas forão repellidos, com o que não puderão conseguir o fim a que se dirigião; mas conseguirão os nossos o seu com grande valor, bem que ajudados do logar em que se defendião, por ser coberto de trincheiras, e haver duas peças em cada um dos dous reductos, que ali tinha deixado o conde de . agnuolo quando esteve naquella paragem, como fica dito. E assim, além de não poder o inimigo botar a gente em terra, fizemos-lhe deitar muita ao mar, perdendo mais de 80 homens, que nos custárão um só, o qual foi Gregorio de Freitas, morador da povoação de Santo Antonio do Cabo, a duas leguas daquelle ponto pela terra a dentro; feridos tivemos dous.

Com tão adversa fortuna voltou o inimigo

ao Recife, sem que tambem desta vez emendasse o máo successo do seu coronel na Parahyba; ou, para melhor dizer, o seu mesmo no Rio Grande.

Por este tempo, nos ultimos de fevereiro, enviou o inimigo uma náo e um patacho ao Ceará, que jaz entre o Maranhão e o proprio Rio Grande, como já fica dito.

Quando em 1625 se dirigia á Bahia de Todos-os-Santos em soccorro dos seus, sabendo que aquella terra estava já por nós restaurada, voltou e foi fazer aguada na Bahia da Traição, sete leguas ao norte da Parahyba. Havia perto dali algumas aldêas de indios, dos quaes muitos (por sua volubilidade, e por gostarem da novidade) se introduzirão com o inimigo, que levou alguns á Hollanda, afim de ensinar-lhes sua lingua, para depois se servir delles. Trazião agora seis, os quaes mandárão ao Ceará, para, por meio da persuação, angariarem os muitos que ali ha; entendendo que se os tivesse de sua parte, poderia lograr melhor os campos, e fazer-nos a guerra mais terrivel.

Esta náo e o patacho chegárão ao Ceará, e deitárão em terra quatro dos seis indios; o que sabendo Domingos da Veiga Cabral, que governava a praça, e procurando havê-los ás mãos, prendeu dous, que logo mandou enforcar, para exemplo dos outros, e premiou os fieis que lh'o havião descoberto. Ainda que o inimigo não pôde desta vez conseguir o seu intento, voltando com sua náo e patacho, pôde tanto uma pequena e má semente, e foi obrando de modo, que adiante se verá qual o fructo que veiu a dar dahi a cinco annos.

Com a perda que a inundação do rio causou nas casas dos vivandeiros, e outros que as tinhão junto ao Real, mudárão-se para o centro, onde o terreno é menos baixo, e por isso menos humido; fazendo-se-lhes um reducto com duas peças de ferro de quatro libras, para mais segurança das casas e do quartel.

Março 5. — Conforme uma ordem que havia de el-rei para que o conde de Bagnuolo fosse á Parahyba a reconhecer algum ponto apropriado para se fazer um forte real com que aquella praça ficasse mais defendida, cuja planta enviaria, partiu levando comsigo o engenheiro João del Olmo e o capitão de artilharia André Marinho, que depois foi mestre-de-campo pelo bem que entendia de fortificações: na Parahyba estava outro capitão engenheiro, Diogo Paez, que o general para lá tinha enviado. Sem embargo de tantas prevenções e pessoas praticas com que o conde de Bagnuolo fez a viagem, não teve effeito o projecto do forte, como depois veiu a ter.

Como o inimigo tinha feito prôa ao cabo de S. Agostinho, ficou dando mais cuidado sua defesa, e mesmo porque não tinhamos outro porto mais perto que aquelle.

Tudo obrigou Bagnuolo a ir fortifica-lo a 18 de março, levando seu terço dos 300 Napolitanos que tinha. Logo que chegou, começou a fazer um forte prolongado com quatro baluartes, incluindo nelle uma ermida que ali havia de Nossa Senhora de Nazareth, e que foi sómente o que o forte teve de bom; porque fazendo-se sobre o peior terreno, durou muito a obra, e nunca pôde ficar firme por ser tudo arêa; nem a sua posição era onde melhor pudesse defender a entrada da barra, nem o pontal, onde havia uma povoação dos homens do mar, por ser ali o ancoradouro de seus navios, e onde carregavão os assucares dos moradores. Havendo logar a proposito para defender todas estas partes, deixou-se de levantar o forte nelle. Tanto se enganão os mortaes, ainda com aquellas prevenções e pessoas entendidas!

Tinha o inimigo vinte náos promptas a seguir para as Indias, onde sabia que outras suas as estavão esperando. Tendo o general Mathias noticia disto, e dando-lhe justo cuidado, despachou á pressa aviso por Parahyba, sendo portador o capitão de mar Alberto Perez, que o fôra da tartana da armada de D. Antonio de Oquendo, e havia entrado no cabo de Santo Agostinho, como acima se disse. A ordem que levava era de ir avisando a todos os postos das Indias, que pudesse aferrar, de que aquella armada se dirigia lá afim de que estivessem com todo o cuidado e precaução. Levava particularmente carta para o governador de Carthagena, em que o scientificava de tudo, para melhor segurança dos galeões e do mais. Ainda que o inimigo partiu do Recife a 10 de abril, e Alberto Perez da Parahyba quatro dias depois, na caravella do mestre Thomé Perez, chegou muito primeiro, e foi dando os avisos por onde pôde, tanto a tempo, até Carthagena, que não pôde o inimigo conseguir cousa alguma dos seus designios. Havendo-se el-rei por mui bem servido deste

cuidado e diligencia, com que preveniu as Indias, lh'o significou por escripto, agradecendo-lhe muito, em carta de 20 de junho de 1632.

Abril 20. — Em 20 de abril se introduziu com o inimigo um mulato chamado Domingos Fernandes Calabar, natural da parochia do Porto-Calvo, em Pernambuco, onde tinha ainda mãi e alguns parentes. Assistiu e serviu ao principio desta guerra: e quando o inimigo, a 14 de março de 1630, atacou o Real, que então se começava a fortificar, foi ferido de um mosquetaço. Podendo isto accrescentar-lhe o odio contra aquella gente, antes o desvaneceu, e a procurou, que tal era sua damnada intenção, tendo elle muito valor e astucia, e sendo o mais pratico em toda aquella costa e em terra que o inimigo podia desejar.

Como o nosso general lhe conhecia o talento, sentiu muito esta fuga, não só pelo mal que dahi receiava (como iremos vendo), mas pelo caminho que abria para outros, como elle (que não faltavão), fazerem o mesmo. O que admira é que havendo mais de dous annos que o inimigo estava fortificado e fazendo-nos a guerra que se ha visto, apezar dos incommodos, perdas e trabalhos que nos acarretára, foi este mulato o primeiro que se passou para o adversario.

Muito estimou elle a presença do novo companheiro; e elle, procurando merecer, persuadiu-o a que fizesse uma entrada por terra, facilitando-a, e assegurando grande saque nella. Obrigado pelo interesse, annuiu o inimigo, e tratárão da execução, sahindo o general Theodoro da povoação do Recife ao anoitecer de 30 de abril com 1,500 homens, guiados pelo dito Calabar, para a villa de Iguarassú, cinco ou seis leguas ao norte do Real, perto da ilha de Itamaracá. Enviárão na mesma noite todas as barcaças e lanchas ao forte, que tinhão na barra daquella ilha (como já se disse) que bastassem para recolher ali a sua gente da expedição, esperando-a para isto na mesma barra onde o general se havia de dirigir, depois de saqueada Iguarassú. Como levou tão bom guia, não forão sentidos no caminho que seguirão, que foi pela fazenda de Antonio Mendes de Azevedo. Por parecer-lhes distantes, fizerão alto, por pouco tempo, no engenho de Ayama que era de André Coelho de Faria, pelo que não puderão chegar antes das 7 para as 8 horas da manhã. Antevendo o general Mathias, na mesma noite do ultimo de abril, que o inimigo pretendia fazer uma excursão por terra, sem penetrar para onde seria, empregou-se em prevenir os logares de que mais se receiava, avisando-os de que estivessem advertidos, e com cuidado. Para a villa de Iguarassú foi portador deste aviso um soldado dos do capitão Manoel Tavares, o qual, partindo a horas de poder chegar lá muito antes do inimigo, como tinha sua casa e mulher no mesmo caminho, demorou-se ali mais do que devêra, do que resultou chegar depois, e não dar conta da missão que levava. Tão grande culpa o nosso general castigou unicamente com prisão; e ordenou ao capitão D. Fernando de la Riba Aguero, que governava as quatro companhias castelhanas, que marchasse com 80 homens para a mesma banda de Iguarassú, sem saber ainda se a direcção do inimigo era essa. Tendo porém a certeza (logo depois que D. Fernando partiu), enviou mais o capitão Paulo de Parada, e outras companhias de soccorro.

Chegando o general Theodoro ás horas que já notámos, começou a saquear a villa com muita facilidade, e degollou ali trinta pessoas, postadas alas de soldados pela parte exterior das casas, para que ninguem subtrahisse ao roubo qualquer cousa, e assim o fizerão, recolhendo todas as mulheres á igreja da Misericordia, onde as deixavão com a só camisa no corpo. Desta igreja e da matriz levárão a prata e os vasos sagrados que achárão, tendo alguns clerigos que mais promptos occorrêrão, consumido o Santissimo Sacramento. No convento que ali havia de descalços franciscanos amarrárão-os todos, conduzindo-os para a villa, que era um pouco distante, e depois os lançárão na villa de Itamaracá, levando comsigo só um chamado Fr. Boaventura, que dahi a alguns dias largárão na ilha Terceira.

Acabado o saque, foi-se o inimigo recolhendo para a barra do rio que separa aquella villa da ilha de Itamaracá (que distará uma legua), para entrar nas barcaças e lanchas que ahi tinhão. O capitão D. Fernando de la Riba Aguero, bem que o inimigo o precedesse muito, acelerou tanto a marcha que pôde alcança-lo, e pelejar com elle quando já se embarcava; o que fez com grande confusão, suppondo maior a nossa força, e depois de perderem cincoenta homens que matámos.

Esta entrada que o inimigo effectuou, persuadido é guiado por Calabar, foi sentida não só por ser a primeira, mas tambem porque facilitaria outras a que o instigaria sua natural cobiça, pelo interesse dos roubos, e porque se irião fazendo senhores do campo; e se por esta causa os moradores o desamparassem, abandonando (como alguns começavão a fazer) suas casas, para se internarem nas mais espessas florestas, por fugir á tyrannia do inimigo, ficavamos privados dos grandes serviços que prestavão, morando perto, com seus carros, pretos e cavallos, para ajudarem a comboyar para o Real todo o necessario, e para plantar as roças e mais mantimentos, como arroz e legumes.

Não deixava comtudo de ter grandes inconvenientes o viverem elles em partes tão expostas a serem saqueadas, de que para se isentarem e assegurarem-se poderião salvaguardas e passaportes aos inimigos (com o que já o ficavão tambem sendo nossos, e com a pessima circumstancia de serem dissimulados) para com elles commerciarem; cousa que tanto procurou sempre evitar o general Mathias, entendendo que se tal cousa acontecesse, não lhe era possivel de cousa alguma conservar o campo nem sustentar a guerra, com o que um e outro se perderião. Todo este cuidado deu a primeira entrada do inimigo. Pugnar com tantas impossibilidades, e procurar vencê-las, é mais digno de ser ponderado nesta guerra, de que o fazê-la com forças tão desiguaes; e se as do animo não fossem tão poderosas, mal se podia resistir com as outras por tantos annos.

Deu-se logo conta disto a el-rei, representando-lhe o general o muito que convinha ao seu real serviço não dar tanto tempo ao inimigo; porquanto se em mais de dous annos não fez outra entrada senão esta, e se em todo este tempo não tinha passado ao inimigo outra pessoa mais que Domingos Fernannandes Calabar, que foi quem lhe facilitára aquella excursão, podia bem receiar-se que com a diuturnidade creasse taes raizes no Brasil, que depois se tornasse difficil o corta-las; com o que, os que até então servião com a fidelidade que se via, poderião fraquear com o effeito das perdas que a delação causava, e olvidar a razão que os devia obrigar a soffrê-las.

Mas já que houve occasião de fallar no que se podia temer, que o tempo originasse, a respeito dos moradores, é justo notar logo aqui os muitos que assistião, servião e cumprião com suas obrigações: Francisco Monteiro Bezerra, que tinha sido capitão de milicias da parochia da Varzea, em cujo cargo estava actualmente seu filho mais velho do mesmo nome, tendo cinco, todos servião, morrendo alguns delles, sendo feridos outros. Igualmente cinco irmãos, primos daquelles, e filhos de Maria Barroso, viuva nobre e de seu marido já defunto, Francisco de Barros Rego, sendo um delles enforcado pelo inimigo, e outros feridos, como adiante se verá. O capitão Gregorio Lopes de Abreu, com cinco irmãos, dos quaes um era tambem capitão da parochia de Moribeca, chamado Miguel de Abreu Soares. O capitão de Serinhaem, Matheus Gomes de Lemos e Albuquerque, com quatro irmãos mais, filhos de D. Beatriz de Albuquerque, viuva de Paulo Gomes de Lemos O capitão João de Amorim com outros quatro irmãos. O capitão Domingos Dias Bezerra com tres. Os cinco irmãos Viannas, todos mortos pelo inimigo. Cinco filhos e um genro de Gonçalo Velho e Maria de Souza, sua mulher, servirão sempre optimamente, morrendo tres e o genro. Tambem de treze irmãos, chamados os Baptistas, veremos organisada uma companhia de emboscadas, de que foi capitão Manoel Baptista, que era o mais velho. Deixo de nomear outros muitos, por não dilatar-me mais, bem que o devo ao seu valor; e se me culparem de ser mais minucioso nisto do que em outras cousas, responderia que a isto teem direito os naturaes e moradores de Pernambuco; e se de muitos o não faço agora, não é por esquecer sua fiel e valorosa constancia, mas sim por fazê-lo em outras occasiões, desejando sempre que penna melhor aparada torne a si louva-los todos.

As náos que o inimigo trazia divididas por toda aquella costa, ou nos tomavão os vasos que nos vinhão de soccorro, ou os fazião naufragar; e assim, de qualquer das fórmas os perdiamos. Com isto nos fazião a guerra mais sensivel, porque, como tinhão o mar por seu, e em terra numero de gente tão superior ao nosso, era-lhe facil quanto emprehendião: verdade é que não julgavão elles assim, pelo muito que lhe fariamos custar tudo

Junho 18. — A 18 de junho sahiu o inimigo ás salinas com 800 homens. Tocando alarma as nossas sentinellas, corrêrão lá todos, e na escaramuça se empenhárão mais os capitães Lucas Vieira Ferreto e Antonio Gomes. Sahiu-lhes uma columna de cem homens pela retaguarda; e como o campo é tão

coberto de arvores, facilitou-lhes a manobra, e assim prendêrão-os, perdendo nós com isto mui bons companheiros d'armas. O inimigo teve a sorte de sahir nesse dia com menos perda.

Havia elle tomado uma caravella das que nos vierão de soccorro, e tinha-a junto á Barreta dos Afogados, para dentro do Recife, e debaixo da artilharia do forte das Cacimbas e de Taborda: o general Mathias decidiu tirar da vista aquelle vaso posto ali acintemente, e ordenou em uma noite que fossem queima-la o capitão Manoel Ribeiro Corrêa, o alferes Pedro Escosutiren, o gentilhomem de artilharia Francisco Peres de Souto, o condestavel della Jorge Fonseca Pimentel, o cabo de esquadra Manoel Barrocas, Manoel Duarte e outros, até vinte, por ter sabido que só sete homens dormião ali. Na madrugada de 21, para mais commodidade, forão á ilha que chamão do Cheira-dinheiro, ao sul da de Santo Antonio um tiro de canhão; e por ficar mais perto da caravella, se embarcárão em jangadas, uma hora antes de amanhecer; e ainda que foi sentida a sua chegada, puderão os de dentro fazer pouca resistencia, e forão degollados cinco, escapando-se os dous a favor da escuridão, deitando-se n'agua, por onde tomárão a ilha de Santo Antonio. Derão os nossos fogo á caravella, que foi progressivamente queimando-se; e como já amanhecia, e os inimigos se approximavão para soccorrê-la, pareceu ao capitão e aos companheiros que estava cumprida a diligencia, e recolhêrão-se. Porém o inimigo acudiu a tempo de aproveitar para lenha alguma parte.

Nesta mesma hora, de madrugada, sahiu o general inimigo do seu forte da ponta da Asseca, com mil homens, e deu na estancia de Nossa Senhora da Victoria, que estava a cargo do capitão Martim Soares; e como foi a tal hora, não faltou da nossa parte somno e confusão; mas começando-se a tomar as armas, e tocando-se a rebate nos outros postos, de todos forão acudindo, como fez tambem o general e seu irmão Duarte de Albuquerque, vindo do Real tanto a tempo, que não a perdemos, perdendo o inimigo as esperanças do bom successo, até que por fim voltou as costas, ainda com mais confusão (logo veremos a causa) do que fôra a dos nossos quando nos assaltárão. Fomos perseguindo-o até debaixo da artilharia do seu proprio forte, d'onde tinhão sahido, e por onde agora entravão com tanta pressa, deixando 82 mortos e muitas armas não só destes como dos vivos que as largavão para aligeirar-se mais; tambem levárão muitos feridos. Dos nossos morrêrão 5, e tivemos 12 feridos, sendo um destes Francisco da Motta, que em quanto serviu recebeu nove mosquetaços. Era da ilha de S. Miguel. O inimigo, logo que deu no acampamento de Martim Soares, queimou muitas de suas barracas, as quaes por serem de palha, e estarem seccas, facilmente se prendeu o fogo.

Quando o general Theodoro começava a incendiar nosso aquartelamento, e nós a tocar a rebate, acontecia o mesmo entre os seus que lhe matámos na caravella a que tocámos fogo; e por ser na mesma hora e tempo, julgou elle que entravamos em algum forte, ou que apparecêra algum incidente de maior circumstancia: foi isto que o obrigou a retirar-se com tanta pressa e receio.

Com estes successos ou temeridades, como alguns appellidavão, fomos mantendo a guerra e a reputação pelos annos que nos foi possivel, bem que os desaffectos ao bom procedimento julgavão frequentemente com a leviandade que costumão, que nosso comportamento, longe de merecer louvores, era condemnavel; como se as occasiões em que nos achámos necessitassem de seu valor, que nunca vimos, mais do que para censurarem no centro das commodidades de suas casas (que alguns gozavão com augmentos bem mal merecidos), dos que, no meio de tantos perigos, se mostravão com o peito descoberto ás balas do inimigo, que não continhão tanto veneno como as suas, ainda que para resistir a estas sempre bastou a verdade.

Julho 13.—A 13 de julho quiz o inimigo fazer fachina nas salinas; sendo sentido, foi estorva-lo o capitão Luiz Barbalho com os capitães João de Amorim, Domingos Dias Bezerra, Domingos Corrêa e Francisco Rebello. No meio da escaramuça chegou com reforço o general Mathias e seu irmão Duarte de Albuquerque; com o que, tomando a peleja mais vigor, foi o inimigo obrigado a retirar-se com muitos mortos e feridos. Da nossa parte ficou sómente ferido o capitão Rebello, e era a segunda vez.

Agosto 4.—Na noite de 4 de agosto sahiu o inimigo da povoação do Recife pela lingua de arêa, em direcção á villa de Olinda, a aproveitar-se das laranjas, limões, limas, e outras frutas que ainda abundavão, e do

que necessitavão na ilha de Santo Antonio; e para poder gozar do pouco que disto cabia a cada soldado, os expunha muitas vezes ao risco, como desta aconteceu. Esta expedição não foi occulta ao nosso general, que fez espera-lo na trincheira que tinhamos no Buraco de Santiago, onde se estreita mais o rio Biberibe, que divide a lingua de arêa, por onde havião de voltar, e em que tantas vezes, bem á sua custa, tinhão experimentado o damno recebido da nossa mão. Agora porém talhárão a viagem de modo que quando regressassem estivesse a maré cheia, para que não pudessemos passar o rio, e causar-lhes perda maior do que a que recebião da trincheira não poucas vezes; porquanto della os alcançavão mui bem os nossos mosquetes, e até os arcabuzes, como logo o sentirão, quando, ao passarem, os fomos descarregando, e não debalde, pois lhe matámos mais de 24 homens, sendo entre elles um tenente de companhia; cargo usado entre elles, e na verdade importante. Ferirão-nos tres homens, dos que menos se cobrirão com a trincheira.

Setembro 12. — A 12 de setembro volveu o inimigo á mesma villa, por ter mais fruta, e nós ás trincheiras, para dar-lhe a de nossos mosquetes, e a muitos que a provárão devia parecer mais verde, porque tambem desta vez perdêrão gente.

Mui sensivel nos era que o inimigo aproveitasse estes refrescos de fruta, ainda mesmo com tanto risco seu, que buscando-a como nas arvores da vida, lhe custava a morte; mas como a gente que tinhamos era tão diminuta para um só posto, mal se poderia repartir pelos muitos que havia, e menos para destacar na villa, e privar o inimigo daquella acquisição, sendo a localidade tal que elle mesmo a desprezou, tendo tantas forças para conserva-la.

Setembro 15 — Desejando o nosso general evitar isto, não achou outro meio senão o de ir, no dia 15, á villa, com toda a gente que pôde, e os pretos dos moradores mais vizinhos, com marracos e machados, para derrubar todas as arvores fructiferas. Executou-se com grande sentimento do inimigo, que, apezar de tanto custo, apreciava muito aquelle regalo.

Outubro 19. — Em 19 de outubro armou-nos o inimigo uma emboscada na Tacoarana, que era entre o Buraco de Santiago e as Salinas, com 400 homens: foi a primeira que nos fez, porque já o tempo o ensinava a imitar o nosso modo de fazer-lhe a guerra até então, aprendendo tanto á sua custa, que se tornárão mui bons mestres, como depois o experimentámos. Desta vez nos ferirão o capitão Estevão de Tavora, com um arcabuzaço, em um braço. Este, e os mais feridos e enfermos que houve depois da chegada de Duarte de Albuquerque, todos forão tratados a expensas deste, com o regalo possivel, já que não havia quanto desejava e elles merecião; e com isto, que já tinhão por infallivel, não se animavão menos nas occasiões que se offerecião, e não se olvidárão por certo muitos capitães que ali se achárão e hoje vivem.

Novembro. 12. — Aos 12 de novembro sahiu o inimigo com o intento de fazer fachina nas salinas; mas como sempre era sentido dos nossos, poucas vezes levava sem deixar em troca alguns mortos: desta vez deixou dez, e feriu-nos um homem.

O pardo Domingos Fernandes Calabar não estava ocioso no serviço do inimigo; porque cada dia lhe persuadia novas excursões, já por terra, já por mar. Facilitava-lh'o mais com o interesse do que com a reputação; porque com tal gente isto obriga menos, e aquillo mais: e de quasi todas as sortidas que effectuárão, nas quaes nos derão gravissimos prejuizos, foi Calabar o motor principal.

Novembro 20. —No dia 20 largárão 12 navios e algumas barcaças para deitar a gente (serião 500 soldados e 100 marinheiros) entre os rios Serinhaem e Formoso, quinze leguas ao sul do porto do Recife; e como não houve quem lhes obstasse o desembarque, facilmente o executárão. Forão marchando mais de uma legua até o engenho de assucar de Romão Perez, a uma milha da villa Formosa; e depois de o saquearem, queimárão-o. Os moradores della vendo-o tão perto, e tão impensadamente, não tiverão em sua confusão logar para mais do que pôr em recato suas mulheres e filhos; pelo que o capitão das milicias, Matheus Gomes de Lemos e Albuquerque achou-se com mui poucos que o acompanhassem. Porém assim mesmo foi em busca do inimigo, que, julgando se teria reunido maior numero de gente do que verdadeiramente levava (erão 60 homens), ia-se já retirando. Algumas cargas se lhe derão, mas emfim se embarcou com pouca perda.

Quando o nosso general soube onde tinha o inimigo desembarcado, enviou sem

demora o sargento-mór Mucio Oriola com 200 de seus Napolitanos para soccorrer aquella parte que lhe ficava mais proxima ao cabo de Santo Agostinho. Não havia feito ainda duas leguas de caminho, e já o inimigo voltava ao Recife; e como ia por mar, fazia o com tanta rapidez e facilidade, quanto a nós se difficultava tudo; porque quando nos chegava a noticia destas entradas, já estavão effectuadas, sempre com grande damno dos moradores, tanto pelos roubos como pelas mortes; e assim cada dia se formavão mais impossibilidades de poder acudir com suas fazendas e pessoas nos apertos eventuaes.

Mal tinha chegado o inimigo, e já Calabar o persuadia a que volvesse ao rio Formoso, por saber que havião entrado neste algumas embarcações nossas com soccorro; e como não demorárão em fazer esta segunda viagem, chegárão a elle, e queimárão duas caravellas, ainda que já quasi descarregadas. Não é crivel o sentimento que tinhamos por estas entradas, por não só atemorisarem os da terra, como á gente do mar, para não voltar com as suas embarcações a buscar aquella costa, visto que não havia nella porto que seguro fosse; o que era outra guerra que se nos fazião os amigos, para que nesta se vissem reunidos todos os motivos que augmentavão a descommodidade della: porquanto, se nos fossem faltando as embarcações com soccorros, mal se poderia conservar o Real nem os outros postos, e menos defender os campos.

E assim bem considerados os multiplicados inconvenientes que contrastavamos, se verá que erão sempre mais que os meios de remedia-los, pois estes ião cada dia escasseando, e aquelles progredindo. E se alguns o experimentárão, e que o tenhão julgado (o que póde acontecer) como se não houvessem visto e soffrido, ainda isto é mais toleravel do que querê-lo fazer sem tê-lo experimentado.

Queimadas as duas caravellas, mandou-se levantar no rio Formoso uma bateria ou pequeno reducto com duas peças sómente de 4 e 6 libras de bala; mas isto sem que houvesse a gente conveniente para a defesa, e nem para proteger as embarcações que entrassem a abrigar-se com o reducto. E se em todos os rios e portos daquella costa, onde ellas vinhão dar, se houvesse de fazer defensa para assegura-las, muitos mil homens erão poucos, quanto mais os poucos que tinhamos. Este reducto, ainda que se acabou, nunca ficou capaz; assim mesmo poz-se a cargo de Pedro de Albuquerque, que havia sido capitão das milicias da parochia de villa Formosa, de que agora era Matheus Gomes de Lemos, como fica dito. Derão ao Albuquerque vinte homens, sendo um delles artilheiro; e com escassa guarnição entrou no reducto, por não ser possivel dar-se-lhe mais.

Novembro 28.—Em 28 de novembro foi a segunda emboscada que nos fez o inimigo na ponte que sobre o rio Biberibe dava passagem para a villa. Colheu-nos os capitães Francisco Rebello e Francisco Vianna, a este com um arcabuzaço, de que morreu depois entre elles: este era o quarto que morria dos cinco irmãos. Prendêrão o Rebello, com cujas faltas, assim como dos outros dous capitães Antonio Gomes e Lucas Vieira Ferrete, que havião já aprisionado, como fica dito, dava mais cuidado a guarda dos postos, vendo como ia o inimigo mudando a fórma de fazer a guerra, mui differente daquella que até então seguia.

Para mais segurança do posto de Luiz Barbalho (que era aberto como os outros), pareceu conveniente cerra-lo, cómo um reducto, na parte mais apropriada, por estar entre o de Martim Soares e a villa, e junto ás salinas e á trincheira que tinhamos no Buraco de Santigo e do forte do inimigo na parte da Asseca, sendo a todos os respeitos necessario tê-lo com mais cuidado e segurança, fazendo-se-lhe este reducto com fossos, baluartes, estacada e parapeito, guarnecendo-o com peças de seis libras, dous artilheiros, e o capitão Barbalho, com a gente e companheiros que lhe assistião.

Volvamos á ilha de Itamaracá: o que agora se offerece dizer é que o governador della, Salvador Pinheiro e outras pessoas, persuadirão o general Mathias a que enviasse algumas peças de bronze com seu trem para bater o forte que o inimigo tinha na barra, de um posto mais abaixo da villa da Conceição, por estar muito a cavalleiro delle, e muito a proposito para fazer-lhe grande damno. Antes que o general resolvesse fazer o que lhe propunhão, mandou examinar o posto que lhe indicárão, communicando a informação que teve ao conde de Bagnuolo e mais pessoas a quem só ia fazê-lo. A todos pareceu que fosse tentada a bateria, cujo resultado poderia ser bom; e assim se decidiu que seguisse o conde de Bagnuolo com 230 ho-

mens, levando tres peças, duas de 16 e uma de 20 libras de bala, deixando a seu arbitrio o logar em que melhor as collocasse, e assim tudo o mais.

Dezembro 1. — Partiu o conde no 1° de dezembro, tendo com antecedencia enviado as peças com o gentilhomem de artilharia Francisco Peres do Souto. Chegando Bagnuolo, e reconhecendo logo o posto, achou-o um pouco longe para bater o forte do inimigo, e que só poderia servir para deitar-lhe dentro algumas balas, para fazer damno á gente que estivesse em sua guarda; e para isto sómente se fez um reducto e uma esplanada, e o mais que convinha. A 4 de dezembro começou a nossa artilharia a atirar com o effeito que se previra, por ser muita a distancia, e ainda assim se lhe matou e feriu alguma gente.

Dezembro 4. — No mesmo dia sahiu de seu forte o inimigo para fazer fachina, afim de prevenir-se della para o que fosse necessario á sua defesa, julgando que não só continnariamos a nossa bateria, mas tambem que poderiamos ir-nos approximando para sitia-lo. Bagnuolo enviou a estorvar a fachina 80 homens, com o capitão D. Fernando de la Riba Aguero, um dos que tinhão ido com elle; escaramuçando-se duas horas; e havendo alguns feridos de ambas as partes, retirou-se o inimigo sem que levasse a fachina.

Dezembro 6. — Sabendo-se no Recife o occorrido na ilha de Itamaracá e em seu forte, resolveu o general Theodoro ir soccorrê-lo; e assim o fez partindo no dia 6 em oito barcaças que levavão 500 soldados e o mais que julgou necessario. Chegou ao pôr-se do sol, e esteve a ponto de ser esta a ultima vez que o via; porque estando-se brindando com o capitão do forte e outras pessoas, deu uma bala nossa entre elles, sem fazer-lhes mais damno que o sobresalto.

Dezembro 8.—No dia 8 voltou o inimigo á fachina, e nós a estorvar-lh'a, o que conseguimos Porém vendo o conde de Bagnuolo o pouco effeito da bateria e a muita polvora que se gastava, ficando a Hespanha, donde ella vinha, tão distante, pareceu-lhe melhor retirar a artilharia, dando conta de tudo ao general, o qual lhe ordenou que voltasse ao Real com as peças e gente que tinha levado

Grande cuidado deu ao inimigo o saber que se faria aquelle reducto no posto de Luiz Barbalho, julgando que não só era para melhor seguridade, como para outro intento que elle mais receiava; e vinha a ser — pensar que, como tinhamos aviso de Hespanha, de virem nossas armadas restaurar o que estava em seu poder, por isso começavamos a fortificar aquelle posto para ser o principal quartel, por ficar mais a proposito e mais perto que qualquer outro, para podermos emprehender o assedio de seus fortes e da povoação do Recife. Assim discorria com estas presumpções; e dando-lhe ellas cuidado, veiu a 10 de dezembro reconhecer o reducto; e como da nossa parte não estavamos em descuido, fizemos que se arrepender da sua curiosidade, que lhe custou não pouco sangue.

Dezembro 11.—Entendendo nosso general que o inimigo voltaria, mandou por oito noites e oito dias armar emboscadas da banda de fóra do reducto, e em logares que, se elle acommettesse, se lhe pudesse dar pelas costas; mas foi tão grande sua sorte, que não sahiu em nenhum destes dias todos. Depois a fez na madrugada de 21 com 800 soldados escolhidos, que em breve lhe parecêrão poucos, tendo Luiz Barbalho só 150: mas como pelejavão cobertos, ficavão tendo esta vantagem, não deixando o inimigo de atacar com toda a resolução e valor. Todavia, vendo que ia perdendo gente, e que o poderião cortar do posto de Martim Soares, e sobreviria o general Mathias de Albuquerque e seu irmão com soccorro, segundo costumavão, pareceu-lhe (por este receio, e por ver que não entrava no reducto com a facilidade que imaginára) conveniente retirar-se. Assim o fizerão, durando isto pouco mais de uma hora, em que Luiz Barbalho e os capitães Domingos Corrêa, Domingos Dias Bezerra, Estevão Alvares, Estevão de Tavora e Antonio André cumprirão mui bem suas obrigações naquella defesa, em que fizemos perder ao inimigo mais de 50 homens, ferindo-nos elle sómente tres.

Por estes dias forão para Hespanha com licença os capitães Antonio de Araujo e Mogueimes, Paulo de Parada, D. Francisco Coutinho e D. João de Orellano. Sua companhia deu-se a André Marinho, com retenção da jurisdicção da artilharia que estava a seu cargo A de Antonio de Araujo deu-se a Balthazar Leitão da Silveira; a de Paulo de Parada a João Babilon de Souza; e a de D. Francisco Coutinho a Manoel Freire de Andrada.

O capitão Antonio de Figueirodo e Vas-

concellos, vendo as occasiões de peleja que continuamente havia em Pernambuco, e desejando achar-se nellas, veiu da Parahyba sem a sua companhia. Logo o general lhe deu a que deixava Antonio de Madureira Trigo, que passava a servir de sargento-mór na mesma Parahyba ; e a que o Figueiredo tinha deixado foi provida em D. Gaspar de Valcazar, que havia sido alferes do capitão Madureira.

Os da Bolsa e companhia Occidental, bem que tivessem na povoação do Recife algumas pessoas que como substitutas os representavão, ainda que não era com todo o poder e autoridade para quando lhes conviesse, nem para as resoluções de mais consequencia, e vendo que a guerra se prolongava além do que tinhão previsto, com muitas despezas, e até ali nenhum proveito, decidiu que fossem para Pernambuco dous dos principaes da mesma companhia, a saber : Mathias Vancol, representando Amsterdam ; e João Guezelin, representando Middelbourg, cabeça da provincia de Zelandia.

Para effectuar esta viagem foi-lhes preciso accrescentar mais a terça parte dos fundos com que havião installado a Bolsa da companhia Occidental ; pois que a despeza feita com a empreza de Pernambuco era já tão grande, que com o incendio do Recife e privação do saque perdêrão 60 °/₀ do cabedal com que entrárão, como acima referimos ; e este augmento de fundos era-lhes indispensavel para a continuação da guerra, afim de poderem mandar soccorro tal que lhes fizessem esperar da conquista do que lhes faltava á indemnisação e lucros do que tinhão aventurado. Não só não forão estas esperanças que obrigárão os donos da companhia a passar a Pernambuco, como para de mais perto examinarem o que melhor lhes convinha para proseguir em seus intentos; e quando não se desenganarião para poder resolver o que o tempo lhes offerecesse.

Dezembro 23. — Com isto partirão divididos, levando o Vancol 2,000 soldados, e Guezelin 1,000, com abastecimentos e munições. O primeiro chegou ao porto do Recife a 23 de dezembro, e o segundo dali a cinco dias. Sua chegada não foi menos sentida de seu general Theodoro que de nós ; porque se nós sentiamos o augmento do poder do inimigo, elle sentia a diminuição do seu imperio particular.

Com a presença destes dous homens, que não só representavão Amsterdam e Middelbourg, como toda a companhia occidental da qual trarião assaz poderes, pareceu ao general que lhe era menos airoso continuar a servir com elles ; e que se ficasse, os bons successos que alcançasse expondo-se aos perigos se attribuirião a elles, e os máos á culpa sua, como é de costume. Resolveu portanto voltar a Hollanda, cuja viagem effectuou no tempo que adiante veremos.

Com a chegada deste novo soccorro, e das pessoas que o trouxerão, cuja noticia teve logo o general, receiou com bom fundamento que fossem ganhando o campo e tudo o mais que até ali se havia defendido com tanto valor. Avisou logo disto a el-rei e do que se podia temer, vistos os poucos meios que tinha para a opposição ; porque a gente não chegava a 1,200 homens, afóra os indios, que serião 300, dos quaes sómente 100 tinhão armas de fogo ; e com este numero tão diminuto, comparativamente com o do inimigo, se havia de defender o Real, o cabo de Santo Agostinho, a ilha de Itamaracá, a Parahyba e o Rio Grande (logares tão distantes uns dos outros) e ao mesmo tempo guardar os pontos vizinhos do inimigo, e soccorrer os logares onde elle todos os dias fazia entradas por mar ; e que ainda trocadas as forças, tendo nós as do inimigo, e elle as nossas, não erão sufficientes para guarnecer e defender tantos pontos, quanto mais tendo nós o que já vimos, e elle 7,000 infantes, além da gente de mar, e 40 a 50 navios que trazião quasi sempre por aquella costa ; e todo o tempo que os deixassem demorar seria para ruina das Indias, no que se devião temer grandes perdas para a monarchia da Hespanha. — Bem se comprovou este discurso do general com o que depois foi succedendo.

No primeiro dia de março de 1633 chegou á Hespanha esta noticia ; e tendo dado o cuidado que era justo, não o pareceu assim na resolução do que tratárão para o soccorro de Pernambuco (e esse mesmo teve o effeito que se verá) tão desigual em tudo no que recentemente havia chegado ao inimigo : pelo que não se poderá deixar de dizer, sem exageração (porque não uso della) que os trabalhos soffridos nesta guerra não erão sómente os presentes, sendo elles tantos e taes, mas igualmente os futuros, havendo-os por tão certos, que desde já se estavão sentindo ; não havendo, em tantos annos, uma hora em que não duplicassem. Porém o que mais se

devia sentir (como sentiamos) era o desluzimento e má fé com que alguns amigos nos julgavão, ao mesmo tempo que os proprios inimigos nos admiravão. Mas emfim ha épocas em que estes são menos prejudiciaes ás vezes que aquell'outros.

1633

Chega-nos soccorros da ilha da Madeira. — Destróe o inimigo o nosso reducto do rio Formoso. — Vai para Hollanda o general Theodoro, e succede-lhe Lourenço de Rimbac. — O inimigo occupa o nosso posto dos Afogados e fortifica-o com perda. — A que teve na Quinta-feira-Santa acommettendo-nos no Real — Entradas damnosas de Calabar. —Ganha a villa da Conceição de Itamaracá. — Outros encontros com o inimigo. — Sitia-nos no Real, e qual o successo. — Usa de correrias, e damno que recebe nellas. — Chega-nos com soccorro Francisco de Vasconcellos, e o que aconteceu. — Occupa o inimigo o forte e a praça do Rio Grande.

Para supprir a falta de gente, de que tanto necessitava a guerra de Pernambuco, mandou el-rei levantar alguma na ilha da Madeira, creando dous capitães naturaes della, para que com mais conhecimento e commodidade se pudesse fazer. O primeiro, que era João de Freitas e Silva, chegou com a sua companhia de 90 homens no 1° de janeiro deste anno, ao pé da Parahyba, gastando muitos dias para chegar ao Real. O outro era Francisco de Bittancourt e Sá, depois mestre-de-campo, que chegou a 12 do mesmo mez ao porto que chamão dos Francezes, a tres leguas para o sul da barra de Lagunas e 48 do Real. Trouxe 70 soldados, e, dous dias antes de chegar áquelle porto da maneira que veremos, foi descoberto por uma náo inimiga de 38 peças, e bateu-se com ella. Trazia em sua companhia um filho de 9 annos de idade, chamado Gaspar, que foi logo ferido de alguns artilhaços Durante a peleja, um mosquetaço levou-lhe o braço esquerdo até o cotovello; e mostrando o pai, que o era, affligindo-se por vê-lo daquella fórma, respondeu-lhe o moço: « *Senhor, isto não me póde privar de ajudar a Vm. na defesa deste navio, porque ainda me resta o braço direito.* » Se, á vista de tal successo, alguem pudesse culpar Francisco de Bittancourt por haver trazido aquelle filho de tão tenra idade, ao ouvir aquellas palavras devia lisonjear-se; pois, se o não trouxera, não se poderia saber que em tão poucos annos existia tanta coragem!

Isto accrescentou o valor aos que ali se achavão; pois defendêrão o navio de maneira que o inimigo perdeu a esperança de ganha-lo, e fez-se n'outra volta com 30 mortos e feridos. Não foi pequena a perda que nos coube, matando-nos 8 e ferindo-nos 17. O navio, por ter recebido muitos canhonaços, ia fazendo muita agua; e quando entrou no porto dos Francezes tocou, com o que fez tanta, que sem remedio se perdeu. Salvou-se a gente e algumas munições, e tudo tardou tres mezes em chegar ao Real, por causa dos muitos rios e descommodidades que impedião a conducção deste soccorro, como acontecia com todos os que nos chegavão.

Os dous representantes da companhia Occidental não querião que se perdesse tempo para o fim a que vierão, porque estando já informados de tudo o que lhes pareceu necessario, começárão a dispor e a obrar, como depois o sentimos; considerando que emquanto não fossem senhores do campo, não o poderião ser do mais; para o que lhes con-

vinha attrahir a si os Indios que podessem, como logo tentárão, enviando dous navios a sete leguas para baixo do Rio Grande, conduzindo tres Indios dos que tinhão levado ao Ceará, afim de que entrassem por terras do Rio Grande, a fallar com um chefe chamado João Dui, sendo Tapuyas de nação, que é gente mais feroz e bruta de todas as tribus de Indios.

Estes tres, que o inimigo enviou, não ião sómente fundados na rhetorica e razões com que havião de persuadir a Dui, mas com que obriga-lo, levando-lhe para este effeito algumas cousas das que elles mais estimavão; porque a todos é já notorio que esta é a mais efficaz rhetorica, e que os brutos a entendem tão bem como os politicos. O que o inimigo queria destes Indios era que baixassem de suas aldêas a fazer-nos guerra, e distrahir-nos a attenção, e que todos se juntarião para melhor consegui-lo. Estas aldêas ficavão a 80 leguas. O governador do Rio Grande, que era agora Pedro Mendes de Gouvêa, tendo noticia disto, ainda pôde haver ás mãos um dos tres Indios, o qual lhe confessou tudo: os dous executárão sua commissão, que foi bem recebida por João Dui e pelos seus, do que resultou o que adiante se verá.

Teve o inimigo a noticia do reducto que tinhamos no rio Formoso, a cargo do capitão Pedro de Albuquerque, com 20 homens; e querendo tirar este obstaculo, revolveu assalta-lo, deitando 300 soldados uma legua ao sul daquelle rio, para acommettê-lo pelas costas, ao mesmo tempo que pela frente o fizessem outros tantos em suas lanchas. Calabar, a quem já tinhão feito capitão, solicitava isto de modo que o dispozerão da propria maneira. Partirão do Recife a 4 de fevereiro com dez navios e quinze lanchas, e a 6 do mesmo mez chegárão.

Fevereiro 7.— Na madrugada do dia 7 acommetterão o reducto, segundo o plano que levavão. O capitão, vendo-se tão inopinadamente assaltado, e achando-se só com vinte homens e sua pessoa, sem esperança de ser soccorrido, resolveu-se a morrer ou defender-se. Conseguiu a primeira cousa, e não com menos reputação do que se effectuasse a segunda; porquanto investindo o inimigo pelas duas parte, foi quatro vezes rechaçado pelos nossos com grande valor; mas como erão tão poucos, de cada vez que o fazião ficavão menos, até que, mortos 19, para os vinte restava um só, que era Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão, o qual escapou a nado com tres feridas, ficando o capitão com duas, um mosquetaço e uma chuçada, e assim entrarão no reducto, prendendo-o, por ser o unico que achárão ainda vivo. Se bem se apreciar este facto, ver-se-ha que mais se ganhou do que perdeu no reducto; pois ha perdas com taes circumstancias, que ellas mesmas muitas vezes dão mais reputação; e que os ignorantes ou maliciosos julgão sempre erradamente, os quaes, se se achassem nas occasiões que condemnão, talvez que houvesse nelles mais que condemnar.

Nesta se viu bem qual foi a nossa gloria, porque dando-se conta a el-rei, serviu-se estima-la em seu real e magnanimo peito, conforme se conhece das singulares palavras com que ordenou se tratasse do resgate do capitão Pedro de Albuquerque, para fazer-lhe mercê, como depois fez, do governo do Maranhão. O inimigo o conduziu á povoação do Recife, onde foi curado com muita assistencia, reconhecendo, ainda que inimigo, o quanto se devia ao valor e á virtude; depois de são o levárão ás Indias, onde o deixárão, e dali passou a Hespanha. Perdeu o inimigo nesta occasião 80 homens, e destruiu o reducto.

Vendo-se que a causa principal deste successo e dos mais já referidos era Calabar, o que logo se receiára quando elle se passou para o inimigo, procurou o general Mathias por todos os meios possiveis reduzi-lo; assegurando-lhe não só o perdão de seu delicto, mas inda mercês, se voltasse ao serviço de el-rei; e esta diligencia repetiu por muitas vezes, no que se gastou algum tempo; mas vendo que nada bastava para convencê-lo, tratou de outros meios, cujo fim se verá, assim como o que depois teve o mesmo Calabar.

Fevereiro 25.— O general do inimigo, Theodoro Vandembourg, resolveu ir-se para a Hollanda, e o levou a effeito, partindo do porto do Recife e cinco náos a 25 de fevereiro, succedendo-lhe no cargo Lourenço Rimbac, soldado de muito valor e experiencia, porém em nada ultrapassava a decisão dos representantes da companhia. Assentavão elles que se fizesse alguma entrada ou qualquer outra facção, e elle executava-a. Por ter Theodoro previsto taes cousas, foi que resignára o posto, por não querer continuar a exercê-lo com diminuição das regalias que até então gozára.

Entendeu o inimigo o muito que lhe convinha occupar o posto que tinhamos do Passo dos Afogados, em que estava Francisco Gomes de Mello; porquanto se nos esbulhasse delle e o fortificasse, podia desde ali correr o campo com mais facilidade do que até então havia feito; e o desta parte, que era o da parochia e vargem do Capiberibe, era dos moradores mais ricos, e continha 16 engenhos de assucar. Comprehendido isto assim, resolveu executa-lo desta maneira.

Março 18. — Na madrugada de 18 de março sahirão do Recife, investindo a nossa fortaleza, tres mil homens escolhidos, trazendo mais mil com sapas, palas e fachina, para que, emquanto os outros pelejassem, se fossem cobrindo e fortificando. Os nossos, que ali se achavão para a defesa, serião 140, logo forão tomando as armas e pelejando com seu usado valor, e tambem com o costume da desigualdadde de partido. Logo que chegou aviso ao Real, mandou-se em soccorro toda a gente que se pôde tirar; mas era tão pouca em comparação da inimiga, que não foi sufficiente para impedir o fim desta, pelejando-se assim mesmo desde manhã até ao meio dia. Emquanto se escaramuçava ião levantando uma trincheira com seus travezes, a que se ião retirando para, cobertos e mais seguros, accrescentar ás outras esta vantagem. O que reconhecendo a nossa gente, pareceu que demorar-se mais era perder sem utilidade, e pelos poucos que eramos ficaria assim qualquer falta sendo de muita consideração; pelo que retirámo-nos, perdendo vinte homens que ali morrêrão, sendo um delles o capitão Francisco Monteiro Bezerra, a cujo irmão, Domingos Bezerra, fez logo capitão o nosso general. Morreu tambem o capitão Freitas, que havia tão poucos dias chegára da Ilha da Madeira. Feridos houverão quinze, que forão os capitães Balthazar Leitão da Silveira (que pelejou neste dia com grande valor) de um arcabuzaço, por uma côxa, e Francisco Duarte com outro pelos peitos; o alferes Antonio Garro em uma perna, de que ficou côxo; Pedro Maciel, de outro mosquetaço pela cabeça; Alonzo Cordeiro de Lyra com outro pelo braço direito (era soldado da companhia do capitão Freitas); Luiz Alvares, com dous mosquetaços; Nicoláo Gutherrez com outro pelos peitos (era cabo de esquadra de D. Fernando de la Riba Aguero, e depois foi capitão); e Bernardo de S. João, tambem da sua companhia, com outro pelos peitos; levando-nos prisioneiro, por ter-se demasiadamente empenhado, o capitão Manoel de Madureira, que fôra tenente de Francisco Gomes de Mello. O inimigo por bem perdidos deu duzentos homens que lhe matámos e ferimos, a troco de ficar-se com o posto do passo dos Afogados, onde começou um forte de quatro angulos, tendo, emquanto durou a obra, sempre ali os quatro mil soldados com que a emprehendeu; e conservárão-lhe o nome que nós davamos dos Afogados.

Este forte ficou tão perto da vargem de Capiberibe, que estava já dentro della, e os não poucos moradores desamparárão suas casas e fazendas, por o inimigo fortificar-se naquelle logar; com o que nos foi faltando no Real a commodidade e serviços que nos prestavão estes vizinhos, tanto mais uteis quanto os outros prejudiciaes, com o posto dos Afogados que occupárão, e, como cada dia se experimentou, pela facilidade com que por ali penetrárão no campo.

Com esta nova posição do inimigo foi mudando a fórma e guarda dos mais postos que tinhamos; porque os das Salinas já não erão tão importantes a respeito desde, porque só dellas lhe defendiamos as fachinas, que até isto lhe impediamos. Agora já nos dava mais cuidado, o que não devia da-lo, que era o campo e seus moradores; e para isto se desmantelou e desfez o reducto, em que assistiu Luiz Barbalho, o qual foi com os capitães Pedro Teixeira Franco, Domingos Corrêa, João de Magalhães, João Babilon, Antonio André, Manoel Ribeiro Corrêa e Domingos Dias Bezerra para a casa de Antonio de Oliveira, que a deixára, por ser mui vizinha ao posto dos Afogados, e por sê-lo tambem o engenho de João de Mendonça, e occupárão os capitães D. Antonio Ortiz de Mendonça, Manoel Rebello da Franca, Braz Soares de Souza e Manoel Freire de Andrada. Em outras partes que parecêrão a proposito para defender as sahidas que tentasse fazer o inimigo do seu novo posto, se estacionárão tambem alguns capitães e gente para esse fim; e nas Salinas se deixou alguma, mais para dar avisos do que para defendê-las.

Março 20. — Logo a 20 de março deu o inimigo, de madrugada, na casa de Antonio de Oliveira, e achou tão pouco descuidados a L. Barbalho e seus capitães,

que se arrependeu de tê-los procurado, porque emquanto durou a peleja (que serião duas horas) lhe degollámos 38 homens, além dos feridos, que forão muitos, e com isto retirárão-se.

Março 21. — Não tardou a vingança, porque logo no dia seguinte, das 6 para as 7 da manhã derão no engenho de João de Mendonça, depois de ter o capitão D. Antonio Ortiz mandado descobrir o campo, por lhe tocar por antiguidade ; e como os da descoberta lhe assegurassem que não havia indicios do inimigo, encostárão as armas, sobre as quaes estiverão toda a noite, e que agora lhe erão tão necessarias pelo que succedeu ; porque apenas as tinhão largado, para descansar da vigilia, rebentou de chofre o inimigo, e tão perto, que mal puderão retoma-las ; pelo que pouca resistencia se oppoz, e nos degollárão 26 homens, sendo entre estes o capitão Braz Soares e D. Manoel d'Eça, cavalheiros que servião cumprindo inteiramente suas obrigações ; e assim Pascoal Pinto, que estava despachado capitão de uma fortaleza em Angola, Manoel de Oliveira, soldado do capitão Braz, e Francisco Pereira, da companhia de D. Antonio Ortiz. Ferirão-nos 21, em que entrou o proprio capitão Ortiz ; e por defender-lhe a vida, ficou com elle prisioneiro o seu alferes Gregorio de Brito, que depois foi mestre-de-campo e governador da cidade de Lerida, que defendeu duas vezes, com optimo resultado, dos assedios que lhe puzerão o principe de Condé e o conde de Ancourt ; foi tambem general da artilharia do exercito da Catalunha, e visconde de Termes, tudo merecido pelo valor de seus punhos. Tambem ficou ferido João Quintella, com 22 feridas, e deixando-o por morto, indo enterrar os mais, disse elle que ainda o não puzessem naquelle numero, e disse bem, porque curou-se e viveu. Igualmente ferirão Paulo de Tavora, soldado da companhia de Braz Soares.

Com este tão ruim successo, e vendo-se a vantagem que o inimigo ia experimentando com a posse daquelle novo posto, forão os que vivião junto ao Real (erão os vivandeiros e outras pessoas) retirando algumas cousas de mais preço, desconfiados já da defesa daquillo ; e a outros que não erão desta classe coube tambem algumas desconfianças a tal respeito ; do que o general Mathias se descontentou, e com razão, por ver que assim estavão os animos de muitos, e trabalhou não só para dissimula-lo, como para remedia-lo ; não sendo uma e outra cousa faceis de conseguir nesta occasião. Porém foi dispondo tudo como se tivesse meios para o fazer, e principalmente a defesa do Real, pois entendia que não deixava de ser acommettido pelo inimigo.

Março 24. — Depois deste successo persuadiu Calabar ao inimigo a que nos atacasse, logo no dia 24, o posto do Real, por ser Quinta-feira-Santa (em que elle não podia faltar a fazer o papel de Judas), facilitando a facção pelo descuido em que estariamos neste dia, divertidos nas santas ceremonias.

Não desagradou a proposta aos dous da companhia, Mathias Vancol e João Gueselin; e conferenciando com seu general Lourenço de Rimbac, pareceu a todos que na execução della pouco perdião, ganhando quanto desejavão se entrassem no Real, onde estava o general Mathias. A esperança que os obrigou a tentar a aggressão do Real era reforçada pela lembrança do bom successo do ataque passado : deslembrando quanto é imprudente confiar na sorte, que sempre ao gosto faz seguir-se o pezar, como se verá brevemente.

Resolvidos pois a esta facção, dispuzerão que o seu general sahiria do forte que estavão levantando no posto dos Afogados, com tres mil soldados dos mais velhos, para acommetter o Real por tres partes, ás 11 horas daquelle santo dia, por ser a hora em que estariamos na igreja, com menos cuidado da defesa temporal ; não entendendo (como hereges) quanto mais efficaz e poderosa a fariamos com estar tratando não só desta defesa, mas de confessar-nos e pedir perdão das offensas commettidas contra quem é todo poderoso, não sómente para perdôa-las como para vencê-los.

Estando quasi toda a nossa gente confessada, e tendo commungado a maior parte (quem nos poderia vencer então ?...) tocárão a rebate os que vigiavão os caminhos por onde o inimigo vinha marchando ; e chegando este aviso a Mathias de Albuquerque, que, procurando examinar bem por onde seguia, soube que se encaminhava pela vargem ao rio Capiberibe, para atravessa-lo no passo que chamão de Ambrozio Machado, por ter perto dali o seu engenho de assucar. Com esta certeza foi dando as ordens necessarias, e dispondo o que melhor lhe pareceu, para defesa do Real.

Ordenou primeiro que tudo que todos os

capitães que estavão fóra na guarda de alguns postos, os deixassem e se reunissem. Erão elles Luiz Barbalho, Martim Soares, Francisco Gomes de Mello, Pedro Teixeira Franco, Antonio de Figueiredo e Vasconcellos, Manoel Freire de Andrada, Nuno de Mello e Albuquerque, Francisco do Figueirôa, João Babilon de Souza, Manoel Rebello da Franca, Domingos Corrêa, Estevão Alvares, João de Magalhães Barreto, Estevão de Tavora, Antonio André e Domingos Dias Bezerra.

A ordem que se deu a estes capitães foi que todos juntos com sua gente (que não chegaria a 350 homens) esperassem a um tiro de arcabuz do Real, no passo do riachinho Paranamirim, que era onde havia de passar o inimigo, e que, dando-lhe as cargas possiveis, o viessem sempre perseguindo pela retaguarda, sem perderem qualquer occasião que o tempo lhes offerecesse.

Fez guarnecer a muralha do Real com as companhias que tinha dentro, que erão as quatro castelhanas, que estavão nesse dia de guarda, sendo os capitães Riba Aguero que por mais antigo as governava, D. Christovão de Villavicencio, Martim Munoz e André Marinho, e o terço do conde de Bagnuolo com os capitães João Dominico Mancherio e Olivier Cachapueda, e Pedro Palomo, que era alferes da companhia do mestre-de-campo, estava tambem o seu sargento-mór Mucio Orilia, e assim as companhias do terço de Portugal, com o sargento-mór Francisco Serrano, erão do capitão João Vasquez, de D. Antonio Ortiz, que estava prisioneiro, de Braz Soares e de João de Freitas e Silva, ambos mortos, de Balthazar Leitão e de Francisco Duarte, que estavão feridos

Depois de ter-se guarnecido bem a muralha, postou-se a pouca gente que sobrava em esquadrão na praça de armas, para acudir onde fosse mais urgente, tendo tambem divididos os ajudantes e alguns reformados pelos postos em que mais uteis fossem Achavão-se com o general seu irmão Duarte de Albuquerque e o mestre-de-campo conde de Bagnuolo; o sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama estava em defesa do forte de Nazareth, no Cabo de Santo Antonio, com alguma gente; e no reducto que ficava fóra do Real, para guarda das casas dos vivandeiros, estava para defendê-lo um sargento napolitano chamado Ortencio Richo, que era da companhia do mestre-de-campo, com 25 soldados de sua nação.

O inimigo, passando o rio no logar que já dissemos, deixou aquelle passo a Calabar e a 300 soldados mosqueteiros com um capitão, para assegurar a retirada, se lhe fosse preciso (que bem depressa foi); e esta foi a unica prova que derão de militares neste dia. Vindo já em marcha, ao chegarem ao riachinho de Paranamirim, que quasi estava secco, começárão a dar-lhe algumas cargas os capitães ja nomeados que ali tinha o general; e ainda que os 350 homens que tinhão não erão sufficiente opposição para tres mil, comtudo, da que aqui encontrou o inimigo inferiu que não só a acharia dentro do Real, mas tambem fóra, e por isso principiárão a minorar as esperanças que trazião.

Os nossos capitães, fazendo tudo quanto se podia esperar de seu valor e pouca força, não puderão defender por mais tempo o posto, no qual nos prendêrão Simão Borges Uchôa, ferido de uma chuçada (de tão perto se pelejou), que era um morador honrado e de valor.

Apenas o inimigo facilitou este passo, logo foi descobrindo o nosso forte do Real, e partiu para elle de carreira; mas como parte da artilharia estava carregada com cartuxos de balas de mosquete, e parte com as ordinarias, foi-se descarregando toda, fazendo o mesmo a mosquetaria da muralha, e vindo o inimigo de frente, foi logo ferido de um mosquetaço pelos peitos o seu general Lourenço de Rimbac; o que lhe causou tal confusão, que, desesperando do successo, começárão a dividir-se, tomando um dos lados do Real, afim de cobrirem-se com umas casas que ali havia; temendo já ataca-lo pela frente, e juntamente por tres partes, segundo a resolução com que tinhão vindo.

Estando o general Mathias sobre o parapeito, viu como o inimigo, coberto daquellas casas, ia acommettendo e entrando o reducto que tinhamos fóra; e mandando descarregar por ahi a artilharia e mosquetaria que o pudessem fazer, obrigou-o a abandona-lo; porém já nos tinha degollado dezoito homens, sendo entre elles Francisco Serie, cabo de esquadra de companhia do mestre-de-campo; Francisco e João Tello, irmãos; Jeronymo, Estrada, Constancio Valentim, Jacome Jabela, e Francisco Querino, todos da mesma companhia. Da do capitão Mancherio o cabo de esquadra Francisco Terçana, Vicencio de Crecencio, Pedro e Paulo Belanga, Camillo Parente, e Estevão Santoro. Foi ferido o sargento Ortencio Richo, que guardava o reducto, e seis soldados, a saber:

o cabo de esquadra Giuzepe Massa, Pedro Thomaz, Bartholomeu de Napoles, Francisco Antonio Palmiero, João Barleta, e Philippe Turbante; finalmente, dos 26 homens que ali se achavão só um ficou são.

Vendo o inimigo que sua empreza se ia difficultando mais do que Calabar lhe havia assegurado, quiz troca-la em roubo, que é o seu alvo principal; e principiou a executa-lo entrando nas casas dos vivandeiros e outras pessoas, que as tinhão deixado, pelo risco de habita-las em tal occasião, e muitos havião-se recolhido ao Real. Os nossos capitães, que o general postára da banda de fóra, e com tanta recommendação, para não perderem ensejo que lhes offerecesse, vendo o inimigo assim desordenado, e cego pela cobiça, entrando nas casas, derão sobre elle de maneira que poucos sahirão: até uma mulher, que quiz retirar-se, pondo-se atrás de sua porta com uma faca nas mãos, matou o primeiro que se aventurou; e não será esta só que deva restituição de outras vidas. Chamava-se Jeronyma Mendes, era natural da cidade de Faro no reino do Algarve, e casada com o barbeiro Antonio Soares.

Duarte de Albuquerque, que andava correndo a muralha com o cuidado que a occazião demandava, viu da plataforma da porta principal como o inimigo se ia apartando e dividindo desordenadamente; e mandou dizer ao general seu irmão (que estava no outro lado) pelos capitães D. Fernando de la Riba Aguero e André Marinho, que forão os primeiros que achou, que lhe parecia que logo e logo mandasse sahir do Real a mais gente que pudesse, para juntar-se com a que lá fóra tinhamos, e perseguir o inimigo que se suppunha ir-se já retirando. Apenas o general recebeu este recado veiu áquelle logar para ver pessoalmente o inimigo; e concordando com o parecer de seu irmão, quiz dar ordem para deitar a gente fóra; mas o conde de Bagnuolo, como soldado tão velho e de tanta experiencia, impediu com algumas razões, entre as quaes ponderou que era possivel que o inimigo tivesse mais de dous mil homens emboscados visto ser o campo tão coberto, para com a fingida retirada attrahir os nossos e assalta-los de improviso; e degollando-os, darião no Real, na supposição de que ficava sem gente; e que emquanto isto não se sabia bem, nos deviamos contentar com o bom successo que até ali tinhamos obtido.

Duarte de Albuquerque insistia na sua opinião de que sahisse logo a gente possivel, porque o campo estava bem reconhecido, e muito mais a desordem com que o inimigo se retirava, largando as armas; e que, se se fosse perseguindo com a brevidade que a occasião pedia, julgava não ser difficil chegar junto com elles, poucos, e sem ordem, ao seu mesmo forte dos Afogados, que havia seis dias só tinhão começado, e que poderia ser que com tal facilidade o entrassem, não só por esta causa, como por não descontinuar o bom successo que Deus nos ia dando, de cujas misericordias naquelle dia obradas se devia esperar não só entrarmos naquelle forte, mas tambem na ilha de Santo Antonio, e até na povoação do Recife: porquanto, como o inimigo ia daquella sorte debandado, e com perda de muita gente, mal poderião os que ficassem resistir: e quando se não conseguisse alguma destas cousas, ao menos a ultima, que era acabar de degollar os que se ião retirando, lhe parecia facil, se logo se achasse a gente fóra do Real, e que sómente a tardança o difficultaria.

Deste mesmo parecer forão os majores Mucio Orilia e Francisco Serrano, e os mais capitães; porém como o conde de Bagnuolo contrariou, ainda que o general concordava com seu irmão nesta opinião, tinha algumas razões particulares para haver de conformar-se com o conde, que depois se desenganou (mas tarde) de que não havia emboscada do inimigo. Com isto se mandou que sahisse o seu major Orilia com alguma gente do seu terço, e o capitão João Vasques de Duenas, com um troço de sua companhia, e das mais que não tinhão capitães, por serem mortos, feridos ou prisioneiros; mas isto foi tão fóra de tempo, que não achou o inimigo, e apenas sua retaguarda já passando o rio Capiberibe, onde tinhão deixado os seus trezentos mosqueteiros, com os quaes houve alguma escaramuça com mais damno nosso do que delles; porque, como chegámos á margem do rio descobertos, e o inimigo estava da outra parte de reserva, foi-lhe facil matar-nos alguma gente e ferir-nos outra. Os mortos forão o capitão João Vasquez, natural da cidade de Toledo, e de muito valor; e Domingos Pereira, morador daquella proximidade: ferirão-nos D. Francisco de Souza em um braço, cavalheiro de grande qualidade e valor, Gaspar de Souza Uchôa em uma côxa, dono de um engenho de assucar, que nunca lhe serviu de embaraço

para assistir o servir sempre bem; e Christovão Paes Barreto, um morador dos mais nobres, dono de outro engenho que, estando na muralha do Real, lhe levou um mosquetaço o braço direito; com outro por uma perna ficou o capitão Martim Soares; com outro pelos peitos D. Pedro Marinho, alferes de Manoel Rebello da França; e com outros Luiz Pinto de Mattos, Jacome de Moraes Sarmento, o capitão Estevão de Tavora, Assenso da Silva, Christovão de Barros, filho da viuva Maria Barroso; Luiz Fernandes, que tinha sido sargento do forte de S. Jorge; e finalmente abaixo se dirá o numero de uns e outros, assim como o dos inimigos.

Este, apenas acabou de passar o rio, foi-se retirando á marcha accelerada; e alguns dos nossos, que andavão com os capitães que desde o começo havião ficado de fóra, forão perseguindo, vadeando o rio n'outra parte, e matando os que alcançavão: affirmou-se que quasi todos ião tão rendidos, que arrojavão as armas para fugir mais ligeiros, e com tal confusão o fazião, que se achárão alguns perdidos, dous dias depois, os quaes forão conduzidos ao Real: com o que se vê bem qual seria o resultado se sahisse logo a gente a persegui-los.

Junto ao fosso do Real, quando o inimigo o acommetteu, ficárão a cavallo o capitão reformado Francisco de Almeida Mascarenhas e um alferes tambem reformado, e napolitano, chamado Marcholo, assim como dous irmãos, Diogo e Luiz Tavarez, filhos de um morador honrado Pedro Tavarez. Estes quatro, assim que vião alguns dos inimigos extraviados, não perdião a occasião, como que cada um matou a dous e a tres; e como os fazião tão perto que os viamos, parecianos que toureavão, pelo doloroso desenfado com que obravão. Porém neste dia andárão todos tão galhardos, que nenhum pode ter inveja do outro.

Tendo o inimigo começado a investir-nos ás 11 horas da manhã, durou a escaramuça até as 5 da tarde, em cujo tempo lhe degollámos para mais de 600 homens com o seu general Lourenço Rimbac, que morreu em breves dias, um major, tres capitães e outros muitos officiaes, e quinze prisioneiros. Matárão-nos 25, entrando neste numero dezoito Napolitanos do reducto, e ferirão-nos quarenta. Foi este o successo que tivemos na Quinta-feira-Santa, bem differente do que o inimigo se promettia.

Conhecendo-se de quanta utilidade seria a cavallaria, á vista do que obrárão os poucos que já nomeámos, resolveu o general formar uma companhia paga, porquanto as que havia dos moradores já não acudião, e cada dia se impossibilitavão mais pelas perdas que recebião. Creou uma, que nunca chegou a contar vinte cavallos por falta de meios para paga-los (e por essa causa depois foi supprimida), e proveu nella, havendo-o el-rei por bem, Diogo de Toar, cavalheiro de conhecida qualidade, que tinha vindo no soccorro de D. Antonio de Oquendo, e servia na companhia do capitão D. Antonio Ortiz de Mendonça.

O general proveu a companhia de Braz Soares em Luiz Pinto de Mattos, e a de João Vasques em Luiz Barbalho; porque como a que este commandava era de moradores, assistião com menos disciplina; a de João de Freitas deu ao ajudante João de Campos Gambôa; a de D. Antonio Ortiz a Francisco de Almeida Mascarenhas; porque ainda que o inimigo o deu, e o seu alferes Gregorio de Brito, capitão Manoel de Madureira e Simão Borges Uchôa, em troca dos quinze prisioneiros que lhe tomámos, vinha Ortiz tão enfermo do mosquetaço com que o prendêrão, que esteve entre nós em grande risco de vida; e dando-se-lhe licença, foi cobrando alguma melhora; que erão tantos e taes os continuos e incomportaveis trabalhos daquella guerra, que o melhor balsamo para elles era uma licença para deixa-los.

Março 30. — Em 30 de março sahiu o inimigo do seu forte que fazia dos Afogados, mais para ostentar que havia recebido pouca perda, do que para causar-nos agora alguma. Forão ao engenho de Henrique Alonso, que estava proximo, e desamparado de seu dono, mas não dos soldados que ali tinha o general, com seu capitão Pedro Teixeira, que o rechaçárão com perda de alguns.

Trazendo o inimigo prisioneiro em uma de suas naos o nosso capitão Francisco Rebello, desde 28 de novembro do anno passado, como fica dito, fugiu-lhe uma noite, deitando-se ao mar ao pé de terra; e chegou ao Real a 14 de abril, onde foi bem recebido pelo reapparecimento de tão bom companheiro.

O conde de Bagnuolo persuadiu o general de que conviria assistir no posto e porto do cabo de Santo Agostinho, onde já tinha estado, para assegura-lo mais; e havendo pouca difficuldade em conformar-se com elle, partiu a 8 de maio, levando seu terço;

tendo poucos dias antes fallecido de enfermidades o seu major Mucio Orilio, homem de valor e resolução, e que havia servido muitos annos. Sua bengala deu o general ao capitão mais antigo do proprio terço, que era João Dominico Mancherio; e a sua companhia deu ao ajudante Francisco del Pino. Assim que Bagnuolo chegou no cabo, e voltou ao Real o sargento-mór, que lá estava Pedro Corrêa da Gama.

Maio 14. — A 14 de maio foi Calabar (figura que sahe e se noméa muitas vezes) tentar uma entrada por mar, com 400 homens, em seis navios e oito barcaças, dirigindo-se ao Porto das Pedras, onde desemboca o rio do mesmo nome, que passa pela povoação de Porto-Calvo, a qual fica a cinco leguas centraes; e como Calabar era aqui mui pratico, por ter nascido naquella povoação e parochia, obrou tanto a salvo, que queimou tres embarcações que estavão recolhidas no rio, bem que já descarregadas do que havião trazido de Portugal. Degollou sete moradores, e saqueou alguns, levando cinco prisioneiros; e quando a noticia chegou ao Real, já Calabar se tinha retirado; porque, como ficava 34 leguas para o sul, as quaes elle por mar alcançou em tão poucas horas, mal se pôde remediar.

Das tres embarcações que aqui queimárão, assim como as duas no rio Formoso, algumas erão caravellas que trazião os soccorros que el-rei enviava, outras erão de mercadores que a mu to risco mandavão, com a muita mira na ganancia extrema que lhe produzião os generos que vendião como querião; comprando aos moradores os assucares com igual usura, a que os obrigavão os apertos em que se achavão; e pois umas embarcações entravão neste rio, outras naquelle que melhor podião tomar, não estando em nenhum seguras; porquanto sómente o cabo de Santo Agostinho era o porto menos perigoso em razão da gente que ali tinhamos; todavia, como estava a sete para oito leguas do Real, ainda não vinhão com segurança os objectos, por distar o caminho uma ou duas leguas só do forte dos Afogados; com o que era necessario virem sempre em comboy, visto não termos gente sufficiente para destacar.

Bem se prova o apuro em que nos tinha posto a continuação do que contrastavamos, pela acção que um preto chamado Henrique Dias praticou nesta occasião, e foi parecer-lhe que necessitavamos de sua pessoa; pois veiu offerecê-la ao general, e este aceitou-a para servir com alguns de sua côr em tudo o que lhe determinasse. Na verdade, segundo o valor e constancia de que sempre deu provas, como se verá, podia qualquer satisfazer-se de ter por companheiro este preto, o qual, em todas as occasiões em que se achou, procedeu de maneira, e com tal denodo, que por elle e pelo zelo com que o empregava, foi el-rei depois servido fazer-lhe mercê do fôro de fidalgo e um habito, sem que fosse necessario mais que o seu procedimento; e foi sem duvida com justiça, porque o sangue que verteu pelas muitas feridas que depois recebeu pôde apurar o pouco que lhe ficou, de maneira que mereceu mui bem as honras que se lhe fizerão. O general o nomeou logo capitão da gente que tinha conduzido, e da mais que pudesse reunir, com tanto que fosse livre.

Junho 20. — A 20 de junho foi o inimigo por mar com dous mil soldados, e por cabo delles Segismundo Escup, a quem os da companhia elegêrão coronel depois da morte de Rimbac; com esta gente foi tambem Mathias Vancol, e levárão Domingos Fernandes Calabar, ou, para melhor dizer, foi este quem os levou, como tão pratico e interessado em persuadi-los, havia dias, a esta facção a que sahirão, pela difficuldade com que a podião conseguir, dirigindo-se á villa da Conceição, sita no cume da ilha de Itamaracá, e que teria cem vizinhos. O governador della, Salvador Pinheiro, teria para a defesa 120 homens, com uma companhia de sessenta, que ali poz o general, com o capitão Antonio de Moraes; que desta maneira estavão as praças do Brasil, como por muitas vezes se tinha participado á Hespanha, o temor que devia causar sua perda, tendo á vista um inimigo tão soccorrido e assistido havia tres annos.

Este, tendo partido do Recife, deu fundo na barra principal da ilha, onde tinha seu forte; e deitando logo a gente em terra, seguiu em direcção á eminencia em que estava a villa, tomando as avenidas, e com as barcaças e lanchas os passos do rio que a rodeia, cortando dest'arte toda a communicação e soccorros que por ventura nos viesse; pelo que ficou difficultada a defesa, não pela falta da esperança de ser soccorrida, como pela escassez de gente e de todo o necessario para defender uma villa tão mal fechada e fortificada, de sorte que em ser um pouco

elevada a sua posição, e de não facil subida, consistia sua maior segurança.

O governador ainda pôde, no dia 21, participar ao general o estado em que se achava, como se esse tivesse com que soccorrê-lo; mas ainda faltando-lhe tudo, resolveu-se logo que recebeu tal nova a ir em pessoa com tudo o que pudesse, sendo tudo tão pouco, que partiu o general levando menos de 400 homens; porque como o conde de Bagnuolo estava com seu terço e com algumas outras companhias no cabo de Santo Agostinho, e o Real e mais postos devião ficar com alguma gente para defender-se, não pôde levar mais; e com tão pouca parecia desculpavel a omissão se o gerenal a tivesse praticado; mas, pelo contrario, elle quiz evidentemente arriscar-se: tendo por certo que, se de toda a fórma os ausentes o censurão, ao menos seja por isso. Indo em marcha a tres leguas antes de chegar, teve a noticia de estar a villa já rendida; e na pouca defesa que pôde fazer nos matárão o capitão Moraes e dous soldados, perdendo poucos o inimigo. Deixárão livremente sahir com suas armas o governador Salvador Pinheiro e os mais, e ficárão senhores da villa e de toda a ilha, que tinha alguns, ainda que poucos moradores; e os de terra firme, da parochia de Goyanna, que tambem era termo e jurisdicção da propria ilha, ficárão-se mantendo separados e fieis em quanto puderão.

Sentiu o general a perda da ilha, pelas consequencias que dali vinhão; e voltando ao Real com este cuidado, tratou de pôr alguma gente na villa de Iguarassú, por causa de estar mui vizinha da ilha, separada apenas pelo rio de Santa Cruz, que não era largo, como já se disse. Esta gente era para impedir como pudesse as correrias que o inimigo tentasse: e receiando-as os moradores que ainda habitavão aquella villa, a desampararão de todo, trocando a habitação de suas casas pelos mais occultos e inhospitos bosques. Viu-se pois ao mesmo tempo a villa da Conceição tomada pelos inimigos, e a de Iguarassú abandonada pelos moradores.

O general deu conta a el-rei desta perda, que só de perdas podia dar, dizendo—que o que ainda restava do Brasil era exposto ao mesmo risco, por lhe faltar todo o necessario para a sua defesa; e que seria muito para sentir que se mallograsse tanto valor e fidelidade que até então havião bem mostrado aquelles soldados e moradores; ficando seus trabalhos e prejuizos sem o brilho e sem o effeito para que os havião soffrido.

Quando chegou esta participação a Lisboa, pareceu que assás ficava tudo soccorrido com o soccorro com que já tinha partido Francisco de Vasconcellos e Cunha, do qual fallaremos em occasião propria.

O general mandou occupar a villa de Iguarassú pelos capitães D. Fernando de la Riba Aguero e Antonio de Figueiredo e Vasconcellos, com as suas companhias, que não chegarião a cem homens ambas, sendo necessario ali muitos centos para poder guardar os postos por onde o inimigo podia acommettê-los com numero tão superior, pois o tinhão assás vizinho; mas a nossa impossibilidade era tal, que não sendo maiores estas duas companhias, nem bastantes para aquella defesa, fazião não pouca falta no Real e nos mais postos de que necessitávão; e ainda que por repetidas estas miserias poderão cançar a quem as ler, julgue-se que faria quem as padecia.

Junho 27 —A 27 de junho fez o inimigo uma sortida da ilha de Itamaracá para o continente, passando o rio em suas lanchas, e marchando ao engenho de assucar do Dr. Francisco Quaresma de Abreu, que o havia tambem abandonado, e não estava longe da villa de Iguarassú. Pareceu aos dous capitães que ali se achavão que os obrigava mais o seu brio do que as suas forças a impedir a excursão, não sendo cem homens completos, e sendo 500 os do inimigo; e para isto se resolvêrão a occupar um posto que julgárão apropriado para seus fins, porque, começando a escaramuçar, o fizerão com tal valor, que suppondo-nos o inimigo mais numerosos, retirou-se com quarenta mortos e feridos. Matou dous dos nossos, sendo um Antonio del Cerro, sobrinho do capitão D. Fernando, e outro soldado do capitão Figueiredo; tendo-se comportado nesse dia com grande valor o sargento João Caldeira Barreto.

Sabendo o nosso general deste successo, e parecendo-lhe que o inimigo queria intentar a expulsão da nossa gente daquella villa, lhe enviou mais outras duas companhias de soccorro, que não chegarião a 80 homens, sendo capitão Manoel Rebello da Franca e João Babilon de Souza.

Julho 10.— Em 10 de julho voltou o inimigo com 600 homens áquelle mesmo lo-

gar, ao que os nossos quatro capitães se oppuzerão com incrivel valor por espaço de tres horas, fazendo-o por fim retirar-se á pressa, tendo-nos ferido oito homens e degollado tres, o que lhe custou setenta entre uns e outros ; porque, como sempre erão muito mais, acertavão-lhes nossas balas, e perdião-se menos.

Julho 22. — Logo a 22 quiz Calabar vingar a perda que tiverão nestas duas sortidas, fazendo outra com 400 soldados para a parte de Goyana, ao norte de Itamaracá, onde havia alguns engenhos ; queimárão quatro, um dos quaes era dos tres que tinha Jeronymo Cavalcanti, saqueando primeiro o que achárão e puderão levar, sem que ninguem os impedisse, e trazendo prisioneiros moradores que não tinhão podido escapar-se. Avaliou-se o prejuizo em quantia mui consideravel.

Quando os nossos quatro capitães soubérão desta entrada, marchárão logo a impedi-la, segundo a ordem que tinhão do general ; mas como erão dez leguas da villa de Iguarassú, antes de sua chegada já o inimigo se havia retirado. Tambem não chegou a tempo o soccorro da Parahyba, que estava a outras dez leguas de distancia, ficando Goyana no meio.

Com estas perdas que os moradores recebião, e com o aprisionamento de alguns, se ião domesticando com o inimigo mais do que queriamos, receiando (com razão) que conseguisse com estas violencias o que até então não pôde com outros meios que tentou, por causa da vigilancia com que forão nullificados ; mas como o não podiamos fazer de todo, ficavamos indefesos, e os moradores quasi desesperados ; com o que já se começava a temer que em alguns fizesse effeito esta desesperação, que era o ultimo mal a que se podia chegar.

Vendo o general o pouco que podião fazer os quatro capitães que tinha em Iguarassú, e o muito que se necessitava daquella gente, a mandou volver ao Real ; e naquella villa se puzerão alguns dos moradores mais a proposito e vizinhos della, como mais praticos, sómente para darem aviso dos movimentos do inimigo, por aquella parte, de maneira que já isto ficava desamparado, e quasi no seu alvedrio

Calabar não cessava de persuadir o inimigo de que quantas mais entradas fizesse tanto mais conseguiria seu principal intento de tornar-se dono do campo, e de trazer-nos divididos, que para os poucos que eramos mal o podiamos comportar.

Julho 15. — No dia 15 sahirão do forte dos Afogados 400 soldados direitos ao engenho de Pedro da Cunha e Andrada, que era um dos da viagem; e a uma legua dali, onde havia de guarda alguma gente com os capitães Francisco Rebello, Domingos Corrêa, Domingos Dias Bezerra, e o dos pretos Henrique Dias com vinte destes, que todos pelejárão com o inimigo uma hora, matando e ferindo lhe dezoito, até que se retirou antes de chegar o soccorro do Real. Henrique Dias ficou ferido de um mosquetaço ; e do inimigo tomámos um tão desgraçado, que havia um anno se tinha apresentado rendido a nós, e dez dias que havia voltado para os seus, o que agora veiu a pagar na forca. Chamava-se Thomaz.

Julho 25. — A 25 do mesmo mez fez o inimigo outra sahida do proprio forte, com 500 homens, para o engenho de Luiz Ramirez, que estaria a uma milha do outro de Pedro da Cunha, no qual tinhamos os capitães Antonio André, Estevão de Tavora e Manoel Antonio Corrêa, porque por todas as partes e caminhos por onde o inimigo podia ir tinha o nosso general alguma gente, para que logo se tocasse a rebate, e fossem concorrendo todos a pica-lo e entretê-lo até que pudesse chegar o soccorro do Real ; ainda que o inimigo calculava tão bem as horas, que muitas vezes se retirava antes que chegassemos ; mas, sem embargo de sua muita cautela, sempre deixava mortos e levava feridos em numero consideravel, como agora se ha visto e verá.

Não fez elle estas duas sortidas (como depois o entendemos) sómente por fazê-las, nem por interesse que esperasse nellas ; porque já sabia que os donos dos engenhos da Vargem não vivião nelles depois que occupára o posto e passagem dos Afogados, por causa da proximidade em que ficavão, com o que todos havião retirado sua roupa e o mais, não ficando cousa que pudesse desafiar a cobiça do inimigo ; e assim a causa destas sahidas foi outra, como logo veremos.

Os dous representantes da companhia Occidental desejavão e procuravão acabar com aquella guerra o mais breve que lhes fosse possivel, por escusar o muito que lhes ia custando sobre o que já tinhão despendido ; e para melhor poder consegui-lo, resolvêrão aventurar todas as suas forças para vir sitiar o Real, parecendo-lhes que aquelle

era o tempo mais proprio, por nos acharmo-nos com poucos abastecimentos, como era verdade, e com o conde de Bagnuolo com seu terço no Cabo de Santo Agostinho; e que se tivessem o successo que esperavão, acabavão com aquella empreza, que era o objecto da sua vinda da Hollanda. Para effectua-lo com todo o fundamento fizerão antes aquellas duas sahidas afim de irem reconhecendo melhor todos os caminhos e postos que podião occupar, para ficar em communicação com o seu forte dos Afogados, examinando bem por onde poderião conduzir a artilharia para o edificio que tentavão pôr no Real.

Agosto 4.— Antes de amanhecer o dia 4 de agosto vierão pôr seu plano em execução sahindo do forte dos Afogados com tres mil homens e alguma gente de mar; e forão-se encostando para a margem do rio Capiberibe, da outra parte, ficando este entre o Real e elles. Antes que chegassem, como tinhamos sentinellas e alguma gente pelos caminhos por onde vinhão marchando, forão logo tocando alarma e avisando o general, o qual immediatamente ordenou que fossem ao encontro os capitães Francisco de Almeida Mascarenhas, Luiz Barbalho, Manoel Rebello da Franca, Antonio de Figueiredo e Vasconcellos, Manoel Freire de Andrada, Balthazar Leitão da Silveira, que já estava são, João Babilon de Souza e Pedro Teixeira.

Todos elles se apressárão a querer passar o rio; mas não o podendo fazer por estar cheio, no váo de Antonio Machado, que era o mais perto, forão atravessar mais acima, com o que gastárão muito tempo; porém não o podendo depois de passado o rio, forão em busca do inimigo; o qual, como trazia tenção de occupar tres postos sobre o mesmo rio, fazendo delle uma bateria para o Real, vinha dividido em tres troços, para cada um occupar o seu.

Não chegando a 400 homens os que levavão os nossos capitães, investirão com o primeiro troço que encontrárão com tal resolução, que em menos de uma hora que escaramuçárão o fizerão retirar-se á primeira casa que puderão tomar, a qual era de Manoel de Figueiredo, um morador que a havia desamparado.

Fazendo-se os inimigos fortes nella, procurárão os nossos fazê-la voar com alguns barris de polvora que levavão; o que entendido por elles, e vendo que sem remedio erão queimados, tratárão de render-se, como pareceu dos muitos signaes que fazião das janellas com algumas bandeiras. Atrás disto pedirão alguns partidos, mais por ganharem tempo para serem soccorridos pelos seus, do que por parecer-lhes os conseguirião. Não se enganárão com isto, enganando-nos a nós em tudo quanto quizerão; porque os signaes com as bandeiras forão para chamar os seus, e não para se renderem; pois não se demorando muito o segundo troço em soccorrê-los, nos obrigárão a retirar da casa, de que elles se libertárão, tanto pela manha como pela força. Antes de recolher-se a esta casa ainda lhes matámos para mais de 95 homens, e perdemos sete, sendo um delles o padre Antonio de Belavia, jesuita, que estava confessando um dos que tambem ali morrêrão, pois que para isto ião sempre em todas as occasiões alguns religiosos. Este era natural do reino da Sicilia, e de muito exemplo e virtude. Tambem o padre Fr. Matheus de S. Francisco, da Ordem Terceira deste Seraphico Patriarcha, capellão-mór do terço de Portugal, andou neste dia tão valente, com uma espada na mão (acertando-lhe algumas balas sem feri-lo), que qualquer soldado podia inveja-lo, e não elle a algum da sua profissão: outro dos sete mortos deste dia foi Antonio Velho, filho de Gonçalo Velho.

Como o general comprehendeu o intento que o inimigo trazia, mandou ordem aos capitães, que acabavão de pelejar, para se recolherem ao Real, afim de ter junta a gente para o que se fosse offerecendo, porquanto, como estavão além do rio, que ainda não dava passagem, lhe ficava cortada esta força, e elle sem ter (se ella faltasse) com que poder defender o Real.

A's duas horas depois do meio-dia já o inimigo tinha tomado os postos, sendo o primeiro a tiro de canhão no Real, no engenho de Marcos André, junto ao mesmo Capiberibe; e os dous outros na passagem do Jeronymo Paez e na de Ambrozio Machado, fortificando-se logo em todos. Neste ultimo fizerão um reducto; e como entre elles e o Real ficava o rio, que ia cheio, não lhes podiamos fazer o estorvo que tencionavamos, se bem que com tão desigual partido; sómente do Real, nessa mesma tarde, fizemos bons tiros com alguns canhões sobre o primeiro posto que occupárão, porque lhes matámos um capitão e quatro ou cinco soldados.

O general avisou logo o conde de Bagnuolo, que estava no cabo de Santo Agostinho

com seu terço e algumas companhias mais, dos postos que o inimigo havia tomado para sitia-lo.

Começou-se a trabalhar para a melhor defesa do Real, recolhendo-se muita fachina, madeira, e todos os mantimentos que se achárão nas casas dos vivandeiros de fóra, por haver dentro do Real insufficiente quantidade se o cerco durasse; fez-se de todos os moradores, que erão os mesmos vivandeiros, uma companhia, sendo capitão della Manoel Soares Robles, que o fôra dos primeiros de emboscadas, como fica dito; e foi necessario ao general valer-se desta gente emquanto durou o assedio, em que serviu mui bem, porque não chegava a 600 homens os que na occasião tinha. A falta maior, e que mais se sentia, era a de corda para pelejar, porque de muito tempo não tinha vindo de Hespanha: mas a necessidade, mestra da industria, fez que a supprissemos com a casca de uma planta chamada embira, que ali abunda em varios logares; e ha outra muito melhor denominada embiriba.

Agosto 5. — No dia 5 amanheceu o inimigo com um espalda feita no engenho de Marcos André, para cobrir-se de nossa artilharia, de quem na tarde antecedente havia recebido damno; nos outros postos e passagens tambem se fortificárão sem descuido. Dos pontos que ora occupavão ao seu forte dos Afogados teria pouco mais de meia legua, parte em canaviaes de assucar, e parte em mattos; o que não lhe facilitava o transporte da artilharia que tinha delineado, e nem lhe assegurava a communicação entre os postos e o forte, não só por ter o caminho assim coberto, como porque nelle trazia o general Mathias de Albuquerque alguns capitães de emboscadas com sua gente e indios para incommodar e difficultar as manobras dos inimigos, de cujos encontros ficárão estes tão receiosos, que julgavão que de cada vez que lhes fosse preciso ir ou voltar, o não poderião fazer sem consideravel comboy; e que, emquanto este obstaculo persistisse, não era possivel conduzirem por terra a artilharia para bater o Real; e assim resolvêrão trazê-la pelo rio em algumas embarcações. Como o tentárão, e qual o resultado, veremos brevemente.

Nada olvidando o nosso general, tinha toda a gente que pôde tirar do Real nos postos do rio mais a proposito, para hostilisar as embarcações que por elle subissem, tendo outros postos tambem guardados; e por serem elles muitos, e a gente pouca, não havia mudar, sendo permanentes as mesmas guardas: pena tão insupportavel, como o julgarão os que se achárão em cercos em que descansavão duas noites; mas neste, nem de noite nem de dia era possivel aos soldados. E não era menor o descommodo que passava Diogo de Toaz, com os seus dezaseis cavallos, que supprirão nesta occasião como se muitos fossem; mas é certo que se este assedio durasse mais, nem uns nem outros o poderião continuar. Neste mesmo dia, na passagem de Ambrozio Machado, nos matárão Manoel Craveiro, natural de Lisboa, soldado da companhia de Luiz Pinto de Mattos.

Agosto 6. — A 6 chegou ao Real Francisco do Rego, um morador dos mais nobres e dono de um engenho de assucar situado a quatro leguas pela terra dentro, trazendo todos os mantimentos que puderão carregar seis carros e quarenta pretos seus, e mais de trinta homens armados que pôde juntar, vindo com isto tudo e com seu bom affecto (que vale mais) offerecer-se ao general e a seu irmão Duarte de Albuquerque, que com elle estava, para servir em quanto a occasião durasse. Esta acção e soccorro (ainda que tão inferior a outros) estimou-se em muito, por ser tão opportuno, á vista da necessidade que havia de tudo, e pelo exemplo que deu a que os mais fizessem o mesmo, como praticárão Pedro da Cunha e Andrada, Francisco Monteiro Bezerra, Antonio de Freitas e Silva, e outros, trazendo cada um todos os mantimentos que puderão, com o que se ia já supprindo a falta que se experimentára até então.

O conde de Bagnuolo, scientificado de estar o Real em sitio, enviou ao general um conselho, como principal soccorro (que muitas vezes o costumava ser) dizendo que era de parecer que desamparasse o Real, retirando tudo o que fosse possivel, juntando-se a gente com a que tinha no cabo de Santo Agostinho, que era o unico ponto e posto que mais convinha defender e guardar. Foi isto em summa o que o conde escreveu e aconselhou ao general, o qual, bem que entendesse o contrario, o propoz aos majores Pedro Corrêa da Gama e Francisco Serrano, e a todos os capitães; e concordando alguns com o sentir de Bagnuolo, pela muita opinião que lhe attrahia sua envelhecida experiencia, pareceu a Duarte de Albuquerque,

vendo a occasião e aperto della, com o inimigo e vista de postos tomados, que não se devia largar o Real, e offereceu-se a ficar dentro com a gente que julgassem dar-lhe para a defesa, no caso de tirarem a outra. Quanto ao general, sem embargo de pôr em conselho o que o conde de Bagnuolo lhe dissera por escripto, tinha ordens de el-rei para conservar e guardar o Real quanto fosse possivel, e assim respondeu ao conde.

Agosto 7. — A 7 de agosto enviou Bagnuolo duas companhias de soccorro, sendo uma do seu terço com o capitão Francisco del Pino, e outra de moradores, de que era capitão João Paes de Mello, um dos mais nobres: continha cada uma cincoenta homens; e apenas chegárão as mandou o general de guarda para o rio, reforçando a gente que ali tinha.

Considerando o inimigo a difficuldade de trazer a artilharia por terra, resolveu conduzi-la em um navio, duas barcaças e uma lancha, com munições, abastecimentos, e todo o mais necessario; e começando ás 11 horas da noite do mesmo dia 7 a navegar pelo rio acima com a lancha a reboque e as barcaças na retaguarda, com duas peças na prôa de cada uma, e outra na mesma lancha, seguindo pela margem da sua banda 500 homens, não só para proteger as embarcações, mas tambem para ajuda-las a subir melhor o rio. Do Recife, d'onde sahião ao posto que tinhão occupado, teria mais de uma legua, fazendo muitas voltas; e como o rio estava cheio, ainda que dava por isso logar a navega-lo, sua corrente embaraçou a subida.

Agosto 8 — A's 5 horas da manhã do dia 8 as nossas sentinellas avistárão as embarcações a mais de tiro de canhão distante do Real, e outro tanto de seu primeiro quartel do engenho de Marcos André. Tocou-se ás armas, e as tomárão os que guardavão aquella parte, que erão os capitães Paes de Mello, del Pino, Barbalho, e alguma outra gente com os alferes Manoel de Seabra; e a que mais perto se achava foi-se reunindo; com o que começárão a escaramuçar, uns por vedar a subida, outros por consegui-la.

O general, assim que ouviu a primeira carga, meia hora talvez antes de amanhecer, suppondo ser o que previra, enviou a toda a pressa as companhias dos capitães Francisco de Almeida Mascarenhas, Manoel Rebello da França, Antonio de Figueiredo e Vasconcellos, Manoel Freire de Andrada, Balthazar Leitão da Silveira, Francisco Duarte, João de Campos Gambôa, e João Babilon de Souza, para que todos pudessem soccorrer os que pelejavão; o que se antes fazião com valor, com este reforço apertárão o inimigo de maneira que se lhe foi impedindo a passagem de suas embarcações; as quaes, como o rio era estreito, e não ião á vela, qualquer opposição lhes servia de embaraço e empedimento: sempre todavia o inimigo, tanto com a gente que trazia nas mesmas embarcações, como com a que da outra parte marchava pela margem do rio em defesa dellas, procurava contrastar e até vencer a nossa opposição; e assim durando a peleja mais do que se esperava, mandou o general duas peças de quatro libras, com o gentilhomem de artilharia Francisco Peres do Souto, para que se collocassem onde melhor pudessem ajudar a impedir a passagem das embarcações; porém antes de ver-se o effeito que fazião, chegou noticia de que já estava o navio em nosso poder. O primeiro que chegou a elle com a sua hallabarda foi Manoel Barbosa, sargento do capitão Francisco de Almeida Mascarenhas, e natural da ilha de S. Miguel; mas esta precedencia custou-lhe a vida. Mais feliz foi o capitão Domingos Dias Bezerra, porque, sendo o primeiro que entrou no navio, não teve perigo algum. Durou esta acção desde 5 horas da manhã até depois das 9; matando-nos mais quatro indios que se queimárão com um barril de polvora e quatro soldados napolitanos do capitão del Pino, e um de João Paes de Mello. Tivemos seis feridos, a saber: o capitão Martim Ayres Tenreiro, João Lopes Barbalho, e os dous irmãos, que até nas feridas o parecêrão, Francisco Tristão de França, e outros

Quando o inimigo viu sem remedio o seu navio, desampararou tambem as duas barcaças e a lancha, deitando-se ao rio, e deixando todas as embarcações em nosso poder. Achou-se nellas muita corda, de que precisavamos, cinco peças de artilharia de ferro e seis de bronze, e muitas munições e abastecimentos. Tomámos-lhe tambem tres bandeiras, sendo a primeira por Manoel Bello, natural de Lamego, e soldado da companhia de Mascarenhas, por cuja acção foi logo feito alferes. Tudo se conduziu ao Real, queimando-se as embarcações, porque de nenhuma utilidade erão ali.

Com tal perda, e com a de mais de 200

homens que lhe degollámos, resolveu o inimigo não esperar outra levantando o sitio; o que fez com tanta cautela, pelo receio em que estava, que antes de retirar-se corôou suas fortificações com alguns chapéos, pondo a espaços bandeiras nas mãos de alguns mancebos (que tão pouco as estimão, dizendo commumente que é um pedaço de tafetá) para fazer-nos crer que estavão guarnecidas, e logo se forão retirando, e não tardárão em segui-los os poucos que havião ficado com as bandeiras e chapéos. Por isso, e por não dar o rio passagem, deixárão de ser perseguidos pelo nosso general, que ainda o intentou.

Agosto 9.— No dia 9, depois de dar a Deus as devidas graças, com as demonstrações possiveis, desmantelárão-se as fortificações que o inimigo fizera; e no dia seguinte chegou o conde de Bagnuolo com seu terço, que contaria 200 homens, fóra os 50 que havia trazido o capitão del Pino; trouxe mais 300 moradores, e 50 delles a cavallo. Sabendo que o inimigo tinha se retirado, descansou dous dias, e volveu ao cabo de Santo Agostinho com a gente que havia trazido.

O general deu conta a el-rei deste successo, fazendo lhe tambem particular relação dos capitães e mais pessoas que havião procedido bem; dizendo ao mesmo tempo que se isto tinha sido bom, deviamos temer, e até ter por certos os males, se as armadas não chegassem mui brevemente, e com tal poder, que delles pudesse esperar a aniquilação desses males, pois á vista das forças que o inimigo tinha, e dos recursos que cada dia lhes chegavão, era muito de receiar o máo exito dos nossos sacrificios. Ainda que el-rei respondeu a esta carta em novembro, pareceu-me todavia dever transcrever a resposta logo aqui, para ligar o successo, bem se sigão outros mais anteriores.

A carta de el-rei foi do theor seguinte:

« Mathias de Albuquerque, amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar. Por uma caravella, que a 26 de outubro passado chegou a Peniche, recebeu-se a primeira via de vossas cartas, nas quaes me déstes contas das cousas dessa guerra: e como em 10 de agosto em que referis os encontros que houve com o inimigo desde 4 do mesmo mez, prevenções que tomastes, e a victoria que ultimamente se alcançou no rio Capiberibe, ganhando-lhe um patacho, duas barcaças e uma lancha com onze peças de artilharia, e as munições e abastecimentos que levavão para combater esse Real, matando-se-lhe a maior porte de 80 homens que ião no patacho, e a gente das barcaças e lancha; e como tratando depois de acommetter o inimigo nas suas fortificações que havia levantado junto ao Real, se tinha este retirado, e não pôde ser perseguido por estar a maré cheia, não dando por isso passagem o rio.

« E pelos procedimentos que nesta occasião observastes, como pelo valor com que resolvestes sustentar o Real, sem embargo de propor-se-vos que o mudasseis para o cabo de Santo Agostinho, e as mais ordens que déstes prevenindo-vos para o cerco que esperaveis; por tudo isto — fico mui satisfeito de vossa pessoa e serviços que nesta guerra me haveis feito, os quaes me são mui presentes; e pareceu-me significar-vos isto por esta carta, para que o tenhais entendido; e aos capitães que na vossa referis terem-se assignalado nessa occasião, e aos mais que dizeis, fareis relação á parte; e aos soldados e pessoas particulares que houverem bem procedido, e a todos nessa guerra me servem como espero, agradecei da minha parte o que nella fizerão, significando-lhes que me são mui presentes os seus serviços em geral e em particular; e faço delles muita estimação para mandar-lhes fazer honra e mercê. Escripta em Lisboa, a 26 de novembro de 1633. — Rei. — *Miguel de Vasconcellos*.»

Tambem o conde-duque, seu primeiro ministro, escreveu ao general sobre este successo, dizendo desta fórma:

« As noticias que hão chegado do bom successo que aos 8 de agosto passado foi Deus servido dar a V. S. na occasião que teve com o inimigo, são de tão particular estimação e gosto, que não posso deixar de dar a V. S. as graças tão devidas ao desafogo que V. S. nos ha causado com esta facção, que por tantas circumstancias a considero digna de toda a demonstração de vontade; e creia V. S. que cuidarei, quanto de minha parte fôr possivel, na remessa de soccorro, para o qual se põe particular cuidado, pelo que importa não faltar a V. S., quando se ajuda tambem, que podemos ter semelhantes occasiões de gozo, para dar-lhe muitos parabens; cessando com elles nesta, e reportando-me aos despachos de Sua Magestade, que vão agora. Deus guarde a V. S. como desejo. Madrid, 25 de novembro de 1633. »

E logo de proprio punho:

« Dou a V. S. os emboras e graças do

successo; e lhe asseguro que hão de ser muitos e grandes os soccorros que em breve tempo chegarão a V. S. — *D. Gaspar de Gusman.* »

Não bastárão estas e outras cartas, nem a mercê de uma commenda que el-rei por este successo deu ao general, nem os perigos e trabalhos com que se merecião para sustar a murmuração; quando alguns, sem merecimentos, tinhão más commendas, e não murmuravamos disso. Emfim, foi grande desdita que se mallograsse este e os outros bons successos (que o valor de taes capitães e soldados tinha tido) por não chegarem os soccorros a tempo; e mui diminutos erão os que chegavão para poder frustrar aos inimigos seus intentos, que por esta falta, e não por outra, os conseguirão effectuar.

Querendo Calabar saborear o inimigo, e resarci-lo da perda que soffreu no sitio do Real, persuadiu-o a que fizesse uma entrada por mar nas Lagunas, 47 leguas ao sul do porto do Recife; o que effectuárão a 20 de agosto, indo elle, como tão pratico que era em toda aquella costa, sahindo em quinze navios, algumas barcaças e lanchas. Desembarcárão a gente, que serião mil homens, na barra das mesmas Lagunas, dando primeiro na povoação da do sul, que tinha mais de cem casas, e algumas mui boas, as quaes logo queimárão, assim como a igreja matriz. O mesmo procurárão fazer á povoação da do norte (a sete leguas desta), que foi mui bem defendida pelo capitão de milicias della, Antonio Lopes Filgueiras, e por isso não a puderão queimar, ainda que lhe custou a vida, que se sentiu. Era genro de Gonçalo Velho e Maria de Souza. Desta maneira fez Calabar que o inimigo vingasse a perda que lhe haviamos dado.

Na Parahyba se começou um novo forte, como estava resolvido, quando ali fôra o conde de Bagnuolo. O logar em que se fundou foi da outra banda da boca da barra para dentro, em frente do do Cabedello, para que um e outro pudessem melhor defender a entrada; e chamárão a este nosso forte— de Santo Antonio.

Setembro 6. — Em 6 de setembro continuou o inimigo em suas sahidas, fazendo uma o seu tenente-coronel Biman, desde a povoação do Recife, duas horas antes de amanhecer, encaminhando-se com 500 soldados para a parte da villa de Iguarassú, que, como estava abandonada de seus moradores e das companhias que ali tivemos, pela falta que fazião no Real, como já se disse, não oppunha resistencia alguma ao inimigo, que tinha o soccorro dos seus tão perto de si, na ilha de Itamaracá. Sahirão pois com tanta segurança, a seu parecer, como quem o fazia de suas fortificações do Recife, para ir se recolher nas da ilha tambem suas. Mas como muitas vezes achavamos mais perigo onde suppunhamos encontrar maior segurança, o experimentárão depressa; porquanto sabendo o nosso general de sua sortida ao amanhecer, ainda que o inimigo levava vantagem não só no numero como em duas horas de marcha, mandou que logo o fossem seguindo os capitães Antonio André e Estevão Alvares com 50 homens, e Antonio Felippe Camarão com 180 indios dos seus, dos quaes alguns já usavão de mosquetes.

Depois que esta gente partiu, enviou mais de soccorro o capitão Luiz Barbalho com algumas companhias do terço de Portugal, e o capitão D. Fernando de la Riba Aguero com as suas; mas nem umas nem outras chegárão a tempo; e só os primeiros dous capitães e Camarão puderão alcançar o inimigo antes que entrasse na villa de Iguarassú; e forão pelejando tão valorosa como ordenadamente; porque, como o caminho em que se encontrárão não supportava mais que quatro em fileira, forão os nossos capitães dispondo de modo que quando uma disparava entrava outra; e como os lados erão bosques, ião por elles os indios como tão praticos, fazendo grande damno ao inimigo; o qual, suppondo-nos mais em numero, e quanto mais se fossem detendo nos iria chegando reforço, começou a retirar-se com tanta pressa como desordem para aquella villa, deixando mortos 47 e deixando muitos feridos.

Como os nossos virão que a occupárão, fizerão alto, receiando que tivessem prevenido ali algum soccorro; e de tudo derão logo conta ao general que lhes ordenou que se detivessem até entender bem o que o inimigo fazia.

Setembro 8. — Sabendo-se no Recife do aperto em que estava o seu tenente-coronel e os mais resolvêrão que na madrugada do dia seguinte, que era 8, fosse soccorrê-los o coronel Segismundo Scup com mais mil homens; o que constando já de manhã ao nosso general, enviou em seu segui-

mento os capitães Francisco de Almeida Mascarenhas, Francisco Duarte, Antonio de Figueiredo e Vasconcellos, Manoel Rebello da Franca e João de Campos Gambôa com 200 homens, e o capitão Henrique Dias com 35 dos seus, sahindo o coronel do inimigo com mil, e tendo, como se suppunha, 500 em Iguarassú, além dos da ilha de Itamaracá; e enviava-se do Real 200 para oppor á tanta gente! Mas esta desigualdade era quasi sempre supprida pelo valor, como desta vez se verá com bastante evidencia, ainda que já se ha visto em muitas outras.

Marchando pois nossa gente pelo caminho que o inimigo seguia, que era mais por terra dentro que o outro por onde havião ido os capitães Antonio André, Estevão Alvares e Camarão, não puderão por esta razão ajudar-se mutuamente, o que foi perda e desdita; porque se se pudessem reunir todos os nossos, parece, pelo que succedeu, que se degollaria de todo o inimigo, por quanto o capitão Almeida e os mais se encontrárão com elle, duas leguas antes da villa de Iguarassú, investindo-o com valor tão incrivel, que dentro de uma hora o fez retirar-se, mas pouco a pouco, porque muitas vezes volvia o rosto, como se elles fossem os 200 e nós os mil. Porém como tinhão Iguarassú e Itamaracá tão perto, não quizerão perder a occasião de retirar-se, como em taes casos acontece aos que discorrem com o receio e não com a razão, ainda que agora pareceu que resolvêrão com ella; porque quando o coronel sahiu do Recife em soccorro do seu tenente, a quem a nossa primeira gente havia feito retirar, lhe pareceu por esta acção que ainda a tinha no campo, e diante de si, com o que lh'a poderião cortar de sorte que não pudesse salvar um só homem; e com este receio foi-se retirando. Antes que de todo se recolhesse á villa, lhe degollámos 130 homens, e elles a nós sete, com que ficou bem vingada sua perda, sendo um o capitão Almeida Mascarenhas, natural da ilha de S. Miguel, e outro Paulo Gomes de Albuquerque, de Pernambuco, ambos de grande valor, e assim Francisco Fernandes, soldado do capitão Campos Gambôa; ferirão-nos doze, sendo entre elles este mesmo capitão, o alferes Christovão da Fonseca, Antonio Velloso e Pedro Dias, da companhia de Francisco Duarte, e o capitão Henrique Dias com dous mosquetaços.

Por morte do capitão Almeida ficou sendo mais antigo Francisco Duarte, e por isso foi elle quem participou ao general o successo, e que o inimigo ficava recolhido á villa de Iguarassú, e que depois disto se lhe havião reunido os capitães Antonio André, Estevão Alvares e Camarão; e que todos ficavão esperando que o general os soccorresse com mais gente; o qual, chegando-lhe este aviso na noite do dia 8, lhes enviou logo mais cem homens com os capitães João de Magalhães Barreto, Balthazar Leitão da Silveira e João Babilon de Souza.

O coronel inimigo, como não achou em Iguarassú o seu tenente, por haver-se passado a Itamaracá na mesma noite do dia 7, determinou fazer o mesmo. Para isto mandou acender muitas fogueiras, para occultar-nos o designio, afim de que o não perseguissemos, do que tinha grande receio. Ao amanhecer do dia 9 se soube da retirada. Viu-se nas ruas e casas da villa muito sangue, que indicava não serem poucos os feridos que conduzirão. Avisado o nosso general daquella retirada, ordenou que se recolhesse a gente.

Outra sahida effectuou o inimigo no mesmo dia 8, do forte dos Afogados, com 300 homens. Encaminhou-se pela praia até a passagem do rio da Jangada, que fica a só duas leguas do cabo de Santo Agostinho. Nesta passagem estava de guarda o capitão João Paes de Mello com 50 homens que mui bem a defendeu, fazendo retirar-se o inimigo com alguma perda. E quem vir que com tão pouca gente, como a que sempre tivemos, pelejavamos com um inimigo dos mais formidaveis da Europa, não só muitos annos, muitos mezes e muitos dias, como até no mesmo dia o faziamos em duas partes, não tendo em nenhuma igualdade para fazê-lo, lhe parecerá com razão que seria grande descuido não transmittir á posteridade o valor, constancia e circumstancias que presidirão a esta guerra, e sem embargo disto houve homens taes que ainda em acções tão honrosas achárão que calumniar.

A companhia, que vagou por morte do capitão Almeida, deu-a o general ao capitão Roque de Barros.

O conde de Bagnuolo começou a fazer um reducto de fabrica no logar que chamavão Pontal em frente da barra do cabo de Santo Agostinho, que era onde vinhão deixar e receber carga as embarcações. Havia ali algumas casas de palha em que se recolhia a gente de negocio, as mercadorias que vinhão

e os assucares que por ali sahião despachados. Ainda que este reducto fosse de importancia, se se acabasse, fez-se tão devagar, pela falta que de tudo havia, que ficou sem servir de defesa quando foi necessario.

Setembro 10. — A 10 soube-se que tinha entrado na Parahyba o capitão Francisco de Souto-Maior com dous navios, em que trazia 70 soldados de soccorro para o Real, tendo antes de entrar aquella barra pelejado com tres do inimigo, e sómente com o seu, porque o outro não tinha artilharia. Ainda que este capitão trazia a mercê de governador da propria praça da Parahyba, por então não quiz el-rei que a deixasse Antonio de Albuquerque. Souto-Maior conduziu ao Real os 70 homens, pedindo ao general que fizesse capitão delles a seu irmão Gregorio Guedes Souto-Maior. Logo o fez, e depois foi mestre-de-campo.

Achando-se fóra do Real, e na parochia de Ipojuca, onde era casado, Ruy Calaza Borges, que havia servido de sargento-mór de milicias (como se disse no principio dessas Memorias); e querendo continuar a servir, vindo no dia 25 deste mez ao anoitecer, a duas leguas do Real, e outras duas do forte dos Afogados, e no logar chamado os Guararapes, recolheu-se por sua desgraça em uma casa deshabitada, como estavão muitas, para passar a noite com cinco camaradas que trazia. Como o inimigo continuava as sahidas, fez esta noite uma com 300 homens para esta mesma parte, que era o principal caminho para o cabo de Santo Agostinho, indo do Real; e dando antes de amanhecer naquella casa, ainda pôde Calaza vender cara a vida, com seus cinco companheiros, resistindo todos até morrerem. Era natural da ilha da Madeira, nobre e valoroso. O inimigo voltou ao seu forte dos Afogados, d'onde sahira sem ser presentido senão depois de recolher-se.

Por este successo pareceu que se devia pôr alguma gente naquella paragem dos Guararapes; mas os caminhos e a terra por sua amplidão demandavão maior numero do que tinhamos para guarnecer-se. Todavia o general destacou ali o capitão Domingos Corrêa, com 40 soldados e 50 indios com seu capitão Antonio Cardoso.

Outubro 6. — Sahindo o inimigo a 6 de outubro do seu forte dos Afogados para esta parte com 200 homens, não lhe succedeu como com Ruy Calaza; porque o capitão Corrêa com aquella pouca gente sustentou o encontro de maneira que em duas horas, que durou, degollou-lhe 36 e prendeu 7, enviando ao Real quatro feridos, que não puderão retirar-se; dous dos quaes morrêrão em breves dias; e sendo camaradas de annos, não o parecêrão na morte, que em um foi de herege, e no outro não só de catholico, como de grande edificação nos padres jesuitas e outros religiosos que o assistirão. Ambos erão Francezes, e este dos maiores homens de corpo que hoje se acharão, porque tinhão quasi onze palmos de altura; chamava-se Luiz. Os 50 indios com seu capitão Antonio Cardoso portárão-se com valor; dous delles forão mortos entre os cinco que tivemos, e entre uns e outros houve seis feridos.

Outubro 21. — Por este tempo enfermou gravemente o general Mathias de Albuquerque (que isto lhe havião de render tantos e tão continuados trabalhos e desvelos) resultando-lhe uma quartan que soffreu dezoito mezes; comtudo não faltava um apice em providenciar quanto era necessario, como se viu no dia 21, que no maior accesso da febre deu taes ordens, que inutilisou o plano do inimigo em uma sortida que fez o tenente-coronel Biman com 700 homens do seu forte dos Afogados para a parte do engenho de Maria Barroso, a duas leguas de distancia, no caminho da parochia e povoação da Moribeca. Não só ia a este engenho para saquea-lo, mas tambem a outras muitas casas que por ali tinhão e habitavão os moradores, julgando-se seguros, por ser logar mui coberto pelos bosques. Porém tendo o inimigo Calabar comsigo, nada lhe ficava sem ser penetrado.

Como o general tinha pelos caminhos e mais postos, por onde o inimigo podia effectuar sortidas, alguma gente com capitães de emboscada, elles avisárão logo desta; e immediatamente mandou o capitão Barbalho com 156 homens, para que se fossem juntar aos que avistárão, que erão Francisco Rebello, Antonio André, Estevão de Tavora e Domingos DiasBezerra. Por outra parte enviou o major Pedro Corrêa da Gama com 200 homens, para cortar a retaguarda ao inimigo quando quizesse recolher-se, porque com isto, e com encontrar-se o Barbalho com elle antes, como era de suppor, se lhe poderia fazer bem pesada a indiscrição. Os capitães que ião com o Gama erão João de Magalhães Barreto, Francisco Duarte, Balthazar Leitão da Silveira, Domingos Corrêa,

Manoel Freire de Andrade e Roque de Barros.

Quiz a boa sorte de Luiz Barbalho que pela parte por onde o general o enviára encontrasse logo a retaguarda do inimigo, com quem foi escaramuçando e carregando de maneira que lhe foi degollando gente. Sua vanguarda, em que ia o tenente-coronel Biman, topou tambem com o major Pedro Corrêa, que tinha marchado com tal rapidez, que só cem homens, dos duzentos com que sahira, puderão chegar aqui, que foi na cancella de uns cannaviaes, e sem mais preambulos investiu o inimigo, sendo dos primeiros os capitães Domingos Corrêa e Balthazar Leitão, e seu alferes Francisco de Brito Fuzeiro; fazendo-o todos os mais com tal valor, que obrigárão Biman a retirar-se com tantos a uma casa proxima desamparada por seu dono Domingos Fernandes Mingaia, perto do forte dos Afogados, onde se puderão salvar durante o pouco tempo que restava do dia, e quando anoiteceu se recolhêrão ao forte.

Ao amanhecer enviou Biman as graças ao nosso sargento-mór Gama por tê-lo deixado recolher-se; porque de todo se julgou perdido na casa em que o fizemos retirar, pensando que a atacassemos. Sem embargo disto, ainda perdêrão neste dia, nas duas partes, 180 homéns e 18 prisioneiros, e assim o cavallo de Biman, que deixára para poder melhor se retirar, largando sua gente, pela mesma razão e tudo quanto levava do saque a que procedêra nas casas que entrou. Os nossos mortos forão oito, e entre elles Manoel Braz Bezerra, filho de Luiz Braz Bezerra, natural de Pernambuco, e dos mais nobres, e tres sargentos, Manoel Leitão, natural de Azambuja; Manoel Fialho, natural de Beja; e Antonio Soares, natural de Alemquer. Estes dous erão reformados, e o primeiro o era de Luiz Barbalho; Gaspar Peres, natural de Villa-Real, da companhia de Antonio de Figueiredo. Os feridos forão onze, e delles o capitão Balthazar, de um mosquetaço no braço esquerdo; o capitão Domingos Bezerra, João Francisco, da companhia de Barbalho, Manoel Simões, da de Domingos Corrêa, e Christovão de Barros, primo do capitão Bezerra, e filho de Maria Barrozo, a cujo engenho tinha vindo o inimigo, que em muitos dias não esqueceu a perda desse até que a recompensárão, como é ordinario nos successos da guerra, que se hoje são bons, amanhã não são assim. Mas o que ha no mundo que tenha sempre o mesmo ser, e que não padeça esta instabilidade?

Vendo-se o general Mathias sem saude, e considerando quanto havia mister aquella guerra, pediu licença para poder deixa-la, e ver se a natureza com descanso e distracção reagia; o que já na medicina era o ultimo remedio: porém Sua Magestade não foi servido conceder-lh'a; antes lhe encarregou de novo aquelle cuidado, dizendo-lhe que esperava o serviria tão bem como até então o havia feito. Mas como a enfermidade progredia, proseguiu elle em pedir a licença. Esta foi a causa de que o conde de Bagnuolo viesse do cabo de Santo Agostinho com seu terço para o Real, enviando-se outra vez para ali o sargento-mór Pedro Corrêa, dando-se-lhe pouco mais de 200 homens com os capitães João de Magalhães Barreto, Rodrigo Fernandes, Jeronymo Pereira, Francisco de Bittancourt e Sá, Gaspar Ferreira, D. Pedro Tavera Souto-Maior, Jorge da Fonseca Coutinho, e João Paes de Mello, com alguns da milicia da parochia de Santo Antonio do Cabo.

Mas porque neste tempo chegou o soccorro que de Lisboa trouxe Francisco Vasconcellos e Cunha, será razão dar conta disto com mais alguma particularidade, como prometti mais acima.

Tendo-se resolvido mandar de Lisboa 600 homens com munições e algumas fazendas, que servissem de soccorro para as necessidades daquella guerra, se aprestárão dous navios, capitanea e almiranta, de 20 e 16 peças de ferro, e cinco caravellas; mandando el-rei por capitão-mór Francisco de Vasconcellos e Cunha, cavalheiro de experiencia pelos annos que servira na India e nas armadas de Portugal, e de governador de Cabo-Verde, tendo de tudo dado a conta que se esperava de sua qualidade.

Outubro 26. — Partiu de Lisboa em 29 de agosto, e a 26 de outubro descobriu terra, reconhecendo-a ás 3 horas da tarde, estando em frente do rio Mamanguape, tres leguas ao norte da barra do Parahyba. Ali tinha o governador della Antonio de Albuquerque, o capitão Pedro Marinho de Lobeira para fazer avisos a nossas embarcações que por ali passassem, tendo para este effeito pilotos praticos daquella costa, para melhor poder encaminha-las. Assim que de terra forão avistados os dous navios e cinco caravellas, sahiu um piloto em uma chalupa para avisa-los do que se passava naquella

costa, e assim derão fundo em frente da barra deste rio. Antes que o fizessem teve vista delles um patacho, que logo foi atirando algumas peças, e navegando para o sul, onde ficava a barra da Parahyba, e onde trazião, havia dias, cinco náos, e quatro para a parte do norte da Bahia da Traição (segundo se colligiu) com a noticia de que esperavamos por ali este soccorro.

Tal aviso deu o piloto ao capitão-mór Francisco de Vasconcellos, dizendo que se quizesse entrar á barra daquelle rio o metteria dentro, por ser o mais seguro; porquanto as náos inimigas não dar ão logar a que fosse entrar no Parahyba, que estava tres leguas ao sul, e vigiada pelo inimigo. Communicou elle isto a seus capitães e mais pessoas que trazia: todos derão sens pareceres, como pouco praticos daquella costa e do estado desta guerra, que vinhão soccorrer, devendo seguir o que lhes dizia o piloto, que era o que convinha, pela vizinhança da Parahyba, com o que brevemente podião assegurar, e conduzir ao Real aquelle soccorro; porém longe de decidirem assim, resolvêrão ir deita-lo no Rio Grande, trinta leguas ainda mais ao norte, não avaliando os inconvenientes do mar, e os que poderião succeder antes de chegar, nem o passar pela Bahia da Traição, onde o inimigo tinha quatro náos.

Outubro 27. — Na mesma noite navegárão costeando para o Rio Grande, e ao amanhecer do dia 27, entre as bahias da Traição e Formosa descobrirão-se tres náos inimigas, que dirigindo-se aos nossos navios e caravellas, fizerão resolver a Vasconcellos a ir encontra-las, com menos duas caravellas que seguirão ao Rio Grande, para sua perdição, como logo veremos; e as outras tres tambem forão approximando-se da terra, e cada uma tomou a que pôde. Assim ficárão sós os dous navios a que se avizinhárão as tres náos. Estas, reconhecendo a nossa mosquetaria, usárão mais de sua artilharia de conhecida vantagem, sem que tratassem de abordar, pelo que nisso lhe levariamos.

A nossa almiranta, em que vinha o capitão Fernando da Silva e Miranda, com os canhonaços recebidos, foi fazendo muita agua, e assim por isto, como por haver alguma confusão, se foi approximando tanto da terra na bahia Formosa, que tocou de maneira, que como remedio tomou o de perder-se (que em taes casos o é), salvando-se a gente e o mais que se pôde, que não foi muito, por ser aquella paragem desabrigada, em razão de ser ali sempre desinquieto o mar. Salvárão-se dez peças de artilharia, que depois o governador da Parahyba fez conduzir dali pelo ajudante Luiz de Magalhães.

Francisco de Vasconcellos com sua capitanea sómente ficou pelejando, até que as tres náos do inimigo se fizerão na volta do mar, e elle na de sua almiranta, por tê-la visto perder-se, para ajudar a salvar o que pudesse: e entrando na bahia deu fundo, mandando logo á terra o capitão João de Madureira Godinho para reconhecê-la, e saber o que era necessario ao desembarque. Dahi a dous dias entrárão ali cinco náos inimigas, mas já estava tudo desembarcado; e tomando Vasconcellos as armas para defender-se, o inimigo contentou-se com deixar tambem sobre a arêa a nossa capitanea com as muitas balas que descarregou nella; porque tres de suas náos jogavão quarenta peças cada uma, e duas a vinte; e fazendo perder tambem este navio, sahirão da bahia. Custou-lhes isto 50 homens, e a nós sete e onze feridos.

Vendo-se Francisco de Vasconcellos em terra com a gente e munições, e o mais que se pôde salvar dos dous navios e das tres caravellas, tratou de collocar tudo cuidadosamente em parte mais segura; e pouco o ajudava a falta de gente naquella paragem tão despovoada. Todavia forão chegando alguns indios de uma aldêa mais proxima onde assistia, doutrinando-os o padre Manoel de Moraes, jesuita. Chegou tambem de um engenho, que estava pela terra a dentro cinco leguas, e era do governador da Parahyba, um seu criado Guilherme João, com alguns carros e pretos, com o que se foi recolhendo o que se salvára para aquelle engenho, onde se deteve mais de um mez, porque cada dia apparecião novos inconvenientes para a conducção á Parahyba. Logo o governador della e Francisco de Vasconcellos participárão ao general Mathias, o qual ordenou que as munições e cousas de mais substancia viessem por terra, e que alguma gente, algumas pipas de vinho, azeites, farinhas de Hespanha e bacalháo se mettessem nos barcos daquella costa, que irião á Parahyba, advertindo que se entregassem a cabos praticos e de valor, trazendo alguma gente para defesa, devendo entender-se que o inimigo não se descuidaria de cruzar naquella paragem para estorvar-lhes a sahida.

Chegada esta ordem a Vasconcellos e ao

governador, despachou este logo quatro barcos, que forão entrar no porto de Cundú, a cinco leguas daquelle engenho, onde estava o soccorro, indo Francisco de Vasconcellos a embarcar tudo, pondo em cada barco doze soldados e um cabo, para que pudessem partir logo; e dando-os por seguros, volveu ao engenho. Mas como o inimigo trazia ali o cuidado, trazia um patacho e quatro barcaças com duas peças de artilharia de quatro libras cada uma, e gente para entrar naquelle porto e rio e nos mais que fosse necessario para impedir-nos a entrada daquelle soccorro.

Havendo pois sahido um dos nossos quatro barcos, e dado fundo fóra da barra á espera dos outros, descobriu o patacho e as barcaças, entrou de novo á barra com os tres que já ião tambem sahindo: o inimigo entrou em seguida; mas antes de fazer-se dono delles, os nossos mesmos soldados lhes puzerão fogo e os desampárarão: todavia tomando um, soube que Francisco de Vasconcellos, com o resto deste soccorro, estava naquelle engenho. Pareceu-lhe que corria grande risco, porquanto já a maré não lhe dava logar para sahir, e só na outra; e que entretanto podia chegar nossa gente e tomar-lhe o posto do pontal da barra, por ser muito estreito; com o que suppunha que não só não fizera boa presa em nossos barcos, pois forão queimados, senão que o mesmo podia acontecer a seu patacho e barcaças.

Tal cuidado apertava agora o inimigo, e não sem razão; tomando como remedio pôr seus vasos o mais perto possivel da barra, dando fundo bem no meio do rio. Fizerão-o com tanta pressa, que ainda puderão voltar de terra alguns soldados a apagar o incendio de um dos tres barcos, com o que se salvou tudo o que levava.

Tendo Francisco de Vasconcellos aviso disto naquelle engenho, mandou tomar as armas, marchando com toda a diligencia, por ver se chegava a tempo: anoiteceu lhe depois de ter andado tres partes da distancia; com o que os capitães e outras pessoas lhe disserão que devia fazer alto, não só por ser noite, como por não haver ainda noticia certa do poder contrario, e se havia ou não saltado em terra; e que a nossa gente era bisonha, e ia fatigada sem ter comido naquelle dia; e que uma legua atrás ficava um curral onde podião refrescar-se, e donde, sahindo antes de amanhecer, ainda chegarião a tempo.

Ainda que Vasconcellos desejava se proseguisse a marcha, houve de conformar-se, retirando-se ao primeiro curral, onde a gente se refez e descansou mais do que pedia a occasião, sem calcular a hora em que a maré poderia dar logar á sahida do inimigo; porque quando no outro dia chegou a nossa gente, já tinha sahido havia poucas horas, com grande trabalho e perigo. Tendo sahido sete ou oito moradores com suas escopetas a tomar o rio pela parte do sul, e antes de amanhecer estavão na barra; e pensando que a nossa infantaria, como partira adiante, estava da outra banda, fizerão umas cavas na arêa, e entrárão nellas, para cobrir-se. Quando o inimigo pela manhã quiz sahir, viu que começavão a disparar-lhe alguns tiros, e pareceu-lhe que ali esta ia toda a nossa gente; então tendo por impossivel a sahida, resolveu emprehendê-la a todo o risco, receiando a opposição que imaginava.

Francisco de Vasconcellos ficou, como devia, mui sentido de escapar-se-lhe das mãos uma tal occasião; mas como não volvem muitas, só este sentimento ficou desta. O barco que fôra salvo do incendio foi mandado depois sahir, e chegou á Parahyba, que foi sómente o que se logrou deste soccorro. O mesmo fez depois Vasconcellos com a infantaria, que se deteve ali todo o resto deste anno; e quando chegar ao Real tornaremos a tratar della.

Sentiu se muito esta perda, por suas circumstancias, e não menos pelo que ali vinha para o hospital, que trazião cinco religiosos de S. João de Deus, sob a presidencia de um delles, que era sacerdote, e chamava-se Fr. João de las Casas, os quaes brevemente regressárão, tendo morrido um de nome Fr. Jacintho.

Nesta mesma occasião deitou o inimigo em terra o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que de dias era seu presioneiro, tomado em uma caravella em que tinha sahido da Laguna do Sul, vindo da Bahia, a embarcar-se para a Hespanha. Delle se soube tudo que o inimigo fez e deixou de fazer nesta occasião do soccorro de Francisco de Vasconcellos.

Novembro 6.—A 6 de novembro chegou o capitão Cosme do Couto Barbosa ao Rio

Grande com duas caravellas de soccorro, vindo de Lisboa. Entrando ali, e julgando as difficuldades que havia para poder conduzi-lo do Real, resolveu-se a vir entrar no cal o de Santo Agostinho. Conseguiu-o com uma das caravellas, (não a em que elle vinha), porque a outra entrou no rio Formoso, a seis ou sete leguas mais ao sul. Puderão sahir do Rio Grande as duas que ali tinhão entrado do soccorro de Francisco de Vasconcellos, mas não o fizerão, quiçá para que não chegasse a salvar-se delle mais que o barco que chegou á Parahyba e a polvora e munições que forão por terra.

Como o forte de Santo Antonio, que se levantava da outra parte do Cabedello, na Parahyba, se iá continuando, pareceu ao general, conforme as ordens d'el-rei, que fosse a conde de Bagnuolo examinar o trabalho. Partiu este no dia 1° de dezembro, levando o capitão André Marinho, por entender de fortificação, e o engenheiro João del Olmo; porque Diogo Paez, que era o outro que havia, assistia naquella obra.

Dezembro 2 —A 2 de dezembro soube o general que o inimigo estava embarcado em dezoito navios. Logo avisou a toda a diligencia o governador da Parahyba, dizendo-lhe que ainda não se penetrava se o objecto da viagem era aquella praça ou a do Rio Grande; e que como toda a gente do soccorro de Francisco de Vasconcellos estava com elle na Parahyba, e a do conde de Bagnuolo tinha partido no dia antecedente, esperava que, se o inimigo tentasse sobre alguma das duas praças, se arrependesse muito á sua custa, achando taes pessoas e soccorro tão prompto para a defensa.

Dezembro 5.—A 5 de dezembro sahirão estes dezoito navios do porto do Recife. Soube-se de um espia que ia com elles Mathias Vancol, um dos da companhia occidental, e o coronel Sigismundo Scup, levando por principal companheiro, para seu fim, Domingos Fernandes Calabar, com 1,500 homens.

Dezembro 8.—Aos 8 tinão já entrado á barra do Rio Grande, sem que pudesse obsta-los o nosso forte, que estava á entrada, ainda que lhes atirou alguns canhonaços. Seguirão rio acima, e forão dar fundo em frente de uma ponta que chamão de Gaspar Rebello, ficando com ella cobertos do nosso forte; e com suas lanchas tomárão logo sem resistencia as duas caravellas que ainda estavão ali, para perder-se, do soccorro de Francisco de Vasconcellos, levando-as a reboque; e o mesmo fazião ás de Cosme do Couto, se não houvessem sahido.

O capitão da praça e do forte, Pedro Mendes de Gouvêa, participou logo o estado em que ficava ao governador da Parahyba, o qual aviso chegou a 10 do mesmo mez pela tarde; e communicando-o ao conde de Bagnuolo e a Francisco de Vasconcellos, que ali se achavão, resolveu-se que logo se soccorresse, como era de razão, o Rio Grande, com o que fosse possivel; como se fez na mesma noite, enviando-se o sargento-mór Antonio do Madureira com 350 homens, e os capitães do Presidio da Parahyba D. Gaspar de Valcaçar e Domingos de Arriaga; e dos moradores, de que havia quatro companhias pagas, forão os capitaes Cosme da Rocha, André de Mello e Albuquerque, Roy Calaza Serpa, e Miguel Padilha. Levárão tambem 200 indios.

Dezembro 12.— No dia seguinte á noite estava já este soccorro que fôra em barcos a sete leguas do forte do Rio Grande; e aos 12 pareceu ao conde de Bagnuolo ir tambem em pessoa a soccorrê-lo; e partiu por terra com 250 soldados do soccorro de Francisco de Vasconcellos, e com os capitães Fernando da Silva e Miranda, e João de Madureira Godinho, e algumas outras pessoas particulares. Mandou adiante por mar o capitão André Marinho, para reconhecer o que o inimigo houvesse feito, que antes de chegar o soube, tomando informações de um morador que disse estar o forte já perdido: o que sendo participado a Bagnuolo, voltou para a Parahyba. A perda foi deste modo:

O forte do Rio Grande estava fundado sobre uma lage que o mar cobria, junto á barra, tendo o padrasto de um morro de arêa, obra dos ventos, ali quasi permanente, sem que nunca as muitas diligencias o pudessem impedir; porque a providencia, que um anno parecia utilisar, dahi a oito dias mostrava-se improficua, tornando o vento a reunir as arêas. Deste padrasto não se podia ir ao fundo senão em marés vasias, ou embarcado nas cheias

O inimigo, deitando sua gente em terra, sem impedimento no mesmo dia 8, junto á referida ponta em que dera fundo, foi guiado por Calabar a este posto do padrasto de arêa, que occupou a 9, cobrindo-se, e fazendo logo sua esplanada com cestões e tres

meios canhões, com o que á tarde começárão a bater o forte. Para sua defesa tinha o capitão Pedro Mendes de Gouvêa 85 homens dos moradores, dos quaes poucos erão soldados. Naquella noite lhe entrárão em jangadas algumas vaccas mortas e pescado salgado, com o aviso de que promptamente seria bem soccorrido.

Aos 10 começou a bateria de ambas as partes; e estando o capitão sobre a muralha, foi ferido de um estilhaço, de que cahiu. Desanimada a gente com isto, se descuidou muito da sua obrigação. O sargento do forte, Pinheiro, tendo fugido do presidio da Bahia, continuou aqui a faltar totalmente á honra, começando a desanimar a gente, de modo que a defesa se fazia já como se póde colligir com tal exemplo. Penetrando isto o inimigo, e não querendo perder a occasião, intimou-os por um corneta a que se rendessem, garantindo-lhes a sahida com suas armas, bandeiras, bala em boca e toda a bagagem.

Ainda que o capitão Gouvêa estava muito abatido por causa da ferida, respondeu o que convinha. Porém o sargento Pinheiro, colligado com um Simão Pitta Ortigueira (que o capitão ali tinha preso e maltratado), e com outros, resolvêrão render-se sem communicar ao capitão. Furtárão-lhe as chaves, e ás 9 horas da noite do dia 11 abrirão as portas, e escrevêrão ao inimigo dizendo que aceitavão o partido.

Na madrugada do dia 12 puzerão uma bandeira branca, bem que houvesse quem a tirasse; todavia, como o capitão estava tão impedido, forão poucos os que quizerão continuar a resistencia e oppor-se a tal maldade.

Entrou pois o inimigo no forte; e ainda que o capitão Gouvêa fez o que pôde, defendeu-se pouco tempo para quem tinha o soccorro tão prompto e tão perto já como sete leguas na noite do mesmo dia 11 de dezembro.

O general Mathias de Albuquerque não só ignorava esta perda, como até ao certo onde o inimigo tinha-se dirigido. No dia 13 soube pela Parayba o que se passava, de ter partido o soccorro para o Rio Grande; e dahi a cinco dias teve noticia da perda, sentindo-a muito, não só por ter-se perdido mais uma praça, e com taes circumstancias, como pelo animo que o inimigo cobraria, vendo que, sem embargo de chegar o soccorro e estarem tão perto, na Parahyba, taes pessoas, nada bastou a impedir-lhe aquelle bom successo, promettendo-se delle o serem brevemente donos do que restava.

Ainda que pareça miudeza referir o que nesta occasião succedeu a um Indio, resolvo não olvida-lo, como dependencia do mesmo acontecimento, e pelo exemplo que não só póde oppor-se, como vencer difficuldades; e não a vileza com que alguns faltárão ali á sua obrigação. Chamava-se entre nós Simão Soares, e entre os seus Jaguarary. Era dos mais principaes, e tio de Antonio Felippe Camarão. Quando no anno de 1625 estivérão os Hollandezes na bahia da Traição com seus 34 navios, introduzirão-se com elles alguns Indios, por sua natural facilidade. Entre elles foi a mulher e filho deste Simão Soares, o qual, obrigado do amor que lhes votava (porque até nestes quer elle que se sinta seus effeitos), passou-se tambem a elles para ver se podia conseguir a liberdade de quem o arrastava á escravidão. Só a isto foi; e nunca se provou contra elle outra alguma cousa. O inimigo afinal o deixou, e sua mulher e filho e outros, levando sómente uns vinte para ensinar-lhes sua lingua, e servir-se depois delles, como já fica dito.

O capitão, que era naquelle anno de 1625 da praça do Rio Grande, por este indicio prendeu o Indio, que ainda agora em 1633 jazia em ferros. Parecendo a todos que se acaso o forte se perdesse, não convinha que o inimigo encontrasse ali este Indio tão escandalisado, pelo que lhe poderia servir com os seus contra nós, em vingança do que soffrêra; persuadirão por isso ao capitão Gouvêa que o mandasse deitar pela muralha para a parte do mar. Fez-se em um páo, para que pudesse sahir para a banda do sul, que era da Parahyba: e tirando-se-lhe os ferros, o deitárão mais para afogar-se do que para chegar em terra. Porém pôde chegar até uma legua; e encaminhando-se á primeira aldêa de Indios, deu-se-lhes a conhecer, e fallou-lhes pouco mais ou menos desta fórma:

« Aqui me vêdes nú, e com os signaes ainda frescos dos ferros que oito annos supportei, por ter communicado com os Hollandezes na bahia da Traição, no intento de tirar minha mulher e filho que lá estavão. Havendo-me vencido amor, não me valeu ter provado bem minha fidelidade nos muitos annos que servi ao rei, e particularmente na conquista do Maranhão, com muita gente mais, quando Jeronymo de Albuquerque o

ganhou aos Francezes. Daquella prisão me soltárão agora, por estarem os Hollandezes sobre o forte do Rio Grande, que, a não ser isso, bem receiava eu morrer nos ferros. Porém nada ha de ser bastante para manchar minha antiga fidelidade com a qual sempre servi e servirei ao meu rei. Portanto, rogo-vos que ella vos sirva de exemplo, e não de escandalo, o tratamento que soffri; porque se o forte se perder, advirto-vos que todos vos retireis com vossas familias para onde vos fôr ordenado pelos capitães d'el-rei, para que nunca venhais a cahir no poder do inimigo. Escusareis assim a ver-vos em uma infame servidão. E se o nosso forte se defender, daqui o iremos soccorrer com o que nos fôr possivel. Entenda finalmente cada um de vós que se qualquer faltar á obrigação de bom e leal vassallo do nosso rei, eu lhe servirei de verdugo. »

Assim fallou; e obrárão tanto estas palavras, não só para com os Indios daquella aldêa, como para os das outras que ali havia, que todos as abandonárão apenas souberão que o inimigo estava de posse do forte. Este Indio Simão Soares, em todas as occasiões que depois houve, acompanhou seu sobrinho Antonio Felippe Camarão até que foi preciso retirar-se á Bahia. Sua Magestade lhe fez mercê de 750 reaes de soldo, com clausula de que por sua morte passarião a sua mulher e filho. O que se póde ponderar é que quando alguns com o sargento do forte faltárão tanto a seus deveres e obrigações, cumpriu-as este Indio tão bem, tendo-as mais em conta do que os grilhões em que o esquecêrão por oito annos; pelo que não se poderá negar, quanto mais poderosa é a razão que o aggravo, pois até a este obrigou a reconhecê-la.

Logo que o inimigo se empossou do forte do Rio Grande, embarcou 200 homens, e com elles Calabar. Forão rio acima até um engenho de Francisco Coelho, que estaria a duas leguas. Ali se havia acolhido a maior parte dos moradores que vivião na povoação, com o nome de cidade, ainda que bem pequena, a qual ficava a meia legua do forte. Chegando-lhes a noticia da approximação do inimigo, um delles, chamado Pedro Vaz Pinto, escrivão da fazenda real daquella praça, e a quem todos respeitavão pelos rasgos da sua penna, persuadiu até 40 a tomarem as armas, levando por cabo a João Ferreira, que havia servido no Real. Emboscando-se em um logar muito a proposito por onde o inimigo tinha de passar, foi bastante para impedi-lo ainda com morte de oito homens e alguns feridos; e parecendo-lhe que seriamos mais, houve de retirar-se.

O sargento-mór Antonio de Madureira, que, como se ha dito, tinha ido de soccorro com os 350 homens, como não chegou a tempo para não perdê-lo, fez retirar para a parte do engenho do Cunanú, que ficava a 15 leguas do Rio Grande para Parahyba, alguns moradores e muito gado, dando-lhes comboy; e elle com os seus volveu á Parahyba.

Assim findou este anno com a perda de mais esta praça; e á vista dos quotidianos soccorros que sem risco chegavão ao inimigo (bem differente do que com os nossos acontecia) brevemente se podia temer quo o pouco que nos restava fosse seu, como succedeu, como veremos: assim como o resultado de seguir-se a opinião de fazer-se esta guerra lentamente, e não com aquella fervorosa energia com que se restaurou a Bahia de Todos-os-Santos. Grande exemplo para ser imitado; se não fôra mais poderoso o permitti-lo Deus assim por seus divinos e occultos juizos, e que a nossa limitada intelligencia não póde chegar.

1634

Sahe o inimigo com sua armada para a Parahyba.—Entretanto tentamos por entrêga ganhar a povoação do Recife, e qual o successo, o delle no porto do cabo de Santo Agostinho, onde o investimos. Vindo da Parahyba, soccorre-o o general. — Voltão á Hollanda por novo soccorro os dous da companhia, que assistião á guerra.—Deixão por general o seu coronel Segismundo Scup. — Acommettem-nos no Real.—Investimos outra vez o porto do cabo.—Varios encontros.— Soccorro que nos chega da Bahia, e da Hollanda ao inimigo, que passa á Parahyba, e a ganha.

Com o embaraço de soccorrer o Rio Grande, que teve o effeito já referido, se dilatou a assistencia de Francisco de Vasconcellos na Parahyba, até que veiu ao Real, em 18 de janeiro (tendo vindo antes o conde de Bagnuolo) sómente com 180 homens, dos 600 que havia conduzido de Lisboa; porque 200 mandou o general que ficassem na guarnição da Parahyba, visto estar ella já entre o inimigo, que possuia a ilha de Itamaracá e Rio Grande. Daquelles 200 fez capitães Alvaro Fragozo de Albuquerque e D. Jacintho Ayres de Lucerna. Os que faltão para o numero de 600, uns morrêrão, outros enfermárão, e os mais evadirão-se internando-se pelos curraes e outras partes onde tivessem menos perigos e trabalhos do que os que já havião presenciado, que lhes parecião insupportaveis.

Todos os soccorros que nos enviavão padecião estes transtornos e diminuições, sempre em favor do inimigo. Por outra parte, vir gente sem abastecimentos, era impossibilitar o sustento della, como se experimentou com a chegada destes 180; pois dava grande cuidado a distribuição de rações, pela mingua que de tudo havia. No meio de tão miseravel escassez resplandecia em todos os que ali se achavão uma constancia inimitavel; do que, se o não estorvasse alguma paixão, se faria mais apreço e estimação, bem differente do que aconteceu; mostrando os que assim procedêrão (pelo que depois se observou) o pouco escrupulo com que censurárão o commum mais que o particular, no que deverião ter muita circumspecção, á vista dos máos successos a que derão causa, e que tanto se sentirão depois.

Os capitães que vierão com os 180 soldados erão Fernando da Silva Miranda e João de Madureira Godinho; e ficando cada um com 60, se formou uma companhia dos outros 60, que excedião de 120, que o general deu a Bartholomeu de Vasconcellos, sobrinho de Francisco de Vasconcellos, que já de annos servia nas armadas.

Pelo bom procedimento desenvolvido por Antonio Felippe Camarão o fez el-rei capitão-mór de todos os Indios, não só de sua nação, que era Pitagoar, mas tambem das outras residentes em varias aldêas.

Por estes dias deu-se licença ao capitão Antonio de Figueiredo e Vasconcellos para ir á Hespanha, attendendo a sua pouca saude, provendo-se a sua companhia em Affonso de Albuquerque; e a de Manoel Rabello da Franca (a quem tambem se concedeu licença) em Manoel de Madureira.

Janeiro 25. — A 25 de janeiro sahiu o inimigo da ilha de Itamaracá, e passou para a banda da villa de Iguarassú, onde se achava o capitão Martim Soares com 50 homens, e Antonio Felippe Camarão, já capitão-mór dos Indios, com alguns. Pelejárão tão bem, que matando e ferindo-lhe muitos, o fizerão retirar-se á mesma ilha de que tinhão sahido.

Fevereiro 5. — A 5 de fevereiro entrou

no porto do cabo de Santo Agostinho uma caravella com soccorro e avisos. Vinha a cargo de Pedro de Almeida Cabral, cavalheiro que havia servido por muitos annos na India, e irmão de Fernando Cabral, chanceller-mór do reino, ultimo logar de letras a que sobem os ouvidores da camara. Outras duas caravellas trazia mais sob seu cargo, as quaes foram entrar na Parahyba, sendo capitães dellas Domingos Paulo da Silva e Manoel Coelho de Figueiroa. Os avisos que trazião erão de que o inimigo enviava mais tres mil homens de soccorro, para acabar de assenhorear-se do Brasil. O nosso foi de 120 homens; cousa admiravel que fossem tão poucos, quando se avisava que vinhão tantos contrarios; o que era certo, como adiante veremos; bem que por agora chegárão-lhe só 500 a 7 de fevereiro, em cinco náos, do porto do Recife.

Voltemos ao Rio Grande. De nada ali se descuidava o inimigo, porque depois de entrar no forte enviou logo dous Indios a João Dui, chefe dos Tapuyas, que virião a 80 leguas no interior. Já n'outro anno lhe tinhão mandado outros, como dissemos; e agora lhe participavão de estar na posse daquelle forte e praça; pelo que podião descer seguramente, e que os esperavão com affan; que no campo acharião muito gado e alguns moradores, em quem poderião cevar sua ira. Era com a ultima expressão que melhor os poderião obrigar, por serem elles naturalmente mais crueis do que os das outras nações, e particularmente para com os moradores, que olhavão como descendentes de seus conquistadores.

Baixando logo João Dui com muitos destes Tapuyas, deu inesperadamente no engenho de Francisco Coelho, para onde pouco antes se tinhão retirado alguns moradores, e o matárão juntamente com sua mulher, cinco filhos, e todos os que ali achárão, excedendo talvez a 60 pessoas, sem que a algum concedessem a vida, propriedade destes barbaros. Feito isto, dirigirão-se ao forte, onde entrou Dui com poucos, e todos se virão bem hospedados, e brindados com dadivas para elles estimaveis. Porém o inimigo conservava-os menos por amar sua companhia que por servir-se delles contra nós. Assim acontece a quem é glotão (estes o são muito) e pouco seguro na amizade, como soem ser outros que não são Tapuyas, bem que nisto o parecem. Erão emfim taes e tantos os trabalhos que cada dia crescião áquelles infelizes moradores, que já com a vinda dos Tapuyas lhes parecião menos impios os Hollandezes. Mas é de crer que seus peccados lhes ião multiplicando os inimigos e os castigos.

No porto do Recife estava o inimigo se aprestando para alguma acção maritima; porquanto embarcava o necessario para semelhantes intentos. Soube-o o general Mathias de Albuquerque, e avisou o governador da Parahyba, ordenando a Lourenço Cavalcanti que tinha a seu cargo os moradores de Goyana, districto de Itamaracá, para que com os que pudesse fosse em soccorro da Parahyba. Do Real enviou os capitães D. José ao Souto Ponce de Leão, e Martim Munoz, aggregando a si a gente, que serião 80 homens que ali estavão ainda das duas caravellas de soccorro que havião vindo a cargo de Pedro de Almeida Cabral.

Apenas o governador da Parahyba recebeu este aviso, começou a prevenir-se. Fez uma fortificação na ilhota que o proprio rio Parahyba fórma, e a que chamão — Os Frades Bentos, — e em uma restinga que ella estende em frente da barra a meia legua, e quasi no meio do rio e dos fortes do Cabedello e Santo Antonio. Nesta paragem, muito apropriada para a melhor defesa de tudo, começou o governador a levantar uma bateria de sete peças, encarregando-a ao capitão Pedro Ferreira de Barros. Na parte do forte de Santo Antonio, que já tinha artilharia em dous baluartes, fez uma trincheira com a competente estacada, fosso e travezes, em um passo estreito, que de um lado tinha um pantano impenetravel, e do outro o mar, que tomava o caminho por onde o inimigo precisamente havia de passar, se desembarcasse daquella banda. Assistiu a esta obra o capitão de engenheiros Diogo Paez, que o general ali conservava.

Achava-se ainda na Parahyba o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que tendo sido solto pelo inimigo, de quem fôra presioneiro, como já se disse, preparava-se para ir a Hespanha; porém vendo esta nova occasião que se esperava, deixou o intento tão apetecido de muitos, e offereceu-se ao governador para servir nella. Foi então encarregado do mesmo forte de Santo Antonio, dando-se-lhe duas companhias: uma de Alvaro Fragozo de Albuquerque, com 80 homens, outra de Domingos de Almeida com igual numero, gente dos moradores e boa tropa de Indios a

cargo do capitão Simão Soares, perito na lingua.

No forte do Cabedello, que era da outra parte e mais proximo á barra, se metteu todo o resto da gente que havia. Disposto isto assim, e duplicando-se os avisos do general, de como o inimigo estava já embarcado, sahiu este do porto do Recife com o coronel Segismundo Escup, a 23 de fevereiro, com 24 náos, 18 barcaças e muitas lanchas, em numero de tres mil infantes.

Fevereiro 25.—Dahi a dous dias se começou pela tarde a descobrir da Parahyba essa armada, que ás nove horas do dia 26 estava sobre o Cabo-Branco. Dividia-se em tres esquadras; uma deu fundo em frente da barra, e as duas a uma legua do norte, na enseada que chamão da ponta de Lucena, e que fica da banda do forte de Santo Antonio.

Naquella mesma noite de 26 as duas esquadras deitárão em terra pouco mais de mil homens, que forão marchando em direcção ao forte de Santo Antonio, não suppondo achar antes delle a trincheira que se havia feito, e que vedava o passo. Ainda que ficárão sorpresos ao encontra-la, não deixárão por isso de investi-la com resolução, chegando alguns a pôr as mãos na estacada para salta-la. O capitão Domingos de Almeida, que estava na defesa com os alferes Antonio da Silva Lobo, que depois foi tenente do mestre de campo general, e Simão Soares com os seus Indios, o defendêrão com morte de alguns do inimigo, que vendo a difficuldade e damno se retirou um pouco para de novo acommetter, o que fez trazendo machados e marracos para derrubar a estacada; mas achou-a já soccorrida pelo capitão Lourenço de Brito; porque, como o forte de Santo Antonio estava perto, foi facil o fazê-lo, ao ouvir na trincheira a primeira carga de mosquetaria com que desta segunda vez o investiu o inimigo. Fizerão-o finalmente retirar-se, degollando-lhe 32 homens, fóra os que levarião e os feridos, e nós tivemos sete feridos.

Reconhecendo o inimigo a perda recebida, e antevendo a que podia receber, fortificou-se perto da nossa trincheira, e investiu-a pela terceira vez, na madrugada de 27 do mesmo fevereiro; mas achando os que a guardavão com a devida vigilancia, foi pela terceira vez compellido a retirar-se com alguma perda. Chegárão da outra parte do forte de Cabedello, pelo que lá constou, duas companhias de soccorro, com os capitães Domingos de Amaga e D. Gaspar de Valcaçar. Depois de amanhecer chegou tambem o governador com mais quatro companhias das pagas pelos moradores.

Fevereiro 27.—Ao raiar do dia 27 se viu bem como o inimigo havia levantado uma trincheira, a tiro de espingarda da nossa, com seus certões, que parecia esperar artilharia; porém como tinha de conduzi-la das náos, que estavão mais longe, pudemos nós com mais brevidade trazer uma do forte de Santo Antonio; e collocando-a como foi possivel na nossa trincheira, fizemos-lhe com ella grande damno, ainda que nos matárão de um mosquetaço o condestavel André de Hambong, e ferirão quatro homens.

Um pouco atrás de sua trincheira tinha o inimigo feito seu quartel, que tambem recebia damnos das nossas balas.

Querendo o governador Antonio de Albuquerque que fosse ainda maior, mandou 500 homens, dos quaes 200 erão Indios, que fossem postar-se na retaguarda daquelle quartel, onde a matta era mais apropriada para impedir ao inimigo a communicação com suas náos. Mas como elle não considerava aquella empreza como seu fim principal, e sómente a tentára para distrahir-nos a attenção do seu verdadeiro ponto de vista, tratou desta só para o effeito que pretendia, e sahiu, mas não sem custar-lhe nem a de 150 homens.

Fevereiro. 28—Naquella mesma noite se retirou de seu quartel e trincheira, deixando nella só 25 homens com um sargento, os quaes no dia 28 se ausentárão tambem, e não com pouco risco, para uma lancha que os esperava, porque todos os mais se tinhão já embarcado mesmo de noite. Dest'arte ficou a Parahyba desassombrada, se bem que não tardou muito em ter novo e peior susto, porque o mal nunca se demora. E não passará o fim deste anno sem que o vejamos. Deu o inimigo a vela no 1° de março, voltando do Recife. Mas emquanto não chega, aconteceu lá o que será bom saber-se, e foi o seguinte.

Como o general Mathias de Albuquerque observou terem sahido do Recife tres mil infantes naquella armada, e estava vendo o pouco de que dispunha para occorrer a qualquer invasão, pareceu-lhe que em tal desesperação não tinha outro remedio senão tentar outra. Se o conseguisse, como pensou alguns dias antes, e como quasi esteve conseguindo, seria isto um dos feitos

d'armas de que nem o proprio olvido (se assim se póde expressar) poderia triumphar.

Tendo pois o general noticia de que o inimigo deixava pouca gente nos seus fortes e na povoação de Recife, onde tinha todos os abastecimentos, munições e o maçame maritimo, julgou que se se pudesse passar o rio Biberibe, e investir uma noite aquella povoação e queima-la, seria tal a diversão da empreza a que sahira, que não effectuaria o projectado, como de todo o impossibilitaria de conservar-se no Brasil; pois era claro que não lhe poderião enviar da Hollanda tão depressa munições, abastecimentos e tudo o mais para resarcir a perda que o incendio lhe causava, não lhe deixando com que sustentar-se nem defender-se. Não erão poucos os inconvenientes desta empreza; mas a capacidade e resolução do general a emprehendeu desta maneira.

O rio Biberibe, que divide a povoação do Recife da campina das Salinas em baixamar dá logar a ser vadeado (ainda que com agua pelos peitos) em certo logar; para cuja segurança tinha ali o inimigo um patacho com oito peças e roqueiras, e cincoenta mosqueteiros. Quem tentasse esta passagem agora, não só se expunha ao fogo deste patacho, como ao dos fortes de Diogo Paez e S. Jorge, que estavão na lingua de arêa da outra parte, e tambem dos das fortificações da povoação e do forte da Asseca, que tinhão da nossa banda.

A povoação do Recife, pela parte que olha para a ponta da Asseca e para a ilha de Santo Antonio, tinha para defesa uma estacada, e pela outra parte, que olha para a barra, tinha uma trincheira que circulava a povoação até encontrar com a estacada, com uma porta no meio, por onde sahe o caminho ou lingua de arêa que vai dar nos fortes de Diogo Paez e S. Jorge. Nesta porta, que era a entrada principal, tinha a trincheira dos travezes, se bem que com pouca altura, e as mais fortificações não tão bem entendidas como deverião ser, segundo lhe convinha; o que depois emendárão; porque até então não acreditavão que por entre seus fortes, e passando um rio com a largura de tiro de canhão, e com agua pelos peitos, ninguem ousasse emprehender tal feito.

Estas noticias colhia o nosso general de alguns catholicos rendidos; sem embargo do que, mandou tres ou quatro vezes o condestavel da artilharia, Jorge da Fonseca Pimentel, como mui pratico daquella povoação, e no passo do rio, que de noite examinou tudo; e com a sua informação resolveu o general a executar o projecto.

Como o coronel Segismundo Escup sahiu do Recife a 23 de fevereiro, logo nos tres ou quatro dias seguintes mandára o general que o condestavel Fonseca fizesse a referida diligencia. Encarregou a empreza ao capitão Martim Soares com 700 homens, sendo 200 indios escolhidos e bons para a passagem do rio. A hora em que se poderia vadear era das 11 ás 12 horas, tempo muito a proposito para façanhas taes. Cada soldado levava uma divisa, para melhor conhecer-se, evitando dest'arte a confusão que ordinariamente traz comsigo aquella hora.

Repartiu o general esta gente em dous troços, um com 200 soldados e 100 indios para invadir a povoação do Recife pela parte da estacada, levando machados para desfazê-la, e muitas granadas de fogo para lançar dentro, e desembaraçar melhor a defesa, assim como varios outros artificios, para que depois de entrar os puzessem nos armazens do inimigo. Os outros 300 infantes e 100 indios tinhão de acommetter a porta que sahe da povoação, levando iguaes instrumentos.

Quando a empreza devia começar a pôr-se em pratica, mandou o general dar alarma mui vivamente nos seus fortes dos Afogados, Taborda e Cacimbas de Ambrozio Machado, que estavão da outra banda na ilha de Santo Antonio, para distrahir o inimigo, por serem os mais afastados da povoação do Recife.

Para que tudo se executasse com mais calor, assistiu o general, bem que oppresso das quartãs que soffria, á margem do rio, tambem para atravessa-lo pessoalmente, se o caso urgisse. Mas toda esta energia não bastou a evitar o máo successo, para que melhor se conheça quão pouco vale por si só o maior desvelo e discurso humano. Os soldados não puderão antevê-lo, e promettião com seu costumado denodo grandes façanhas

Março 1. — Foi no 1° de março, e á hora que já referimos, que se começou mais a nadar do que a marchar, passando o rio; e como ficava tão perto o patacho que o inimigo ali tinha, já os que antes facilitavão o transito o havião agora por difficil. Todavia proseguirão até cem; e alguns indios, sem serem sentidos, chegavão á outra

parte, quasi junto á mesma porta da povoação; mas ahi forão descobertos.

Tornou-se de necessidade o investi-la, suppondo que os seus camaradas os ião seguindo (e se o fizessem, sem duvida se ganharia a povoação), e começárão os primeiros cem homens a assaltar e subir pela porta com tal valor, que alguns a montárão, de modo que Mathias Vancol, um dos principaes da companhia occidental que estava ali com 200 homens sómente, ouvindo o rebate, vendo a pouca gente e a muita confusão, ergueu-se da cama, e mal vestido se arrojou á primeira lancha, passando-se á outra banda da ilha de Santo Antonio, e dando por perdida a povoação do Recife, e com ella tudo quanto até ali havião ganho e dispendido.

Quanto ao resto de nossa gente, nem a que havia de transpor o rio, em seguimento á primeira, nem a que a devia fazer pela parte da estacada, que ficava um pouco mais longe, o executou; por ver que os da vanguarda forão presentidos, parecendo-lhe que a povoação estaria já prevenida; e com este receio volvêrão á praia alguns que já ião passando o rio. O general os animava affirmando-lhes que não havia gente para temer na povoação, pois que o inimigo a levára quasi toda na armada com que sahiu; e que elle general estava convencido de que com esta passagem findavão-se os trabalhos da guerra presente. Mas baldado foi tudo, porque já estava arrefecida a primeira chama da coragem com que marchárão, e isto agora só serviu de extingui-la. Houve ruido e vozes, que em tal hora causárão confusão, de que resultou perder-se o melhor momento que a sorte podia offerecer-nos para tão util feito de armas, visto que da parte do inimigo, em face da acção de Vancol, e dos poucos meios de defesa que tinha, parece que estava facilitada a empreza. Porém como isto não tinha de ser, não era bastante que as circumstancias do proprio inimigo nos ajudassem, porque nós mesmos, que o emprehendiamos e desejavamos, eramos os que mais nos estorvavamos.

Os do patacho, com as vozes que ouvirão dos que transpunhão o rio, e pelos mosquetaços disparados na povoação, apercebêrão-se do que era, e tocárão alarma. Igualmente o fizerão os fortes de Diogo Paez, S. Jorge e Asseca. Vendo isto aquelles que tinhão passado, e que não chegavão os companheiros, não só deixárão de proseguir no assalto, para entrar na povoação, ainda que lhes pareceu facil, como resolvêrão voltar, considerando que o inimigo viria, tendo soccorro daquelles fortes, e que emtanto cresceria a maré para tolher-lhes o regresso. O mais que fizerão foi trazer aos hombros o capitão reformado Jacintho de Siqueira e Sampaio, ferido de um arcabuzaço em uma perna, e os alferes Manoel Botelho e Luiz Fernandes, com tres feridos, e Simão Rodrigues Ozorio, porque estes, com o ajudante Luiz Pereira de Avellar, forão os primeiros que subirão á trincheira do inimigo.

Julgando-se, como é devido, pelas circumstancias que esta acção teve, trazendo quatro companheiros feridos, e tão impossibilitados que até aos sãos era de grande risco atravessar tal espaço de agua, com ella pelos peitos, sem duvida que ainda a vulgaridade do que se infere pelo successo podia qualificar de eximia esta empreza, embora não se conseguisse. Em tal estado se achava aquella povoação quando Mathias Vancol a desamparou; que se os nossos cem soldados sómente proseguissem com a resolução com que principiárão, de certo a ganharião; e se não podiamos sustenta-la, podiamos incendia-la, que era o principal intento; porque, effectuado isto, era impossivel ao inimigo conservar-se no Brasil, como elle mesmo confessou.

Quando o coronel Segismundo sahiu do Recife, e fez prôa na Parahyba, como fica dito, foi por diversão, porque o seu designio era sobre o cabo de Santo Agostinho; ponderando que, emquanto possuissemos aquelle porto, nos conservariamos tambem no Real, prolongando-se a guerra, pelas embarcações que por ali entravão com soccorros, sem os quaes nada se podia sustentar. Como não lhes faltavão baixeis para o mar e infantaria para terra, tornavão-se as suas emprezas com taes vantagens, tanto mais faceis, quanto as nossas erão difficultosas. Bem se póde dizer que com o que não tinhamos lhe davamos cuidado, sendo bem evidente prova disto os annos que lhe servimos de estorvo somente com esta apparencia, sem que na realidade tivessemos meios de fazê-lo.

Março 4. — Em 4 de março amanheceu a armada inimiga á vista do cabo de Santo Agostinho, onde estava o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama com 300 infantes, e os capitães João de Magalhães Barreto, Rodrigo Fernandes, Francisco de Bittencourt e Sá,

Jeronymo Pereira, Fernando da Silva e Miranda, João de Madureira Godinho, Gaspar Ferreira, D. Pedro Tavera Souto-Maior e Jorge da Fonseca Coutinho. Além dessa gente havia mais 50 moradores, de que era capitão João Paes de Mello. O sargento-mór dispoz a defesa como melhor lhe pareceu. Postou no forte que havia no cimo do monte, e se chamava de Nossa Senhora de Nazareth, a gente que julgou propria a defendê-lo. Enviou os capitães Fernando da Silva, Jeronymo Pereira, João de Madureira e João Paes, para a Itapoan, uma legua ao norte, sendo praia e paragem a proposito, por bater nella o mar, e onde o inimigo podia saltar, e vir marchando para o nosso forte ou para o Pontal, que era o logar em que davão fundo os nossos navios, e onde havia uma povoação.

Ali começárão estes quatro capitães a levantar uma trincheira, para que mais cobertos pudessem defender o desembarque. Na bateria que tinhamos na barra do mesmo porto do Cabo se puzerão os capitães Francisco de Bittancourt e D. Pedro Tavera. Em outra mais a dentro, e que se chamava de S. Jorge, com duas peças bem em frente da propria barra, ficou João Rodrigues Pestana com alguns soldados da companhia de Bittancourt, de que era alferes.

Sómente no pontal a tiro de peça da barra, não se postou gente; sendo o logar em que muito convinha para defesa dos assucares e mais fazendas existentes na povoação. Por falta de soldados contentou-se o sargento-mór Pedro Corrêa de encarrega-la aos mesmos homens do mar, mandando-lhes que obedecessem a dous cabos, que erão os capitães reformados Amaro de Queiroz e Jorge Cabral da Camara. Alguem foi de parecer que se tirasse do forte alguma infantaria mais para colloca-la aqui, visto que ella era inutil, pela errada posição, impropria para a defesa tanto da barra como do Pontal.

Logo que o sargento-mór viu a armada, e começou a prevenir-se da fórma referida, participou tudo ao general, que, embora no accesso da sessão, não deixou de ordenar o que lhe pareceu congruente para a defesa do Cabo. Na mesma hora em que recebeu tal aviso, que foi ás 10 horas da noite, enviou de soccorro o capitão D. Fernando de la Riba Aguero com 100 homens; 50 dos seus com o ajudante de D. Pedro Marinho, e 50 do terço de Portugal com o alferes do capitão Luiz Barbalho, que era seu filho Guilherme Barbalho. O general se dispoz para segui-los, como fez ao amanhecer do dia 6 de março, levando o conde de Bagnuolo seu irmão Duarte de Albuquerque e Francisco de Vasconcellos e Cunha com 300 infantes, deixando no Real pouco mais de 200, e por governador delles o sargento-mór Francisco Serrano.

O inimigo dividiu-se em tres esquadras, treze náos e outras tantas lanchas carregadas de gente, que vinhão com tres patachos, investirão a praia do Itapoan, onde estavão os capitães Fernando da Silva, Jeronymo Pereira, João de Madureira e João Paes de Mello, que obstárão o desembarque, servindo-lhes muito a trincheira que havião feito. O inimigo, tomando a direcção do norte, foi percorrendo a costa, para saltar n'outra parte, já que ali não pudera. Os quatro capitães enviárão alguma gente, bem que pouca, com o sargento de João de Madureira, chamando João Rodrigues de Oliveira, que depois foi mestre-de-campo: para que se veja qual veiu a ser a opinião dos que militárão nesta guerra. Levava ordem de seguir as lanchas que, juntamente com os patachos, ião deitar sua gente no logar chamado — As Pedras — na mesma praia.

Quiz a sorte do capitão D. Fernando de la Riba Aguero que, vindo em marcha do Real, visse o inimigo na occasião de chegar a terra para desembarcar a gente; e accelerando o passo, póde com 40 homens reunir-se aos poucos que conduzia o sargento Oliveira; e tanto a tempo, que totalmente com seu valor e diligencia estorvárão o desembarque que a toda a porfia se tentava. Aqui houve soldado que, não contento com a defensiva da praia, entrou n'agua direito á primeira lancha, de que tirou um arcabuz.

Vendo o inimigo a difficuldade de deitar por ali sua gente, suppondo que nós a tinhamos por toda a praia, retirou-se a seus treze navios com as lanchas e patachos, ficando as náos bordejando a uma legua de distancia. Perdeu nestas duas tentativas para mais de cem homens, e nós um da companhia de João de Madureira, ferindo-nos outro da de la Riba Aguero, e era D. Diego de Mouroy. Procedêrão com valor o ajudante D. Pedro Marinho e o alferes Guilherme Barbalho, o sargento Oliveira e o capitão D. Fernando de la Riba Aguero, a quem, por particularisar-se aqui, se derão cinco escudos de vantagem sobre qualquer soldo que vencesse.

A segunda esquadra inimiga era de onze navios. Tentou ella entrar pela propria barra do porto do Cabo, que era muito estreita, cujo ingresso não puderão estorvar-lhe a bateria que ali tinhamos e a de S. Jorge, que estava mais para dentro, se bem que fizerão todo o possivel. Sómente um navio lhe fizemos perder em um parcel, por lhe quebrarmos o leme com um canhonaço. Desamparárão-o naquelle mesmo logar, que era junto á bateria de S. Jorge; e nós o desencalhámos depois; e ainda serviu para nelle enviar participações á Hespanha, como veremos adiante.

Os tres navios, dos onze que entrárão, forão dar fundo bem junto da povoação do Pontal, que estava a cargo dos homens do mar, que immediatamente a desamparárão, obrigados da artilharia e mosquetaria. Vendo isto os cabos Amaro de Queiroz e Jorge Cabral da Camara, incendiárão-a facilmente por serem as casas de palha, de sorte que o inimigo não se aproveitou do muito assucar e fazendas que ali havia. Apresou todavia dous navios carregados que podião ter sahido antes se não fôra a negligencia de seus donos.

A terceira esquadra compunha-se de todas as lanchas, em que ião mil homens com Domingos Fernandes Calabar, que vendo seus navios dentro sem embarcações para deitar a gente em terra, resolvêrão (por persuasão de Calabar) entrar por uma aberta que havia entre os recifes, a quasi meia legua para o sul da barra, por onde entrárão seus navios; a qual aberta era tão incapaz, que antes disto nem uma canôa ousava sahir ou entrar por ella; porém entrárão as lanchas com os mil homens, ficando de fóra as barcaças. Saltárão na povoação já queimada, ás 5 horas da tarde do dia 5 deste mez, e igualmente a gente dos navios que estavão dentro; e como não encontrárão resistencia, começárão a fortificar-se.

Logo que a primeira esquadra dos navios e barcaças viu dentro os outros, lançou ferro em frente da barra meia legua ao mar, ficando em communicação pela referida aberta.

O general Mathias de Albuquerque, tendo partido, como fica dito, chegou ás 4 horas da tarde de 6 do mesmo março ao quartel do cabo de Santo Agostinho; e os 300 homens que levava chegárão quasi á noite. Reconheceu logo o que o inimigo obrára e continuava, e para não dar-lhe mais tempo, resolveu ataca-lo de manhã.

Março 7. — Ao raiar da aurora mandou alguns capitães de emboscadas com gente para que se approximassem o mais possivel do Pontal, pela parte do rio dos Algodoeiros, que corre junto á mesma povoação. Os pantanos e más passagens que havia difficultavão bastante a marcha; porque entre este rio e a praia que olha para a barra (por onde era o caminho do monte em que estava o forte de Nazareth no Pontal) havia um bosque tão espesso, que se tornava impenetravel. Esta gente não ia só para reconhecer melhor aquella parte, mas para investir o inimigo, se pudesse, distrahindo-o assim, emquanto o general o fazia pelo proprio caminho da praia, que era mais perigoso.

Dadas as ordens, ainda que tão numeroso era o inimigo, e já fortificado, e o general se achava com 800 homens só (de que 400 serião moradores que forão chegando) com a espada em punho foi o primeiro a marchar para o Pontal, onde o inimigo tinha uma trincheira e estacada, e fóra delle, a 80 passos para a nossa parte, fazendo frente ao caminho e praia por onde seguiamos, tinhão uma bateria com duas peças; porém as mais temiveis erão as das náos que estavão perto; porque varria de través o proprio caminho por onde se ia marchando. A despeito de tão evidente perigo, proseguiu o nosso general com tal resolução, que ganhou logo a bateria das duas peças, sendo dos primeiros a entra-la o capitão Rodrigo Fernandes, natural da villa da Golegã. O inimigo começou com isto a desamparar o Pontal com tal desaccordo, que alguns soldados se lançárão na agua para salvar-se em seus navios ou na ilha do Borges, que ficava da outra parte do Pontal, perto delle, e em frente da aberta.

Tendo esta façanha principio tal, foi bem diverso o fim; porque como tinha de perder-se Pernambuco, os mesmos que desejavão conserva-lo (e o tiverão quasi conseguido, como se ha visto até aqui e se verá depois) erão os proprios a estorvar-se. Houve aqui um dos nossos (que mais parecia ser dos inimigos) que disse em alta voz que o inimigo vinha com uma manga pela outra parte, que era por onde seguião os nossos capitães de emboscadas; não existindo tal cousa, nem podendo vê-lo.

Bastou isto não só para que não proseguissemos o bom successo, mas até para o perdermos. Muitos, ouvindo aquella voz repetida de — manga, manga, — sem outra consideração começárão a retirar-se ; o que em certos casos praticado por poucos desanima os mais ; e assim todos fizerão o mesmo. O general, correndo á frente delles, os exhortava, advertindo-lhes de que era falsa aquella voz, e mostrando-lhes o inimigo que, evacuando o Pontal, se arrojava á agua, possuido de terror ; mas nada foi bastante para fazer voltar aquelles mesmos rostos, aquelles mesmos peitos, que ali mesmo, naquelle instante, havião desenvolvido tanto valor. Tão insconstantes e varios são os accidentes no coração humano !

E assim fomos-nos retirando, recebendo mais damno do que na investida ; porque como os tres navios já referidos colhião de través o caminho, matárão-nos e ferirão-nos muita gente. Erão tantas as balas, que dando uma de mosquete em uma perna de um soldado, que o prostrou, sem que pudesse retirar-se tomou-o nas costas o padre Fr. Gaspar do Salvador, dos descalços franciscanos, e ao seguir com elle, outro mosquetaço lhe matou a carga, ficando illeso o piedoso padre.

O general foi o ultimo a retirar-se, para melhor recolher a gente, de que tivemos 80 entre mortos e feridos. Dos primeiros forão os capitães Miguel de Abreu, Domingos Dias Bezerra, Antonio Velho, filho de Gonçalo Velho, e Maria de Souza, naturaes de Pernambuco ; Jorge da Costa e Silva, irmão do capitão Francisco da Silva e Miranda, natural da cidade do Porto ; Francisco de Mattos e Gaia, alferes, e filho do capitão Luiz Pinto de Mattos, naturaes da villa de Almada, D. Jeronymo de Roxas, natural de Lucena, e da companhia de D. Fernando de la Riba Aguero ; Manoel Gomes, filho de Vicente Gomes, natural de Lisboa ; Vicencio Espano, Jacome Antonio Pepe, João Mossone, João Capuano e Nardo Mossa, Napolitanos da companhia de Francisco del Pino. Entre os feridos forão o capitão Manoel Freire de Andrada, de um arcabuzaço pelos queixos, e seu alferes Paulo Botelho, de outro em um braço ; o capitão de emboscadas Estevão de Tavora ; o capitão Antonio Mealha, o capitão de artilharia Francisco Peres de Souto, de um arcabuzaço em uma perna ; Antonio Godinho de Mattos, alferes do capitão Fernando da Silva e Miranda ; D. Francisco de Medina, de um arcabuzaço em uma perna, soldado de Paulo Vernola, capitão do terço napolitano do conde de Bagnuolo ; Ruy Peres da Veiga, e Antonio de Freitas e Silva, que sendo dos moradores, não faltava nas occasiões, e tambem Domingos de Barros. O inimigo perdeu mais de 180 homens ; o que não nos póde consolar á vista do nosso prejuizo, e de vê-lo ficar não só com o Pontal, mas tambem com todo o porto do Cabo, que era o nosso sustentaculo nesta guerra.

Desembaraçado o inimigo do grande perigo a que esteve neste dia exposto, começou a fortificar-se no Pontal, e tambem na Ilha do Borges, que lhe ficava da parte opposta, de maneira que tendo nós a barra principal daquelle porto, elle se fortificava dentro della, servindo-se sómente da aberta dos recifes, que Calabar lhes ensinou, a qual com muito trabalho e grande industria forão depois alargando e profundando, até que lhes serviu não só para receber por ali os soccorros das treze náos que tinhão fóra, como do porto e povoação do Recife ; e até os navios com que entrárão forão tirando por ella, bem que descarregados e adornados a uma banda.

Vendo o general Mathias de Albuquerque o estado em que se punha o inimigo, convenceu-se de que ali se ficava ; sem embargo de parecer o contrario nos primeiros dias, por affirmarem alguns rendidos que sahirião, visto não terem a barra principal nem o forte de Nazareth. Porém como derão capacidade á aberta por onde recebião os soccorros, forão-se conservando, e privando-nos daquelle porto, o unico que tinhamos mais seguro para os nossos.

Com isto principiou tambem o nosso general a fortificar-se, para melhor defesa do forte de Nazareth e da barra ; mas nunca se pôde assegurar e cobrir bem o quartel, ainda que ficava superior ao do inimigo, para que não nos matassem nelle alguma gente com suas ballas. Uma, entre outras, matou em sua barraca o alferes André de la Riba, natural das Montanhas ; e assim não havia mais segurança no quartel do que nas trincheiras. Em um reducto que levantamos na praia, por onde era o caminho do Pontal, e em que todos os dias fazião guarda as nossas companhias, matou um canhonaço a Pedro Simões, natural de Almeida, que servia com dous filhos na companhia de Manoel Freire de Andrada. Muitas noites houve em que se nos tocou tres e quatro vezes a rebate (tão proximos estavamos), tendo em muitas dellas mortos e feridos de ambas as partes. Com este pe-

rigo, e sem meios de evita-lo, esteve o nosso general quasi um anno em tal quartel

O governador da Parahyba, quando soube que o inimigo estava no Cabo de Santo Agostinho, enviou de soccorro algumas companhias ; mas como lá mesmo erão tão indispensaveis, preciso foi que regressassem. Vindo nellas o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que por servir deixára de fazer sua viagem á Hespanha, ficou no Cabo, por vê-lo em tal aperto ; e o general lhe deu uma companhia de arcabuzeiros, com a qual serviu, até que com licença effectuou sua partida.

O navio que o inimigo perdeu no banco de arêa, como fica dito, foi por nós tirado de noite, e o levámos ao rio da Jangada, a duas leguas para o norte, entre o porto do Recife e a barra do Cabo. Ali se concertou, e brevemente sahiu nelle com avisos para a Hespanha o capitão Francisco Duarte. Dava o general conta a el-rei da perda do Cabo, ponderando quanto era de sentir-se, porque sem elle seria impossivel a defesa dos quarteis que ainda tinhamos, que erão aquelle e o Real ; e que ainda menos se poderia conservar o campo, e que justamente se devia temer que a Parahyba se perdesse e todo o resto. Assim represéntava a total necessidade que se soffria, e quanto cada vez mais progredia, á medida que chegassem os grandes soccorros que o inimigo esperava de novo.

Este deixou ali dous mil homens, tanto para defender as fortificações que ião fazendo, como pelo temor de ver tão perto o general Mathias de Albuquerque, de quem conhecião que os não deixaria viver sem cuidados. E como lhe ficava menos gente do que a que lhe parecia necessaria para guarnecer o Recife e os outros fortes juntos á povoação, e que na ilha de Santo Antonio tinhão, assim como a dos Afogados e a ilha de Itamaracá com o forte da barra, e tambem o Rio Grande : pensando nisto os dous da companhia occidental Mathias Vancol e João Guezelin, e quanto lhes importava conservar o que havião occupado, e assenhorearem-se do restante, resolvêrão ir a Hollanda para communicar tudo aos mais companheiros. Partirão pois com duas náos, deixando com o titulo de general a Segismundo Scup, que até então era coronel.

Março 18. — A 18 do mez que regia sahiu de noite o inimigo do Pontal a reconhecer a trincheira que tinhamos na praia, 50 passos adiante do nosso reducto ; porem tal resistencia achou, que volveu deixando 18 mortos e alguns feridos.

Pela ferida do capitão Manoel Freire de Andrada se lhe deu licença para ir a Hespanha, e a sua companhia ao alferes Paulo Botelho, a quem não deixou servi-la muitos dias um mosquetaço recebido antes. Depois de sua morte proveu-se em Martim Soares Moreno.

Como o inimigo na povoação do Recife, que governava o tenente-coronel Biman, observou que o general Mathias de Albuquerque estava pessoalmente empenhado no cabo de Santo Agostinho, julgou (e bem) que o nosso Real ficaria com menos gente, e que por isso poderia tentar sobre elle. Tratou de tirar do seu forte dos Afogados alguns morteiros e mil homens, e amanhecer fortificado, como melhor pudesse, ao pé do Real.

Março 30. — Para a execução disto sahiu muito antes da madrugada de 30 do mesmo março, e uma hora antes do dia estava em frente do Real, no logar que chamão a Misericordia, deixando na retaguarda o riachinho de Paranamirim ; e levantando na frente uma trincheira para cobrir-se, collocou nella os seus morteiros, com que, apenas amanheceu, começou a metter dentro do Real algumas bombas.

O sargento-mór Serrano avisou logo ao general, e foi dispondo não só a defensiva, mas até a offensiva. Sahirão cem homens, com o ajudante Francisco de Villa Gomes, para inquietar o inimigo pelas costas, e estorvar-lhe o saccorro que lhe poderia vir do forte dos Afogados, assim como abastecimentos, se a escaramuça se prolongasse. Não contente a pequena expedição com fazer isto só, investirão a trincheira tres vezes por um dos lados ; mas estando já em cima della alguns dos nossos, como erão muito inferiores em numero, não pudêrão entra-la. Perdeu o inimigo alguns homens, e nós dous, que forão Agostinho de Chaves, da companhia de Martim Muñoz, e Francisco Serenado, que sendo um morador com mais de 70 annos, não havia ataque em que não se apresentasse entre os primeiros : era natural da cidade do Porto. Ferirão-nos outros dous, a saber : João Ayres de Macedo, da companhia de Luiz Barbalho, e o capitão Henrique Dias, que ainda não estava de todo são dos mosquetaços recebidos na acção de 8 de setembro passado, e com esta erão já quatro vezes que o tinhão ferido.

Vendo o sargento-mór Serrano tão empenhada sua gente, lhe mandou de reforço mais 60 homens com o ajudante do seu terço Luiz de Avellar. O inimigo, suppondo maior o numero dos nossos, e que seria para perder-se toda a demora que ali tivesse, aconselhando-se mais com o recéio do que com a verdade, resolveu retirar-se, e o fez com tanta precipitação, que deixou dous barris de polvora, duas bombas e algumas sapas e palas. Ainda o ajudante Avellar o foi perseguindo com cargas, de maneira que degollando muitos, fez que alguns se afogassem no rio Capiberibe, que tiverão de passar no logar de Ambrozio Machado com a maré cheia. E assim nada mais fez Biman senão vir perder para cima de cem homens.

A's 4 horas da tarde do mesmo dia 30 recebeu o nosso general participação do sargento-mór Serrano, e logo expediu soccorro de alguma gente; e parecendo-lhe que o inimigo estaria lá com muito mais, determinou ataca-lo no dia seguinte no Pontal, suspeitando que d'ali tiraria alguma gente, para acudir á gente de Biman no Real. Para isto nomeou os capitães Pedro Teixeira Franco, Francisco de Figueirôa, Affonso de Albuquerque, Francisco Rebello, Estevão Alvares e Paulo de Vernola com 300 homens. Tinha de executar-se isto das doze horas a uma do dia, pela parte do rio dos Algodoeiros, por ser a mais coberta, embora mais difficil, por causa dos pantanos e máos passos.

Sem embargo destes e outros inconvenientes, começou a expedição a marchar, seguindo-a o general com o resto da gente, que serião 550 homens, para o que a occazião urgisse. Os cinco capitães com os seus 300 homens investirão o Pontal por aquelle lado, e com tanta bizarria, que muitos entrárão as primeiras trincheiras; porém como o inimigo tinha tres reductos em differentes pontos, e com mutua communicação por estradas cobertas e trincheiras, além dos navios que sempre estavão junto ao Pontal, e que não era a menor defesa, reconhecendo os nossos isto de mais perto, pareceu-lhes temeridade e não factivel aquella entrada, e resolvêrão retirar-se; ainda que já tão empenhados, pôde o nosso general recolher toda a gente em boa ordem; e porque o inimigo já vinha em lanchas da ilha do Borges (onde estava fortificado) para soccorrer os do Pontal. Perdemos ali mais de 25 homens, sendo dos primeiros Francisco de Sousa Mascarenhas, joven cavalheiro de muito valor, que el-rei tinha mandado servir nesta guerra com promessa de uma commenda; era filho de Manoel de Souza Mascarenhas. Perdemos igualmente o alferes Francisco de Brito Fuzeiro e Antonio Pereira, naturaes de Lisboa, e Luiz de Castro, da Torre de Moncorvo. Forão feridos o ajudante Manoel Nunes, o alferes Antonio Pacheco de Revoredo, Luiz Machado, de um arcabuzaço pela barriga, ambos criados de Duarte de Albuquerque e Sebastião Pereira, sobrinho do capitão Lourenço de Brito. O inimigo perdeu 60 homens. Ao pôr-se o sol do mesmo dia, chegou do Real a participação do que lá occorrêra e do bom successo que tiveramos; o que compensou o cuidado em que estavamos pelo máo resultado da nossa empreza.

No anno proximo passado referimos as diligencias que o general Mathias fizera para reduzir Calabar: baldando-se todas, recorreu a outra, que foi prometter ao primo co-irmão deste, chamado Antonio Fernandes, com quem se tinha juntamente criado, que lhe faria mercê que o contentasse, se pudesse mata-lo em algum ataque, fugindo, pelas razões que entre ambos havia, de antemão, como de proprio motu para o inimigo. Aceitou a commissão, e succedeu-lhe o que pretendia que succedesse ao outro.

Maio 14. — A 14 do mesmo mez chegárão ao cabo de Santo Agostinho 200 homens, que por ordem de el-rei vierão da Bahia, sendo tirados dos soldados mais antigos. Seus capitães erão D. Frederico da Camara, filho de D. Manoel, conde de Villa-Franca, que por mais antigo trazia o commando sobre os outros, que erão Paulo Nunes Tinoco, Francisco de Leão e Gabriel Soares. Com a chegada deste pequeno soccorro deliberou o general regularisar as companhias que havia avulsas, nomeando-lhes commandantes que melhor as subordinassem; aggregando seis ás quatro de D. Frederico, e fazendo-o chefe de todas ellas, com dous ajudantes, sem sargento-mór; e ao capitão D. Fernando de la Riba Aguero se derão outras seis, para governa-las da mesma fórma que já fazia com as quatro castelhanas. Ao sargento-mór do estado do Brasil (tal era o titulo de Pedro Corrêa da Gama) se derão outras companhias, e juntamente as do terço de Portugal, de que havia sido sargento-mór Francisco Serrano, que ora alcançára permissão de ir-se para Hespanha,

a exigencias suas e em attenção a seus padecimentos e idade; pois que já se tinha achado na acção da ponte de Anvers com o duque de Parma no anno de 1584. Esta sargentia-mór foi provida no capitão Luiz Barbalho, que era do mesmo terço, e a sua companhia em seu filho Guilherme Barbalho. O successor de Serrano tomou immediatamente conta do governo do Real.

Para obstar ás sortidas que o inimigo começava a fazer do Pontal e ilha do Borges, para a parte de Ipojuca, que era uma povoação de 120 vizinhos, com um convento de descalços franciscanos, contendo a parochia 15 engenhos de assucar na distancia de tres leguas do cabo de Santo Agostinho para o sul, ordenou o general a creação de alguns capitães de emboscadas do proprio districto, por serem ali mais praticos. Um delles foi Ascenso da Silva. Para pagar a gente que se lhes fosse juntando acudiu Duarte de Albuquerque com o contingente necessario, tomando quantias aos negociantes, com letras que sacava sobre os de Lisboa, como já em varias occasiões havia feito, para occorrer ás precisões que cada dia sobrevinhão, e a que necessitavão acudir os mesmos necessitados.

A esta gente se ligárão alguns indios, sendo toda distribuida por onde melhor pudessem defender as sahidas ao inimigo. Algumas excursões effectuou elle, mas com perda de gente, que as fez modificar, não só por esta razão, como porque a maior parte dos moradores, vendo-o tão proximo, tinhão desamparado suas casas, engenhos e mais estabelecimentos; e por isso faltava-lhe o incentivo da pilhagem, que era uma das causas de suas sortidas ao campo. Porém o mais sensivel para nós era que com isto fazião afastar-se o auxilio que recebiamos dos mesmos moradores, quando estavão perto, para o serviço de nossos quarteis, deixando além disso de cultivar-se o mantimento; e aquelles que não se retiravão familiarisavão-se com o inimigo, com demonstrações publicas ou particulares, tomando delle salvaguardas, o que era peior; e assim, de qualquer fórma, não só deixavão de ser-nos uteis, como até nos erão perniciosos. E quando nelles depositavamos confiança, como vassallos que erão de el-rei, alguns apparecião que escutavão mais o temor da superioridade das forças inimigas do que a convicção dos seus deveres. Em tal apertura chegou-se a tanto extremo de necessidade (accrescendo o não ter vindo em mais de um anno soccorro algum de Hespanha), que o general, para evitar tristes consequencias provaveis, resolveu fazer a todos meio pagamento á sua custa, tanto aos do Real como aos do Cabo (por não haver meios de fornecer-lhes camisa e sapatos ao menos) tomando dinheiro a João Gutierres Ramirez, que depois passou sua casa para Sevilha, passando-lhe letras sobre seus bens. Nem com acção tão brilhante, pela occasião em que a praticou, nem com as mais que se tem visto nestas *Memorias*, nem com a privação de seu soldo, que nunca recebeu, ainda havendo opportunidade para isso, se pôde isentar das calumnias que a malicia lhe urdiu, fóra de toda a sombra de verdade.

Domingos Fernandes Calabar não cessava de, com suas excursões, causar-nos as grandes perdas que temos visto. Effectuou elle uma a 14 de agosto em Porto-Calvo por mar. Estando ali o capitão Francisco Rebello com alguma gente, lhe degollou 40 homens, aprisionando-lhe 11, e ferindo com um arcabuzaço em uma perna ao proprio Calabar. Ainda assim o puderão retirar os Hollandezes, quiçá para soar-lhe a hora decisiva, como adiante veremos.

Neste tempo alcançárão licença para irem a Hespanha alguns capitães, tendo isto pelo maior beneficio que podião receber do general, não os tendo obtido pequenos; o que alguns olvidárão mais facilmente do que devião. Os que desta vez a conseguirão forão Roque de Barros Rego, cuja companhia foi dada a Francisco Rebello; Luiz Pinto de Mattos, dando-se a sua a Indalicio Gomes de Abreu; Francisco de Figueirôa, a quem succedeu Francisco de França; Francisco de Bittancourt, que ainda se deteve alguns dias, e foi substituido por Estevão Alvares; e o capitão de cavallaria Diogo de Toar, cuja companhia se reformou pelas impossibilidades que cada dia crescião para sustenta-la.

Agosto 20. — A 20 do mesmo mez chegárão de Lisboa duas caravellas de soccorro, tomando uma o rio de Cuñaú, e a outra a Parahyba. Vinhão á ordem de Balthazar da Rocha Pitta, com 30 homens cada uma, alguma polvora e roupa de munição. Trazião a patente de governador e capitão-general do reino de Angola para Luiz de Vasconcellos e Cunha, com ordem para que partisse logo. Elle o fez, mediando o seguinte mez, e passando por terra á Bahia para embarcar-se, porquanto na costa de Pernambuco não

havia embarcação. Deu-se licença ao capitão Bartholomeu de Vasconcellos, seu sobrinho, para acompanha-lo, provendo-se a sua companhia em Antonio de Gouvêa, ajudante da tropa de D. Frederico da Camara.

Não se esquecia o general da marcha pela terra a dentro para castigar os tapuias de João Dui, para ver se com isto evitava o adjutorio que davão aos Hollandezes. Enviou o capitão Martim Soares Moreno, por ser um dos mais praticos na lingua delles e em semelhantes caminhos. Na Parahyba se lhe havia de dar a gente e os abastecimentos necessarios para tal jornada, a qual ainda desta vez não teve effeito, pelo que aconteceu não só para estorvo disto, como de tudo o mais.

No porto de Cuñaú, que era o rio que vinha passar no engenho deste nome, onde tinha o seu quartel o capitão Alvaro Fragoso, havia um reductozinho pouco capaz, feito na barra, a cinco leguas do mesmo engenho, para defesa das embarcações que ali entravão, tendo de guarnição uns 14 homens com quatro peças de ferro, e um patacho no estaleiro de construcção.

Tendo de largar alguns barcos para a Parahyba e para a Hespanha, foi o nosso capitão Fragoso providenciar á sahida, levando oito homens sómente, e deixando os mais de sua companhia sob o commando de seu alferes e irmão Leonardo de Albuquerque, juntamente com a de João da Silva e Azevedo, que tinha pouca gente. Não era bem chegado ao porto e barra daquelle rio, quando recebeu aviso de que o inimigo vinha do Rio Grande, em numero de 500 homens, e muitos tapuias, em demanda das embarcações e do reducto.

Setembro 22. — Era o dia 22 de setembro; e vendo o capitão Fragoso que a occasião não dava logar a voltar para seu quartel, resolveu que sahisse uma caravella (apezar de estar com meia carga) para não ser tomada; e entrou no reducto com os oito soldados, que, com os 14 homens de mar que ali estavão, fazião o numero de 22; e com isto se dispoz á defesa.

Setembro 23.—No quarto d'alva do dia 23 acommetteu o inimigo o reducto por tres partes; e o nosso capitão com os poucos homens começou a defender-se mui bem. O estampido da artilharia que os tapuias ouvirão pela primeira vez causou-lhes tal horror, que se retirárão correndo um bom espaço; e o mesmo fizerão os Hollandezes, levando muitos mortos e feridos. Porém clareando o dia, e reconhecendo elles melhor a pouca força e capacidade do reducto, decidirão volver a investi-lo, sem que pudessem reduzir os tapuias a segui-los.

O capitão Fragoso se defendeu briosamente por bastante espaço de tempo, até que recebeu um mosquetaço, tendo já fóra do combate cinco mortos e tres feridos, á vista do que oito, desesperando da defesa, se arrojárão por uma canhonheira. Assim ficárão sómente seis; mas sem que isto nem a sua ferida lhe minorasse a coragem, pelo capitão com tanto valor, que ainda lhe morrêrão dous dos seis, recebendo elle de novo dous golpes de chuço e outro de mosquetaço, que o derribou semi-morto. O inimigo entrou no reducto e degollou os quatro; e dando uma grande facada no capitão que jazia por terra, o reconhecêrão então; e como ainda dava signaes de vida, o levárão ao porto do Recife, onde o curárão com grandissima assistencia e esmero. Sarou, e esteve prisioneiro por algum tempo, durante o qual proveu-se a sua companhia em seu irmão o alferes Leonardo de Albuquerque.

Entrando o inimigo no reducto, tomou logo a caravella que ali estava descarregada, e em que tinha vindo o capitão Balthazar da Rocha Pitta, que já estava na Parahyba com o soccorro; pôz fogo no patacho em construcção, e retirou-se ao Rio Grande, tendo perdido 40 homens.

No mesmo dia chegou o capitão Martim Soares ao quartel do engenho do Cuñaú, com ordem para d'ali realizar a viagem contra os tapuias. Suspendeu-se não só por este motivo da perda do reducto, como por começar-se a espalhar a noticia de que o inimigo esperava a qualquer hora grande soccorro para emprehender a tomada da Parahyba. Isto soubemos de alguns rendidos, e era o que sempre temia o governador Antonio de Albuquerque, considerando os minguados meios de defesa, por mais que tivesse muito tempo antes representado isto a el-rei, por seu irmão Mathias de Albuquerque Maranhão; e mais particularmente o havia por muitas vezes feito o general, enviando pessoas de consideração e praticas, de quem el-rei e seus ministros se pudessem melhor informar. Com aquella nova da vinda de reforço para o inimigo pareceu mais util que o capitão Martim Soares ficasse governando este quartel, que nos convinha conservar o mais possivel.

Outubro 23.—A 23 de outubro chegárão ao porto do Recife os dous representantes da companhia Occidental, Mathias Vancol e João Guezelin, com o soccorro que tinhão ido buscar. Constava elle de tres mil homens de guerra em 18 náos, com muitos abastecimentos e munições. Trazia por cabo o coronel Christovão Arquichofle, soldado de valor e experiencia.

Vendo o general aquelle soccorro do inimigo, e sabendo por um espia o que acima fica dito, e ponderando na tamanha desigualdade de forças, pareceu-lhe, como a todos, que se não recebessemos de Hespanha um reforço equivalente, de certo se perderia quanto ainda conservavão, e que a nossa posse duraria sómente em quanto o inimigo os não atacasse.

Novembro 7. — Em 7 de novembro sahiu do Recife Domingos Fernandes Calabar com quatro náos e um patacho para com elle e com as lanchas entrar no rio Mamanguape, por ter noticia de nos terem chegado ali algumas embarcações. Dando ali fundo as do inimigo, metteu pelo rio o patacho e quatro lanchas, e queimou uma caravella sem carga, levando a reboque um patacho meio carregado de assucar, sem que pudessem vedar-lhes isto os capitães Luiz de Magalhães e Cosme da Rocha, que o governador da Parahyba tinha enviado de soccorro, ainda que no logar mais estreito do rio lhe atirárão alguns mosquetaços.

Voltou Calabar ao Recife com o seu patacho e o nosso, deixando (conforme a ordem que levára) as quatro náos naquella paragem, afim de privar-nos de qualquer soccorro que por ali nos entrasse para Parahyba, que já tinha resolvido aggredir quando chegou-lhe aquelle grande reforço. A este respeito vou ser um pouco mais extenso.

Chegando ao Recife o coronel Christovão de Aschichofle, com os tres mil soldados, decidiu-se entre os cabos que o mais conveniente era tomar a Parahyba, pela grande utilidade que dahi resultava, já por conter quinze engenhos de assucar, já por ficar entre o Rio Grande e Itamaracá, que estava sob seu dominio. Consideravão que, ganhando a (como era presumivel á vista das forças de mar e terra com que se achavão) lhes ficaria mais facil sustentarem-se em Pernambuco.

Para levar a effeito esta resolução, aprestárão 40 navios, com muitas barcaças e lanchas, e quasi seis mil homens de mar e guerra, ás ordens de seu general Segismundo Escup, e o de mar era João Cornelles. Determinárão ao seu governador do Rio Grande que com a gente que pudesse dispensar de lá, e com os tapuias, viesse marchando por terra para a Parahyba, no mesmo tempo que calculárão poder estar ali a expedição maritima, afim de divertir-nos a attenção.

Bem que em differentes partes já mencionámos as fortificações levantadas pelo governador Antonio de Albuquerque, parece de necessidade recorda-lo aqui para melhor intelligencia do que vamos expor a respeito do assedio que o inimigo nos poz.

Na entrada da barra do rio Parabyba, junto ao canal do lado do sul, estava concluido o forte do Cabedello, a cargo do capitão João de Mattos Cardoso, que tinha comsigo seu genro Simão de Albuquerque e Mello e o capitão D. Jacintho Arias de la Serna, com a sua companhia e alguns artilheiros, abastecimentos e munições, que era peculiar desta guerra serem sempre poucos. Da parte do norte, e mais afastado da barra, por ahi ter o rio maior largura, estava o forte de Santo Antonio já acabado, faltando-lhe sómente os parapeitos, e dentro delle o capitão Luiz de Magalhães com 60 homens, artilheiros, munições e abastecimentos. Adiante destes dous fortes ficava, no meio do rio, a ilha chamada dos Monges Bentos, á distancia de um tiro de canhão dos mesmos fortes.

Em uma restinga que olha para a barra se havia feito uma bateria com sete peças, e estava a cargo do capitão Pedro Ferreira de Barros, com 40 homens, artilheiros, munições e abastecimentos. Do Cabedello para o sul havia, na distancia de quatro leguas de praia, muitas trincheiras e alguns reductos, d'onde se presumiu que o inimigo podia saltar como no Guaramame, que é um rio ao sul do Cabo-Branco, por ser este o caminho que conduz á cidade da Parahyba, e por onde o inimigo podia deitar gente para distrahir-nos da defesa dos fortes. Havia outro reducto no passo dos Boisos, com algumas peças, e em que estava o capitão Antonio Ferreira de Lemos com a sua companhia, que era dos moradores. A cidade, a tres leguas da barra pelo rio acima, estava igualmente fortificada, tendo em torno algumas trincheiras e outras no Varadouro, onde surgião os navios; e tambem um reducto com suas peças, no qual estava o capitão Manoel Peres Corrêa, dono de um dos engenhos de assucar daquella praça. Para estas e as mais

fortificações tinha ali o nosso general o capitão de engenheiros Diogo Paez, e o governador tinha na cidade o sargento-mór Antônio de Madureira Trigo, com os officiaes da real fazenda e os da cabilda, para conducção dos soccorros que fossem chegando.

A gente que havia para a defesa desta praça erão 800 homens, com os moradores, nas companhias dos capitães D. Gaspar de Valcaçar, Domingos de Arriaga, Luiz de Magalhães, D. Jacinto Ayres de la Serna, Cosme da Rocha, Miguel de Padilha, Manoel de Queiroz e Siqueira, com sua companhia, que era composta de gente da cidade; Domingos de Almeida, Antonio Ferreira de Lemos e Ruy Calaça Serpa. As de Leonardo de Albuquerque e João da Silva e Azevedo, que ainda estavão com Martim Soares em Cunaú, tambem vierão.

Novembro 25. — Sahiu o inimigo do porto do Recife no dia 25 com a armada referida. Apenas o general Mathias lhes observou este movimento, fez marchar do Real tres companhias para a Parahyba; as quaes erão as dos capitães Simão Caieiro, Gregorio Guedes do Souto-Maior e Jeronymo Pereira, que por mais antigo os commandava. Ordenou a Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, que tinha a seu cargo a gente de Goyana, que logo soccorresse a Parahyba, o que fez. Elle e os tres do Real chegárão primeiro que o inimigo, o qual, navegando com nordeste, tardou mais que das outras vezes.

Desta gente e da que tinha o governador escolheu a que lhe pareceu, e repartiu-a em cinco troços pelos postos da praia em que o inimigo poderia desembarcar mais facilmente. As tres companhias de Pereira, Guedes e Caieiro collocou-as na enseada, que chamão do *Manoel Alvares*, a mais de quatro leguas ao sul da barra e forte do Cabedello. No posto que chamão de *Nicoláo dos Reis* se poz a companhia da gente da cidade, com o seu capitão Manoel de Queiroz Siqueira, uma legua ao norte donde estava Jeronymo Pereira. No de Jacome de Oliveira, legua e meia ao norte da enseada de Jaguaribe (cujo nome lhe provém de um rio que ali ha) se postou o governador com alguma gente dos moradores, e a de Goyana com Lourenço Cavalcanti. Deste posto até o forte do Cabedello havia ainda mais dous, sendo um o da Rede de João de Mattos, onde estavão os capitães D. Gaspar de Valcaçar e Domingos de Arriaga.

Dezembro 2. — Na madrugada desse dia appareceu uma lancha do inimigo sobre o Cabo-Branco, costeando a terra até a enseada de Lucena, uma legua ao norte da barra do rio Parahyba. Nesta enseada estava o capitão Domingos de Almeida e Duarte Gomes da Silveira com a gente do districto. Reconheceu a lancha todos os postos á sua vontade, porque os nossos, vendo-a só, suppuzerão ser, como succedia outras vezes, alguma embarcação que nos viesse de Portugal, que a enviaria adiante reconhecer o logar em que se achava. Com tal inadvertencia se descobriu toda a praia para ver a lancha, facilitando assim cada vez mais ao inimigo o reconhecimento a que viera.

Dezembro 4. — No dia 4 muito cedo deu a armada inimiga vista do Cabo-Branco, trazendo já a infantaria nas barcaças e lanchas, que todas serião 50, seguindo-as um patacho com a prôa para o posto do governador Antonio de Albuquerque; e antes de chegar ali, entrou o patacho na enseada de Jaguaribe, dando fundo mui perto, e começando a atirar algumas peças, emquanto as barcaças, simulando apartar-se, puzerão a prôa sobre o logar em que se achava o governador. Vendo isto os capitães D. Gaspar e Arriaga, vierão marchando de seus postos para reunir-se a elle. Mas o patacho içou bandeira rôxa, que era o signal para que as barcaças e lanchas fossem deitar a gente na mesma enseada. Fizerão então a manobra com tanta brevidade, que quando o governador marchou a impedi-los já estavão em terra, formados em tres columnas, uma para o lado por onde marchavamos, outra para a banda do mar e a terceira para o bosque em que puzerão duas companhias de emboscada. Cada uma destas columnas tinha na frente uma peça de campanha. Neste desembarque perdêrão tres barcaças e uma lancha com alguma gente, por causa da grande ressaca que o mar ali fazia. Mas nem isso nem a nossa prevenção pôde obstar o desembarque.

Como a armada viu sua gente em terra, foi-se approximando a ella, e deu fundo em frente da enseada, mandando tres náos deitar ferro na de Lucena. O governador mandou fazer alto á sua gente, que serião 500 homens, e enviou o capitão Manoel Padilha com 50 a tentar fortuna pelo bosque e colher noticias para, á vista dellas, resolver; bem que a todos parecesse grande temeridade o querer esperar o inimigo com tanta desigual-

dade de forças O general Segismundo fez marchar a primeira de suas columnas para investir-nos. Foi tal a resistencia que lhe oppuzemos no principio, que sua vanguarda começava a voltar o rosto; mas soccorridos pelo reforço do bosque, foi-lhes facil o que já lhes tinha parecido difficil; porque rompêrão nossas fileiras, a despeito dos esforços do governador, capitães e pessoas particulares que pretendião deter a gente, que vendo a terceira columna já vir cortando-nos a retirada, desordenou-se por tal fórma, que ficárão prisioneiros alguns, como fossem tres soldados e o alferes do capitão Domingos de Miranda, que o era da gente de Goyana, conduzida por Lourenço Cavalcanti. Perdemos tambem Bento do Rego Bezerra, que, apenas entrou para o poder do inimigo, o ficou nosso, pelo bem que lá se achou, e com as informações que deu nos fez muito mal.

O governador deveu neste dia a vida a um peito forte, em que lhe derão um mosquetaço que lhe rompeu um correame. Matárão-nos 15 homens e ferirão 23, degollando-lhes nós 45, e fazendo-lhes maior numero de feridos. Ficou o governador com tão pouca gente, como em casos taes acontece; achando-se particularmente com Lourenço Cavalcanti Jorge Lopes Brandão e Luiz Brandão, irmãos, com seu sobrinho Francisco Camello Brandão, Manoel Quaresma Carneiro, Manoel de Almeida, João Rodrigues Machado, e alguns poucos moradores e particulares, e dos capitães D. Gaspar de Valcaçar, Domingos de Arriaga, Domingos de Miranda e Miguel Padilha; e tambem dous capitães reformados dos de Pernambuco, Francisco Bittancourt e Sá e Jorge da Fonseca Coutinho, que com licença estava para embarcar-se ali, em direcção á Hespanha. Os tres capitães Jeronymo Pereira, Gregorio Guedes e Simão Caieiro, e o da gente da cidade, Manoel de Queiroz Siqueira, como estavão além do rio Jaguaribe, ficárão cortados pela gente que o inimigo lançou naquella paragem, como fica dito.

Pareceu ao governador e ás referidas pessoas — que visto o bom resultado obtido pelo inimigo, era provavel que se encaminhasse logo ao forte do Cabedello, cuja conquista era o seu fim principal, e que convinha soccorrê-lo com aquella gente e a que se fosse reunindo. Assim se executou, entrando nelle os capitães D. Gaspar e Arriaga, e juntamente Jeronymo Pereira, com os de seu commando, no dia 5 de dezembro, e já com muito risco; porque tentando entrar por um caminho que se seguia muito á margem do rio, e mandando reconhecê-lo primeiro, tinha já o inimigo gente de emboscada, e prendeu um alferes reformado, com dous soldados, salvando-se os mais a nado. Apezar deste inconveniente, que participárão ao governador, elle os fez embarcar no porto do Jaraié, onde de prevenção tinha algumas chalupas; e ainda que com perigo grande, por ser de noite, conseguirão entrar no Cabedello, onde se apresentou tambem o capitão engenheiro Diogo Paez, para o que fosse necessario na occasião do assedio, que se tinha por infallivel.

Foi o governador pessoalmente examinar o que se precisava no forte, e depois á Restinga, voltando ao de Santo Antonio, que elegeu por mais apropriado, para d'ali metter soccorro no Cabedello e na Restinga. Para isto fez vir algumas chalupas dos navios mercantes que estavão na cidade (tendo nella, como já se disse, o sargento-mór Antonio de Madureira) para que pelo rio abaixo fosse enviando gente e munições de guerra e boca; porquanto, o que viesse de Pernambuco forçosamente havia de dirigir-se á cidade, deixando para guardar o passo dos Boysos, que tomava todos os caminhos, Lourenço Cavalcanti com alguma gente da sua, que se lhe foi reunindo.

O inimigo, depois daquella acção, que lhe fôra vantajosa, avançou um pouco para o nosso forte, fez alto, e fortificou-se naquella mesma noite; na seguinte marchou pela praia, formado nas mesmas tres columnas, expedindo adiante oito barcaças com duas peças cada uma, as quaes ião disparando para o bosque, para assegurar sua gente; e segundo a pouca com que tinhamos ficado, com menos prevenções marchárão seguramente.

O governador communicou logo ao nosso general o estado das cousas, e elle procurou logo soccorrê-lo quanto pudesse; desejando ir em pessoa, bem que as sezões quartans o inhibissem, havia muitos mezes, de taes cousas; porém agora lh'o impediu o conde de Bagnuolo, dizendo que a elle tocava conduzir aquelle soccorro, e que, ainda que não estava acostumado a militar com tão pouca gente, como a que para isto se poderia ajuntar, faria de sua parte quanto lhe fosse possivel. Levou finalmente a que se

lhe pôde dar, que foi 300 infantes, com as do seu terço napolitano, e os Castelhanos que commandava o capitão D. Fernando Agueiro, e mais 50 cavallos de pessoas particulares, e as munições que foi possivel tirar das poucas que havia.

Emquanto elle marcha com este soccorro, continuaremos com a relação do que se passava na Parahyba.

Foi o inimigo seguindo para o forte do Cabedello, e aquartelou-se em um bosque junto ao rio, recebendo muita perda da artilharia que lá tinhamos. Na noite de seis para sete havião occupado e fortificado tres postos, sendo o primeiro no mesmo logar em que no anno de 1631 tiverão seu principal quartel quando pela primeira vez sitiárão este forte, no que não forão tão bem succedidos como agora, que lhes ficárão mais seguros os soccorros de suas náos. O segundo posto que fortificárão foi na margem do rio, para estorvar os soccorros que podião vir em chalupas da outra banda do forte de Santo Antonio ao Cabedello; e para melhor effeito collocárão ali tres peças de campanha. No meio destes dous ficava o terceiro contendo alguns trabucos; tão perto chegárão a estar!

Ao amanhecer, vendo os nossos aquella má vizinhança, procurárão do forte fazer-lh'a peior com a artilharia que lhes desmoronou algumas fortificações. O mesmo acontecia com a da Restinga, da qual recebêrão muito damno por colhê-los ella quasi pelas costas. Forão remediando isto com umas estradas cobertas que fizerão, para com mais segurança se coadjuvarem os postos, e destes communicarem com o seu quartel principal, onde estava o general Segismundo. Emquanto trabalhavão nas fortificações, neste mesmo dia fizerão os do nosso forte uma sahida, e degollárão dezaseis dos operarios inimigos, com o que se retirárão a seus quarteis deixando-nos tres feridos.

Ainda no proprio dia introduziu o governador no Cabedello munições e abastecimentos, vindo em chalupas, e não sem risco, porque passárão muito perto da mosquetaria e artilharia de campanha, que, como fica dito, tinha o inimigo na margem do rio para este fim. Chegando a noticia deste cerco ao capitão Martim Soares, que se achava no quartel de Cuñaú, enviou logo de soccorro o capitão Leonardo de Albuquerque, com a sua companhia, segundo as ordens que tinha do nosso general. Albuquerque marchou com tal presteza, que ao anoitecer do mesmo dia chegou ao forte de Santo Antonio, e na manhã do dia 8 ao Cabedello, sem perder um só homem, e conduzindo nas chalupas mais munições e abastecimentos. Martim Soares seguiu atrás de Leonardo com a companhia do capitão João da Silva e Azevedo e alguns moradores, com os indios das aldêas do Rio Grande, que se havião retirado, e que estavão sob a direcção do padre jesuita Manoel de Moraes. Participou Soares ao governador que para lá marchava em seu auxilio, sem embargo de saber, por alguns avisos, que o inimigo do Rio Grande com os tapuias lhe seguirião as pisadas. Respondeu-lhe logo o governador que fizesse alto na ribeira de Mamanguape, para dali impedir a passagem ao inimigo; pois que constando estar ali gente nossa, com sua pessoa se considerarião mais seguros os moradores e suas familias, que já começavão a mover-se, querendo abandonar suas casas com a só noticia da vinda dos tapuias: tanto temor causava a natural crueldade destes barbaros! Certo forão os avisos que havia tido Martim Soares; porque o inimigo, sabendo que elle deixára o quartel de Cuñaú, veio marchando com os tapuias em seguimento de nossa trilha; porém estacou da outra banda da ribeira de Mamanguape, vendo que a tinhamos occupado, e que não trazia tanta força como a nossa, na apparencia, para a diversão que tentava fazer-nos.

A' vista do damno que o inimigo recebia da Restinga, e tendo uma só bala morto e estropeado 17 homens; considerando além disso o muito que aquelle posto nos assegurava os soccorros que vinhão da cidade pelo rio abaixo pouco mais de tres leguas, e os que cada dia mettia o governador da outra parte do forte de Santo Antonio no de Cabedello, resolveu tomar essa Restinga, prevenindo para isto sete navios dos mais pequenos, e outras barcaças, com todo o necessario, e 800 homens, tendo por cabo delles o sargento-mór André Zon.

Dezembro 9. — Era o quarto d'alva de 9 do mesmo dezembro quando decidirão entrar á barra; e tão boa lhes foi a occasião, além do vento e maré serem em seu favor, uma espessa neblina os occultou aos fortes até o momento de passarem já por elles, de que não recebêrão damno consideravel; algum porém lhes causou a fortificação da Restinga, de que nos coube tambem parte;

porque rebentando-nos uma peça de ferro, matou um artilheiro e feriu sete soldados.

Ao amanhecer ião já costeando a Restinga afim de deitar gente pela nossa retaguarda em uma ponta da ilha; e antes que o pudessem effectuar, fez a nossa artilharia que um de seus navios fosse dar em um banco de arêa; todavia saltou sua gente em terra, de modo que ao clarear do dia foi vista do forte de Santo Antonio marchando para a nossa bateria. O governador lhe enviou soccorro em quatro chalupas, que não chegárão a tempo; porque investindo-a resolutamente o inimigo, e sendo os nossos menos de 40, não pudérão resistir por muito tempo, e mesmo porque a bateria não estava acabada de cerrar. Morrêrão aqui 26 homens, deitando-se alguns ao rio, e outros forão salvos pelas chalupas que lhes levavão o soccorro, com o que volvêrão ao forte de Santo Antonio. O capitão da Restinga, Pedro Ferreira de Barros, constante em não abandonar seu posto, achou todavia quartel no inimigo, e ficou prisioneiro.

Com esta nossa perda ficou ao inimigo mais facil a empreza, fazendo ali uma bateria contra o nosso forte do Cabedello, além de privar-nos dos soccorros que por ali nos vinhão. Logo nos tomárão tres chalupas com abastecimentos, de modo que para os recebermos agora era preciso vir de mais de dez leguas de pessimos caminhos da cidade ao forte de Santo Antonio; e para dali passarem ao Cabedello havia de ser com grande risco, por terem de seguir abaixo daquella bateria, afóra as outras que estavão na margem do rio. Sem embargo de tão eminente perigo, os introduzia o governador quasi todos os dias, ainda que com custo de algum sangue.

Dezembro 10. — No dia 10 amanheceu o inimigo com novas trincheiras, e mais proximas do forte, com o que resolveu o governador metter mais gente para estorvar-lh'as. Effectuou-o no mesmo dia, enviando quatro chalupas com duas companhias: a de Ruy Calaza Serpa e a de Miguel Padilha, com mais munições e abastecimentos. Chegou a salvo, ferindo-nos o inimigo quatro homens. A favor da escuridão da noite volvião as chalupas ao forte de Santo Antonio; com o que os adversarios se desvelárão em estorva-las e apertar o sitio.

No mesmo dia começou a bater o forte com seis canhões desde o primeiro posto que já mencionámos e do que ficava no centro; mettêrão-nos algumas bombas dentro, com o que nos matárão doze homens, e ferirão vinte, sendo um destes o capitão do proprio forte, João de Mattos Cardoso, de um mosquetaço nos queixos. Os feridos erão de noite conduzidos nas chalupas ao forte de Santo Antonio para curar-se, por haver nelle mais commodidade. O capitão Mattos ainda naquelle estado não queria desamparar seu forte; mas não convindo ficar nelle impossibilitado assim, foi no dia seguinte enviado ao governador.

Ainda no mesmo dia 10 foi que teve este aviso do conde de Bagnuolo de que ia soccorrê-lo; o que muito animou os do nosso forte do Cabedello, julgando a força maior do que podia ser. Respondeu com pedir-lhe que apressurasse a sua chegada, approximando-se ao forte primeiro que á cidade, pois o esperava para delle fazer uma sahida; mas não teve effeito.

A' noite appareceu alguma dissidencia entre os capitães do forte sobre qual delles os havia de commandar, pela impossibilidade de João de Mattos. Dando-se aviso disto immediatamente ao governador, aconteceu que naquella madrugada de 11 chegou ali só o capitão Martim Soares para conferenciar o que lhe pareceu necessario a respeito da defesa da ribeira de Mamanguape, onde havia deixado em seu logar o capitão João da Silva e Azevedo. E então o governador o mandou ao Cabedello, e com bastante risco, para que, com a sua prudencia, acommodasse os divergentes. Assim o fez, ficando por governador do forte, attenta a antiguidade, o capitão Jeronymo Pereira, e voltou ao de Santo Antonio com o Mattos, bem contra a sua vontade, porque preferia morrer no seu posto sem curativo, a procura-lo fóra delle para viver. Tendo já 80 annos de idade, e estando são desta ferida, veiu a morrer ás mãos do inimigo na Bahia, como adiante veremos. Martim Soares tornou para seu quartel.

Feito isto, enviou o governador, no mesmo dia 11, mais soccorro de 50 homens, com os capitães Cosme da Rocha e Domingos de Miranda, e tambem Antonio da Silva Lobo, alferes do capitão Luiz de Magalhães, com munições e abastecimentos. A introducção deste soccorro nos custou dous mortos e seis feridos.

Ainda neste mesmo dia fez o inimigo uma correria ao engenho de Jorge Lopes

Brandão, e o saqueou muito a seu salvo; porque quando soubemos já se havia recolhido. Calabar e dous pretos que tinhão tomado forão os guias desta excursão, com o que não só aproveitárão nisto, como divertirão os moradores da defensa em que se empregavão dos fortes para acudir ás suas casas, receiando a continuação das correrias.

Cada dia se mettia mais gente no nosso forte, tanto para resarcir as perdas, como para effectuar algumas sahidas. De Pernambuco enviou nosso general o capitão Francisco Peres do Souto para que com toda a brevidade entrasse no Cabedello, por ser pessoa mui propria para semelhante occasião, por sua actividade e zelo. Tendo vindo sem comer, e convidando-o o governador, respondeu que não comeria senão dentro do forte, porque a pressa que seu general lhe recommendára não lhe dava logar a mais comprimentos. Passou em uma chalupa com grande risco, porém chegou a entrar aos 12 do mesmo mez, e a uma hora da tarde immediatamente dispôz tudo o que dizia respeito á artilharia, da melhor fórma possivel.

Dezembro 12. — No mesmo dia mandou o governador mais soccorro e uns cestões, custando a morte do encarregado delle, e o ferimento de seis dos remadores; porque o inimigo, já pela tarde, tinha quasi atacado o forte e guarnecido o rio por ambos os lados com suas trincheiras, e tambem começado outra bateria pelo norte dos outros portos, não para dali bater o forte, como para melhor impedir-nos os soccorros que até então escapavão da bateria do sul, encostando-se para norte; sendo agora forçoso ás chalupas vir de flecha ao forte, penetrando por entre tantos e tão evidentes perigos.

Neste mesmo dia fizerão os do forte duas sahidas, sendo cabo de uma o alferes Antonio da Silva Lobo, que, espada a espada, matou um capitão do inimigo, e da outra foi D. Fernando de Alvarado, sargento da companhia do capitão Domingos de Arriaga: degollárão trinta soldados, e dos nossos houve sete feridos. Distinguiu-se tanto aqui o nosso sargento, que por sua propria mão matou tres.

Dezembro 13. — Introduziu-se novo soccorro no forte, levado em quatro chalupas, custando-nos tres mortos e quatro feridos, porque em cada uma destas diligencias era tal o fogo das baterias inimigas para estorva-las, e o do forte para protegê-las, que muitas vezes o fumo da polvora servia para salvar-nos, occultando as chalupas.

Vendo o inimigo que por sobre tanto risco continuavão a entrar soccorros no forte, resolveu aperta-lo com as baterias e morteiros, sem cessar nem de dia nem de noite; de maneira que substituirão os canhões, cujos fogões se gastavão pelo excesso do trabalho.

O mesmo succedia a alguns dos nossos que fazião opposição ás baterias, porque não os tinha ociosos o capitão Francisco Peres do Souto. Neste mesmo dia cahiu uma bomba ao pé de uns cartuchos de polvora, e os incendiou, com perda de oito homens que nos queimou e feriu. Com estas, que muitas vezes mettia dentro, não nos dava logar a descanso; porque sendo pouca a capacidade do forte, qualquer bomba que cahia dentro nos causava damno. Já neste dia o numero dos nossos mortos subia a cincoenta e dous, e o dos feridos a oitenta e seis, sendo a maior parte de artilheiros. Mas tudo superava o incansavel trabalho do capitão Souto, distinguindo-se igualmente os mais capitães e soldados.

Dezembro 14. — A's 10 horas do dia 14, estando a maré cheia, enviou o governador outras quatro chalupas com abastecimentos, e parte das munições que tinha para sua defesa o forte de Santo Antonio, e que ião já faltando no Cabedello. Forradas pelo costado com couros de boi, para que a mosquetaria inimiga não lhe fizesse tanto damno, assim mesmo o recebião não pequeno. Cada uma destas chalupas ia confiada a um cabo de valor, sendo um delles Antonio Peres Calháo, em cuja companhia se achava seu irmão Francisco Peres Calháo, naturaes das Ilhas dos Açores. Dirigindo o primeiro o leme, lhe matárão um homem e ferirão outro, e logo lhe derão um mosquetaço no braço direito, com que governava.

Vendo isto seu irmão, e acudindo a querer substitui-lo no leme, Antonio Peres não consentiu dizendo: « Emquanto eu tiver outro irmão mais proximo (que era o braço esquerdo) não necessito de ajuda, e nem desisto de meu officio e posto. » Passou o timão para a outra mão, e foi governando, até que outra bala, dando-lhe nos peitos, o prostrou quasi morto. Mas Francisco Peres preferiu acudir primeiro ao leme do que ao

irmão, a quem desta vez tambem julgou parente mais remoto, mais estimulado pela opinião que pelo sangue. Bizarras competencias de valor e fidelidade! Para que em tudo se parecessem estes dous heróes, novo mosquetaço feriu-lhe igualmente a mão que segurava o leme, a que elle acudiu rapidamente com a outra, e assim foi dirigindo a chalupa até metter o soccorro no forte, e voltar ao logar d'onde sahira. Curárão-se ambos os irmãos, e gozárão a vida de que tão dignos se fizerão.

Nestas chalupas nos matárão seis homens e ferirão dez, sendo alguns já ao descarrega-las: o que uma não chegou a effectuar, porque tão crivada estava de balas, que indo quasi a pique, a abandonárão pelo rio abaixo; o que vendo o governador do forte de Santo Antonio, a fez trazer a rebôque. As outras tres voltárão descarregadas, mas não de feridos, tanto dellas como do Cabedello. Destes foi um cabo de esquadra de D. Gaspar de Valcaçar, que estando já para ser enviado ao curativo, o feriu de novo uma bomba; sem embargo do que, anciosamente apressou a morte na mesma diligencia de viver; porquanto dirigindo-se quasi de rojo para entrar em uma das chalupas, lhe derão outro mosquetaço que acabou de mata-lo.

No mesmo dia 14 chegou á cidade a tropa castelhana ao mando de D. Fernando de la Riba Aguero, que o conde de Bagnuolo mandára adiante; e elle chegou no dia seguinte, conforme o aviso que tinha do governador Antonio de Albuquerque, pela pouca gente que trazia, para fazer frente ao inimigo com tanta e tão bem fortificada. O conde escreveu logo da cidade ao governador dizendo que nada se poderia resolver sem uma prévia conferencia entre os dous, pelo que o esperava ali.

Dezembro 15. — Neste dia tivemos de sentir a perda do capitão Domingos de Arriaga, que uma bala matou dentro do forte. E nem as baterias, nem o vento, nem a corrente d'agua derão logar á conducção de soccorro algum, arribando as chalupas que o levavão.

Dezembro 16. — Matárão-nos no dia 16 o capitão que governava o forte, Jeronymo Pereira, pessoa de valor e experiencia. Succedeu-lhe, por geral consenso, Gregorio Guedes Souto-Mayor. Já então a artilharia contraria tinha desmontado muita da nossa, desmoronado a estrada coberta, e arrasado, quasi, tres plata-fórmas do forte, de modo que facilmente se podia subir por ellas. Muitos do inimigo forão de opinião que se désse o assalto antes que chegasse o conde de Bagnuolo, ignorando que estava já na cidade. A fórma que propunhão para o assalto, afim de mais depressa render-nos, era o mais apropriado para não consegui-lo. Faltava-nos tudo, menos o valor e resolução em que estavamos de morrer sem a deshonra de entregarmos ao inimigo a fortaleza. Porém o general Segismundo, com mais prudente conselho, não admittiu o projecto, e continuou o assedio, e os nossos a defesa.

A uma hora da tarde deste mesmo dia chegou ás mãos do governador a carta do conde de Bagnuolo. Não faltárão grandes difficuldades para effectuar esta entrevista exigida pelo conde; mas emfim partiu o governador, deixando suas ordens relativas aos soccorros, ao capitão Luiz de Magalhães; e tendo escripto aos do Cabedello dando razão de sua diversão, e promettendo voltar com brevidade, e junto com Bagnuolo, para soccorrê-los.

Dezembro 17. — A 17 estava o governador na cidade, e conferenciando com o conde e os mais que forão chamados ao conselho sobre a posição em que se achavão, pareceu que immediatamente se aprestassem tres navios dos que havia no porto e varadouro, para embarcar a gente e todo o mais soccorro, afim de, pelo rio abaixo, ir introduzi-lo no forte; sem embargo de contar-se com a perda dos navios, não só por terem de atravessar pelos seis do inimigo, pelas suas barcaças, pela bateria da restinga, expostos mesmo ás outras, como porque havião de encalhar no logar mais proximo possivel do Cabedello, para assim metterem melhor o soccorro, em cuja diligencia tinhão de soffrer o maior perigo, por ter de fazer-se debaixo da artilharia e mosquetaria inimiga.

Como tinhamos de por fim perder o forte, e com elle a praça da Parahyba, jámais se tornou a resolução conveniente em cousa alguma; e esta dos navios foi-se procrastinando mais do que permittia a necessidade em que nos achavamos; e outro accordo que se tomou tambem não utilisou, por não ser a tempo, como se verá. Era elle enviar no dia seguinte (18) o capitão D. Fernando de la Riba Aguero com os Castelhanos de seu commando, e algumas outras compa-

nhias, que tudo orçaria a 250 homens, pela parte mesmo do Cabedello, a chamar a attenção do inimigo, distrahindo-o, por ver se os de dentro fazião alguma sortida feliz. Tambem se ordenou que o capitão Martim Muñoz, um dos da tropa castelhana, por ser soldado de experiencia, se fosse com 50 homens metter no forte de Santo Antonio, que tinha pouca gente, por haver-se passado parte para a do Cabedello. Naquelle mesmo dia se retirou da cidade o governador, parecendo-lhe que se faria precisa a sua presença, ficando ali o conde de Bagnuolo.

Desde o dia 16 deste mez que os do forte do Cabedello erão apertados de dia e de noite com as baterias e bombas, de fórma que era impossivel tomarem um momento de descanso, sendo além disso já mui poucos os abastecimentos e munições; bem que o capitão Francisco Peres do Souto os fazia parecer mais com artificio, cuidado e trabalho, do que era infatigavel. Acudia aos reparos e ás poucas peças que ainda tinhamos montadas, estando os artilheiros quasi todos mortos e feridos. Em 17 o ferirão tambem a elle com um mosquetaço por um dos queixos, ficando assim nossa artilharia sem ter quem dessa arma tivesse conhecimento para regê-la: cuja falta logo se deu a conhecer no dia 18, pelo pouco uso que se fez das peças.

Resolveu á pressa o inimigo enviar um tambor ao forte para que se rendesse, querendo desembaraçar-se do sitio pelo receio que lhe causou a noticia transmittida por um patacho seu que com outros navios cruzava na barra da bahia de Todos-os-Santos; e foi que havião chegado ali dez ou doze náos nossas, e rendêrão uma sua das maiores. Pareceu-lhes que seria parte da armada que esperavamos; e que se fôra certo, não podia o Brasil tê-la em melhor occasião. Com este grande cuidado começou a inquietar-se, procurando acabar com o sitio; porém os do forte não quizerão admittir o tambor; o que fez ainda mais acreditar que tinhamos a armada naquella costa, e que do Cabedello já erão disso sabedores, pelo que tratárão de levantar o sitio: sendo só esta a razão, segundo alguns de lá confessárão depois.

Como os leitores terão desejos de saber que náos erão aquellas, vou satisfazê-los brevemente, ainda que me aparte da narração do assedio de que tratavamos. O governador e capitão-general do Brasil, Diogo Luiz de Oliveira, reconhecendo por sua muita experiencia e valor o damno que recebia a Bahia, onde era a sua residencia, dos navios inimigos, que vellejavão na barra e costa, fez armar doze dos maiores que ali se achavão, mecantis, nomeando por cabo o sargento-mór D. Fernando de Lodena, que então o era do terço de D. Christovão Mexia Boca-Negra, e depois mestre de campo delle. Foi tão feliz, que aprisionou uma das náos inimigas, entrando com ella na Bahia, e o patacho destes na Parahyba com a noticia.

Volvamos ao assedio do Cabedello, em que não nos demoraremos muito, pela pouca materia que elle já nos fornece.

Dezembro 19. — Chegando o capitão D. Fernando de la Riba Aguero, aos 19 do mesmo mez, com a gente que commandava ao logar do seu destino, enviou adiante Miguel Sanches, alferes reformado, com quatro soldados, para descobrir o forte e o mais; os quaes virão tremulando já nelle a bandeira hollandeza, que havia poucas horas que fôra içada, por ter alcançado um segundo tambor o que o primeiro não pudera no dia antecedente. E de certo, que se taes capitães e soldados não fossem os que estavão dentro deste forte, cinco dias antes terião quaesquer outros succumbido, vista a total carencia que sentião, por não terem mais abastecimentos, nem munições, nem peças, nem parapeitos, nem outra alguma defęsa mais que os seus animos esforçados.

Dous de nossos capitães forão ajustar a capitulação; o que fizerão da melhor fórma que em taes circunstancias podiamos esperar, cujos artigos erão : — que sahirião do forte com bandeiras despregadas, levando suas armas, morrões acesos, bala em boca e a toque de caixa, com toda a bagagem; e que aos capitães darião cento e vinte soldados escolhidos d'entre os seus, para ficarem com elles, embarcando os mais para a India, cuja conducção e abastecimentos necessarios serião fornecidos pelo inimigo. E com estas condições se rendêrão no dia 19 de dezembro, tendo morrido neste sitio oitenta e dous homens com os capitães Jeronymo Pereira e Domingos de Arriaga. Os feridos forão cento e tres, e do inimigo entre uns e outros excedeu de seiscentos.

O governador Antonio de Albuquerque

antes de chegar ao forte de Santo Antonio recebeu aviso do conde de Bagnuolo de estar já perdido o do Cabedello.

Dezembro 20. — Com tal noticia proseguiu o caminho, e na madrugada de 20 chegou á ermida de Nossa Senhora da Guia, a um quarto de legua do forte de Santo Antonio, unico que ali nos restava, e que desejavamos e procuravamos defender.

Mas a perda do Cabedello tolheu-nos as esperanças de conservar este, tanto que o governador encontrou já de volta o capitão Martim Muñoz, que tinha sido mandado de soccorro, e não quizera ficar ao ver tudo perdido, sem que o decidissem a isto nem as ordens do conde nem as instancias e persuações do governador.

Maior cuidado teve este quando o capitão Luiz de Magalhães, que estava no referido forte Santo Antonio começou de protestar que era impossivel defender-se, porque só tinha seis barris de polvora. e os artilheiros, que erão Hamburguezes e Inglezes, havião fugido ao ver a entrega do Cabedello, sendo seu exemplo seguido por alguns moradores que lhe assistião, para irem proteger suas familias e casas.

Dezembro 21. — No dia 21 enviou o inimigo em uma lancha o capitão Francisco Peres do Souto para Pernambuco, afim de ser ali curado. Com a tripolação desta lancha ia um engenheiro para reconhecer o Souto entre os feridos que chegassem ao forte de Santo Antonio. Não devendo consentir-se que tal lancha se approximasse, era tanta a confusão que já reinava, que attingiu seu fim.

Dezembro 22. — O inimigo, não desprezando a occasião, escreveu logo no dia seguinte ao capitão Luiz de Magalhães para que se rendesse, offerecendo-lhe as mesmas condições que obteve do de Cabedello. Deu elle conta disto ao governador, que estava na ermida de Nossa Senhora da Guia, o qual lhe ordenou respondesse que tinha transmittido a carta ao governador (mas sem declarar onde este se achava), e que emquanto não tivesse resposta nada podia resolver ácerca da proposta do inimigo. Mas este, como desejava apressar o exito do sitio, por temer a supposta armada, e além disso estava bem informado da nossa posição, enviou nova carta ao Magalhães, em que dizia não ter escripto ao governador, e sim a elle, como encarregado do forte; e que se immediatamente não respondesse, passaria a toma-lo pela força, sem que a ninguem se désse quartel.

O capitão deu conta desta nova missiva ao governador no momento em que chegava á ermida o capitão D. Gaspar de Valcaçar (um dos rendidos no Cabedello), o qual affirmou que no dia seguinte havia de chegar o soccorro que da cidade mandava o conde de Bagnuolo, reenviando o capitão Martim Muñoz com sua companhia e o capitão Pedro Palomo com a sua, que era napolitana e do seu terço. A' vista disto ordenou o governador ao capitão Luiz de Magalhães que respondesse ao inimigo que até o dia seguinte daria a decisão. Porém, ou porque não respondesse exactamente como o governador lhe prescrevêra, ou porque desejasse retirar-se do forte, deu occasião a ser mandado substituir no cargo por D. Gaspar de Valcaçar, que, apezar do trabalho de que pouco antes sahira. aceitou este com pouca esperança de bom resultado, pelo máo estado a que as cousas tinhão chegado

Dezembro 23. — No dia 23 apparecêrão os dous capitães Martim Muñoz e Pedro Palomo; e antes de entrar no forte quizerão primeiro ver o seu estado, de cujo exame resultou não quererem encarregar-se da defesa delle, como se lhes tocasse outra cousa que não fosse obedecer! A tal ponto de desmoralisação tinhão chegado as cousas, pelos revézes soffridos, que nenhum superior dava uma ordem sem o risco de a ver postergada, que é a maior affronta que se póde fazer á disciplina militar.

Por intermedio dos muitos moradores da Parahyba, que ião pedir passaportes ao inimigo, sabia elle da nossa posição, e mandou perguntar porque não lhe entregavamos o forte. Ao que respondeu o capitão Valcaçar que era elle quem o havia de defender; porquanto o capitão Magalhães já estava ausente dali. Então o general Segismundo resolveu passar sua gente em barcaças e lanchas para tomar postos.

Atirárão-se-lhe dous canhonaços, que pouco damno lhe causárão. Sem embargo disso escreveu ao nobre capitão dizendo que estava bem ao facto das nossas circumstancias e do motivo que obrigou os dous capitães a não quererem entrar no forte, e que, visto não se entregarem, ia

dispor o ataque. Com esta carta do inimigo, e vendo os nossos soldados que elle se preparava á execução do que promettêra, decidirão render-se; com o que fez o mesmo D. Gaspar de Valcaçar, depois de reconhecida a impossibilidade de os conter. Foi no proprio dia 23 que entregámos o forte Santo Antonio com as mesmas condições com que o fizera o do Cabedello. Era com effeito impraticavel a defesa por mais tempo, não só pela grande superioridade numerica do inimigo, e pelos pontos que já elle occupava perto de nós, como pela não menor confusão que entre nós reinava, para a qual não faltavão causas; porquanto, além da carencia absoluta de todo o necessario, havia igualmente já má vontade da parte dos moradores que tinhão passaportes; do que (segundo se disse) foi o principal autor Bento do Rego, prisioneiro na occasião que acima referimos.

O conde de Bagnuolo, depois de ter enviado ao forte os dous capitães Muñoz e Palomo, poz em conselho a resolução que deveria tomar-se, visto o estado em que as cousas se ião pondo, e as demonstrações que havia na cidade (pelo muito trato com o inimigo) para render-se logo que os dous fortes o fizessem; com o que já alguns ião sahindo della e desamparando-a.

Resolveu-se que se deitasse bando afim de que todos puzessem em cobro suas familias e fazendas, porquanto não se podia defender a cidade. Depois passárão a queimar as casas que incluião muitas mercadorias, assucar, páo-brasil e tabaco.

O mesmo se fez nos navios que já estavão carregados. Ordenou-se ao capitão do Varadouro, Manoel Peres Corrêa, que retirasse d'ali a artilharia e as munições que pudesse para fortificar-se em algum posto donde se fizesse a guerra ao inimigo, até que nossas armadas chegassem, estorvando-lhe o percorrer o campo daquella praça, como se havia feito em Pernambuco. Dadas estas determinações, e executadas em parte, participou isto ao governador o conde de Bagnuolo, e a 22 passou-se a Pernambuco reconduzindo sua gente, menos as duas companhias, que enviou ao forte de Santo Antonio.

Rendido este forte da fórma exarada, e não sabendo o governador o que se passava na cidade, quiz dirigir-se para ella.

Dezembro 24. — Como estivesse já em caminho, ouviu cargas de mosquetaria, quo logo soube serem as do inimigo, que a entrou a 24 do mesmo mez, achando-a desamparada. Com isto resolveu o governador eleger algum sitio para proseguir a guerra, achando-se tão sómente com aquellas duas companhias, que não quizerão entrar o forte de Santo Antonio, e alguma gente mais, sendo bem pouca. Foi ao engenho de Duarte Gomes da Silveira para examinar um posto que ficava perto d'ali, e que chamavão de Luiz Mendes Vasconcellos.

Dezembro 25. — Sendo no dia 25 reconhecido o posto pelo governador, não lhe pareceu a proposito. Por sua ordem estavão juntos neste engenho todos os Indios, e tambem os do Rio Grande, com o padre Manoel de Moraes, e igualmente Martim Soares, com a pouca gente que tinha, ahi chegou por determinação que o mesmo governador lhe enviára logo que se perdeu o forte de Santo Antonio. Tanto que o inimigo ganhou a cidade, emittiu ordens aos seus, que estavão com os tapuyas, para que não fizessem damno algum aos moradores, porque tinhão seus passaportes.

Dezembro 26. — No dia seguinte viu-se outro posto, que era o do Engenho de Manoel Peres Corrêa; mas tambem não foi considerado por conveniente para o intento. Duarte Gomes da Silveira, como não se preferiu o ponto de Luiz Mendes de Vasconcellos, e viu que o governador fôra descobrir outro, deixando-se ficar no seu engenho, resolveu praticar o que ninguem delle esperava; dirigiu-se a comprimentar o general inimigo, que vale o mesmo que render-se-lhe. Ainda que desta sua precipitada acção se julgou sem temeridade o que era, elle dava a entender outras cousas que alguns acreditavão; porque como tinha autoridade, riqueza e parentes, muitos daquella praça seguião a sua opinião, a qual brevemente se manifestou pelos effeitos.

Dezembro 27. — No dia 27 foi o coronel Arquechoffe, com setecentos homens, procurar o governador no engenho de Duarte Gomes, onde se dizia que estava-se fortificando: não o achou, mas não deixou de achar bom gazalhado.

Parecendo a Duarte Gomes quo o governador julgaria que elle fizera seu dever em ir

fallar ao governador Segismundo, foi no dia 28 ter-se com elle governador ao engenho de Manoel Peres Corrêa, onde immediatamente foi preso por aquella acção, para ser enviado ao general Mathias de Albuquerque. E' cousa notavel e digna de ponderação que tendo este homem até então procedido com exemplar fidelidade, tendo elle despendido muito de seu cabedal, com louvavel zelo, e tendo soffrido a perda de seu filho unico na defesa daquella praça, pudesse a diuturnidade ou dilação com que de Hespanha se acudia ao Brasil, operar mudança tal, que o fazia agora ser preso por suspeito e pouco fiel.

O governador mandou que todos os indios, com os que estavão a cargo do padre Moraes, seguissem para o engenho de Antonio de Valladares, distante dali dez leguas, pela terra a dentro, onde informavão haver um posto apropriado para ser fortificado. Chegárão no dia seguinte; e ainda que pareceu ter as proporções necessarias, já não havia moradores que quizessem ajudar; porque sendo um dos mais ricos daquelle logar Bento do Rego, que de pouco chegára livre do inimigo, por ter-se resgatado com trezentos pesos (segundo elle dizia), obrou mais em seu animo o pouco tempo que esteve naquella companhia do que os muitos annos que gozou da nossa, e o dever de suas obrigações. Foi elle, como depois se soube, quem persuadiu os mais vizinhos daquelle engenho para que não ajudassem a obra da fortificação que tencionavamos levantar, porquanto o inimigo viria logo estorvá-la. Tambem se disse depois que elle trouxera muitos passaportes para os moradores que ainda não os tinhão; com o que de todo nos inhibia de fortificar o posto e estacionar ali a nossa gente.

Desejava o governador que se retirassem todos os indios para onde não pudessem reduzi-los á obediencia do inimigo, julgando, pelo que presenciava, que aquillo era incapaz de conservação, á vista da pouca disposição que achava nos moradores, da qual suas demonstrações davão clarissimas provas. Esta foi a causa de não levar-se a effeito cousa alguma de quanto se tentava.

Dezembro 30. — Aos 30 ordenou o governador ao capitão D. Gaspar de Valcaçar que com doze soldados levasse preso Duarte Gomes da Silveira ao general Mathias de Albuquerque; mas como elle estava com este receio, pelo que sua consciencia o accusava, avisou disto ao inimigo indicando-lhe o caminho por onde seria conduzido; e accrescentou que, vindo com 500 homens, o poderia livrar, e prender o governador no engenho, pela pouca gente com que se achava. Isto mandou dizer por um seu criado, tendo antes advertido o padre Manoel de Moraes (por considera-lo capaz de o acompanhar em seus intentos) para que désse ordem a todos os indios de não tomarem armas se o inimigo viesse, e nem se retirarem dali; porque se o fizessem, a ninguem deixarião os tupuyas com vida; e finalmente que fizessem o que o mesmo Silveira lhes determinasse. Com tal descoco se procedia já; e tudo isto o padre executou!

Recebendo inimigo o aviso de Duarte Gomes, enviou logo o coronel Arquichofle com 800 homens escolhidos a livra-lo da prisão, e para que depois fosse procurar o governador. Pouco faltou para sorprendê-lo; porque na mesma noite encontrárão o capitão Valcaçar, tão bem guiados ião, que a custo pôde escapar-se. Posto Duarte Gomes em liberdade, accrescentou á sua infidelidade o querer que não se salvasse o governador; e apartando-se do inimigo, veiu ter com elle, e disse-lhe que trazia pouca gente, e lhe parecia que a nossa entrasse nas casas do engenho, o que facilitaria mais a defensa. Ainda que quasi se seguisse este conselho, houve opiniões em contrario, sendo que em mais se declarou neste sentido o capitão Martim Soares, produzindo algumas razões convincentes: com o que, deixando todos os pontos, retirárão-se; e não tardou o inimigo um quarto de hora em chegar, ficando com elle Duarte Gomes da Silveira. O que não póde deixar de dizer-se com grande sentimento é que tambem o padre Manoel de Moraes com um lenço em um páo foi render-se ao inimigo; tão esquecido das obrigações de sua profissão, que a este deslumbramento juntou o maior, que foi casar-se depois em Amsterdam, sendo sacerdote e prégador apostolico, e abraçar a seita de Calvino! Verdade é que o seu anterior procedimento nunca teve aquella dignidade propria dos padres jesuitas, nem elles o desconhecião, pois algumas vezes o chamárão; e como não obedecia, tirárão-lhe o companheiro, deixando-o só, quiçá como expulso e incapaz de sua religião. Estes e outros effeitos que referimos forão causados pela dilação com que se soccorria o Brasil, obrigando-nos a uma guerra prolongada.

Com este ultimo successo da Parahyba ficou toda em poder do inimigo; e o governador, com os poucos que o acompanhavão,

se foi retirando para o cabo de Santo Agostinho, onde se achava o general Mathias de Albuquerque.

As pessoas particulares que ião com elle erão Jorge Lopes e Luiz Brandão, irmãos; e seu sobrinho Francisco Camello Brandão, Manoel Peres Corrêa, Manoel Quaresma Carneiro, que erão donos de engenhos, e os deixárão com outros muitos haveres.

Outros mais, igualmente donos de engenhos e moradores, se retirárão para Pernambuco, e forão elles Francisco Camello, João do Souto, João Rodrigues Machado, João Tavares, Francisco Gomes Muniz, provedor da Fazenda Real na Parahyba, João Camello, seu escrivão, e outros que, como se verá, fez o inimigo volver á Parahyba. Porém os primeiros cincos forão constantes em seguir o nosso general, com quem os mais passárão á Hespanha. Todas as outras pessoas de Pernambuco se retirárão com o governador, e erão os capitães Martim Soares, Martim Munoz, Leonardo de Albuquerque, João da Silva e Azevedo, Pedro Palomo, Gregorio Guedes Souto-Maior, Simão Caieiro, Luiz de Magalhães, D. Gaspar de Valcaçar e todos os rendidos no Cabedello, menos D. Jacyntho Arias de la Serna, que foi com o inimigo para as Indias onde o deixárão. Tambem foi com o governador o sargento-mór da praça Antonio de Madureira Trigo e Balthazar da Rocha Pitta, que havia trazido de Lisboa a caravella de soccorro.

O governador informou o general de tudo o que lhe pareceu necessario, para que este o communicasse a el-rei, bem que já não tinhamos portos por onde se pudesse enviar embarçação alguma. Todas estas perdas erão tão previstas no Brasil que, longe de sorprenderem a da Parahyba, a ninguem pareceu que tardasse tanto.

Emquanto se passava o que temos referido a respeito da Parahyba, não estavamos ociosos em Pernambuco, porque não faltava inimigo. Referirei os successos que aqui tiverão logar volvendo ao principio deste mez.

No dia 6 sahirão do forte dos Afogados 400 homens, marchando a meia legua dos Apecucos, para a retaguarda do nosso Real, governado agora por Luiz Barbalho, o qual fez sahir a encontra-los 200 soldados. Pelejou-se mais de duas horas, com grande valor, retirando-se afinal o inimigo com perda de 70 degollados; cinco dos quaes couberão ao capitão Henrique Dias, que os matou por sua mão.

Não podião deixar de ser muitos os feridos, sendo poucos os nossos, a saber: Pedro de Almeida Cabral, de um mosquetaço em uma côxa, tendo neste dia provado bem os merecimentos de sua qualidade, com que havia servido largos annos; o capitão Antonio André e D. Francisco de Reboredo. Morto nenhum tivemos.

A 26 sahirão 300 do mesmo forte dos Afogados, e chegárão ao engenho e campina do Brito, na varzea. O capitão Barbalho enviou sobre elles alguma gente, que os fez igualmente retirar com menos cincoenta, que nos custárão cinco e sete feridos. Destes forão os capitães Luiz de Avellar, Henrique Dias e Antonio Bezerra Monteiro. Deixo de mencionar os outros quatro por não terem seus nomes chegado ao meu conhecimento; e esta é a unica razão por que nesta e n'outras occasiões os não publico, com bastante pezar meu, merecendo elles duração na posteridade, como quem com tanta coragem e fidelidade exputzera a vida e vertêra o sangue em tantas difficuldades, tantos perigos e tantas privações.

1635

Sahe o coronel Arquichofle da Parahyba para Pernambuco; estorvo que se pertende fazer-lhe. Sahe tambem o general inimigo do Recife para juntar-se ao coronel. Sahe, por isso o nosso general do quartel de Nazareth, e occupa a povoação de Santo Antonio do Cabo, pertendendo resistir, mas não póde por falta de gente. Teme que o inimigo vá sitiar o Real, e previne-o com o necessario. Occupa Villa-Formosa, para d'ali soccorrer os fortes. Passa o conde de Bagnuolo a Porto Calvo, e de lá ás Lagunas, expulso pelo inimigo, que tambem sitia e ganha nossos fortes; recebe perda em Villa-Formosa, que pertende ganhar. Motivos pelos quaes foi nosso general unir-se ao conde de Bagnuolo. Passa por Porto-Calvo, e ganhando as fortificações ao inimigo, colhe nellas Calabar, e o faz em quartos; começa a fortificar a Laguna do Sul e a enviar algumas tropas pelo campo, com avisos importantes, e por caminho novamente aberto, por ter-se-nos vedado o da praia com a occupação da Peripueira. Chega-nos soccorro de Hespanha com D. Luiz de Roxas e Borja, que succede ao general Mathias de Albuquerque. Este se retira, e o outro toma posse do seu cargo.

Fevereiro 7.—Logo que o inimigo se viu senhor da Parahyba e de seus moradores, assim como de todas as aldêas dos Indios, que havia dali até o Rio Grande, teve para si que conseguiria o mesmo dos de Goyana, que erão do districto da ilha de Itamaracá e dos de Pernambuco se marchasse logo com a gente que pudesse. Assim o fez a 7 de fevereiro para conseguir o que tanto desejava e que tanto lhe havia custado, que era apoderar-se do campo com cuja posse, e privando-nos das commodidades delle, se acabaria a guerra Marchárão pois de Parahyba para Goyana e Pernambuco tres mil homens commandados pelo seu coronel Christovão Arquichofle. Com tal força todos os moradores e aldeas dos Indios, que não puderão ou não quizerão retirar-se, aceitárão seus passaportes que lhes dava o inimigo de bom grado, por ganhar com isto amigos que esquecidos de seu dever se entregavão ao estrangeiro. Logo que o general Mathias de Albuquerque foi disto avisado, determinou enviar o maior numero de gente que pudesse retirar do quartel do Cabo de Santo Agostinho, para obstar-lhe a marcha Sahirão duzentos homens com os capitães Francisco Rabello, Estevão Alvares e Martim Soares que ia por Cabo. A ordem que levava era que, quando não pudesse pelejar frente a frente, não perdesse as occasiões que se lhe offerecessem favoraveis, e que incendiasse todos os canaviaes de assucar e todo o páo-brasil, e que arrazasse todas as plantações que encontrasse, afim de que o inimigo nada aproveitasse; e que em particular fizesse retirar todos os Indios das aldêas para que não se bandeassem, a exemplo dos da Parahyba e Rio Grande. Tudo isto foi por elle e por seus companheiros executado quanto foi possivel. Queimárão muitos canaviaes, fizerão retirar das aldêas todos os indios de Pernambuco (porque os de Goyana já estavão com o inimigo) e afinal batêrão-se em Musurepe, que fica na raia de Pernambuco e Itamaracá, onde os contrarios perdêrão não pouca gente; mas, como era tão grande a força que trazião,

não se pôde impedir-lhes a marcha. Ficámos com tres soldados feridos, e o capitão Rabello de um mosquetaço.

O nosso general tinha tambem enviado o sargento-mór Luiz Barbalho com cento e cincoenta homens para tomar a povoação de S Lourenço, que ficava a tres leguas para o centro, por ser aquella paragem onde desembocavão os caminhos que o inimigo trazia; para governador do Real foi mandado o tenente da artilharia de Pernambuco André Marinho. Os capitães que acompanhárão Luiz Barbalho forão: seu filho Guilherme, Manoel de Madureira e Affonso de Albuquerque, todos do seu terço, e Francisco da França.

Mas o inimigo não só marchava pelo interior, como tambem o seu general Segismundo sahiu do Recife fazendo o mesmo logo que soube que a expedição da Parahyba vinha entrar por Pernambuco. Tirou dous mil homens dos seus, e quinhentos indios dos da Parahyba, Rio Grande, e foi seguindo para Guararapes e Santa Anna, onde tinhamos uma povoação e parochia chamada Moribeca, com cem vizinhos a 4 leguas do Real e 3 do seu Forte dos Afogados, para apoiar a marcha do coronel Arquichofle, e tambem por ficar esta paragem entre os nossos dous quarteis o do Real e o do Cabo de Santo Agostinho. Nesta freguezia da Moribeca se havião reunido os poucos moradores vindos de Parahyba e já nomeados, os quaes o general Segismundo fez agora voltar á mesma praça.

A invasão que o inimigo effectuava por duas partes, e com tanta gente, deu-nos o cuidado que era justo pelos poucos meios de resistencia. Sem embargo disto e de sua pouca saude, resolveu nosso general sahir ao campo com o conde de Bagnuolo, seu irmão Duarte de Albuquerque e o governador que que havia sido da Parahyba, Antonio de Albuquerque, afim de ver se com isto se lhe juntavão alguns moradores para tentar resistencia; mas elles, á vista do poder que o inimigo trazia, desanimárão de tal fórma, que só tratárão de retirar-se, o que alguns effectuárão, como adiante se verá.

Postou-se o general com trezentos homens na povoação de Santo Antonio, como a mais conveniente para esperar o inimigo; enviando ordem ao sargento-mór Luiz Barbalho para que deixasse na povoação de S. Lourenço, onde se achava, a gente que lhe parecesse, e se dirigisse com o resto para a parte de Santa Anna e Guararapes, a 3 leguas e meia do Recife, que era a direcção que o inimigo tomára. Barbalho, deixando os capitães Affonso de Albuquerque, Manoel de Madureira e Francisco de França, trouxe o capitão Guilherme seu filho e alguns poucos moradores. Tantas divisões em tão pouca força mais parecia que se fazia para irem a ser testemunhas do que se perdia do que para defendê-lo.

Não tardou muito o coronel Arquichofle em aggredir os tres capitães na povoação de S. Lourenço; e bem que ali não tinhamos mais de oitenta homens, elle nos julgou em muito maior numero, á vista do valor com que se baterão contra tamanha força. Mas, a despeito de todos os esforços, não foi possivel aos nossos sustentar o posto, ainda que nos custou quatro mortos e sete feridos, tocando ao inimigo boa parte de uns e outros.

O general expediu para Santa Anna, onde agora estava Luiz Barbalho, o capitão D. Fernando de la Riba Aguero com cem homens dos de seu troço, e sob seu commando os capitães D. Bernardo Soares de la Xara, D. Christovão de Villavicencio e D. Pedro Marinho. Estando já todos reunidos, forão acommettidos por parte da gente com que o general inimigo sahira do Recife. Mister lhe foi soccorrer com o resto a vanguarda que nos atacára, porque duas vezes a rebatemos com perda de muitos, e não sem alguma nossa Morrêrão aqui Domingos Lourenço e João Lopes, soldado de Guilherme Barbalho, e João de Castro, morador que servia a cavallo, e tres mais. Forão feridos Braz Barbalho, primo do sargento-mór Luiz Barbalho e dono de um emgenho, e o alferes reformado Miguel Sanches de Santiago, e mais dous. Francisco de Leão ficou prisioneiro.

Como o general Segismundo soccorreu os seus, não se pôde oppôr mais resistencia, e por isso retirárão-se para a povoação de Santo Antonio, onde estava Mathias de Albuquerque. Não deve passar desapercebido que, contando o inimigo cinco mil e quinhentos homens, e nós tão poucos, como fica referido, nem com esta excessiva desigualdade lhe queria ceder o valor dos nossos; pois mais com elle do que com outros meios (que todos nos faltavão) ainda nos batemos tres vezes.

Vendo o nosso general que os contrarios se approximavão aos quarteis do Real e do Cabo de Santo Agostinho, receiando ou tendo por certo que era para sitia-los, proveu-os de quanto lhe foi possivel e da gente que lhe pareceu mais a proposito. Tinha anteriormente nomeado, como já se disse, para governador do Real o tenente da

artilharia, dando-lhe quatrocentos e cincoenta homens, nas companhias dos capitães Manoel Tavares, Domingos Bezerra Monteiro, Gabriel Soares, João de Campos e Gambôa, Luiz de Avellar Fouto, Gomes de Abreu, Simão Caieiro, Guilherme Barbalho, Gregorio Guedes Souto-Maior, e o de artilhatia Francisco Peres do Souto ainda não restabelecido da ferida que em Parahyba recebêra; e assim mais o capitão Pedro de Almeida Cabral, que tinha vindo da Hespanha com quatro caravellas de soccorro, como vimos em seu logar, e o ajudante Manoel da Silva Peixoto; e Gaspar André, com Antonio Gomes, capitães de emboscadas, e tambem Henrique Dias, que o era dos Negros.

Igualmente entrárão no Real alguns moradores mais vizinhos, com suas familias; taes forão Pedro da Cunha e Andrada, seu filho Pedro da Cunha Pereira, seu sobrinho Antonio de Freitas e Silva, Francisco Monteiro Bezerra, Gaspar de Souza Uchôa e seu irmão Simão Borges Uchôa, Maria Barroza, viuva de Francisco de Barros Rego, com uma filha e cinco filhos, que todos servião, Antonio de Bulhões e seu filho Zacarias, Bernardino de Carvalho e seu filho Antonio, Francisco Fernandes Angelo, Leonardo Fróes, Cosme de Castro Passos, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, João Velho Barreto, João Dias Leite, Ayres Tavares, escrivão da camara, o medico Gaspar de Valdivieso, e outras pessoas a quem não se pôde deixar de recolher.

Todas ellas trazião mantimentos para si, ainda que os mais inuteis deitou o governador fóra logo no principio. Para consolo de todos se deixárão ficar tambem seis religiosos franciscanos descalços com seu guardião Fr. Antonio de S. Paulo e Fr Matheus de S. Francisco, capitão-mór do terço de Portugal, com seu companheiro Fr. Belchior dos Reis, da provincia e ordem dos terceiros de S. Francisco. Dos Jesuitas, ficou o reitor de seu collegio Leonardo Mercurio e Gaspar de S. Peres; e de S. Bento, Fr. Bento da Cruz.

No forte de Nazareth, em o Cabo de Santo Agostinho, se puzerão dous governadores, a saber: o sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama e o sargento-mór do terço de Portugal Luiz Barbalho com seiscentos homens, e os capitães Pedro Teixeira Franco, Paulo Nunes Tinoco, D. Christovão de Villavicencio, D. Bernardo Soares de la Xara, João Babilon de Souza, Fernando da Silva e Miranda, D. José do Souto Ponce de Leão, D. Jeronymo de Lerna Mexia, Francisco de França, Martim Muñoz, Francisco de Leão, Estevão Alvares, Antonio de Gouvêa e Pedro Palomo, do terço do conde de Bagnuolo, e Lourenço Vaz Cerveira, que era de artilharia; e tambem os ajudantes Atilano Gonçalves, Bento Ferraz, Thomaz de Bivanco, João Rodrigues de Oliveira e dous napolitanos Rogerio Amordio e Vicente Mormilio, João Lopes Barbalho, Antonio Bezerra, Francisco Moreira da Costa, Diogo Rodrigues e Manoel Ribeiro Corrêa, capitães de emboscadas.

Ficárão tambem ali alguns religiosos dos descalços, e por seu presidente Fr. Francisco de Santo André; dos Jesuitas, o padre Francisco de Vilhena e o irmão Francisco Ribeiro; do Carmo, Fr. Antonio dos Anjos e Fr. Agostinho de S. Diogo da ordem de S João de Deus. Só tres dos moradores se recolhêrão a este forte, que forão Sebastião Tostado, Francisco Gomes Muniz, provedor da fazenda real da Parahyba, e o seu escrivão João Camello.

Como o inimigo poz assedio no Real e no Cabo de Santo Agostinho ao mesmo tempo, alguma confusão ha de haver em descrevê-los como os acontecimentos delles merecião; porém esta falta será supprida pela verdade com que vou referi-los.

Março 3. —O inimigo tomou postos contra os dous quarteis a 3 de março, da fórma que abaixo se verá, e nesse mesmo dia o general Mathias de Albuquerque occupára a Villa-Formosa, no districto de Serinhem, por ser o unico ponto donde por mar e por terra podia soccorrer as praças sitiadas e receber alguns que por ventura chegassem de Hespanha, por ficar junto dos rios Formoso e Serinhem. Isto fez o general com só trezentos homens que lhe ficárão e os capitães D Fernando de la Riba Aguero, Affonso de Albuquerque, Martim Ferreira, Luiz de Magalhães, João de Magalhães Barretto, D. Pedro Marinho, Leonardo de Albuquerque, João da Silva e Azevedo, Manoel de Madureira, D. Gaspar de Valcaçar, Rodrigo Fernandes, D. Pedro Tavera Souto Maior, Francisco Rabello, Manoel de Souza Abreu (que entrou na companhia de Martim Soares que ia reformado) e Antonio André. Do terço napolitano do conde de Bagnuolo, sua companhia com o alferes Francisco Rozano, e a de Paulo Vernola, Francisco del Pino, e Matheus Gallo, com o seu sargento

mór João Domenico Mauchorio. Tambem ali se achava Antonio Felippe Camarão, capitão-mór dos Indios, com alguns affeitos á guerra; porque os mais de Pernambuco tinhão-se já retirado, como acima se disse.

Antes do nosso general tomar esta resolução não faltou quem opinasse que era melhor desmantelar os dous postos do Real e Nazareth, e reunir toda a gente, que ao todo subiria a mil trezentos e cincoenta homens, com os quaes se poderia obrar mais e sem o risco de que, rendendo-se alguma das forças assim destacadas, fosse retirada do Brazil pelo inimigo, vindo a fazer-nos grande falta pela dificuldade de obtermos gente aguerrida Outros dizião que, além da contingencia desta operação, tinha el-rei ordenado expressamente que se conservasse o Real, e que visto estar já cercado pelo inimigo, não podiamos já effectuar a retirada sem quebra de nossa reputação, e era impraticavel conduzir a artilharia por falta do necessario; e que, como os avisos de Hespanha asseguravão que a armada de soccorro chegaria com brevidade, convinha que ella achasse assegurados os dous postos; e quando se abandonassem, e juntasse toda a gente, que não excedia o numero que já damos, que poderia fazer contra cinco ou seis mil homens? Reflexionando pois sobre os dous pareceres, decidiu-se a favor do primeiro, isto é, pela conservação dos dous quarteis.

Chegando o nosso general a Villa-Formosa teve noticia de que o inimigo havia tomado postos para sitiar o Real e o Cabo de Santo Agostinho; estando neste o general Segismundo Escup, com parte de sua gente, e mais ao largo tomando os caminhos para obstar qualquer soccorro. O posto que para isto lhe pareceu mais a proposito foi o engenho dos algodoeiros de Miguel Paes, a quasi uma legua do nosso forte de Nazareth, fazendo corpos de guarda, com suas trincheiras e cortaduras nos logares mais convenientes a seu intento. Para privar-nos de soccorros pelo mar, tinha navios e outras embarcações mais ligeiras em paragens muito apropriadas.

Com o resto da gente, que serião tres mil homens, sitiou o coronel Arquichofle o Real; e o primeiro posto que occupou foi o engenho de Francisco Monteiro, na retaguarda do Real, a tiro de canhão de distancia; ainda que para o impedir mandou o governador André Marinho duzentos homens com os capitães Gregorio Guedes, Luiz de Avellar, Gomes de Abreu e Guilherme Barbalho, os quaes escaramuçárão com o inimigo por uma hora.

Março 4. — No dia 4 occupou o coronel o engenho de Marcos André, igualmente distante do Real um tiro de canhão, e pela frente delle, que era o posto mais conveniente para communicar-se com o seu forte dos Afogados.

Março 5. — No seguinte dia occupou o passo que chamavão—do Fidalgo, – a tiro de mosquete do mesmo Real, e já d'aquem do rio Capiberibe, custando-lhe isto muita gente; porque os nossos pelejárão por mais de tres horas, para impedi-lo, mas não foi possivel. Com esta posse ficava-lhe segura a conducção de abastecimentos e munições pelo rio Capiberibe, que lhe passava junto.

Desta maneira occupou o inimigo, logo no principio, todos as posições necessarias para sitiar as duas praças; e em seu lugar veremos o mais, que forão obrando. Entretanto volvamos ao general Mathias de Albuquerque, a quem tinhamos deixado em Villa-Formosa.

Naquella posição estava elle mais arriscado que seguro, por ficar a só seis leguas do Cabo de Santo Agostinho, com tão pouca gente e munições; e assim mesmo conservou a Villa quatro mezes, e até se renderem o Real e o Cabo, o que foi uma das grandes acções desta guerra, pelas muitas circumstancias que a acompanhárão, e que mais se poderia julgar temerario desespero do que prudente valor, pois esteve-se em campo descoberto com tão limitada força contra o poder demasiadamente superior, e a quem sobravão munições, já por terra já por mar, tendo naquella costa mais de cincoenta navios.

Ponderando isto o conde de Bagnuolo, com muita experiencia, persuadiu ao general que devia ir pessoalmente com a metade da pouca gente que havia tomar o posto da povoação de Porto-Calvo, 16 leguas mais ao Sul, e 25 ao Cabo de Santo Agostinho, que d'ali podia soccorrer-se; assegurando assim os mantimentos das roças e curraes de gado (que erão muitos) até que nossas armadas chegassem; e que se estas aportassem por aquella parte, era conveniente estar ali para segurar-lhes o desembarque; porquanto pouco antes chegára aviso de que o inimigo acabava de occupar a Barra-Grande, onde levantava uma

fortificação em que tinha trezentos homens e quatro canhões: o que talvez fizesse na intenção de estorvar nossas armadas, se por ventura apparecessem a querer desembarcar gente por ali, como já havia praticado com a de soccorro do almirante general D Antonio de Oquendo no anno de 1631; e que com esta nova fortificação se faria senhor dos abastecimentos daquelle districto, cujos moradores, segundo constava, communicavão-se já com elle.

Com estas e outras razões decidiu-se que fosse o conde de Bagnuolo a Porto Calvo, e mais particularmente por ter-se recebido aviso de que os moradores negociavão com o inimigo.

Março 8. — Partiu o conde a 8 deste mez levando duzentos homens com os capitães D. Fernando de la Riba Aguero, D. Pedro Tavera Souto-Maior, João de Magalhães Barreto, D. Gaspar de Valcaçar e sua companhia, com o alferes Francisco Rosano e as de Paulo Vernella, e Francisco del Pino, e Matheus Gallo do seu terço napolitano, com o sargento-mór João Domenico Mancherio

Vendo-se o general no campo tão perto do inimigo, com tão pouca gente como polvora. de que só tinha 16 libras, resolveu vencer toda a difficuldade na conservação daquelle posto, como o fez. Tratou de fortificar e tomar os caminhos, e para isso começou a organisar algumas companhias de emboscadas de doze a quinze homens dos moradores e naturaes daquelle districto, por serem os mais praticos. Uma destas companhias compunha-se de treze irmãos, todos filhos do mesmo pai e da mesma mãi, e chamavão-se os Baptistas; o primogenito, Manoel Baptista, era o capitão delles.

Erão ao todo cem os homens destinados a emboscadas Com elles, e com os que lhe havião ficado, e com o capitão-mór Antonio Felippe Camarão e seus Indios, determinava o general não só defender-se, se o inimigo o procurasse (como fez por duas vezes), mas tambem soccorrer as duas praças sitiadas, as quaes o inimigo ia apertando; postando, além disso, mil homens na Pindoba, que assim se chamava um engenho de assucar que havia a uma legua de Villa-Formosa, para acommetter-nos nella.

Março 18. — No dia 18 seguiu o inimigo por uma senda em que estavão de guarda os capitães Affonso de Albuquerque, Antonio André e Gaspar Pinto, que era um dos nomeados ali pelo general; terião ao todos cem homens e alguns Indios. Foi tal o valor com que pelejárão contra quatrocentos, que os fizerão retirar com perda de gente e não pouca de reputação. Cobrando-a os nossos com este soccesso, se animárão mais a sustentar o posto, o que, antes disso, julgavão difficultoso.

Tambem o general, á vista do alento que tomárão, tratou de soccorrer o Real e o Cabo de Santo Agostinho. Achando-se tres barcos inutilisados nos rios Serinhem, que corre junto a Villa-Formosa, e Formoso, a duas leguas della, ordenou que se fizessem os concertos necessarios da melhor fórma que fosse possivel, menos pela extensão da viagem, que era de só seis leguas, do que por terem de passar pela artilharia de muitos navios, barcaças e lanchas do inimigo. Em quanto se aprestavão os barcos, fazia o general juntar farinha e salgar carne, por ter ali achado umas salinas daquelle anno que nos passados não existião. Esta provisão era para soccorrer o Cabo de Santo Agostinho.

Para fazê-lo ao Real havia mais difficuldade por ter de ser por terra, e todo o campo desde Villa-Formosa até la, e ainda até o Rio Grande (que erão mais de 60 leguas ao norte) tinha o inimigo por seu. Sem embargo de tudo isto, pôde o general por algumas vezes introduzir nelle mantimentos por intermedio de alguns moradores em quem confiava, e o grande perigo que elles corrião qualificava a sua fidelidade. Não havia, emfim, uma hora que não se empregasse na conservação destes dous postos já tão arriscados.

No dia 7 deste mez aconteceu no Cabo de Santo Agostinho que, indo o inimigo com quinhentos homens a uma pequena enseada chamada Aybú, distante um tiro de mosquete ao norte da ponta do mesmo Cabo, afim de queimarem uma pequena embarcação que ali tinhamos, não pôde conseguir o seu intento, porque sahindo do nosso forte de Nazareth o sargento-mór Luiz Barbalho com duzentos e oitenta homens, e os capitães D. Christovão de Villavicencio, Estevão Alvares, João Babillon de Souza, Fernando da Silva e Miranda, D. Jeronymo de Lorena Mexia e Paulo Nunes Tinoco, pelejou-se mais de duas horas, até que o inimigo retirou-se com grande perda, sem que nós tivessemos alguma, á excepção de um ferido.

No dia 11 voltou á noite a atacar uma trincheira que tinhamos fóra do forte de Na-

zareth, a qual valorosamente defendêrão os capitães Pedro Teixeira Franco, D. José do Souto Ponce de Leão e o ajudante Atilano Gonçalves de Orejon que estava nomeado commandante dos reformados, afim de soccorrer em occasiões semelhantes. Ali deixou o inimigo trinta mortos

Por alta noite do dia 12 repetiu o ataque á mesma trincheira, estando de guarda os capitães João Babillon de Souza e Fernando da Silva e Miranda, que repellirão o inimigo com tal valor, como se viu do effeito, pois deixárão quarenta estendidos no campo sem que nada obrassem. Desta vez tivemos tres mortos e oito feridos.

O general tinha já carregado de abastecimentos um barco, encarregando-o ao capitão de emboscadas Diogo Rodrigues, que havia vindo do Cabo com um aviso. Partiu elle do rio Serinhaem a 15 do mesmo março, á boca da noite, com tão boa sorte, que em seis horas chegou á calhêta do do Cabo tendo atravessado, sem ser sentido, por tantas embarcações inimigas. Com isto se alentárão muito os do forte de Nazareth; bem que na divisão dos mantimentos não tinhão a providencia de que tanto necessitavão. Este barco (e os que depois forão) não podia voltar nem sahir de lá, tanto porque o inimigo o impedia, como por já ser-lhe o suéste contrario, que era vento que então reinava Por esta causa regressou por terra o capitão Diogo Rodrigues com bastante risco. Por elle participárão os governadores do forte de Nazareth ao general as occurrencias: sendo para este a maior satisfação o saber que aquelle barco chegára a salvo, pelo que tratou de enviar segundo.

Março 20. — O inimigo, que apertava o cerco do Real, tomou na noite de 20 mais um posto, que era o do oiteiro chamado do Conde de Bagnuolo, e começou a fortifica-lo. Ao amanhecer de 21 mandou o governador André Marinho que sahissem a estorva-lo os capitães Domingos Bezerra, João de Campos e Gambôa, Gomes de Abreu, Gabriel Soares, Gregorio Guedes Souto-Maior e Henrique Dias com alguns negros Toda a força seria de duzentos e trinta homens que se batêrão com mais de oitocentos, com tal denodo, que durou a escaramuça seis horas, ajudando-os muito a nossa artilharia, ainda que depois nos fez falta a polvora que se gastou, porque só havia setenta e dous barris de cem libras.

Houve alfim o inimigo de abandonar o posto, deixando mais de cem mortos, e retirando-se com muitos feridos. Dos nossos o forão oito e morrêrão seis Como eramos tão poucos não podiamos fortificar o posto, que nos seria de muita consideração para segurança do Real; e assim sómente destruimos o que o inimigo havia feito.

Março 27. — Porém elle entendendo quanto lhe convinha occupar aquelle oiteiro, voltou aos 27 com mil e quinhentos homens. O governador fez sahir a mesma gente, que, pelejando com maior desigualdade, suppriu-a com o valor durante sete horas de porfia, em que perdeu elle cento e vinte homens e nós sete e quinze feridos. Deste numero forão os alferes Pedro Gonçalves Pereira com tres feridas, Antonio Peixoto Viegas, Antonio Gonçalves Tizão e Gaspar de Almeida Cabral. O primeiro era da companhia de Gregorio Guedes, o segundo da de Gomes de Abreu, o terceiro da de Guilherme Barbalho, e o quarto da de João de Campos e Gamboa. Apezar de tanto esforço, não foi possivel desalojar o inimigo.

Um morador chamado Agostinho de Hollanda foi quem da primeira vez lhe ensinou o caminho para chegar ao oiteiro: lembrando-se mais de seu appellido que de suas obrigações, teve disto o galardão que era devido, e adiante se verá; assim como o effeito deste posto em nosso damno, por ficar dominando o Real a tiro de mosquete, com o que não se podia estar dentro sem evidente perigo.

Ali collocou o inimigo tres meios canhões, tendo acestado outros tres no Passo do Fidalgo, com os quaes batião e cruzavão a praça com grande damno della e dos que a defendião. Porém deixando-a agora por um pouco, será razão dar conta da marcha do conde de Bagnuolo a Porto-Calvo, para onde o deixámos partindo; pois como se accumulavão os successos, é necessario para referi-los transtornar a ordem das datas.

Partiu pois o conde no dia 8 de março, e chegou a 12. Avisou logo o general de como tratava de fortificar a igreja velha da Povoação do melhor modo que pudesse, porque lhe dava cuidado a fortificação que o inimigo estava levantando na Barra-Grande, a cinco leguas dali, não só por ser-lhe o logar defensavel, como porque dali poderia effectuar algumas entradas, e communicar melhor com os moradores, do que já havia grandes indicios.

Bem não tinha Mathias de Albuquerque recebido esta participação, quando lhe cons-

tou que o general de mar João Corneles com seiscentos homens, tirados parte de seus navios com que entrára na Barra-Grande, e parte da fortificação que ali fazião, marchava para Porto-Calvo, por saber do estado do conde, e não querer dar-lhe tempo a fortificar-se. Elle havia começado a fazê-lo pela frente da igreja com taboa e terra, tendo recolhido nella alguma farinha, quando soube do intento do inimigo.

Aos 15 teve aviso de que já se approximava, bem que alguns moradores lhe assegurassem que não podia chegar á povoação senão por dous caminhos Para guarnecer todos estes enviou logo alguma gente, e com o que lhe ficava, deixando parte na igreja, resolveu sahir. Seguirão-o algumas pessoas particulares daquella parochia, entre as quaes havia vinte cavallos; porém de pouca confiança, pois se dizia que tratavão com o inimigo; e alguem affirmou que não faltou quem o guiasse por fóra daquelles caminhos conduzindo-o por um pantano onde preciso foi passar um a um, tendo marchado formados até o oiteiro de Amador Alvares, que ficava á vista e a tiro de canhão da povoação. O conde os esperou quasi no meio desta distancia com duzentos homens. Destes enviou quarenta com o capitão-mandante D. Fernando de la Riba Aguero, para que, adiantando-se, procurassem ganhar uma pequena collina.

O inimigo chegou primeiro ao pé della com seiscentos homens; mas ainda assim foi occupada por D. Fernando. Circulou-a o Corneles, e pelejando-se forão rotos os nossos, morrendo cinco e ficando com igual numero de feridos. Destes ultimos forão o alferes de D. Fernando, D. João de Estrada (que depois foi sargento-mór) de um arcabuzaço em uma perna, e Manoel Romão que depois foi capitão Foi Corneles approximando-se ao conde, cujo sargento-mór João Domenico Maucherio montava um cavallo pouco usado áquelles encontros, e por isso, apenas ouviu a mosquetaria, desenfreou-se por tal modo, que sem remedio foi atropellando alguns dos nossos, com o que os mais delles começárão a voltar para a povoação. Seguio-os o inimigo, e obrigando-nos a abandona-la, saqueou-a a uma hora da tarde, e pela cubiça de aproveitar o pouco que achou não perseguiu mais o conde, que de certo colheria, em razão da vagarosa marcha que levava para o rio das Pedras que corre junto á mesma povoação, com o fim de ir tomar posição na Laguna do Norte, 19 leguas mais ao sul. Nesta occasião morreu tambem um cabo de esquadra do capitão Matheus Gallo, que se chamava João Baptista Sorretin, Napolitano, ficando prisioneiro Bernardo Giorno, igualmente cabo de esquadra de Francisco del Pino.

D Fernando de la Riba Aguero, não seguindo o conde, voltou, se bem que com grande risco, para Villa-Formosa a buscar o seu general, parecendo-lhe que assim cumpria melhor sua obrigação, por vê-lo ficar tão empenhado e só; ainda que a sua companhia ia com o conde, que chegou á Laguna do norte a 21 do março corrente, onde o deixaremos até que haja outra occasião de fallar nelle

Logo que oinimigo occupou a povoação, começou a fortifica-la, fazendo na igreja velha (ponto mais imminente) um quadrilongo que a incluia, e por fóra uma muralha de terrapleno, com seu fosso e estacada, e nos quatro angulos a artilharia Tambem fortificou a igreja nova e duas casas grandes. Deixou ali o general João Corneles quinhentos homens de guarnição com dous capitães, alguns tenentes de companhia e dous ajudantes, sob o commando do sargento-mór Alexandre Picard

Com tal poder se fizerão logo senhores daquella parte, obrigando a contribuir com vaccas, farinha e o mais que querião os moradores, que quasi todos estavão já de boa intelligencia com elles, como sempre tememos; mas agora começavão a soffrer o amargo fructo de seu erro. Um delles que tambem ficou, chamado Sebastião do Souto, prestou-nos grandes serviços pelas relações secretas que manteve com o nosso general. Adiante o veremos, por ser digno de menção.

Com a noticia que o general Mathias de Albuquerque teve do successo do conde de Bagnuolo, chamou logo o governador da Parahyba, os capitães e pessoas particulares, e poz em conselho o estado das cousas. Quasi todos forão de parecer, por muitas e bem fundadas razões, que era muito arriscada a continuação da residencia em Villa-Formosa, porque pelo norte estava o inimigo a uma legua de distancia fortificado, e pelo sul em Porto-Calvo, ficando-nos cortada a juncção com o conde, e mui difficultosa a communicação: que os soccorros que se poderião enviar de Villa-Formosa ao Real e ao Cabo de Santo Agostinho erão tão diminutos, como mostrava a falta que tinhamos de

gente e munições de guerra e boca; e por isso que nada servia demorarem-se ali mais tempo, arriscando o general sua pessoa, na qual unicamente consistia agora a continuação daquella guerra.

A despeito de tanto risco decidiu o general conservar-se ali emquanto as praças do Real e Cabo se defendessem, ponderando que os defensores dellas o farião mais animados emquanto o considerassem tão perto de si, e que o cuidado que ali davamos ao inimigo faria que não apertasse mais o sitio, sendo obrigado a ter gente destacada, a qual com a nossa ausencia se iria reunir ao grosso do exercito, facilitando-lhe mais o assalto.

Communicou ao conde esta resolução, mandando regressar a companhia de D. Fernando, que o havia seguido, e as de D Pedro Tavera Souto Maior, João de Magalhães, D. Gaspar de Valcaçar e Paulo Vernola. Alguns dias tardárão ellas pelo perigo de passarem perto de Porto-Calvo, e algumas, por não o poderem conseguir, voltárão por vezes á Laguna. Por esta causa mandou o general que se abrisse novo caminho pelo interior, 12 leguas acima daquella povoação, para mais segurança poder relacionar-se com o conde de Bagnuolo.

Inferindo o inimigo do successo do conde que o nosso general se acharia com pouca gente, e que por isso seria optima occasião de expulsa-lo de Villa-Formosa, o que muito lhe convinha para desembaraçar-se do cuidado que lhe dava a sua vizinhança, resolveu ataca-lo. Confiou esta facção ao sargento-mór-general André Zon, dando-lhe oitocentos homens escolhidos, com os quaes (e á vista do pequeno numero dos nossos) marchou tão certo do bom exito, que até lhe pareceu que o nosso general o não esperaria, e por isso conduzia alguns carros com as roupas, para poder alojar-se neste mesmo dia dentro da villa. Mas elles lhe servirão depois para ministerio bem differente do que imaginára. Veiu marchando muito cedo no dia 11 de abril, investindo pelo mesmo logar pelo qual o havia feito em 18 de março. Achou ali os mesmos tres capitães Affonso de Albuquerque, Antonio André e Gaspar Pinto, que por todos terião oitenta homens e alguns indios com seus capitães Antonio Cardoso e João de Almeida. Toda a nossa força emfim consistia no animo.

Tocando-se a rebate, e avisando o general, sahiu elle logo com a pouca gente que tinha em soccorro dos referidos capitães. Depois de pelejar-se por um espaço não pequeno, foi-nos impossivel defender mais o posto; e retirando para o rio Serinhaem se approximou tanto o inimigo que ia em nosso alcance, que o nosso general, vendo-se empenhado, resolveu-se a mandar passar o rio mais acima para reunir sua gente, e voltar á carga em logar mais acommodado. Operou-se isto com tal resolução e presteza, que julgando o inimigo que eramos mais, voltou as costas com menos alguns, que ali ficárão mortos.

Reconhecendo porém que eramos poucos, virou-se e insistiu. Todavia o valor dos nossos, estimulado com a presença do general e de seu irmão Duarte do Albuquerque, fez que André Zon não se aposentasse neste dia em Villa-Formosa, como tinha julgado, durando a batalha desde as 10 horas do dia até sol posto Retirou-se emfim, deixando mais de cento e vinte degollados, e levando setenta feridos nos carros em que trazia a roupa, e que bem necessarios lhe forão agora. Se os nossos capitães observassem melhor as ordens do general, seria por sem duvida maior a perda do inimigo, e não nos mataria dez homens, nem feriria vinte e dous. Do numero daquelles forão o capitão Antonio André; perda consideravel, por seu muito valor, prudencia e outras bellas qualidades, com que servira desde o principio desta guerra: era natural da cidade do Porto. E tambem Antonio Pimentel e Luiz de Tavora, seus soldados; Estevão Velho que já tinha perdido dous irmãos e um cunhado. Dos feridos forão o capitão Gaspar Pinto, Antonio Jacome Bezerra, Pedro Maciel, Antonio de Albuquerque e Atahyde, e os alferes Jacome de Moraes Sarmento, Alvaro de Azevedo e outros. Os capitães Affonso de Albuquerque, D. Pedro Marinho e o ajudante Atilano, matárão cada um seu Hollandez espada a espada, e todos os mais neste dia obrárão tantas gentilezas, como se julgára do bom resultado que tiverão tão poucos contra tamanha força.

O capitão Manoel de Madureira, que foi dos que não guardárão a ordem de seu general, ficou prisioneiro com tres soldados seus, dos quaes um foi José de Barros, filho de Maria Barroza, que estava dentro do Real.

Abril 30. — Com a falta desta gente e dos mortos e feridos, ficava-nos ainda mais arriscada a residencia em Villa-Formosa; porém suppriu-se com a chegada, a 30 de abril, daquellas companhias que se esperavão de Laguna, montando agora a nossa gente a trezentos homens; ainda que havia compa-

nhias só de dez. Com o conde de Bagnuolo ficárão tres de seu terço, a saber: a sua com o alferes Francisco Rosano, a de Francisco del Pino e a de Matheus Gallo, e tambem a da milicia daquella povoação da Laguna do Norte e a do Sul, que dista uma da outra sete leguas. Tal foi o resultado da facção de André Zon, cujas esperanças se murchárão. Porém o que nella appareceu de mais heroico, segundo o meu pensar, é o que se segue.

Não faltão nas historias antigas e modernas paginas adornadas com muitos e raros exemplos de valor mulheril portuguez; e assim nem será novidade que o vissemos nesta occasião renovado, nem seria justo deixar de narrar o effeito. Acima dissemos que nesta acção fôra morto Estevão Velho, e que já havião seguido a mesma sorte um cunhado e dous irmãos seus. Chegando pois á noticia de sua mãi Maria de Souza, mulher de Gonçalo Velho, e das mais nobres de Pernambuco, deposta ou suffocada a dôr natural, chamou outros dous filhos, um de 14, e o segundo de 12 annos, e com varonil coração disse-lhes. «Neste momento, meus filhos, chegou a vosso pai e a mim a noticia de haver o inimigo morto vosso irmão Estevão, que já é o terceiro filho que nesta guerra perco, além de um genro. Mas bem longe de desviar vos dos mesmos perigos, quero collocar-vos na carreira delles. Portanto já e já tomai a espada, e ide dar a vida com a mesma honra que vossos irmãos, por Deus, pelo rei e pela patria». Isto proferiu ella com os olhos fitos em Gil Velho, que era o mais idoso dos dous, e com uma inteireza admiravel, não já em mulher, mas em qualquer homem animoso. Immediatamente foi aquelle mancebo assentar praça na companhia de Manoel de Souza, e o mais moço não tardou muito em fazer o mesmo, procedendo ambos com valor que provava serem filhos daquella mãi, que tanto mostrou vencendo-se a si mesma, quanto era patriota: matrona, sem duvida, merecedora de ser memorada por mais elegantes pennas.

Volvamos ao Cabo de Santo Agostinho, cujo sitio, bem que fosse ao largo, não faltavão occasiões em que o general Segismundo se lhe approximava.

Maio 4. — Na noite de 4 de maio veiu elle para escalar um reducto que tinhamos nas casas de João Paes Barreto. Guardava-o o capitão D. Jeronymo de Loma, e não podendo resistir, sahiu a soccorrê-lo o sargento-mór Luiz Barbalho do forte de Nazareth, com os capitães D. José do Souto Ponce de Leão, Francisco de França, Estevão Alvares, D. Bernardo Soares de la Xara, Antonio de Gouvêa e Pedro Teixeira Franco. Achando já dentro do reducto o inimigo, o rechaçárão de modo que se retirou, deixando degollados quarenta e cinco, e levando muitos feridos. Destes tivemos nós seis, e morto sómente um.

Maio 18. — A 18 voltou o inimigo para acommetter-nos a trincheira d'agua, a distancia de tiro de mosquete do forte de Nazareth, a qual tomava os principaes caminhos. Os capitães que nesta noite a guardavão, Paulo Nunes, Francisco de França e Pedro Teixeira, defendêrão-se tão bem, que fizerão retirar os duzentos homens que a atacárão, levando de menos dezoito que ali ficárão mortos, tendo sómente um ferido.

Não se descuidava o coronel Arquichofle de apertar o Real; porquanto no primeiro de abril occupou mais as casas de Jeronymo Paez, que estavão a um lado e a tiro de arcabuz, e ali fez o seu principal quartel. Na noite de 3 avançou até a roça do mesmo Paez, que ficava quasi debaixo do Real. Percebeu-se esta manobra pelo ruido do trabalhar, e começou a mosquetaria a atirar do forte, no que permaneceu toda a noite, afim de estorvar a progressão da obra; a qual ao amanhecer se conheceu ser um reducto a tiro de pistola do Real, com sua estacada grande e coroado de cestilhos. Vendo o governador quão difficultoso era o desaloja-los, e que por aquelle lado não tinha a praça mais que uma peça de ferro, fez abrir novas canhoneiras, para onde transplantou outras peças de bronze, as quaes se carregárão de bala de mosquete, pedras e pregos.

Depois disto ordenou que sahissem os capitães de emboscadas Gaspar André e Antonio Gomes, e o alferes João Arias de Macedo, com pouco mais de cincoenta homens, mostrando que ião atacar o reducto, para chamar a gente que o inimigo tinha no bosque vizinho. Sahiu ella logo batendo a nossa a tempo que a artilharia carregada para este effeito se disparou tão opportunamente, que de duas que erão as inimigas poucos ficárão com vida. Ajudou tambem muito a nossa mosquetaria da muralha. Retirou-se o inimigo com cento e quarenta mortos e feridos; sendo um destes o seu coronel Christovão Arquichofle em um braço. Perdemos nós

Antonio Fernandes e Antonio de Miranda, que erão da companhia de Gomes de Abreu, e assim mais perdemos um dos negros. Feito isto, voltárão os nossos para o Real, tendo cumprido bem com seus deveres.

Se os deste posto e os do Cabo não estavão ociosos, o mesmo acontecia ao general em Villa-Formosa, pelo desvelo com que se applicava a soccorrê-los, porquanto a 20 de abril despachou para o forte de Nazareth o ajudante Atilano Gonçalves com alguma gente e quarenta e quatro bois mansos. Mas não foi possivel chegar lá este soccorro, visto ter o inimigo trezentos homens na ponte da Tatuoca, que era o caminho por onde forçosamente havião de ir, e não fizerão pouco em voltar a Villa-Formosa sem perder nada, nem mesmo um boi. Comtudo não se perdia tempo em aprestar e carregar outro barco para soccorrer o Cabo, para onde tinha de ser conduzido pelo mesmo capitão Diogo Rodrigues, que levára o primeiro. Ia nelle muita corda, que ali se havia feito, por ter-se recebido aviso de que já se sentia falta della. Na descripção dos acontecimentos do anno **1633** dissemos a que mister se applicava esta corda, supprindo com ella a de canhamo, que havia dous annos não vinha de Hespanha A despeza de todos estes soccorros não era por conta da fazenda real, porque já a não havia, e sim á custa de alguns donativos angariados pelo general, e do que este e seu irmão Duarte de Albuquerque davão, passando letras para Hespanha depois de ter contribuido com toda a sua prata, que não era pouca. Eis o que elles fazião para sustentar aquella gente contra o inimigo, tendo depois por galardão a calumnia propalada pelos invejosos, como já por vezes disse; mas deve tolerar-se que o justo sentimento o repita muitas.

Largou o segundo barco tambem de noite, por ser impossivel fazê-lo de dia, não só pelos muitos navios inimigos que estavão junto ao Cabo, como pelos que havia na ilha de Santo Aleixo, a quatro leguas das emboccaduras dos rios Serinhaem e Formoso, que desaguão quasi juntos; e por entre elles tinha sahido o primeiro soccorro, e havia tambem de sahir este.

Maio 20. — Levantou ferro a 20 de maio, levando o ajudante Atilano Gonçalves com oito mosqueteiros. Chegou na mesma noite, mas com mais risco que o outro, por ter sido sentido, e por isso encalhou junto á barra do Cabo (que ainda estava por nós) em uma lage, e perdeu-se, salvando-se tudo o que conduzia, ficando assim soccorridos os nossos, ainda que por poucos dias.

Já vimos que para soccorrer o Real havia mais difficuldade; todavia o general fez segunda tentativa, enviando quinze sendeiros carregados de carne salgada e por fresca a dos proprios sendeiros Partirão de Villa-Formosa com a gente que mais pratica pareceu; mas não foi bastante por serem sentidos do inimigo duas noites; que como o caminho era de tantas leguas em que tinhão de passar por tantos destacamentos que elle havia posto, tornava-se difficultosissima a viagem, e assim regressárão a Villa-Formosa sem perder cousa alguma Foi muito sensivel o não ter chegado este soccorro ao Real, por ser lá tão preciso.

O general recorreu a outros meios para conseguir a introducção delle, que foi encarregar disso alguns moradores mais fieis com quem tinha intelligencias Alguns o fizerão, mas com grandissimo risco, porque em carros trahia-os o ruido e nos hombros de negros não era menos perigoso, por não se poder confiar nelles, tendo o inimigo publicado liberdade para qualquer delles que accusasse os introductores de soccorros no Real, e pena de morte aos moradores que o fizessem, a qual executárão em Manoel de Barros, filho de Maria Barroza, enforcando-o por ser comprehendido nisto Porém apezar de tantos inconvenientes, soccorria-se o Real como se podia, e não como era mister. Bem merecião os seus defensores estes sacrificios.

Não se valeu o general sómente deste meio para ir conservando as duas praças, mas de quantos lhe parecião a proposito. Escreveu algumas cartas, não só aos confidentes, como até áquelles de quem menos fiava, afim de que de suas mãos chegassem ás do inimigo (como chegárão algumas), nas quaes dizia com resolução que ia com toda a força que tinha (dando a entender que não era pouca) a soccorrer o Real e o Cabo de Santo Agostinho, e que por isso tivessem em taes e taes logares taes e taes cousas, com mantimentos e o necessario para marchar pelo campo.

Apenas constou isto ao inimigo, foi tirando alguma gente dos sitios para reforçar a que tinha ao pé de Villa-Formosa, porque com a perda da acção de **11** de abril foi-lhe necessario pôr ali mais tropa, receiando que lhe dessemos alguma má noite, conhecendo em nós capacidade para fazê-lo. Não era

pouco consideravel o pôr-se o general no grande risco de attrahir para tão perto de si maior força do inimigo, só por ver se desta arte minorava o rigor daquelles dous cercos, que era tudo quanto na occasião podia fazer, e o que convinha, por affirmarem as participações de Hespanha que em março deste mesmo anno partirião as armadas de soccorro em companhia das náos da India, por ser nesse tempo a monção propria, e que por todo o maio poderião estar naquella costa. Se assim houvera acontecido, não só não se perderia o Real e o Cabo, como, segundo o estado das cousas, se poderia esperar que o inimigo fosse expulso do Brasil. Porém só a 7 de setembro partirão as armadas, e podendo ainda então ter bom exito aquella guerra, foi pelo contrario, como adiante veremos. Parece que Deos serviu-se mais de castigar nossos peccados do que fructificar tão insignes trabalhos.

Grande era o damno que o Real recebia das duas baterias, que continuamente jogavão sua artilharia, matando-nos e ferindo muita gente A Paulo de Tavora da companhia de Gomes de Abreu levou um canhonaço o braço esquerdo. Do oiteiro do conde de Bagnuolo, como nos estava muito a cavalleiro, fizerão grande estrago, arruinando-nos todas as casas; com o que se vivia com muito incommodo e cuidado, apezar de ter o governador André Marinho levantado uma espalda para cobrir o alojamento,

Não era só nesta parte que se recebia damno; porquanto a 15 de abril, pelas 11 horas da noite, começárão tres morteiros a lançar bombas do reducto que tinhão na roça de Jeronymo Paez; sendo as primeiras duas de fumo tão pestifero, que uma dellas teve quasi suffocado o nosso governador no acto de apaga-la. Forão deitando outras muitas, e de varias composições, que rebentavão com damno nosso, no decurso de trinta e cinco dias. Na praça d'armas fez o govèrnador um paiol subterraneo para a polvora e munições. Tambem nelle se recolhião os feridos para estarem mais seguros. Lidava-se sem cessar de dia e de noite; cobrião-se, engrossavão-se e levantavão-se parapeitos; fazião-se espaldas onde parecia necessario, e afundava-se a praça, para com a terra que tirava-se e com a madeira e fachina já prevenida se obrar todo o possivel na defesa.

O que porém dava maior cuidado era a falta de abastecimentos pela grande difficuldade de entrarem ali. Antevendo isto o nosso general, tinha enviado ordem ao governador em 4 de maio para que antes de acabarem-se de todos os abastecimentos, rebentasse a artilharia, e sahisse uma noite com toda a infantaria, marchando para Villa-Formosa. O mesmo determinou aos governadores do Cabo de Santo Agostinho; mas nem estes nem aquelle a puderão executar.

Os do forte de Nazareth erão mais ajudados por não terem o inimigo tão perto. Fazião algumas sortidas para buscar mantimentos. A 24 de maio effectuou uma o capitão Diogo Rodrigues (depois de ter chegado com o segundo barco) com o alferes Pedro de Oscós Utérem e trinta soldados, para a banda do rio da Jangada, duas leguas ao norte do Cabo. Ali encontrárão vinte e cinco cavallos do inimigo, e trouxerão prisioneiros o alferes e o trombeta delles, e assim os quinze cavallos, que apreciárão mais, por que os dous prisioneiros ião augmentar as bocas e apressar a fome, e outros a matavão.

Tambem o ajudante Atilano Gonçalves com os capitães de emboscadas João Lopes Barbalho e Antonio Bezerra fizerão duas sahidas a 27 e a 29 do mesmo mez. Na primeira degollárão vinte dos inimigos, e da segunda vez dezaseis, trazendo alguns cavallos, mandioca, e tudo o mais que podia servir para comer-se.

O general não attendia sómente aos soccorros que de Villa-Formosa mandavão; mas achando-se na Laguna com o conde de Bagnuolo, André de Almeida e Fonseca, provedor da fazenda real, com os officiaes della, ordenou-lhes que dali soccorressem o Cabo com um barco de farinha e pescado salgado, de que havia abundancia naquelle logar, cordas e o mais que pudessem; o que elles forão aprompt ando com grande cuidado, não sendo menor o do conde.

Junho 1. — Sahiu este soccorro da barra das Lagunas no 1° de junho. Era um barco grande de coberta com abastecimentos para tres mezes. Mas como tinha de perder-se a praça, tudo concorria para isso, por que tendo boa viagem até o Cabo, distante dali trinta e oito leguas, antes de poder tomar terra, o alcançou o inimigo, com cujo evento se perdêrão as esperanças de metter soccorro no forte, ainda que o general não desistia do intento, tratando de carregar outro barco que ali tinha prompto dos tres que acima mencionámos, tendo ido já os dous.

Juntou oitenta bois grandes e mansos le carro, por ser mais facil a condução, e

meados, e os principaes de Goyana (districto de Itamaracá) erão Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque, deixando tres engenhos, e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, seu primo, que abandonou dous e muito gado.

Os de Pernambuco forão João Paes Barreto, que largou dous engenhos, muito gado e outras fazendas, por ser dos mais ricos proprietarios do Brasil; e ainda pôde retirar trezentos e cincoenta escravos. Seu pai possuiu dez engenhos de assucar que dividiu por seus filhos, os quaes tambem não forão poucos, e todos se retirárão agora; erão elles Estevão, Christovão, Miguel, Diogo, Antonio, Felippe Paes e D. Catharina Barreto, viuva de D. Luiz de Souza. Tambem se retirou D. Isabel de Moura, viuva de Antonio Ribeiro de Lacerda, que o inimigo matou, como acima vimos, abandonou muitos bens e um engenho; assim como sua irmã D. Mencia de Moura, mulher de Cosme Dias da Fonseca, deixando dous engenhos. Igualmente deixava um Francisco do Rego; Ambrosio Machado de Carvalho, Manoel de Navallos, Luiz Lopes Tenorio, Luiz Ramiro, Antonio Gonçalves da Paz, Luiz Marreiro, Antonio de Sá de Matria, Julião Paez Daltro, André do Couto, Gaspar de Meri e Gaspar Caminha, todos se retirárão abandonando seus bens, e o mesmo fez Braz Barbalho, a quem não impediu o arcabuzaço recebido na Moribeca, nem o engenho que tambem deixava. Muitos outros seguirão o exemplo destes, convencidos de que cumprião seus deveres abandonando tudo para não ficar entre o inimigo. Mas nem por isso se póde culpar a muitos que com elle ficárão, attentas varias impossibilidades, e sómente os que sem ellas o fizerão: ainda que queirão elles recorrer a alguns exemplos da Europa, de ficarem os moradores pacificos quando é vencida alguma praça, porquanto eu sempre terei por mais segura a opinião de que, em casos taes, deve-se obrar com gentileza.

Estes erão os donos de engenhos que se retirárão desde Villa-Formosa até o Rio Grande do Norte. Todos se recolhêrão para perto das Lagunas, e alguns passárão logo á Bahia de Todos os Santos. Retirárão-se tambem muitas pessoas particulares, como Gabriel Corrêa de Bulhões, Pedro do Couto, juiz de orphãos, e outros que, por brevidade, deixo de nomear, dizendo só que todos o fizerão com grandes difficuldades e soffrimentos. Ião nascendo uns, morrendo outros por aquelles bosques, privados das commodidades de suas casas, substituidas pela lembrança de que padecião por seu Deus e por seu rei, por não misturarem-se com hereges, inimigos de uma e outra magestade. Basta a respeito dos emigrados, e a seu tempo mencionaremos os que ainda se seguirão.

Julguei poupar-me á dôr de referir a perda do forte de Nazareth, demorando-me na relação desta emigração; mas, por livrar-me daquella penna, vim a cahir nesta; e a quem deixarão de compungir taes acontecimentos? Porém na concurrencia de males, o menor é o consolo; e assim preferi fallar nas privações dos moradores, porque se os seus males são grandes, maior é o de perder-se uma praça de cuja conservação, depois de tomado o Real, pendia a esperança de todos.

Tendo o inimigo arrazado o Real, reuniu suas forças, e marchou para o forte de Nazareth occupando os postos mais vizinhos, cousa que, até então, não tinha ousado fazer. O general Mathias de Albuquerque não possuia mais barco algum para soccorrer os defensores; porém seu incansavel cuidado ainda descobriu um meio. Valeu-se (com gravissimo risco) de jangadas, embarcação (se assim se pôde chamar) tão pequena e ordinaria como no principio dissemos, e agora se verá pelo pouco que cada uma poderia levar, pois não excedia de meia fanga de arroz. Chegárão a entrar vinte com este tão limitado soccorro, com o que nossa gente se entreteve os poucos dias que isto podia durar.

Junho 25.—No dia 25 chegou á Villa-Formosa um proprio do conde de Baghuolo, participando-lhe terem aportado ás Lagunas duas caravellas de Lisboa, com os capitães Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, e cartas de el-rei, algumas munições, e a noticia de que as nossas armadas não tinhão podido partir em março; o que sem duvida farião em maio, constando de uma esquadra de Castella e outra de Portugal. A' vista disto, dizia o conde, convinha reunirem-se logo todos nas Lagunas para melhor communicarem e attender á execução das ordens reaes, visto estar já perdida a praça do Real, e que o forte de Nazareth não tardaria muito em ter a mesma sorte, e que não restava outra paragem mais a proposito do que a das Lagunas.

O general communicou isto ao governador da Parahyba, que com elle se achava, e aos capitães e pessoas de consideração, e todos concordárão no que dizia o conde.

Houve de ceder o general, apezar da repugnancia que tinha para apartar-se dali, emquanto fosse nosso o forte do Cabo. Emquanto se certificava disto, fez saber aos moradores daquelle districto e parochia de Serinhaem que marchava para Lagunas; para que se apromptassem os que quizessem, e pudessem segui-los, offerecendo-lhes um comboi e assegurando-lhes passar por Porto-Calvo, onde o inimigo estava fortificado havia perto de quatro mezes, dando a entender que o atacaria em suas posições. De lá tinha vindo fallar com elle em uma noite (sendo distante 16 leguas) Sebastião do Souto, por ser pessoa com quem tinha intelligencias, e de quem acima promettemos fallar com mais alguma particularidade. O general soube delle quanto se passava em Pernambuco e Porto-Calvo.

Com isto se forão prevenindo para a retirada mais de tres mil moradores e de quatro mil indios, esperando sómente o dia da partida de Mathias de Albuquerque. Este respondeu logo ao conde que ficava apromptando-se para marchar, e que para isso lhe enviasse sem demora alguma polvora da que tinha chegado nas caravellas, pois que só se achava com 16 libras, ainda que os soldados por sua ordem fazião sentinella a quatro barris de arêa para não desanima-los. Toda a sorte de astucias era precisa para conservar-se em campo razo com tão poderoso inimigo na frente. Enviou Bagnuolo a polvora pela nova estrada aberta pelos nossos, segundo lhe fôra recommendado para vir a salvo, cuja falta se ia tornando tão notavel, que obrigou a mandar-se alguns indios á Parahyba buscar quatro barris, dando-lhes o governador os signaes do logar onde estavão. Na volta forão colhidos pelo inimigo, que enforcou os quatro que os trazião.

Os do forte de Nazareth já não tinhão mantimento, nem sequer de algum animal immundo; e estando o inimigo tão perto do fosso, os obrigou a render-se no dia 2 de julho, com as mesmas condições que os do Real tiverão. Para segurança das embarcações que lhes havião de dar afim de conduzi-los ás Indias, ficou em refens o capitão D. José do Souto Ponce de Leão Ao sahir a nossa gente, cahirão mortos alguns soldados por effeito da fome: parece que só estavão com vida emquanto não fizessem qualquer movimento. Tal era o estado a que havião chegado.

Julho 2. — No mesmo dia o capitão de emboscadas Diogo Rodrigues trouxe a noticia desta perda ao general. Determinou este a marcha para Porto-Calvo na manhã seguinte Os soldados pagos (ou nunca pagos para dizer o que realmente era) que tinha comsigo, serião duzentos, e os de emboscadas não chegavão a cem, e alguns indios com o seu capitão-mór Antonio Felippe Camarão. Ainda que era tão exiguo este exercito, parece-me necessario dizer a fórma com que marchava.

Sessenta indios ião adiante com os seus capitães Antonio Cardoso e João de Almeida, ambos mui valentes, afim de descobrirem os caminhos e bosques, no que erão praticos por terem nascido nelles. Seguirão-os os capitães D. Fernando de la Riba Aguero, Affonso de Albuquerque, D. Pedro Tavera Souto-Maior, Francisco Rabello, Luiz de Magalhães e Leonardo de Albuquerque Succedião-lhe os moradores que se ião retirando, e levarião duzentos carros, atrás dos quaes marchavão os capitães Martim Ferreira, João de Magalhães, D. Pedro Marinho, Manoel de Souza e Abreu, Rodrigo Fernandes, D. Gaspar de Valcaçar e Paulo Vernola. Formava a retaguarda o capitão-mór Antonio Felippe Camarão com oitenta de seus indios armados de mosquetes e arcabuzes Emquanto elles marchão nesta ordem para Porto-Calvo, será justo que nomeêmos alguns dos principaes moradores que ali ião deste districto de Serinhaem, cuja cabeça e parochia era Villa-Formosa.

Romão Peres deixava um engenho e uma fazenda, e assim Francisco Viegas Pedro Fragoso de Albuquerque e sua irmã viuva D. Beatriz, que levava tres filhas e outros tantos filhos. D. Felippa de Mello e Albuquerque tambem levando seus filhos, deixava dous engenhos. João de Albuquerque e Nuno de Mello e Albuquerque, que depois foi capitão de cavallos. D. Sebastiana de Albuquerque, mulher de Jacyntho de Freitas e Silva, D. Magdalena, viuva de Felippe de Albuquerque, deixava um engenho e levava uma filha e tres filhos, que erão Manoel, Leonardo e Antonio; tambem ia Leonardo de Albuquerque Carvalhosa, primo destes. D. Catharina Camellas, viuva de Pedro de Albuquerque, com duas filhas, deixavão um engenho, outros deixava sua sobrinha do mesmo nome, viuva de Jeronymo de Athayde.

Nem sempre é pusilanime o coração mulheril. Quem negará o louvor e mesmo admiração a estas nobres matronas, ao vê-las

com tal coragem perder suas casas e bens e arrostar tantas fadigas e privações? Não mostrárão por certo menos valor nesta acção de que o dos nossos soldados em tantos encontros.

Seria fastidioso nomear todos os moradores que se retirárão Direi sómente que o nosso general procurou muito fazer que estes fossem os de mais consideração, pelo que poderião servir o inimigo se os achasse em suas casas. Logo se viu bem o acerto desta providencia; porque entrando elle não achou quem lhe désse um carro, farinha ou qualquer outra cousa. O que mais o exasperava era ver os engenhos e fazendas ao desamparo; porque além de ficarem sem braços para o trabalho, deixárão-os em estado, que muito lhes custou a pô-los moentes e correntes; de sorte que desde o começo ao fim desta guerra não lh'a fez menor o general com a espada do que com o discurso; se com aquella lhe degollou muita gente, com este lhe tirou as esperanças de enriquecer-se depressa com os saques e roubos, perda que lhe era sobretudo mais sensivel.

Retirárão tambem de Villa-Formosa os religiosos de dous conventos, que ali havia, a saber: de descalços franciscanos com mais de trinta, e o seu Custodio Fr. Cosme de S. Damião e o guardião Fr. Antonio de Santa Clara, e de carmelitas, de que era prior Fr. Antonio de Vencimento.

Antes de avistar-se a povoação de Porto-Calvo, veiu de noite aquelle morador, que estava com o inimigo, chamado Sebastião do Souto, dizer ao general, que elle não tinha dentro mais de trezentos e cincoenta homens; porém que a qualquer hora esperava reforço, por temer que fossemos ataca-lo. Isto era o resultado da voz que o general tinha antes espalhado, segundo já referimos.

Era preciso passar perto desta povoação, por ser por ahi o caminho proprio para carros, e nella estava o inimigo fortificado. A tempo que começavamos a descobri-la, chegou a ella Domingos Fernandes Calabar, com duzentos homens de soccorro; soubemos isto de dous e um tambor que lhe tomámos. Parece quiz a sorte de Calabar, que não perdesse a que logo teve, trazendo-o tanto a tempo.

Na Barra-Grande tambem estava o inimigo fortificado com trezentos homens, distante quatro a cinco leguas de Porto-Calvo. O general, para maior segurança do comboi e p ssagem dos emigrados, resolveu fazer alto com a gente de guerra no oiteiro de Amador Alvares, a tiro de peça da povoação donde logo foi visto.

Julho 12. — Teve isto logar no dia 12 do mesmo mez, ás 11 horas, do dia e logo armou duas emboscadas entre este posto e a povoação; indo pelo lado direito o capitão Francisco Rabello com cincoenta soldados e alguns Indios, e pelo esquerdo os capitães Estevão de Tavora e Gaspar André com outra tanta gente. Sebastião do Souto, que estava com o inimigo, vendo-lhe chegar o soccorro, e suppondo que o ignoravamos, procurou avisar o general, ainda que fosse com risco seu. Disse lá que iria a cavallo reconhecer a nossa gente, e o fez approximando-se tanto de nossas sentinellas, que lhe atirárão dous mosquetaços; mas nenhum lhe acertou. A tal perigo se expoz para lançar uma carta que trazia para o general, na qual lhe participava a chegada de Calabar com o soccorro. Na sua volta instigou o sargento-mór que ali tinha o commando, Alexandre Picard, a que sahissé contra nós, persuadindo-o de que estavamos fatigados e sem ordem. Bastou isto para que elle o fizesse e ficasse perdido, como logo se verá.

A's quatro horas da tarde sahiu elle com duzentos homens a reconhecer-nos por onde se emboscava o capitão Rabello, que era junto á povoação. Este começou a escaramuçar, e os outros dous, Tavora e André, não se descuidando, cerrárão tambem, a tempo que o general com a espada na mão os soccorreu com tal valor, que houve de retirar-se o inimigo. Seguirão-o os nossos até suas proprias fortificações, e a primeira que investirão foi a principal em uma eminencia superior a todas as da povoação. Era ella a igreja velha, que havião cingido com uma muralha de terrapleno e em fórma quadrilonga, com fosso, estacada e artilharia nos quatro angulos, como já dissemos

Para o assalto nem levavamos manteleles com que cobrir-nos, nem granadas para atirar, nem machados para destruir as estacadas, nem fachinas para cegar os fossos, e nem escadas finalmente para subir a muralha. Mas como o valor, quando a sorte é propicia, supre tudo isso, os nossos com extremada gentileza entrárão e ganhárão o forte quasi ao pôr do sol. Os capitães D. Fernando de la Riba Aguero, D. Pedro Tavora Souto-Maior, Affonso de Albuquerque e D. Fran-

cisco de Souza, os alferes Fernando Barboza, D. João de Estrada e D. Fernando de Alvarado Mendonça forão os primeiros que subirão o muro. E tão primeiros andou a maior parte, em valentia e constancia, que por não ser prolixo de mais deixo de mencionar tantos nomes.

Oitenta mosqueteiros e trinta carabineiros defendião este forte, e tanto des es como dos duzentos com que sahiu o seu governador Picard, perdêrão cem, ficando prisioneiros quarenta e seis dos do forte, seis peças, algumas munições, armas e abastecimentos. Foi tal o impulso que a boa sorte deu aos nossos, que apezar de ser já quasi noite, sem ordem se arrojárão ao inimigo nas casas fortes e na igreja nova, porém sendo impropria a hora, não só lhes foi impossivel avançar, como ficárão feridos oitenta, entre elles o capitão Vernola (levemente) e dous soldados seus. Morrêrão vinte entre indios e brancos; sendo destes os capitães D. Gaspar de Valcaçar e Pedro Alvares Bezerra, e os alferes Jacome de Moraes Sarmento e Manoel de Souza e Abreu, cavalheiro aquelle de muito valor, e Francisco Luiz e Rodrigo Fernandes, natural da villa da Golegã. O sargento-mór Antonio Madureira Trigo matou neste dia tres inimigos ás estocadas.

O general (por tirar os seus do perigo) mandou que seguissem para o Varadouro, perto do rio das Pedras, que corre junto á povoação, e onde o inimigo tinha um reducto com vinte homens e perto dali duas barcaças. A guarnição, vendo a nossa resolução, o desamparou, salvando-se em uma dellas pelo rio abaixo, e queimando nós a outra. Servia-lhes aquelle reducto para proteger a entrada dos soccorros pelo rio.

Depois tomámos-lhes os mais postos, e tão proximos erão das casas fortes em que o inimigo se recolhêra, que, á excepção dos fugidos na barcaça, nenhum pôde sahir a levar aviso aos seus, nem a beber agua tendo a fonte ao pé, e por esta falta pareceu que não podião sustentar-se muitos dias; o que foi uma das causas que nos animárão á continuação do sitio; havendo outras muitas e de consideração para que nos satisfizesse o que já tinhamos feito; porquanto os emigrados ja tinhão passado sem perigo, e nós o tinhamos mui grande em ficar no campo com muito menos gente, sitiando quem podia, em quatro dias ser soccorrido por tres ou quatro mil homens. Finalmente achava-se o general com cento e sessenta combatentes e cem indios.

A' vista destas difficuldades todos forão de parecer que não convinha ficar-se ali mais tempo, e tambem porque nos esperava o conde nas Lagunas com as ordens vindas de Hespanha, como já dissemos, e não se devia dilatar a execução dellas.

Sem embargo destas razões, Duarte de Albuquerque deu tambem as suas, dizendo que retirassem desde logo para Lagunas os feridos e tudo o mais que nos servisse de embaraço, para que sem elle pudessemos esperar mais seis ou oito dias, nos quaes não se faltava ao promettido; podendo ser que neste tempo se rendesse o inimigo; que este era o bom remate daquelle successo, sem o que de pouco utilisava o que já havião feito. Cingiu-se o general a este parecer e encarregou a fortificação para ir apertando o inimigo ao capitão Martim Ferreira. Duvidando alguns acompanha-lo, e conhecendo-o elle general, foi logo metter-se na fortificação dizendo que ia ali ser soldado de Martim Ferreira, dando assim exemplo e reprehensão aos irresolutos.

Julho 16. — Na noite de 16 mandou o general tirar uma peça do forte que haviamos ganhado; por querer assesta-la mais perto, ainda que do logar em que ella estava com as outras batia mui bem as casas; fez tambem uma esplanada com quatro cestões, no que mui bem trabalhou o capitão Paulo Vernola. Por ir havendo falta de balas, se fizerão algumas palanquetas de ferro que ali se achou, e, como estavão a tiro de pistola, empregavão com bom resultado.

Julho 17. — A 17 se apertou muito o inimigo com uma trincheira ainda mais proxima, e a 18 se preparárão fachinhas seccas para fazer uso do alcatrão que tambem ali se achou, porque todos estes apr estos seus voltárão-se contra os autores. O general e seu irmão forão os primeiros a carregar esta fachina para naquella noite pôr fogo em uma das casas. Além destes preparativos, ordenou o general que na mesma tarde viesse marchando alguma gente por um caminho que seguia para as Lagunas, e que o inimigo descobria, afim de que julgasse ser soccorro mandado pelo conde de Bagnuolo, e assim aconteceu.

A's 11 da noite fez o general atacar uma das casas, conduzindo-se as fachinas e o alcatrão. Executou-se o incendio, ainda que com muita resistencia, e queimou-se a casa,

morrendo muitos de seus defensores, e salvando-se os outros na casa contigua, por terem já largado a igreja nova. Esta acção nos custou a vida do capitão Diogo Rodrigues, que tinha soccorrido por duas vezes o forte de Nazareth e a do alferes reformado Lourenço Coelho.

Julho 19. — Foi de tanta consequencia o incendio desta casa, que na manhã do 19 enviou o inimigo um tambor dizendo que se queria render. As condições admittidas forão que sahirião sem bandeiras, mas armados, e com o que pudessem levar em suas mochilas, e que serião conduzidos á Bahia, para de lá se transportarem á Hespanha, e dali á sua patria.

Despendeu-se mais de meio dia no ajuste destes artigos, porque o inimigo insistia em levar comsigo Domingos Fernandes Calabar. Mas o general assegurou-lhe que arriscaria a sua propria pessoa para não perder das mãos a de Calabar. Vendo-se o inimigo em tal collisão, não quiz perder-se por Calabar, e nem este o desejava; porquanto sabendo que era essa a causa de não se ajustarem, disse com grande animo estas palavras ao governador Picard. « Não deixeis, senhor, de concordar no que se vos exige pelo que me diz respeito, pois não quero perder a hora que Deus quiz dar-me para salvar-me, como espero de sua immensa bondade e infinita misericordia. »

Com isto sahiu o governador, dous capitães, cinco ajudantes, quatro tenentes de companhias, quatro alferes, dez sargentos e outros officiaes; oito mulheres e trezentos e sessenta homens com armas, e vinte e sete feridos e enfermos. Nós eramos cento e quarenta, fóra os indios. Quando o governador Picard viu tão pouca gente, perguntou onde a tinhamos; ao que se respondeu (por prévia advertencia do general) que estava atrás do oiteiro de Amador Alvares. Não faltou quem notasse ter sido maior temeridade que cento e quarenta esperassem em uma rua descoberta trezentos e sessenta bem armados (ainda que viessem render-se), do que havê-los sitiado e vencido. O general tinha ordenado que antes de chegarem ao oiteiro referido os fossem desarmando e conduzindo para as Lagunas, em tropas de dez até vinte; escreveu ao conde de Bagnuolo participando o successo, e ordenando-lhe que os enviasse logo para a Bahia.

Julho 20. — No seguinte dia despachou o nosso general para o do inimigo, Segismundo Escup, offerecendo-lhe a gente ali rendida em troco da nossa que se entregára no Real e no forte de Nazareth. Escup não conveio nisso, considerando já como soldado, já pela experiencia que tinha do nosso valor, que mais valia perder os seus que tornar a ter aquelles nossos por inimigos.

Julho 22. — Sôou finalmente para Domingos Fernandes Calabar a hora do castigo reclamado por sua infidelidade e crimes, cuja prisão por si só seria considerada optimo resultado daquelle sitio, se outro não tivessemos alcançado. Era elle (como já dissemos) um mulato de grande astucia, valor e perversa inclinação; nascido em Porto-Calvo, tinha ali mesmo e em outras partes commettido grandes crimes; e para evitar a punição, fugiu passando-se para o inimigo, no começo de 1632, que logo o fez capitão, e pouco depois lhe arbitrárão soldo de sargento-mór; tudo isto bem merecido foi por elle, á vista do que em nosso damno lhes utilisou; porque todas as entradas no campo e nos rios, as tomadas de Itamaracá, Rio Grande e Parahyba procedêrão de suas insinuações. Foi enforcado e esquartejado a 22 de julho, e, segundo affirmárão os religiosos que lhe assistirão pela contricção com que se dispoz a passar desta vida, é de crer que Deus por meio de tal pena o quiz salvar, dando-lh'a no proprio logar de seu nascimento, e onde tanto o havia offendido, e tambem é crivel que para isto permittiu Sua Divina Magestade que o nosso general estivesse tão firme em não entrega-lo, a despeito de tamanhas instancias que fazia o inimigo.

Foi igualmente enforcado Manoel de Castro, que servia de aguazil ao inimigo no mesmo Porto-Calvo. E para que, onde havia o castigo para o crime houvesse o premio para o merecimento, foi feito alferes do capitão Affonso de Albuquerque Sebastião do Souto, por seu fiel procedimento.

Feito isto, propoz o general aos capitães o que se devia obrar. Votárão elles unanimemente que, visto não haver ali porto de mar, por tê-lo o inimigo occupado com seus navios e fortificado a Barra-Grande, devião logo seguir para as Lagunas, afim de assegurar seus postos ainda isentos para quando chegassem as nossas armadas. Com este parecer deteve-se o general sómente emquanto arrazava todas as fortificações que ali achou, conduzindo as seis peças do forte, armas e munições.

Tal foi o remate desta acção, em que se vencêrão grandes difficuldades, porque sendo nossa gente tão pouca atacou quinhentos e sessenta, fortificados de quatro mezes, podendo ser soccorridos por quatro mil, possuindo além disso todos daque la costa, vigiada por cincoenta navios, e affectos á sua causa a maior parte dos moradores; no que bem se manifesta o influxo sobrenatural em nossas tão minguadas forças.

Julho 23. — No dia 23 marchámos para Lagunas. Dos moradores de Porto-Calvo só dous nos acompanhárão, que forão Rodrigo de Barros Pimentel, deixando sua mulher e filhas com dous engenhos, e seu cunhado Christovão Botelho, que tambem deixava dous e um seu irmão. Pela acção de não quererem retirar-se estes moradores de Porto-Calvo se provou a suspeita que delles havia.

Os capitães Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, que tinhão chegado de Lisboa, vierão encontrar o general trazendo-lhe as cartas e despachos. Achárão-nos no rio de Santo Antonio Grande, a seis leguas das Lagunas

Julho 29. — A 29 chegámos á do norte, onde estava o conde de Bagnuolo, e conferenciando com elle ácerca do cumprimento das ordens de el-rei, resolveu-se a occupação immediata da Laguna do sul, por ser mais defensavel e demandar por isso menos trabalho; além de ficar no centro dos tres portos, a saber, o de Jaraguá, o das Lagunas e o dos Francezes, os quaes muito convinha conservar para surgidouro de nossas armadas, nas quaes vinha o successor do nosso general que por tantas o pedira, obrigado de sua pouca saude, mais aggravada com os descontinuados trabalhos.

Agosto 2. — Entrámos na Laguna do sul a 2 de agosto, ficando o conde na do norte ainda cinco ou seis dias. Tratou-se logo de fortifica-la como pôde ser, e não como devia, se não faltasse material e gente. Na paragem que chamão do Poço, seis leguas ao norte, e que tomava o caminho da praia e o do interior, se pôz um destacamento em uma trincheira que se fez, sendo rendido cada semana por uma companhia e alguns indios.

Agosto 15. — No dia 15 o coronel Christovão Arquichofle occupou a Peripeceira com dous mil soldados, a oito leguas das Lagunas, e dous da referida paragem do Poço. Em uma eminencia sobre a praia, e junto á ermida de S. Gonçalo, pertencente aos religiosos do Carmo, levantárão um reducto, e na praia outro, para estorvar-nos a communicação com os moradores do campo, que não puderão retirar-se, com o general tinha intelligencias para saber os designios do inimigo, cousa em que sempre pôz particular cuidado.

Um dia antes que o inimigo occupasse estes postos, evadirão-se do Recife o capitão de artilharia Francisco Peres do Souto, que estivera no Real, o ajudante Atilano Gonçalves e João de Olivares, condestavel da artilharia do forte de Nazareth, deixando de ir para a India e de lá para suas casas, só para acompanhar seu general atravessando mais de sessenta leguas pelo campo do inimigo, que assim se podia já chamar. Não faltou o general a premiar uma tal acção, dando logo ao Souto a companhia de D. Gaspar de Valcaçar, e pouco depois outra ao Atilano.

Agosto 28. — A 28 despachou o general para Hespanha o capitão Sebastião de Lucena com a caravella em que viera. Dava conta a el-rei das perdas do Real e Cabo de Santo Agostinho do successo de Porto-Calvo e do mais que julgou necessario. Deu licença para ir na mesma caravella ao sargento-mór do terço do conde João Domenico Mauchorio, attenta sua muita idade e achaques. O capitão da outra, Paulo de Parada, seguiu para a Bahia, conforme a ordem que trazia, para voltar depois a servir nesta guerra, como o fez.

Não afrouxava a energia do nosso general, como sóe aconteceu pela maior parte naquelles que esperão substituição, antes obrava elle como se agora tivera tomado posse. Assistia com grande desvelo á fortificação que se fazia, conseguindo que Francisco de Andrada Beja levantasse uma companhia de homens praticos naquelle districto, por conhecer a utilidade desta creação, nomeando o capitão delles (e depois foi mestre de campo). Abrindo novos caminhos pelo interior, enviava alguns confidentes a penetrar os intentos do inimigo. Escrevia aos moradores de quem se fiava para que, apenas nossas armadas apparecessem, pudessem enviar as cartas aos generaes dellas; porquanto poderia acontecer que por ali fossem dar, por ser a navegação mais certa, e por isso era mister scientifica-los da paragem em que nos achavamos, e de que não tinhamos farinha, assim como das fortificações e gente que o inimigo puzera na Peripeceira, quarenta leguas ao sul do Recife, e que a todos os respeitos lhe pa-

recia que deverião effectuar o desembarque para o norte do Cabo de Santo Agostinho, ou pelo menos nos rios Serinhaem ou Formoso, seis a sete leguas ao sul do mesmo cabo, porque assim ficavão no melhor e mais fertil logar do campo, cuja occupação seria facil, por ter o inimigo as forças tã odivididas desde Peripeceira até o Rio Grande, na extensão de mais de cem leguas; e que apenas constasse a elle general o desembarque, iria pelos novos caminhos juntar-se á expedição, podendo ser que o inimigo, á vista disto, fosse abandonando alguns logares para concentrar as forças, afim de não soffrer as perdas que sem duvida lhe dariamos, se quizesse defender algum ponto destacado.

Eis as indicações que o general mandava aos que viessem nas armadas e ao seu successor. Depois destas cartas preveniu os proprios moradores para que, tomando as armas, se levantassem logo que a gente das armadas fosse desembarcando. Todos lhe respondião que estavão promptos para executar a reacção. De tudo isto se infere que se o que o general dispunha tivesse effeito, talvez esta guerra expirasse em pouco tempo.

Pelo grande numero de moradores e indios, que se retirárão para Lagunas sentiu-se falta de farinha (que é o pão commum no Brasil) com o que todos começavão a padecer muito; bem que os soldados nunca soffrêrão, porque para elles até da Bahia a fez trazer o general. Havia porém carnes e pescados, por ser o logar muito abundante de uma e outra cousa. Sempre os moradores passavão peior, porque trazendo comsigo a maior parte de seus negros, e não tendo ainda tempo de fazer plantações de mandioca e outros alimentos, vião-se na obrigação de sustenta-los, crescendo com isso cada dia a fome, sem acharem meios de remediar-se.

Setembro 25. — O governador da Parahyba Antonio de Albuquerque partiu a 25 de setembro, com licença do general, para o Maranhão, em um barco, afim de passar dali ás Indias e destas á Hespanha.

Outubro 4. — A 4 de outubro ordenou o general a João de Amorim Bittencourt (que foi capitão de emboscadas) que com trinta homens, sendo dez delles indios, fosse pelo campo colher algum dos inimigos para saber alguma noticia. Sahiu até Camaragibe, districto da parochia de Porto-Calvo, e a quatro leguas da povoação, em um engenho que ali ha, encontrou cinco Hollandezes, sendo um delles mercador, que estava commerciando com os moradores, com quem não ganhou desta vez muitos por cento porque nossa gente o prendeu e a dous mais, matando os outros, e volvendo com boa carga de hollandas e outros objectos que o mercador ali tinha.

Destes prisioneiros se soube que a companhia occidental tratavão de fazer que os engenhos moessem e se cultivassem as mais fazendas, e que o seu coronel Arquichofle estava com dous mil homens em Peripueira, bem fortificados, e o general Segismundo com pouca gente no Recife, por havê-la dividido, afim de guarnecer as muitas partes que occupavão; mas que a qualquer hora esperávão novo soccorro.

Pelo muito que convinha ter sempre estas noticias, enviou o general logo o alferes Sebastião do Souto no dia 20, com trinta homens e alguns indios; os quaes em duas excursões matárão alguns dos que topavão no campo dispersos, e fazião outros damnos, colhendo noticias, com o que nada era occulto ao general de quanto fazia o inimigo.

Outubro 20. — Mui sensiveis erão para os Hollandezes estas nossas sortidas, não só pelos que lhe matavamos e prendiamos, como porque não os podião evitar, e tambem porque receiavão que por esses mesmos lugares pudesse um dia o nosso general tentar uma facção igual a de Porto-Calvo, a qual nunca suspeitárão, por não termos dous mil homens. Tanto temião sua astucia como seu poder, ou antes aquella mais que este, que sempre foi tão limitado, que mesmo junto ao do conde de Bagnuolo não alugava a quatrocentos homens na occasião, afóra os indios. Se não effectuasemos estas sahidas, dando a suppor ao inimigo o que elle receiava, de certo que mal nos poderiamos sustentar, á vista da vantagem que elle tinha em tudo, menos no valor e fidelidade.

Como alguns capitães soubérão que vinha nas armadas successor ao general, solicitárão licença para irem a Hespanha a tratar de seus negocios. Alcançou-a D. Fernando de la Riba Aguero, dando-se a sua companhia ao ajudante D. João de Estrada, que tinha sido seu alferes, D. Pedro Tavora Souto-Maior, dando-se a sua ao ajudante Attilano Gonçalves, Rodrigo Fernandes, substituindo-o Estevão de Tavora, capitão de emboscadas; Antonio de Madureira Trigo, que foi sargento-mór em Parahyba; Francisco de Bittencourt e Sá, que já a tinha havia um anno. Quasi todos levou comsigo o general

por camaradas que se foi á Hespanha. A companhia de Antonio André, morto em Villa-Formosa, foi dada a João de Amorim Bittencourt, e mais tres que estavão vagas a Miguel do Rego, André de Barros e Francisco Taveira da Cunha; uns e outros benemeritos dellas.

Deixando a terra, vamos fallar das cousas maritimas. Nossas armadas tão promettidas, tão esperadas, não sahirão de Lisboa em março nem em maio, como dizião as participações, e só a 7 de setembro desancorárão. Era general da esquadra de Castella D. Lopo de Hozes e Cordova; da de Portugal D. Rodrigo Lobo; sendo almirante da primeira D. José de Menezes, e da segunda João de Siqueira Varejão. Erão os navios trinta ao todo. Vinha ali D. Luiz de Roxas e Borja para succeder a Mathias de Albuquerque, e Pedro da Silva para substituir Diogo Luiz de Oliveira no governo de capitão general do Brasil na Bahia.

Estas armadas se detiverão 15 dias nas ilhas de Cabo-Verde, que forão os ultimos para alguns que ali morrêrão de enfermidade, por ser aquella paragem bastante insalubre Formando os generaes conselho para deliberar-se onde irião primeiro, se á Bahia ou directamente a Pernambuco, decidiu-se a favor do segundo quesito, na hypothese de que aqui acharião alguma jangada de pescadores, dos quaes colherião as informações necessarias para seu governo.

Novembro 26. — A 26 de novembro apresentou-lhes a aurora a Villa de Olinda sobre uma eminencia e a uma legua do Porto do Recife. Estavão ali surtos nove navios do inimigo carregados de assucar, páo-brasil, tabaco, algodão e gengibre, promptos a largar para Hollanda, e com tal descuido. que não tinha cada um mais de cinco ou seis homens, estando os outros no Recife, e bem fóra de pensar que tão perto tinhão armadas de Hespanha.

O general D. Lopo deu mostras de que ia acommetter os navios, e perguntou ao de Portugal qual era seu voto; todos respondêrão pela affirmativa, e que não se perdesse tão prospera occasião Para isto ambas as capitanias içárão pavilhão; mas dizendo D. Lopo que as nossas armadas demandavão mais agua do que a que havia naquelle logar ficou sem effeito aquelle preparativo, sendo que mais de vinte navios dos nossos demandavão menos agua que os inimigos para poder aborda-los, nem era necessario esse numero.

Não só perdeu-se esta occasião, como a melhor que podiamos desejar, e a sorte offerecer-nos; porque se as armadas se detivessem nisto ou dessem fundo por duas horas (que sempre andárão á vela) havia tempo para os moradores prevenidos avisarem os generaes do estado das cousas, e entregarem-lhes as cartas que Mathias de Albuquerque enviára préviamente, como fica dito. O que os moradores poderião informar aos generaes era, como o do inimigo, Segismundo Escup estava no Recife com só duzentos homens, desprevenido para resistir a menor poder que o das nossas armadas; e como os não esperava já, tratava de reforçar a tropa que tinhão em nossa frente na Peripueira, tendo o resto destacado por todos os outros postos e praças que occupavão, e ainda havião accrescentado gente aos dous mil homens do coronel Arquichofle, receiando que o nosso general Mathias de Albuquerque entrasse pelo campo; o que tinhão sabido de alguns moradores, a quem elle avisára disso, mais para dar cuidado ao inimigo do que por esperar delles segredo; porque nada pensava menos do que fazer o que promettia áquelles que conhecia pouco fieis.

O general Segismundo ficou tão desanimado ao reconhecer nossas armadas, que arrojando o bastão e o chapéo, disse:—Estou perdido. E alguns dos seus corrêrão a dar aos moradores mais vizinhos peças de prata e outras cousas preciosas, pedindo-lhes que as guardassem, com grande demonstrações de rendidos, offerecendo a metade do que lhe restituissem depois que os nossos tomassem posse da terra, pois que não podião defender-se. Com isto começárão os moradores a mover-se, querendo tomar armas, enviando avisos em jangadas ás armadas. Mas como ellas não fundeárão, e o tempo era de nordestes, em que as aguas correm para sul, forão descahindo de modo que não pudérão as jangadas alcança-las. Assim se perdeu tão importante occasião, sómente por esperar-se informação de terra

Junto ao Cabo de Santo Agostinho lhes participou tudo um pescador; mas como a corrente e os ventos não permittirão voltar e bordejar, pouco se podia já fazer. Todavia o general D. Lopo conferenciou com o de Portugal, D. Rodrigo, com D. Luiz de Roxas, Pedro da Silva, os dous almirantes, o mais

pessoas habilitadas, e forão de parecer que ao menos se deitasse a gente no rio Serinhaem, partindo immediatamente uma embarcação a dar parte a Mathias de Albuquerque para que viesse reunir-se-lhes. Porém D. Lopo de Hozes, mal informado pelo capitão Francisco Duarte, que trazia comsigo um pratico do mar, decidiu pelo contrario, e seguiu para Lagunas, dando fundo em frente da barra ao cahir da noite de 28 de novembro.

Novembro 29. — Na madrugada de 29 chegou a noticia ao general Mathias de Albuquerque, e logo despachou o capitão Martim Soares com cartas para os generaes, afim de informa-los de quanto achou necessario: e particularmente dizia-lhes que suppunha perdido todo o soccorro que ali se desembarcasse por falta de mantimentos e por outras razões que acima ficão referidas. O mesmo escreveu pelo proprio Soares o conde de Bagnuolo.

O general D. Lopo, a quem tocava responder, sentiu-se de que não achassem bom o desembarque da gente ali, e mais porque entendeu que o mesmo tinha parecido a D. Luiz de Roxas. Nada aproveitou desculpando-se D. Lopo com os ventos e correntes, e accrescentando que elle ia para a Bahia de Todos-os-Santos cumprir as ordens de el-rei, que era buscar o governador e capitão general Diogo Luiz de Oliveira, a quem encarregava a empreza de expulsar o inimigo de Curaçáo, e que havia de ir naquellas armadas, cuja demora era prejudicial.

Nem se recobrou Curaçáo, por ter effeito a ida de Diogo Luiz de Oliveira, nem destas armadas resultou cousa alguma para a restauração de Pernambuco; antes forão motivo de novas lastimas, visto o que puderão ter obtido, e a razão por que nada fizerão, como ponderará quem ler isto.

Novembro 30. — No dia 30 começou a infantaria a saltar em terra na ponta de Jaragirá, uma legua ao norte da barra das Lagunas, fazendo o mesmo D. Luiz de Roxas e Borja e todo o mais soccorro, estando em terra á sua espera o nosso general com a gente que tinha, depois de tomar os caminhos, porquanto estava mais perto do inimigo em uma praia raza, por onde podia elle sem embaraços vir marchando, tendo a tres leguas dali as suas fortificações de Peripueira e doze náos que vierão tomar o barlavento de nossas armadas

D. Luiz de Roxas e Borja trazia o posto de mestre de campo general e lugar-tenente du marquez de Vallada, que ficava nomeado capitão-general para esta guerra, segundo rezava a patente de D. Luiz. Trouxe carta régia que desobrigava Mathias de Albuquerque daquelles trabalhos, e outras de 30 de janeiro e 6 de julho do mesmo anno corrente, para que Duarte de Albuquerque os continuasse, encarregando-lhe o governo civil de Pernambuco, como senhor que delle era, recommendando-lhe a boa intelligencia entre elle e D. Luiz de Roxas, e que o conde de Bagnuolo ficasse nos postos de capitão-gèneral da cavallaria (sem havê-la) e da artilharia que acabava de chegar. Foi feito sargento-mór do seu terço napolitano, que não chegava a duzentas praças, seu filho D Marcos Antonio Sanfeliche, que tambem chegára por capitão de uma companhia dos quatro homens que agora vinhão neste soccorro, e de que era commandante o sargento-mór Heitor de la Calche, sendo os outros capitães José de Curt, Scipião Carreta e João Bernardino Corchon. Deu-se tal po to a D. Marcos por obsequio a seu pai; porém mais convinha reunir todos os Napolitanos, pois não erão muitos, sob o governo de Heitor de la Calche, do que formar dous terços, sendo tão poucos. Mas quantas vezes os respeitos atropellão a razão?

Veiu mais outro terço de quinhentos Castelhanos, com seu mestre de campo João Ortiz, e por sargento-mór trazia Affonso Ximenes de Almiron: as companhias erão tres, a do mestre de campo com seu alferes D. Antonio Moreno de Villalobos e as dos capitães Sebastião Rodrigues e D. Fernando de Viveros.

Vierão tambem setecentos Portuguezes sem mestre de campo nem sargento-mór, e só com os capitães André de Mello e Albuquerque, João Rodrigues de Souza, Jeronymo de Faria, Pedro Manoel Pavão, Antonio do Couto e Silva, Agostinho da Cunha, Lucas Vieira Ferret e Domingos Corrêa, que desembarcando sua gente, se foi na armada para Bahia. De todos estes Portuguezes e dos mais que achou o mestre de campo general fez sargento mór o capitão Martim Ferreira, dividindo a gente em partes iguaes para que cada um tivesse a sua, e o mesmo fez com os Castelhanos, juntando os de D. Fernando de la Riba Aguero ao terço do mestre de campo João Ortiz.

Estas armadas traziāo-nos doze peças de artilharia grandes e pequenas, com todo o

seu trem, e alguns artilheiros ás ordens do seu tenente-general Miguel Giberton; era seu contador Antonio de Igual e Castilho, que depois foi do habito de Santiago, e provedor-geral do exercito da Cataluna; vinhão tambem alguns sapadores, sendo capitão delles um Flamengo chamado André.

Trouxe o mestre de campo general o titulo de Dom para Antonio Felippe Camarão, e tambem habito: honras bem merecidas por sua fidelidade, á qual de futuro se fizerão ainda maiores mercês.

Emquanto se effectuava o desembarque deste soccorro, recebia o novo general informações de Mathias de Albuquerque, conferenciando com elle e com o conde de Bagnuolo sobre o que se deveria fazer, visto o estado do inimigo e o nosso. Pareceu a todos que era impossivel passar aquelle soccorro adiante do logar em que se achavão; e que por isso o julgavão perdido por falta de farinha, principal alimento, e o que trouxerão mal chegaria para dous mezes. Mathias de Albuquerque foi de opinião que não se desembarcasse a artilharia, e se conduzisse á Bahia até se tomar posição mais conveniente; porquanto na occasião lhes serviria de mais detrimento que proveito: o que logo se viu provado, por não abraçarem este parecer.

Com isto despediu-se Mathias de Albuquerque do mestre do campo general, com quem se tinha demorado os dias que bastárão a servi-lo e informa-lo, que ainda forão mais do que as armadas se detiverão; as quaes, fundeando ali ao anoitecer de 28 de novembro, ao amanhecer o 7 de dezembro partirão para a Bahia, levando muitas cousas que pertencia ao soccorro de Pernambuco.

Dezembro 16. — Desejando Mathias de Albuquerque ir nellas embarcado, por evitar as fadigas de uma viagem por terra de mais de cem leguas, não o pôde conseguir pela precipitação com que sahirão. Com isto houve de partir á 16 de dezembro: e a julgar pelas geraes demonstrações de sentimento que neste dia apparecêrão, podia elle com razão dar por bem empregados tantos trabalhos e privações que nesta guerra supportou pelo decurso de seis annos, nos quaes procedeu do modo que se póde inferir da leitura destas Memorias, e, conforme se vê, de varios documentos, que de certo merecem mais fé que os emulos e inimigos, os quaes nisto o forão mais capitaes do serviço d'el-rei que os proprios Hollandezes; porque negando aquelles a verdade, estes a confessavão dizendo constantemente que emquanto Mathias de Albuquerque lhes fez a guerra com esses poucos meios que possuia, lhes fizera perder mais de dezaseis mil homens, sem poupar sua pessoa aos maiores perigos nas occasiões em que o conde de Bagnuolo e outros lhe fazia protestos sobre o risco a que expunha tudo, expondo-se tanto a si; julgando difficultoso achar quem o supprisse, se elle chegasse a faltar.

Não é menor prova disto o que elle fez que o inimigo despendesse e soffresse antes de chegar a apossar-se do campo. São tantos os motivos de louvor e inveja, que por muitos os omitto, certo de que não deixarão de publica-los os que os presenciárão. De seu desinteresse e probidade dou por testemunhas os seus proprios inimigos. Nunca recebeu soldo; ficando-se a dever-lhe mais de trinta e seis mil ducados. Dos seus bens gastou muito, sendo preciso ficar empenhado. Bem differentes exemplos vemos disto em outros.

Não é menos qualificada a prudencia com que governou por seis annos tão longe da Hespanha, em uma terra tão licenciosa e sempre com tanta falta do necessario para animar os soldados, mantendo a maior união entre nações tão bellicosas e opiniosas, como Castelhanos, Portuguezes, Italianos, Mamelucos, indios e negros, sem que nunca apparecesse o menor descontentamento. Certo ministro e conselheiro de estado, de grande experiencia na guerra, quando isto lhe chegou á noticia, louvou-o summamente, como cousa mui rara.

Se houver quem culpe esta digressão, responderei que se tivesse assistido e visto o que eu vi, de certo que arguiria de abreviador, mas, seja como fôr, entendo que a verdade e a minha modestia bastarão a desculpar. Acabou finalmente Mathias de Albuquerque o seu governo, e sigamos a fallar no que depois aconteceu.

O mestre de campo-general D Luiz de Roxas e Borja começou a trabalhar com grandissimo zelo e cuidado Tratou de fortificar o quartel e a paragem em que se achava afim de assegura-lo do inimigo, que tão perto tinha por terra e por mar. Enviou para a povoação da Laguna do norte e artilharia, munições e o mais que ali queria deixar, para desembaraçado poder marchar pelo campo por novo caminho que fez

abrir, mandando adiante o alferes Sebastião do Souto com vinte homens a colher noticias que lhe erão necessarias, ainda que logo obteve algumas por uns soldados do inimigo que vierão render-se.

Dezembro 31. — No ultimo dia do mez e anno, tendo já o mestre de campo-general conseguido (por sua muita actividade) tranferir para a Laguna a artilharia, munições e fazendas vindas para pagamento e sustentação das tropas, levárão-se para aquella povoação muitos enfermos pela mudança do clima, e para seus hospitaleiros alguns religiosos de S. João de Deus com camas e todo o necessario.

D. Luiz de Roxas trazia ordem de nomear seu tenente o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, se ainda o achasse; mas sabendo que tinha sido rendido no forte de Nazareth, poz em seu lugar Manoel Dias de Andrade, que viera naquelle soccorro. Em conformidade das mesmas ordens reaes deu o mesmo posto a Affonso Ximenes de Almiron, com o que ficou havendo dous tenentes do mestre de campo-general, ficando o segundo no exercicio de sargento-mór do terço de João Ortiz, com quem tinha vindo.

Feito isto, propoz D. Luiz ao conde de Bagnuolo e aos mais do conselho os desejos que nutria de sahir ao campo. O conde opinou que não arriscasse sua pessoa, e que bastaria mandar um de seus tenentes com quinhentos homens e alguns indios. Aos mais, pelo contrario, pareceu que o general não preencheria os fins de sua missão e o que delle se esperava se não fosse pessoalmente. Elle se conformou com isto, e ordenou que ficasse uma guarnição com o conde na povoação, constante de setecentos homens para segurança do que nella tinhão.

Depressa se viu a falta que esta gente fez, e as mais que se seguirão, por ter-se desembarcado a artilharia, cuja guarda demandou tamanho numero, que melhor conviria ao mestre de campo-general o tê-lo conduzido comsigo, como veremos no começo do anno em que vamos entrar.

1636

Conduzido o soccorro á povoação da Laguna do norte, fica nella o conde de Bagnuolo, que começa um forte. Sahe ao campo o mestre de campo-general, e occupa a povoação de Porto-Calvo, que o inimigo abandona confusamente. Seu coronel Arquichofle sahe de Peripueira, e queima cinco engenhos. Encontra-o D. Luiz de Roxas e morre pelejando. Succede-lhe Bagnuolo, e circumstancias que occorrêrão. Passa a Porto-Calvo, e antes disso larga o inimigo o forte da Barra-Grande. Entrão nossas armadas pelo campo, e qual o successo. Largão os Hollandezes as fortificações de Peripueira.

Quanto mais desejava o mestre de campo-general fazer a entrada no campo, tanto se lhe duplicavão as difficuldades (augurando talvez o triste effeito), não sendo a menor o ter-se já consumido todo o mantimento que viera de Hespanha e os poucos meios de supprir tal falta. Valeu-se para isto do cuidado de André de Almeida e Fonseca, homem de credito e ascendencia para com os moradores, pelo logar que occupava de provedor da real fazenda, que já exercia com Mathias de Albuquerque, sem embargo de trazer tal nomeação para Bartholomeu Ferraz de Menezes. Encarregou-o de juntar mantimentos para oito dias (a tanto aperto se chegou). Não só deu cumprimento a isto, como tendo entregado o posto a seu successor e licença para ir-se a Hespanha, offereceu-se para acompanhar-nos com um chuço na occasião da sortida, e o fez.

Janeiro 6. — O mestre de campo-general mandou repartir aquelles abastecimentos pela infantaria, e começou a marchar a 6 de janeiro com mil e quatrocentos homens fóra os indios commandados pelo seu capitão-mór D. Antonio Felippe Camarão. Os outros capitães erão Sebastião Rodrigues, D. Pedro Marinho, D. João de Estrada e Francisco Pery do Souto, todos do terço do mestre de campo João Ortiz, que não pôde ir, nem o seu sargento-mór Affonso Ximenes de Almiron, por acharem-se tão enfermos, que o primeiro morreu em poucos dias, indo em seu logar o capitão mais antigo Sebastião Rodrigues. Do terço portuguez forão os capitães Pedro Manoel Pavão, Francisco Rabello, João de Amorim, Affonso de Albuquerque, Miguel do Rego, Francisco Taveira da Cunha, Estevão de Tavora, Jeronymo de Faria, André de Barros, João Rodrigues de Souza e Luiz de Magalhães, o sargento-mór Martim Ferreira e os capitães de emboscadas João Lopes Barbalho, Antonio Rodrigues de Sá e Manoel Picardo. O governador e sargento-mór Heitor de la Calche ia com os napolitanos, de que erão capitães José de Curt, Scipião Carreta e João Bernardino Corchon, e o sargento-mór D. Marcos Antonio Sanfeliche igualmente ia com os duzentos de seu terço, que ainda conservava o nome que tivera, do conde de Bagnuolo, sendo capitães Paulo Vernola, Matheus Gallo e Francisco Rosano, que tinha sido alferes da companhia do mestre de campo. Ião mais o tenente do mestre de campo-general Manoel Dias de Andrada, o capitão reformado Martim Soares, o provedor que tinha sido André de Almeida, e alguns moradores de distinção, como João Paes Barreto, Rodrigo de Barros Pimentel, seu cunhado Christovão Botelho, Julião Paes Daltro e outros mais.

Pouco antes da partida do mestre de campo-general, chegárão, fugindo, Antonio de Freitas e Silva e Gaspar de Souza Uchôa, dono de um engenho, que, deixando suas casas, mulheres e filhos e seus bens, vierão buscar-nos com grande risco; porquanto sendo elles dos que tomárão armas, quando avis-

tárão nossas armadas em frente do Recife, não se considerárão seguros senão em nossa companhia, visto como era procurados muitas vezes pelo inimigo para degolla-los. Derão elles algumas noticias do que se passava no campo entre os inimigos e moradores.

Marchou emfim D. Luiz pelo caminho que mandára abrir com summo trabalho, por causa dos pantanos e outeiros; dias houve de transpor sessenta e seis, tão ingremes, que alguns cavallos ficárão embaixo por não poderem subir.

Janeiro 7. —No dia seguinte, fazendo-se alto em uma planicie cercada por um bosque e um rio, sahirão dous soldados bisonhos a buscar algumas frutas das muitas que por ali se achavão; mas havendo entre estas algumas venenosas, como sejão as chamadas araticuape, comêrão, e mal puderão voltar para seus camaradas, morrendo arrebentados. Tinha-se advertido este perigo a todos, porém mais pôde nestes dous a gulosina e necedade do que a admoestação.

Seguindo o mestre de campo-general sua marcha, recebeu aviso que lhe enviava o alferes Souto de como o general inimigo se achava com seiscentos homens em Porto-Calvo, onde deitára bando, com pena de morte, para que todos os moradores que estivessem ao sul daquella povoação (para o lado das Lagunas) se passassem até o dia 12 deste mez para a parte do norte; isto para privar-nos da utilidade de sua vizinhança.

A' vista disto D. Luiz de Roxas perguntou ao capitão Francisco Rabello que gente lhe parecia necessaria para ir a Porto-Calvo entreter o inimigo, constante de seiscentos homens, até elle chegar com toda a força. O capitão Rabello, ou pelo costume de pelejar nesta guerra sempre com desiguadade, ou por não entender a importancia desta commissão, contentou-se com levar só duas companhias além da sua. Se fosse mais gente, talvez que Segismundo ficasse como seu sargento-mór Alexandre Picard ficára sugeito ás condições que propuzessemos para salvar a vida.

Janeiro 11. — Despachado o capitão Rabello, foi o mestre de campo-general marchando mais devagar, e no dia 11 chegou ao engenho de Christovão Dias Delgado, que estava perto das fortificações e reductos que o inimigo tinha na Peripueira (ainda que um pouco para o interior), o qual de proximo havia morto o mesmo Delgado e um seu filho, pela razão de ter o nosso alferes Souto morto no mesmo engenho sete ou oito Hollandezes, declarando os donos incursos na pena de um bando que prohibia dar-se-nos qualquer aviso. Finalmente ião já os moradores experimentando á sua custa o que era viver sob o jugo de hereges.

Janeiro 12. — No dia 12 faltou um indio dos que levárão ás costas mantimentos, por não d·r o caminho logar a conduzi-los de outra maneira. Fez-se alto emquanto elle não appareceu; tinha ido a uma roça, e apenas voltou foi arcabuzado Pareceu aos companheiros demasiado castigo, por nunca o terem visto entre si; mas teve effeito o intento principal de D. Luiz, que era mantê-los com aquelle exemplo na disciplina e temor.

A cinco leguas de Porto-Calvo recebeu-se aviso do capitão Rabello de que já tinha tomado os caminhos principaes e morto sete soldados do inimigo, que andavão desmandados, prendendo o secretario do general Segismundo, a quem tambem colheria se tivesse levado mais gente. A uma legua da mesma povoação ordenou o mestre de campo-general a D. Pedro Marinho que marchasse com tres companhias para sobre o inimigo, fazendo-o ao mesmo tempo o capitão Rabello. Segismundo, quando soube que o nosso exercito estava já tão proximo, julgou-se perdido se se detivesse ali. Conhecendo todos os seus o estado de agitação irresoluta, chegou-se a elle um mancebo natural dali offerecendo-se a conduzi-lo por caminho seguro se quizesse retirar-se. A resposta, bem que muda (porque nem uma palavra articulou), foi assazdemonstrativa do temor. Deu-lhe a mão, e sem deixa-lo, o poz a salvo com toda a sua gente, guiando-os para a Barra-Grande, a cinco leguas de distancia. Por o caminho não usado e a evasão de noite não forão sentidos, e tambem por que deixárão muitas fogueiras para inculcar que ali estavão seus corpos de guarda.

Janeiro 15. — Na manhã de 15 tivemos noticias de tudo, conhecendo que tão oppoportuna occasião nos escapára, illudindo nossas esperanças. O capitão Rabello ainda perseguiu uma companhia de cavallos, e degollou vinte e oito, salvando-se os outros que serião quarenta. Alojámos finalmente na mesma povoação de Porto-Calvo.

Janeiro 16. — No dia seguinte soube-se que o inimigo desembarcava gente da parte da Barra-Grande, e era a da comitiva de Segismundo. O nosso mestre de campo-ge-

neral, sem escutar mais que o seu valor, faltando-lhe a experiencia do paiz e do modo de fazer a guerra nelle, marchou immediatamente para lá, deixando em differentes pontos algumas companhias, e tambem na povoação, para guardar as munições, com seu tenente Manoel Dias de Andrada. Já na marcha recebeu-se outro aviso de como o coronel Arquichofle tinha sahido de suas fortificações da Peripueira, a treze leguas da Barra-Grande, com mil e quinhentos homens. E se o general Segismundo sabisse tambem (como pôde e como se julgou), colhendo no meio a nossa gente, pouca ou nenhuma resistencia haveria, e tudo aquillo ficaria logo em sua posse, sem custar-lhe o que depois veremos.

Porém ou o susto com que sahiu de Porto-Calvo não deu-lhe logar a pensar nisto, ou (o que é mais certo) não sabia que Arquichofle havia sahido, por serem tão distantes os postos em que se achavão. O nosso mestre de campo-general, com o segundo aviso, voltou á povoação, e chegando fatigado, e não menos a infantaria, dispoz que se marchasse contra o coronel inimigo, que andava a quatro leguas dali, e tinha queimado cinco engenhos de assucar, a saber: dous de Chistovão Botelho, um de Bartholomeu Lins, outro de Rodrigo de Barros, e o de Cristovão Dias Delgado, que pouco antes tinha sido morto com seu filho, como já dissemos.

O coronel não tanto sahiu a isto, como a soccorrer o seu general, suppondo, pelo primeiro aviso que tive, que estaria sitiado em Porto-Calvo, e ignorando a sua retirada. Resoluto o nosso mestre de campo-general a encontra-lo, foi com oitocentos homens e os indios com o seu capitão-mór, e os capitães Sebastião Rodrigues, Jeronymo de Faria, D. Pedro Marinho, Francisco Rabello, Luiz de Magalhães, João de Amorim, João Lopes Barbalho, e dos Napolitanos José de Court, João Bernardino Corchon e Paulo Vernola, com seus sargentos-móres Heitor de la Calche e D. Marcos Antonio Samfeliche, deixando os mais com seu tenente Manoel Dias de Andrada na povoação.

Janeiro 17. —No dia 17, depois de ter ouvido missa, marchou da Matta-Redonda, por onde entendeu poder tomar a retaguarda ao inimigo, parecendo-lhe que se teria retirado a Peripueira depois de queimar os cinco engenhos. Chegada a noite, advertiu-lhe Martim Soares que enviasse o capitão indio João de Almeida para descobrir o assegurar os caminhos, como mui pratico que era nisto. Estimou o conselho, e o fez executar, e tão perto estava do inimigo, que apenas se apartou de nós o capitão Almeida a distancia de tiro de arcabuz, quando deu com elle: tanto a esmo se marchava! Reconheceu que a gente de Arquichofle vinha cortando a nossa retaguarda, em que ião os capitães D. Pedro Marinho e Luiz de Magalhães, os quaes logo rompêrão o fogo com tal vigor, que morreu o primeiro; era natural da Puebla de Navia no reino de Gallisa; e o segundo recebeu um mosquetaço, de cuja ferida levou muito tempo sem melhorar. Tambem morrêrão alguns soldados, sendo um Rodino, sargento reformado que servia na companhia de D. Pedro Marinho. Alguns feridos tivemos; porém o inimigo soffreu tal perda, que retirou-se deixando-nos o campo e sete prisioneiros. Por este successo, e por ser de noite, se fez alto ali até de manhã.

Emquanto o cuidado afugentava o somno, o mestre de campo-general formou conselho sobre o que se deveria fazer. Todos lhe pedirão que não se empenhasse com tão pouca gente, desacostumada (como toda a que trouxera de Hespanha) a pelejar daquella fórma, e que sem demora mandasse buscar a que na povoação ficára com o seu tenente. Não faltou quem nesta occasião reflecionasse sobre a inconveniencia de ter-se desembarcado a artilharia, pois lá tinhão ficado na Laguna para guarda-la setecentos soldados, e alguns dos velhos, que agora havião de fazer falta, como se viu em poucas horas.

Vendo D. Luiz de Roxas o que se lhe representava, e que seu projecto era de mais difficil execução do que lhe parecêra, por falta de noticias (trazendo-as de Hespanha mui contrarias ao que ali experimentou em poucos dias, bem á sua e do serviço de el-rei) resolveu ordenar ao tenente Manoel Dias de Andrada que lhe enviasse o maior numero de gente que pudesse.

Mas como estavão a quarenta leguas de distancia, e a noite se ia gastando, mal se pôde prevenir o que convinha; e assim tratou de obrar sómente com a gente que ali se achava.

Janeiro 18. — De manhã se conheceu que o posto em que estavão era tanto a proposito para a occasião se trouxessemos mais gente, como se fôra previamente escolhido. Foi-se ordenando um esquadrão na frente do inimigo, que estava em uma espessura

junto a um bosque. Se os nossos tivessem tomado com uma trincheira o passo estreito que ali havia, era certa a perda do inimigo; mas o mestre de campo-general tratou só de pelejar. Mandou travar a escaramuça pelos capitães Francisco Rabello por um lado, e João de Amorim por outro com a sua companhia e a de D. Pedro Marinho. Pelo flanco direito o seguia uma columna de mosqueteiros com o capitão Sebastião Rodrigues, e pelo esquerdo outra de Napolitanos com o capitão José de Curt.

Começou-se a peleja, recebendo o inimigo muito damno, particularmente da nossa mosquetaria. Querendo D. Luiz soccorrê-la com outras mangas, com o capitão Jeronymo de Faria, e ordenando-se que as primeiras se fossem detendo, por estarem muito empenhadas, o que fazendo alguns desordenadamente, aproveitou-se disto o inimigo, e carregou sobre elles, matando os capitães Sebastião Rodrigues e José de Curt, que o fazião com mais valor e ordem; tambem morreu o capitão Jeronymo de Faria.

Acudindo com as lanças o nosso mestre de campo-general para suspender o impeto do inimigo, foi a tempo que já nossos poucos soldados ião cedendo terra a mais de mil e quinhentos contrarios ; e volvendo as costas, fomos declinando para um despenhadeiro, o que serviu de não serem todos degollados. Ficou ferido o mesmo D. Luiz de Roxas de um mosquetaço em um perna, achando-se a pé com as lanças, e quando o punhão a cavallo recebeu outro pelos peitos, com o que logo morreu com aquelle valor que sempre mostrára, desempenhando o que devia a si proprio por sua qualidade. Tinha de idade 52 annos. Sentiu-se muito sua morte, porque de sua vida pendião as esperanças de todos, julgando que com o soccorro que trouxera os poderia livrar das oppressões que soffrião havia seis annos. Porém costuma ser este sempre o fructo de nossas esperanças.

O coronel Arquichofle, apezar de ver-se senhor do campo, conheceu que não podia conserva-lo nem seguir-nos, por ir lhe faltando abastecimentos, e tambem por haver já sabido que o seu general Segismundo não estava sitiado em Porto-Calvo, como presumira. Mas a verdade é que elle se viu tambem nêste dia em grande risco, e perdeu mais de duzentos homens. Retirou-se para Peripueira levando prisioneiro o governador e sargento-mór Heitor de la Calche. Os nossos mortos forão trinta e tres, além dos capitães já nomeados; os feridos trinta e oito com os capitães João de Magalhães e João Lopes Barbalho. Neste tempo foi preso o padre Fr. Cosme de S. Damião, custodio dos franciscanos, que na companhia do mestre de campo-general lhe parecia ir seguro a visitar tres casas de sua ordem, e que estavão entre o inimigo, uma na Parahyba e as outras em Iguarassú e Ipojuca.

Apenas o tenente Manoel Dias de Andrada recebeu a ordem que mencionámos do mestre de campo-general para enviar-lhe a gente, deu logo execução com trezentos homens, os quaes não tinhão andado ainda uma legua quando tiverão noticia da nossa derrota. Avisado disto o tenente, ficou confuso, sentido e cuidadoso, temendo que o inimigo victorioso o fosse procurar quando se achava com tão pouca gente; julgava assim por não saber que Arquichofle se havia já retirado. Estando todos os nossos de volta junto a elle, reuniu conselho. Alguns disserão que não se esperasse o inimigo, pois não podiamos defender-nos; outros forão de parecer que não deviamos desamparar o posto; porque consideravão a retirada tão perigosa como a espera, e que entretanto poderia chegar mais alguma gente da que fôra derrotada, a qual ficaria sem amparo se o não achasse ali, e que junta á que havia talvez se pudesse effectuar uma resistencia honrada, e que sobre ainda não constava que o inimigo os buscasse.

Tendo-se por mais conveniente a segunda opinião, tratou-se logo de fortificar a igreja velha, e de tudo o mais que pareceu necessario, com toda a vigilancia e presteza que a occasião pedia.

Na noite do mesmo dia 18 foi chegando alguma gente da derrotada e pessoas particulares; e então se teve melhores informações ácerca do revez que haviamos soffrido, da morte de D. Luiz de Roxas e Borja e da retirada do inimigo, que era boa prova da perda com que o fazia.

Depois de mais socegados os animos, abriu o tenente Manoel Dias de Andrada uns papeis que o mestre de campo-general lhe deixára fechados, e entre elles achou uma cedula de el-rei que no subscripto dizia assim « Manda Sua Magestade que esta cedula, em que se noméa e declara a pessoa que ha de succeder no cargo de logar-tenente do marquez de Vallada em terra, a D. Luiz

de Roxas e Borja, fallecendo elle, não se abra senão depois. Madrid, 30 de janeiro de 1635.» Seguia-se a firma do secretario de estado Diogo Soares.

Aberta a cedula na presença dos capitães e pessoas particulares que ali se achavão, viu-se que o nomeado para a successão daquella tenencia era o conde de Bagnuolo, em quem punha toda a confiança pela satisfação que tinha de sua pessoa, e serviços. Tal era a substancia desta cedula, cuja data era a que já referimos.

Muitos dos soldados e moradores discorrião sobre a successão do conde com zelo mais indiscreto que prudente e sem recato. «Que mais convinha fosse Duarte de Albuquerque o successor, juntando os poderes, visto que já exercia o politico e ordinario, evitando assim duvidas de competencia, sempre damnosas e frequentes quando se dividem as attribuições, e que além disso concorrião nelle outras razões mais particulares do proprio serviço de el-rei, já por ser elle (e seus maiores tinhão sido) senhor da praça, que isto o obrigava mais que outro algum a cuidar da restauração e defesa do que seus avós conquistárão aos Francezes, já porque se fazia muito amado dos soldados e moradores, não só por tal recordação, como pelas liberalidades com que a todos tinha obrigado.»

Apenas constou isto a Duarte de Albuquerque, apressou-se, com todas as razões e meios possiveis, a dissuadi-los daquelle pensamento. Louvava-lhes as boas qualidades do conde de Bagnuolo. Dizia-lhes que neste ou naquelle emprego o terião sempre com a mesma disposição que confessavão ter-lhe achado nelle; e que visto conhecerem ser tal, lhe gratificassem com o esquecimento de taes discursos; que quanto ás competencias que receiavão, não lhes désse o menor cuidado, porque elle se ajustaria tanto ao que mais conviesse ao serviço do rei, que mostrasse não aspirar senão a bem prestar-se naquella guerra com uma lança, como até então havia feito, e de que elle fazia singular estimação, como elles proprios erão disso testemunhas. Sobretudo lhes lembrava que quando o conde de Bagnuolo não fosse tão apto para aquelle posto, como realmente era por seu talento e largas experiencias, as ordens d'el-rei devião ser observadas, e o desobedecer era uma nodoa que nem os maiores feitos tornarião indelevel, porque pouco valia acertar desobedecendo, quando já se havia errado no que primeiro se devia acertar.

Obrou finalmente para com todos o respeito que lhe tributavão, de sorte que, ouvidas suas razões, conhecido seu animo, sem que desconhecessem o descontentamento que lhe havião causado com taes discursos, houverão de ceder e conformar-se com o que era de razão.

O tenente do mestre de campo-general, Manoel Dias de Andrada, enviou logo ao conde de Bagnuolo aquella cedula d'el-rei para que tomasse o governo, pedindo-lhe instrucções, e participando-lhe achar-se ainda com mil e duzentos homens; porquanto os que faltavão para completar os mil e quatrocentos que D. Luiz de Roxas trouxera erão os mortos e feridos que já mencionámos, e os que escapárão da ultima derrota se lhe achavão reunidos. Por estes tinha o conde já sabido do desastre da batalha, mas ignorava a existencia dos papeis e o numero da gente que haviamos perdido, e tudo o mais que lhe era mister saber.

Não tardou muito em voltar o correio que levára a cedula real. Por elle dava o conde noticia disto a Duarte de Albuquerque, perguntando-lhe o que se deveria fazer, e communicando-lhe que ordenára ao tenente que marchasse a reunir-se-lhe com a gente que dizia ter. Duarte de Albuquerque respondeu-lhe que lhe parecia não dever-se desamparar Porto-Calvo, antes o fortificasse o tenente, e nos fossemos juntar com elle, pelo que nos convinha a posse daquella povoação, onde (quando mais não utilisasse) havia muita farinha, e nas Lagunas nenhuma, e tambem porque em Porto-Calvo se podia fazer melhor a guerra ao inimigo, mettendo tropas no seu campo a queimar-lhe os canaviaes e engenhos, que era o que mais sentia. Conveio nisto o conde, e despachou contra-ordem para o tenente Manoel Dias, afim de que se conservasse ali.

Fevereiro 14 — O tenente foi pontual na observancia das ordens; e ainda fez mais, porque esperando que o conde se passasse para lá, enviou quatrocentos homens com o capitão Francisco Rabello á Barra-Grande, para que intentasse ganhar o forte. O inimigo, receiando que o conseguissemos, ou por julgar-nos mais, ou pelo quer que fosse, o desamparou no dia 14 de fevereiro. Na verdade, o que o obrigou a tal resolução foi a perda que havia soffrido na batalha da

Matta-Redonda, onde morrêra D. Luiz de Róxas; e a pouca gente com que agora se achava o forçava a tê-la junta, e não tão dividida. Os nossos arrazárão o forte, e voltárão a Porto-Calvo, menos o capitão Pedro Manoel Pavão, que morreu por rebentar-lhe um tumor, e um soldado da companhia de José Court, morto de uma bala de canhão atirada dos navios que estavão ao pé do forte.

A guarnição que o abandonára foi encorporar-se com o seu general Segismundo em Villa-Formosa. Pelo caminho ião deshumanamente matando os moradores que encontravão, especialmente na parochia de S Gonçalo do Una. Começárão a fortificar-se na referida villa, preferindo por mais eminente o convento que havião evacuado os religiosos do Carmo. Se o tenente Manoel Dias de Andrada os tivesse seguido, talvez que nem aqui se demorassem, e fôra para nós o logar mais apropriado, por ganhar dezaseis leguas, e dahi até a povoação do Recife parecia não ser-nos difficultoso ir se a gente da Laguna viesse logo com o conde de Bagnuolo juntar-se com a de Porto-Calvo, com que se podia penetrar pelo campo, visto que o inimigo o ia largando sem que o forçassemos a isso, porque nos julgava em muito maior numero depois que nos veiu soccorro; e se na realidade não era para temer, ao menos com elle cobrámos a opinião, que era o essencial.

O conde participou logo ao governador e capitão-general Pedro da Silva e aos generaes das armadas D. Lopo de Hoses e D. Rodrigo Lobo, que ainda estavão na Bahia de Todos-os-Santos, a morte de D. Luiz Roxas, a sua nomeação e os recentes successos, pedindo em particular aos dous que quando sahissem fossem avistando a costa de Pernambuco, pois que podia ser que com isso houvesse occasião de fazer algum grande serviço a el-rei, porque o inimigo se achava com menos navios e gente que nunca.

Chegado este aviso á Bahia, se fez conselho para resolver a respeito. Achando-se nelle Mathias de Albuquerque, foi de parecer que se devia fazer o que o conde de Bagnuolo propunha, e para facilitar mais offereceu-se a voltar para servir com uma lança naquella guerra, porque no seu pensar o serviço do rei precedia a tudo, como escreveu o governador e capitão-general Pedro da Silva, e o certificou depois, sendo do mesmo parecer. Porém o general D. Lopo se escusou com as ordens que tinha de ir á empreza de Curação com Diogo Luiz de Oliveira, a quem Sua Magestade a encarregava, o que não teve effeito, porque D. Lopo se foi com elle depois só ás Indias, com sua capitanea e almiranta, e um patacho, e a oito leguas ao mar teve de pelejar com o inimigo, que tinha oito navios, e lhe fez tal damno, que o obrigou a voltar á Bahia, e da segunda vez que partiu não levou Diogo Luiz de Oliveira, o qual foi para Lisboa nos outros navios das armadas, com D. Rodrigo Lobo, levando em sua companhia uma frota carregada de assucar.

Deste modo nada se adiantou em Pernambuco, tendo mais força a sua fatal ruina do que as occasiões que se offerecião para evita-la, havendo-se em Hespanha dado as ordens ao general D. Lopo de Hoses, como se o tempo e as circumstancias em tanta distancia não as pudessem alterar. O certo é que sempre será mais conveniente não cingi-las nem limita-las aos que as hão de executar tão longe.

O conde de Bagnuolo tambem despachou com participações para Hespanha seu filho D. Marcos Antonio Sanfeliche em um patacho mercante, que se aprestou no porto das Lagunas, onde tinha entrado. Porém não chegou elle com a viagem que se desejava, porque na altura das ilhas dos Açores o tomárão os Hollandezes, deitando em uma dellas a gente, que ali ficou muitos dias por falta de embarcação. Taes inconvenientes tinha esta guerra, em que não só corrião risco os soccorros que para ella ião, como até as participações que se enviavão.

Os Napolitanos do commando de D. Marcos se encorporárão com os do governador e sargento-mór Heitor de la Calche, que já estava em Hollanda, e de todos foi nomeado sargento-mór o capitão Paulo Vernola.

Na povoação de Laguna do norte começou o conde a edificar um forte para collocar a artilharia que se pudesse recolher com as munições e tudo o mais, afim de estarem com segurança, como muito convinha.

Cada dia affligia mais a falta de farinha, como ordinario e principal sustento; e se não chegassem tantos barcos conduzindo-a da Bahia, onde se mandou comprar com os generos que ainda havia dos que tinhão vindo de soccorro nas armadas, mal se poderia passar, e era já muito o que soffrião os moradores por esta cousa. A' vista disto, e por tudo, tornou Duarte de Albuquerque a apontar ao conde a primazia que dava a Porto-

Calvo, offerecendo-se a acompanha-lo para lá, e servi-lo com uma lança, como o fez.

Março 15. — Partiu o conde a 15 de março por outro novo caminho que se mandou abrir, por ser intoleravel aquelle que havia seguido D. Luiz de Roxas. Deixou por governador do quartel e forte que se estava fazendo na Laguna o capitão Affonso de Albuquerque (a quem tinha feito capitão de cavallos) com trezentos homens, e os capitães Manoel de Souza e Abreu, Alvaro de Azevedo, D. Fernando de Viveros, André de Mello e Scipião Carreta do terço napolitano. Chegando o conde a Porto-Calvo a 19 do mesmo, passou mostra, e achárão-se mil e oitocentos soldados (além dos que ficárão na Laguna) e os indios com seu capitão-mór Camarão.

Tratou logo de occupar uma posição dez leguas para frente e distante de Villa-Formosa seis, onde se fortificava o general inimigo. Para isto foi o tenente Manoel Dias de Andrada e D. Antonio Felippe Camarão com os indios, levando o primeiro quatrocentos homens. O ponto que occupárão e fortificárão foi junto ao rio Una, para a parte do sul, em uma casa que ficava em frente do engenho de Diogo Paez, e á vista da povoação e da igreja de S. Gonçalo.

Mandou-se governar o quartel da Laguna o sargento-mór Martim Ferreira, para que Affonso de Albuquerque viesse a Porto-Calvo.

Do posto occupado pelo tenente Manoel Dias se effectuavão algumas entradas em Serinhaem, que era districto de Villa-Formosa, e em alguns engenhos e casas se degollárão muitos do inimigo que andavão com menos recato. Com isto o punhamos em grande cuidado e confusão. De uma entrada que fez o capitão de emboscadas Antonio Bezerra com Sebastião do Souto (que já era ajudante) e alguns poucos soldados deu na casa de um dos moradores que não pôde retirar, o qual tinha por hospede o sargento-mór general do inimigo André Zon e tres ajudantes. Matando os nossos estes dous, escapou-se o primeiro por arrojar-se de uma janella, deixando a espada, bengala e chapéo, que os da facção trouxerão. Por esta cobarde fuga o seu general Segismundo privou-o do cargo, que deu ao capitão Torlon.

Erão visiveis os effeitos de nossas entradas no campo, e elles de certo cresceria na proporção que continuassem, e não faltou quem provasse que podiamos e deviamos adianta-las até Villa-Formosa, não só pelas commodidades daquelle posto para a infantaria, como por ganharmos mais dezaseis leguas de terreno, e até porque poderia acontecer que sabendo o inimigo que o buscavamos, nos largasse aquella villa, como fizera no forte da Barra-Grande. Porém o conde de Bagnuolo conveio só em proseguir nas excursões, conservando-se em Porto-Calvo.

Abril 14. — A 14 de abril enviou o capitão Francisco Rabello com quatrocentos e cincoenta homens, dos quaes duzentos erão indios, a fazer uma correria, que, se acabasse como principiou, poderia ser de grande effeito. Necessario é advertir que, isto se fazia com excessivo trabalho e risco, porque marchava-se pelo interior, abrindo novos caminhos, por entre mattas virgens, e algumas leguas mais acima donde houvesse moradores; porquanto, como o inimigo havia deitado bando com pena de morte contra os que soubessem e não revelassem as nossas entradas, ou nos dessem qualquer especie de coadjuvação, tratavamos de fazê-las mais secretas, levando cada um seu mantimento ás costas, segundo os dias que suppunhão demorar-se, e demais erão os indios quem conduzião a polvora e munições.

Com tal recato se marchava até sorprender o inimigo no logar em que sabiamos estar elle mais descuidadoso, porque a despeito de seus bandos e do rigor com que os executavão, não faltava em muitos moradores aquella fidelidade devida á honra, não só para avisar-nos, mas até para acudir-nos com mantimentos.

O capitão Rabello chegou a um dos engenhos de João Paez Barreto (a duas leguas por terra do Cabo de Santo Agostinho) onde achou setenta Hollandezes que o guardavão, os quaes, defendendo-se quanto pudérão, se retirárão á igreja. Ali morrêrão trinta e rendêrão-se os quarenta. Podendo o capitão envia-los logo a Porto-Calvo, não o fez, e com tal embaraço foi seguindo outros que se recolhião á povoação do Recife, e alcançando seis só, os degollou.

Com a noticia deste successo, e de que iamos entrando pelo campo, julgou-se ser o conde de Bagnuolo com toda a gente. Estando os animos dos moradores já dispostos, desde que nossas armadas no fim do anno passado derão vista do Recife, para tomarem armas, o fizerão agora muitos dos mais moços para se unirem a nós, e não davão quartel a qualquer dos inimigos que

encontravão. Dest'arte matavão muitos, que, não esperando nossa entrada, divagavão de engenho em engenho suppondo-se seguros.

Julgando-se tambem seguro o capitão Francisco Rabello (pelo bom successo que alcançára e ia tendo) imprudentemente fez alto na povoação de S. Lourenço, a cinco leguas do Recife. Estando ali com menos receio e cuidado do que devêra, por ter enviado alguns homens a buscar mantimentos e avisar os moradores de que ali se achava (e outros descorrião á vontade com a mesma confiança), achou-se com mui desigual partido, quando o houve mister maior. Sahiu do Recife Estacor (um dos representantes da companhia occidental) com oitocentos homens entre soldados e marinheiros.

Abril 23. — Acommetteu elle a nossa gente ás 11 horas do dia 23, por um passo em que havia uma trincheira feita pelos moradores, e quasi arruinada. Pelejou-se uma hora e meia com valor, até que o inimigo a entrou, degollando-nos onze homens, com os capitães Manoel Picardo, de emboscadas, e Francisco Taveira da Cunha, do terço de Portugal, que neste dia combateu com a gentileza que sempre apresentára; era cavalheiro e natural de Lisboa. Ferirão-nos sete, entre os quaes forão Assenso da Silva, igualmente capitão do terço de Portugal. O inimigo, perdeu mais de cem, porém libertou os quarenta homens que pouco antes tinhamos aprisionado e que estavão encerrados naquella igreja. Voltou o capi ão Rabello a Porto-Calvo com perda não só do que tinha feito, como do que pudera fazer se a sua prudencia lhe igualasse o valor.

Mui grande foi o cuidado que as nossas excursões davão ao inimigo, ou pela agitação que notárão nos moradores, ou porque se as continuassemos com mais gente, como poderiamos, forçoso lhe seria largar muitos postos que occupavão, para, reunida toda a sua gente (que não era já muita) resistir em massa, ainda com todo o risco, afim de não perderem o campo, julgando com bem fundada razão que sem a posse delle não podião sustentar-se, como já o havião experimentado.

Resolvêrão pois aventurar-se, e que no mesmo dia em que Estacor acommettesse com os oitocentos homens o capitão Francisco Rabello, e fizesse o general Segismundo com mil e quinhentos ao nosso tenente-general Manoel Dias de Andrada no posto do rio Una. Assim se executou, mas o tenente Andrada o defendeu tão bem, que o fez retirar-se a Villa-Formosa, donde sahira, e com não pouca perda de gente e reputação. Da nossa parte morreu sómente o indio Antonio Cardoso, capitão de uma companhia dos seus.

Para este mesmo dia teve ordem o governador dos reductos e fortificações hollandezas na Peripueira para sahir tambem com quatrocentos homens para a parte da Laguna do norte, que lhe ficava a seis leguas. Sahiu a tempo que de noite encontrou com o nosso sargento-mór Martim Ferreira, que igualmente havia sahido com duzentos homens, e os capitães Manoel de Souza e Abreu, Alvaro de Azevedo e Scipião Carreta, a reconhecer o que havia na Peripueira, mais por divertir o inimigo da entrada do capitão Rabello, do que por outra cousa. O intento do inimigo era (segundo depois entendemos) mostrar que em um mesmo tempo nos atacavão por tres partes distinctas, afim de que, julgando nós que elle tinha mais gente, do que realmente era, nos cohibissemos das excursões que tanto sentia e o irritavão.

Apenas o sargento-mór Martim Ferreira reconheceu o inimigo, envestiu-o, e o fez retirar com alguns mortos e feridos. Nós tivemos dous daquelles e dous destes, sendo um o capitão Alvaro de Azevedo. Voltou o inimigo á Peripueira, e os nossos a Laguna, d'onde havião sahido por ordem do conde de Bagnuolo.

Por não deixarmos o dia 23, deixamos a povoação de Porto-Calvo, que d'ora avante trataremos por villa do Bom-Successo; que assim a titulou Duarte de Albuquerque, dando-lhe termo e jurisdicção conforme os poderes e privilegios que tinha de el-rei para crear as que lhe parecesse. O mesmo fez com as povoações da Lagúna do sul e do rio de S. Francisco, chamando a primeira villa da Magdalena, e a segunda de S. Francisco. Não seja esta relação taxada de superflua, pois a julgamos necessaria para melhor intelligencia destas Memorias.

O conde de Bagnuolo soube da derrota do capitão Rabello pelos que ião chegando, com os quaes se retirárão tambem os moradores que se achavão com armas nas mãos, fazendo o mesmo o capitão Henrique Dias com sua mulher e filhas e alguns parentes; porque o inimigo achando-o dentro do Real quando o ganhou, deixou-o ficar em terra como morador, e vendo elle agora esta occa-

são de voltar á nossa companhia com alguns soldados negros, não quiz perdê-la.

Tirou-se a companhia ao capitão João de Amorim, por desobedecer a uma ordem do tenente Manoel Dias de Andrada. Deu-a o conde a Antonio de Freitas e Silva, e a que vagou por Francisco Taveira da Cunha a Gaspar de Souza Uchôa; a de Sebastião Rodrigues a seu filho e alferes Bartholomeu Rodrigues Balvaci; a que deixára Lucas Vieira Ferrete, indo com licença á Bahia, a D. Francisco de Souza, filho de D. Luiz de Souza e D. Catharina Barreto; a de Antonio do Couto e Silva, por igual licença, a Antonio Jacome Bezerra; e a de D. Pedro Marinho a D. Pedro de Roxas, sobrinho do mestre de campo-general D. Luiz de Roxas. Servia de commissario da cavallaria (sem havê-la) João Paez Barreto, e de capitães Affonso de Albuquerque, Rodrigo de Barros Pimentel, Francisco Rabello, cuja companhia de infantaria se deu ao capitão de emboscadas João Lopes Barbalho e Manoel de Madureira, livre já do inimigo, que no anno anterior o tinha aprisionado em Villa-Formosa.

O ajudante Souto proseguia nas entradas pelo campo levando pouca gente; mas assim mesmo causava damnos ao inimigo, matando-lhe alguns soldados e trazendo outros prisioneiros.

Maio 16. — O capitão João da Silva e Azevedo effectuou uma entrada a 16 de maio, com trezentos e cincoenta homens, sendo cem indios. Se o general Segismundo não fosse avisado por um morador, duas horas depois o encontrarião os nossos com só cem homens que tinha em um engenho, onde estava comendo; e como não quiz ter por hospede o nosso capitão, retirou-se a toda a pressa para o Recife Perdida esta occasião, sómente se queimárão alguns cannaviaes e um engenho com algum assucar, que foi o golpe mais sensivel para o inimigo.

Sendo mui chuvoso o tempo, e frequentes por isso as enchentes dos rios, se retirárão os nossos com grandes incommodos; e apartando-se doze soldados, aconteceu ficarem cortados por dous rios, onde estiverão dous dias sem alimento algum; e chegando a desesperação a substituir a constancia e o valor, lhes disse um: — Companheiros, se o aperto em que nos vemos exige para remedia-lo que se coma carne humana, começai por mim; morra eu, e vivei vós outros. — Permittiu porém Deus que minguasssem as aguas, e que estes homens chegassem a salvo á villa do Bom-Successo, onde já estava o seu capitão João da Silva.

O conde ordenou que se trouxesse em barcos a artilharia e munições da Laguna do norte para o forte que se estava fazendo em roda da igreja velha. Não continuando o sargento-mór Martim Ferreira no governo daquelle quartel, veiu com a artilharia para o Bom-Successo, e foi substitui-lo o tenente Affonso Ximenes Almiron. Neste forte do Bom-Successo se abriu um poço de boa agua, porém funda; e ficando alguma cousa estreito, receiou-se que viesse a faltar, quando mais necessaria fosse, como veremos a seu tempo.

Ou fosse pelas perdas que o inimigo recebia de nossas excursões, ou pela raiva de saber que muitos moradores havião tomado as armas, resolveu que nenhum as tivesse, nem mesmo uma adaga. Deitou bando para que todos as levassem ao Recife, em prazo curto, com pena de morte para quem as occultasse tendo-as ou sabendo quem as tinha. Com este medo uma escrava descobriu que seu senhor tinha uma espada, e achando-lh'a o enforcárão logo. Começando este rigor com a justificação do bando, acabou em tirannia, que era o que mais se conformava com as idéas daquelles legisladores, porque a muitos clerigos derão morte atroz. Tal a tiverão Gonçalo Ribeiro, vigario da parochia de S. Lourenço, e o licenciado Domingos da Silveira, fiscal da fazenda real, tendo mais de 85 annos de idade. A Francisco Dias do Porto, dono de um engenho no districto de Serinhaem, enforcárão depois de queimar-lhe os pés, e o mesmo fizerão a um filho seu, a Pedro Alvares Carneiro, Jeronymo de Albuquerque e Mello, e a outros muitos, sem que lhe formassem culpa, entrando de tropel em suas casas, e executando sua malvada intenção; e se a alguns perdoavão, era pelo preço excessivo de sua ambição, unico alvo de sua caridade.

Declarou-se tanto esta tyrannia, que até seu proprio fiscal tentou oppôr-se-lhe com algumas razões politicas; mas deste zelo resultou-lhe o terem-no por suspeitoso, pelo que temendo vingança barbara, passou-se para nós a 6 de junho, como todos os dias o fazião muitos moradores, com o exemplo de seus vizinhos, certos de que, entre tal inimigo, o que tinhão por mais infallivel erão os tormentos e a morte.

Junho. 9. — No dia 9 enviou o conde de

Bagnuolo o capitão-mór dos indios, D. Antonio Felippe Camarão, com trezentos (duzentos dos quaes tinhão mosquetes o arcabuzes) e dous capitães de emboscadas Antonio de Souza e Antonio Nunes Bezerra com trinta homens, e Henrique Dias, capitão dos negros, com alguns. Toda esta gente era propria para marchar por aquelles novos e incultos caminhos, e para vingar as mortes dos moradores se tivessem occasião. E como esta entrada durou até 26 de setembro, parece que nos obriga a descrevê-la com a brevidade costumada.

Derão primeiro na Goyana, parte mais povoada de moradores e engenhos, no districto da ilha de Itamaracá, e a sessenta leguas do Bom-Successo, donde tinhão sahido. O inimigo, para ostentar vigilancia na guarda daquelles moradores, tinha ali feito um reducto; mas seu fim principal era depositar nelle suas mercadorias e o assucar que recebião em troco dellas, passando-o depois por mar ao Recife. Porém quando fosse o reducto levantado só para a defesa, desta vez não lhe serviu; porque encontrando Camarão o governador fóra delle, o matou, e a vinte homens mais, sendo um destes Jeronymo de Paiva, que tendo na India Oriental sido expulso da companhia de Jesus antes de ser sacerdote, passou-se para os Hollandezes, e com elles veiu a Pernambuco, onde se casou, vivendo como hereje.

Animado Camarão com este bom resultado, foi sobre o reducto, e vindo duas lanchas a soccorrê-lo (por estar perto do mar) as tomou tambem matando dez homens, porque os outros se salvárão. Todavia isto nos custou a vida do capitão Antonio de Souza, pessoa de merito pelos seus serviços e valor.

Chegando ao recife a nova da morte do governador daquelle reducto, e de que estavamos sobre elle, deu tanto cuidado, como se já nos vissem ficar ali, ou como se perdessem toda a esperança de conservar o campo, se de Hollanda não lhes viesse soccorro bastante para expulsar-nos definitivamente de Pernambuco. E como erão tão assistidos pela companhia occidental, não se enganavão muito em seu pensar, e por isso resolvêrão que sahisse o coronel Arquichofle com mil homens a impedir-nos aquelle intento.

Sabendo disto Camarão apartou-se do reducto para ir esperar o inimigo que o buscava. Fez alto em uma posição apropriada para pelejar, como fez nos dias 23 e 24 de agosto, com tal ordem, resolução e denodo, que o fez retirar-se á povoação de S. Lourenço com cem homens de menos, e levando muitos feridos. Dos nossos, entre indios e brancos, houve oito mortos e dez feridos.

Pareceu a D. Antonio Felippe e aos seus companheiros que não devião detêr-se ali, e por isso tratárão de voltar ao Bom-Successo, e tambem para dar segurança a mais de duas mil e quinhentas pessoas de Goyana que se lhe aggregárão, afóra outras muitas que se resolvêrão a vir mais tarde com evidente risco e bastantes privações, á falta de todo o necessario para taes caminhos. Mas elles as arrostavão, convencidos de achar mais piedade nos bosques do que nos Hollandezes, á vista do que estes praticárão com seus parentes e amigos.

Setembro 26. — Tudo suppriu o zelo e bom desejo do capitão-mór Camarão, e a 26 de setembro chegou com sua gente e com os moradores á villa do Bom-Successo, tendo-o tido tão bom na sua expedição pelas circumstancias que acompanhárão não sendo das menores o pelejar dous dias successivos com o coronel Arquichofle, obrigando-o a retroceder, com mingua não só de gente como tambem de reputação, sendo elle um dos que a gozárão maior entre os seus.

Tres dias antes tinha chegado do campo o ajudante Sebastião do Souto, que com oitenta homens havia ido para distrahir o inimigo da entrada de Camarão, afim de fazer-lhe crer que nos tinha em muitas partes. Assim o traziamos tão desvelado, que lhe parecia perder já o campo e suas grandes utilidades. Quatro vezes pelejou o Souto, em que degollou alguns, e trouxe treze prisioneiros. Estes e os apresentados erão logo enviados para a Bahia, afim de embarca-los lá para Hespanha. Touxe elle tambem a reliquia de Santa Ursula, que pertencia ao collegio dos Jesuitas, os quaes a tinhão deixado na casa de um morador.

Proseguia-se nestas excursões por sabermos quanto molestavão o inimigo. Logo que chegou Camarão, enviou o conde de Bagnuolo o capitão de cavallos Francisco Rabello com duzentos homens, e os capitães João Lopes Barbalho e João Paez de Mello, e tambem o alferes Felippe Pereira com a companhia de Atilano Gonçalves, que se achava muito enfermo, e pelo mesmo motivo a de André de Barros, com seu alferes Jacintho de Lima. Tambem forão os capitães de emboscadas

Bento de Castro, Gaspar Pinto e João Pacheco de Carvalho para levantar uma companhia composta dos homens que se lhe reunissem no campo, e que não teve effeito.

O capitão Rabello levava ordem de chegar até Parahyba. Pelo trabalho de ir abrindo caminhos e fazendo rodeios, para não ser sentido, gastou 19 dias para andar oitenta leguas Nos ultimos se sentia já falta de mantimentos, o qual não podia conduzir-se em abundancia, visto que cada um levava o seu ás costas. Deste pouco ainda foi necessario repartir com os muitos moradores de Goyana que forão encontrando, os quaes, não podendo se juntar a Camarão, o ião seguindo, por fugir, já não ás tyrannias referidas, mas ao ver os herejes casar com suas filhas e parentas, e não sem violencias; e vinhão tão faltos até d'agua, que não houve remedio senão soccorrê-los.

Chegou a tanto o aperto destes emigrados, que morrêrão quatrocentos, principalmente mulheres e meninos, que, nús e descalços, não podião resistir á aspereza daquellas mattas, deixando muitos suas casas, fazenda e regalos só para não ficarem onde sua honra e vida corrião risco. Aqui se via lastimosamente os maridos deixarem suas mulheres, os pais seus filhos, acabando em tanta miseria, para não acabarem com elles, visto não terem, já não digo remedio para a vida, mas nem se quer consolo para a morte.

Participando isto o capitão Rabello ao conde de Bagnuolo, elle lhes mandou levar ao caminho todo o mantimento que pôde, e que muito serviu, para que não acabassem de morrer. Tão cheia de circumstancias dolorosas foi esta emigração, que se cahissem em mais feliz estylo, de certo que não passaria sem dilatadas e profundas reflexões, e com razão. E pois que eu o não posso fazer, deixo ao natural sentimento de cada um que ler esta succinta relação.

Outubro 16. — Continuando Rabello a marcha, deu no engenho que Manoel Peres Corrêa abandonára, a cinco leguas da Parahyba, a 16 de outubro, e junto a elle encontrou o governador Enses, que o era de tres praças, a saber: aquella, a do Rio-Grande e a de Itamaracá. Gozava elle de summa confiança da parte mesmo da Companhia Occidental, tendo-o por um dos seus correspondentes e representantes, como deixárão a elle e a outros, Mathias Vancol e João Gueselin, quando se forão á Hollanda.

Quiz a sorte para seu mal que este homem importante estivesse naquelle engenho promovendo a moagem com setenta homens e cento e trinta indios daquelles districtos. Inesperadamente foi investido pelos nossos, de sorte que não pôde fazer mais que retirar-se ás casas do mesmo engenho, donde resistiu com muito valor; nem o mostrou menor quando se viu obrigado a sahir por causa do incendio que lhe fizemos. Degollou-nos seis homens, entre elles o capitão Bento de Castro e o alferes Jacyntho de Lima, feriu-nos dezaseis, sendo um delles o capitão João Lopes Barbalho. Mas alfim não pôde resistir, e ali foi morto, juntamente com um capitão e quarenta soldados, fóra dezanove de seus Indios. Fizemos sete prisioneiros; um delles era cunhado de Estacor, e chamava-se André Bolcho; e servia de commissario dos abastecimentos. Ficou tambem prisioneiro Cosme de Almeida, natural da Parahyba, o qual o capitão Rabello mandou arcabusar porque voluntariamente servia o inimigo.

Feito isto, deu logo conta ao conde de Bagnuolo pedindo-lhe mais gente para continuar suas operações. Opiniões houve para que se mandasse recolher, tanto pelo embaraço que lhe causarião os feridos, como porque o inimigo irritado com a perda de homem tão estimado, como era o governador Enses, o havia de buscar com forças superiores. Todavia o conde se inclinou ao outro parecer de que se enviasse refresco ao capitão Rabello. Partiu Sebastião do Souto, sendo já capitão da companhia que fôra de Manoel Pavão. Levaria cem homens e o capitão Henrique Dias com oitenta negros, dos quaes o havião feito governador. Emquanto não se encorporão ao capitão Rabello, passemos a outra cousa.

Quasi tudo o que se deixára na Laguna do norte havia já chegado á villa do Bom-Successo com a artilharia e munições trazidos em barcos a cargo dos capitães Francisco Duarte e Francisco Peres do Souto. Dous barcos que partirão depois delles tiverão bem differente fortuna, porque encontrando-os um navio inimigo, metteu a pique um que trazia oitenta e sete barris de polvora, e fez o outro dar á costa junto á barra da Laguna, salvando-se ainda muito do que conduzia. Como se tirou tudo do quartel da Laguna do norte, dispensou-se tambem o tenente Affonso Ximenes de Almiron, que voltou para Bom-Successo. Ficárão lá só tres companhias com os capitães João da Silva e

Azevedo, que os governava por mais antigo, André de Mello e Antonio Jacome Bezerra.

Julgou-se acertado não desamparar este quartel (ainda que se arrazou o forte) para defender os moradores mais proximos, e até para segurança dos gados que havia dali ao Rio de S. Francisco e os portos, que tambem havia, e onde podia surgir alguma embarcação que nos viesse de soccorro.

O grande numero de gente que se ia accumulando no Bom-Successo fez escassear os mantimentos. Não davão menor cuidado quatrocentos enfermos, sendo a maior parte de chagas nas pernas, não só causadas pelo clima, como pelo continuado trabalho e incommodos das frequentes viagens, concorrendo muito para isto o ser a terra tão quente e humida. Faltavão tambem medicamentos, e assim crescião as enfermidades e as miserias, ao passo que nelles o soffrimento e a constancia, que na verdade foi admiravel em muitos!

Duarte de Albuquerque remediou a falta de mantimentos, tomando a seu cuidado fazer que os moradores daquella parochia supprissem em parte, sustentando a infantaria á sua custa. Só Antonio de Abreu sustentou cem, e offereceu, além disso, duas mil fangas de farinha. Visto que referimos já a boa condição que estes moradores de Porto-Calvo tiverão para com o inimigo, é justo agora memorar o que comnosco obrárão, bem que nisto cumprião com seus deveres, e naquillo faltárão totalmente a elles.

Tambem para alliviar de gente o quartel, e facilitar assim aos moradores a sustentação, resolveu-se desviar o capitão Martim Soares com duzentos homens e quatro capitães, a saber, Alvaro de Azevedo, Gaspar de Souza Uchôa, D. Pedro de Roxas e Ferranti Cacaneli, do terço napolitano. Foi tambem o capitão-mór dos indios com todos os do seu commando. Dirigiu-se o capitão Soares a reconhecer as roças de que se tira a farinha, nas proximidades do Rio-Formoso, a duas leguas de Villa-Formosa, as quaes os moradores daquella parochia deixárão plantadas quando se retirárão. E para que o inimigo não as utilisasse, pareceu que Martim Soares o fizesse, dando com a farinha dellas de comer á gente que levava, ainda que ás vezes não deixava de custar-nos a conducção, pela vizinhança do inimigo, como se verá.

Outubro 18.—Depois que Martim Soares reconheceu todas as roças e o mais que lhe pareceu necessario para aproveitar-se dellas, occupou o posto do rio Una no dia 18, onde estivera o tenente-general Manoel Dias, não deixando de percorrer até o rio Formoso que ficava a 3 leguas dali. De todas as vezes trazia muita mandioca com que fartava os seus companheiros, e tinha segura aquella parte do campo.

Outubro 24.—A 24 foi com quarenta soldados e cem indios desfazer algumas roças, onde encontrou cento e cincoenta Hollandezes que vinhão para o mesmo fim; e como não se conformárão nisto (segundo era de crer) vierão ás mãos os dous partidos, mas os inimigos valerão-se dos pés, menos dezoito que ali lhes degollámos, e um capitão a cujo cargo estavão seus indios, com o titulo de governador delles, que ficou prisioneiro nosso. Tivemos dous soldados feridos. Mostrárão aqui muito valor o ajudante José Castanho e Diogo de Carvalho, alferes de Alvaro de Azevedo.

No embro 7.—O damno que o inimigo recebia destas nossas excursões era tal que julgava não poder conservar o campo com a pouca gente que de presente tinha, e para atacar-nos em massa resolveu desamparar os reductos e quartel da Peripueira no dia 7 de novembro, com que ficámos mais desafogados no Bom-Successo, e facilitou-se-nos a communicação pela praia com a povoação de Laguna do norte, deixando assim o trabalhoso caminho do interior que até então seguiamos.

Mas já chegou o capitão Sebastião do Souto a juntar-se com Francisco Rabello, que descorria pelo campo da Parahyba de engenho em engenho, não com poucas queixas dos moradores, pela má disciplina da nossa gente, sem pensar que o inimigo o buscaria, e muito menos depois que viu reunir-se-lhe o Souto com aquelle pequeno reforço. Depressa o desenganou o inimigo desta confiança vindo com mil e duzentos homens, sendo quatrocentos indios a encontra-lo.

Novembro 17. — Foi no dia 17 que no engenho de João Rabello de Lima se batêrão com grande porfia por espaço de mais de duas horas, apezar da desigualdade do numero. Porém sendo ella tão grande, houverão de ser rotos os nossos e degollados vinte, dos quaes forão o alferes reformado Luiz de Abreu e Diogo Corrêa, filho de Ruy Barbosa de Mesquita. Morrêrão tambem dezasete negros de Henrique Dias. O inimigo perdeu setenta e quatro dos seus e alguns indios. Retirou-se finalmente Rabello e Sou-

to á villa do Bom Successo com demasiado incommodo por causa da conducção dos feridos.

O conde de Bagnuolo recebeu aviso da Bahia de terem ali chegado duas caravellas com soccorros para a guerra de Pernambuco, não tendo já seguro outro porto por estar o inimigo na posse dos principaes, e trazer seus navios sobre os outros Parecião impossiveis de vencer os inconvenientes que se apresentavão para o transporte deste soccorro, que sempre todos nos multiplicavão os cuidados quando devia servir de allivio a chegada delles. A tal extremo nos havia reduzido o estado desta guerra.

O inimigo levou para os Ilhéos, 25 leguas ao sul da Bahia, os capitães D. José do Souto Ponce de Leão e Gomes de Abreu, que lhe havião ficado em refens na tomada do Real e Cabo de Santo Agostinho, e o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama e Fr. Cosme de S. Damião, custodio dos franciscanos descalços. Levárão para Hollanda o sargento-mór Luiz Barbalho, que de lá se passou á Hespanha, donde voltou ao Brasil por mestre de campo de um terço, como veremos.

Dos rendidos e prisioneiros inimigos sabiamos que esperavão consideravel soccorro, e que lhes traria pessoa de maior qualidade do que até então tinhão tido; pelo cuidado em que estavão de que, se assim não fizessem, arriscava-se a posse dos riquissimos productos desta terra, que todavia as nossas entradas lhe ião impedindo. A' vista disto o conde de Bagnuolo não se descuidava de prevenir-se com o necessario ou com o possivel. Fez cercar de trincheiras com seus travézes a igreja nova do Bom-Successo, e levantar outras pelos caminhos onde mais convinha Ordenou que todos trabalhassem em erguer uma cortina que havia cahido do forte da igreja velha, por ter-se feito com menos escarpa do que a devida. Creou seis capitães do districto, para que, tocando-se a rebate, acudisse cada um com os vizinhos que se lhe nomeassem ao logar que lhe fosse indicado.

Não só por continuar a guerra, que o inimigo mais sentia, mas tambem por trazer gente no campo, por cujo intermedio se pudesse ter noticias certas do que fosse occorrendo, enviou o conde os dous irmãos Tabordas com cincoenta homens. Chegando elles ao districto da Ipojuca, derão em o engenho do Salgado, um dos que deixou Cosme Dias da Fonseca quando se retirou. Puzerão-lhe fogo, assim como a muitos canaviaes e a um patacho, em que matárão quatorze homens.

A esta correria seguiu-se outra dos capitães Francisco Peres do Souto e Paulo de Parada, que da Bahia voltou a servir nesta guerra, ainda que reformado, segundo uma ordem do rei. Levárão intento de passar pela Parahyba e chegar ao Rio-Grande. Não o puderão conseguir, mas queimárão muitos canaviaes em Goyana. O mesmo fizerão aos que encontrárão os capitães Assenso da Silva e Sebastião do Souto, e o ajudante André Vidal, aos quaes tocou effectuar outra excursão.

O capitão Estevão de Tavora fez tambem outra logo, e queimou os assucares que estavão feitos e os proprios engenhos de Pedro Lopes de Vera, do Pedro da Rocha Leitão, de Domingos da Costa Brandão, de Gonçalo Novo e o de Santa Luzia, que era o outro abandonado por Cosme Dias da Fonseca. Uma tropa de quarenta homens e dous capitães dos de Henrique Dias que Tavora enviou até á Barreta dos Curraes, a uma legua do Recife, achárão em uma casa nove Hollandezes de guarda a 200 caixas de assucar, as quaes queimárão matando quatro e salvando-se cinco. O capitão de emboscadas Antonio Bezerra, apartando-se com vinte homens, matou doze dos inimigos na parochia da Moribeca.

Com estas perdas e com a pouca segurança com que o inimigo andava pelo campo, entendeu que emquanto não chegasse o soccorro que esperava mal poderia fazer moer os engenhos, a tal aperto o reduzirão as nossas correrias. E se como chegou a seu soccorro chegasse primeiro o nosso, sem duvida que ficariamos senhores do campo todo, como poderiamos obter maior resultado, segundo confessavão os proprios inimigos, pelo que mais sensivel se torna a tibieza com que sempre nos assistião com o necessario.

Não deixando o inimigo de intentar o que podia por divertir nos, sahiu de Villa-Formosa com seiscentos homens e o seu sargento-mór-general Torlon. Vierão dar á noite em uma aldêa de indios, a seis leguas pelo interior da povoação de S. Gonçalo e do nosso quartel do rio Una, em que estava Martim Soares. Nesta aldêa assistião alguns padres jesuitas doutrinando os indios (como fazião em todas as mais antes da aggressão do inimigo na Parahyba) com o exemplo e utilidade que costumão. Estavão tambem ahi os mais dos indios que se havião retirado, e os

que o capitão-mór Camarão tinha comsigo erão os mais desembaraçados para a guerra.

Entrando pois o inimigo inesperadamente e a tal hora, prendeu uns e matou outros, e quatro soldados de Manoel de Mello, que estavão de guarda em um passo do rio Una, por onde se julgava que o inimigo passaria, o qual, como trazia guias mui praticas, o transpoz mais acima sem ser sentido; e depois de executar o referido na aldêa, foi pelas costas mata-los. Tambem morreu João Alvares Carvalho, pai do capitão de emboscadas Amador de Avila.

Pouco depois disto forão dous indios entregar-se ao inimigo, erão do posto em que estava Martim Soares, e chamava-se um delles Pantaleão, que tinha sido capitão de uma companhia dos seus em 1630, quando o inimigo o aprisionou nas Salinas; e conservando-o por muito tempo, e persuadindo-o a que o servisse, não conseguiu isso, pelo que o enviou á Hespanha, donde voltou no soccorro de Francisco de Vasconcellos no anno de 1633. Notavel inconstancia sobre constancia tão notavel! Porém o inimigo, que d'antes o desejára em seu partido, não confiou agora nelle, e o fez passar a Hollanda, com que se viu a estabilidade de um e outros.

O capitão Sebastião do Souto com o ajudante André Vidal e oitenta homens volvêrão ao campo, e chegárão até Parahyba queimando quantos canaviaes encontravão. Destruirão com agua e fogo mais de quarenta mil arrobas de assucar que achárão pelos engenhos e em Goyana. Topárão tambem com sessenta indios dos que servião os Hollandezes, e ainda que elles resistirão, só dez escapárão á morte. Ficárão feridos o capitão Souto, de uma frecha em um braço, André Gomes de Pina, de outra na barriga, e o ajudante Vidal com uma chuçada nos peitos.

Com isto voltárão ao Bom-Successo trazendo por noticia dada por alguns moradores que se duplicavão as do soccorro esperado pelo inimigo, que já delle precisava bastante, porque lhe tinhamos feito diminuir muito suas forças, tambem pelos que nestes dias lhe degollámos como pelos que aprisionámos e pelos que se nos rendêrão; havendo mister muita gente para sustentar tantos postos como tinhão e proseguir a campanha, do que resultou largarem o forte da Barra-Grande e a Peripueira, como já vimos. No mar tinhão tambem menos poder que d'antes por terem enviado muitos navios á India a carregar sal depois que virão nossas armadas partirem.

Tal era o estado em que se achava o inimigo no fim deste anno; e podendo nós reduzi-lo a peior se fossemos soccorridos, pelo contrario o vimos vantajoso no principio logo do anno seguinte. Assim se deixa bem ver os effeitos das assistencias promptas ou tardias dos soccorros mandados a tempo ou fóra delle. Porém o Brasil (ao menos sua maior e melhor parte que era esta) estava como o enfermo sem esperança de vida, a quem a morte concede tregua breve, e quando parece voltar a si acaba de expirar. Logo o veremos.

1637

Continuão-se as entradas no campo. Chega de soccorro ao inimigo o conde João Mauricio de Nassau. Prevenções do conde de Bagnuolo na villa do Bom-Successo. Busca-o o inimigo, e derrota-o. Retira-se para Laguna do sul, e de lá para a villa de S. Francisco. Sitia Nassau o forte do Bom-Successo, e ganha-o. Vai em busca de Bagnuolo, que passa á cidade de Sergipe de El-rei. Occupa e guarnece Nassau a villa de S. Francisco, e volta ao Recife. Outras facções, por ordem sua, com que se ganha a Mina e Ceará. Reside Bagnuolo sete mezes em Sergipe, e o que obrou. Procura-o o inimigo, e sem espera-lo passa á Torre de Garcia d'Avila. Occupa o inimigo Sergipe, depois larga-o e queima-o.

Grande era o cuidado com que o conde de Bagnuolo e todos estavamos pelas noticias que continuavão da vinda do soccorro inimigo. E para saber-se mais alguma cousa cada dia se enviava pessoas de confiança a differentes partes.

Janeiro 5. — No dia 5 de janeiro sahiu o capitão de emboscadas Manoel Viegas e seu alferes Antonio Rodrigues para Villa-Formosa, como naturaes della, e quatro soldados mais, para colher informações dos vizinhos; porque como ali assistia o general Segismundo, era o logar mais proprio para isso. Antes de chegar encontrou-se com uma tropa de Hollandezes; e ainda que elle resistiu quanto pôde, sendo ferido no braço direito por um arcabuzaço, foi preso, e juntamente o alferes e os quatro. Levando-o a Segismundo, mandou que acabassem de mata-lo: acção por certo bem indigna de um homem soldado, e mórmente constituido naquelle posto nobre!

Ignorando o conde este successo, e vendo que tardavão as noticias que desejava, mandou ordem ao capitão Martim Soares para que fizesse algumas emboscadas junto ao inimigo para colher algum de quem se pudesse saber o que procuravamos.

Janeiro 12. — No dia 12 ordenou o Soares uma ao Rio-Formoso, onde poz o Ajudante José Castanho com oitenta soldados e cincoenta Indios. Em um engenho que ali havia encontrárão cincoenta soldados e trinta indios do inimigo. Pelejou-se um pouco, degollando-lhe vinte e dous, que se recolherão á capella do engenho, e seis antes que pudessem entrar, e tambem alguns indios. Salvárão-se os outros sem que nos ficasse nenhum vivo, que era o unico intento da emboscada. Matárão-nos dous, um dos quaes era indio, e sargento de uma das companhias do capitão-mor Camarão.

Janeiro 18. — A 18 forão os capitães Estevão de Tavora e Ascenso da Silva, bem como Henrique Dias, com sua tropa á povoação de Ipojuca, para fazer retirar as reliquias e vasos sagrados do convento dos religiosos descalços de S. Francisco, onde tinhão em deposito as alfaias trazidas das outras casas suas, que forão desamparando, e que agora pedião nova transferencia para logar mais seguro. Além disto levava o Tavora ordem de informar-se particularmente do que se dizia, respectivo ao soccorro inimigo. Tudo se executou sem perder um só homem. O que trouxerão pertencente ao sagrado foi logo enviado ao convento dos mesmos religiosos na Bahia. E as noticias que se obtiverão forão de ter chegado um patacho que se apartára do soccorro, mas não transpirava a qualidade ou quantidade delle: pelo que, em vez de servir-nos isto de utilidade, serviu só de confusão.

Por este motivo mandou-se ao campo o

capitão de emboscadas Antonio Bezerra com seis homens, não só por ser mui pratico e intelligente, como por ter parentes na Moribeca. Enviava o conde pouca gente de cada vez para não estar sem ella no caso de alguma occurrencia, á vista das novas que corrião. Porém era grande o risco que corria tão pequeno numero, como vimos acontecer ao capitão Manoel Viegas, e agora com o Bezèrra, que tambem foi preso, conduzido á Hollanda, donde sahiu para morrer na Hespanha. A acquisição de noticias, de que tanto precisavamos, tinha todos estes inconvenientes; e tudo nesta occasião parecia fatal pelo que se seguiu.

Janeiro 23 — Tambem sahiu o capitão Manoel Calheiros, que era da tropa de Henrique Dias, com doze de seus soldados, e prendeu tres Hollandezes. Conduzidos á persença do conde, e perguntados em separado, forão conformes em dizer que no dia 23 deste mesmo mez lhes havião chegado de refresco dous mil e etecentos soldados com João Mauricio, conde de Nassau, filho terceiro de João, conde de Nassau, e de Dillembourg, e de sua segunda mulher Margarida, princeza de Alsacia. Vinha por general de todo o exercito e praças do Brasil havidas, e por haver, e com maiores poderes que todos os seus antecessores. Trazia por accessores tres homens dos principaes da Companhia Occidental, que erão Adriano Duscio representando Rotterdam e Groningue; Mathias Vancol, representando Amsterdam, e João Gueccelin por Midelbourg, cidade principal da ilha Welcheren, cabeça das de Zelanda. Os dous ultimos já tinhão estado em Pernambuco, como havemos visto.

Os depoimentos destes prisioneiros derãonos o maior cuidado, pelo numeroso reforço do inimigo e as circumstancias delle; pois bem se deixava conhecer pela pessoa que o conduzia que o principe de Orange, seu primo segundo, e os Estados-Geraes das Provincias-Unidas, se empenhavão (para seus fins particulares) em coadjuvar a Companhia Occidental, pondo á sua frente tal personagem, como era o conde de Nassau: resolvidos uns e outros a empregar todas as suas forças com o intuito de serem senhores do Brasil.

O conde de Bagnuolo communicou isto ao conselho, e quiz que particularmente Duarte de Albuquerque declarasse sua opinião, a qual foi como se segue dizendo elle:

« Que deixando duzentos homens com um cabo de valor na villa do Bom-Successo, fosse a outra gente com os Indios e negros reunirem-se no posto que o capitão Martim Soares occupava, por ser o mais proprio para tomar-se o passo do rio Uná, que precisamente o inimigo havia de demandar, se nos quizesse aggredir, como era certo mórmente com a pessoa do conde de Nassau: e que se o fizesse por terra, melhor o poderiamos defender estando na parte opposta ao passo do rio. E que se viesse tão sómente por mar a deitar gente na Barra-Grande (mais commoda que a do Rio das Predras, que passava a cinco leguas do Bom-Successo) fossemos marchando pelo campo, tendo já dez leguas della, e de distancia ao inimigo, porque com esta tão forte e impensada diversão devia, como bom militar, suspender a empreza do Bom-Successo, receiando que com facilidade fossemos encostar-nos a seus fortes do Cabo de Santo Agostinho e da Parahyba, ou quaesquer outras fortificações. E que como se viesse seria com toda ou com a maior parte de sua gente, ficaria pouca nas praças referidas; e se ganhassemos uma dellas (como já havia o exemplo de Porto-Calvo), perderia o inimigo muito mais do que interessaria em Bom-Successo Que certo estava de que vendo elle que nós marchavamos ao seu campo, trataria só de defendê-lo, e ás praças, que de tanta importancia lhe erão. E que se estas operações tivessem o resultado presumivel, o divertiriamos de todo, sem que nunca chegassemos a avistar-nos, a menos que nos parecesse opportuno; porque sabendo nós melhor os caminhos e os bosques, não perderiamos a vantagem que qualquer occasião nos offerecesse, visto que o nosso tão desigual poder nos desobrigava de buscar o inimigo de outra sorte; porquanto não chegando nós a mil e quinhentos, o numero delles chegava a cinco mil, segundo as noticias. »

Eis a substancia do que Duarte de Albuquerque expendêra ao conde; porém elle, confiando em sua envelhecida experiencia, e crendo acertar melhor, fez tudo pelo contrario. Ordenou que Martins Soares se retirasse do posto do Una com toda a gente. Começou logo dous reductos no outeiro de Amador Alvares e nas costas do mesmo. No primeiro poz tres canhões com cincoenta barris de polvora, balas, corda e duzentas fangas de farinha. Ainda que não de todo

acabados, estavão já defensaveis quando o inimigo chegou.

No forte do Bom Successo poz por governador Miguel Giberton, tenente-general da artilharia, e soldado de valor e experiencia, dando-lhe trezentos homens, com os enfermos, e os capitães que com elle ficárão forão do terço castelhano D. Fernando de Biveras e Bartholomeu Rodrigues Balvaci, e do de Portugal, João Rodrigues de Souza, André de Mello e Albuquerque, Leonardo de Albuquerque e Miguel do Rego, e do napolitano, Scipião Carreta, que depois foi sargento-mór da armada real, e Francisco Rosano. Tambem ficou dentro o capitão Paulo de Parada e toda a artilharia e munições que tinhão vindo da Laguna do Norte, bem como todos os sapadores e artilheiros; porém os abastecimentos forão poucos e muitas as imperfeições do forte; os canhões sem reparos nem ahustes, nem esplanadas necessarias, faltava serralheiro para o aprromptamento das armas, não havia fachina de prevenção, e tudo se fez com tanta pressa que logo veiu a faltar para não poder sustentar-se por muitos dias, como se verá.

Passou-se o conde com a outra gente ao outeiro de Amador Alvares, para de lá calcular o que poderia fazer. Com esta mudança se occasionou outra, não só de ruim presagio, mas até de peior consequencia, e foi que a roupa de muitos, que não erão mosqueteiros, se foi transportando para Laguna, com o que os soldados se desanimárão, entendendo por esta vil e intempestiva acção, que se tratava mais de retirar que de resistir ao inimigo.

Quando João Mauricio, conde de Nassau e seus companheiros chegárão ao Recife, e souberão quanto sua causa tinha declinado pelas escursões que Bagnuolo mandava reiterar, resolvêrão busca-lo com toda a força reunida para expulsa-lo do Bom-Successo, e, se pudessem, persegui-lo para além do Rio de S. Francisco, que termina a provincia de Pernambuco; ponderando que de outra fórma nunca terião a posse total e pacifica do campo, nem os engenhos podião moer regularmente, nem cultivar e apreveitar os productos da terra, nem finalmente dar estabilidade e impulso ao commercio, porque tanto se tinhão empenhado em despezas pecuniarias e pessoaes incommodos e riscos, e não os obrigava menos o virem á sua testa o conde de Nassau, de quem tudo esperavão.

Tirárão quasi toda a gente das praças e fortificações que occupavão, deixando em algumas demasiadamente pouca, pelo que reunirão cinco mil e quinhentos infantes, fóra os indios e negros, que tambem nesta occasião armárão. Os navios com que se achavão erão quarenta pela costa, e outros no Recife. Eis o seu actual poder, e a ordem com que o distribuirão foi a seguinte:

Em trinta navios entrárão dous mil soldados com o coronel Arquichofle, e o conde João Mauricio com Segismundo Escup foi por terra á frente de tres mil e quinhentos infantes, quinhentos indios tirados das aldêas, e negros tirados a seus senhores.

Fevereiro 16. — Deu fundo a armada na Barra-Grande no dia 12, sem deitar gente em terra, até que a 16 chegou Nassau a passar o rio Una ao pé de sua embocadura, a cinco leguas daquella barra. Quiz atravessar ali, não por ter perto o soccorro necessario, e juntar-se com a gente da armada, como por entender que estaria sem defesa nossa, porque a tinhamos tres leguas acima no posto de Martim Soares; sem saber que se havia retirado, aliás podia passar por onde quizesse sem resistencia alguma, porquanto nem ao menos por ali tinhamos quem nos désse um aviso do que se passava.

Fevereiro 17.—Apenas o conde de Nassau começou a passar foi Arquichofle deitando gente em terra, e, reunidos todos, fizerão alto; mas na madrugada de 17 começárão a marchar para a villa do Bom-Successo, que ficava a cinco leguas dali Constando isto ao conde de Bagnuolo, mandou reconhecê-lo; mas foi já a tempo que o inimigo estava duas leguas só distante da villa Resolvendo-se, já tarde, a sahir alguns para impedir-lhe o passo, virão-se algumas tropas de sua vanguarda em um outeiro, em que havia uma casa de Domingos Vaz Barcellos, a um quarto de legua do Bom-Successo. Por ter sido descoberta, fez alto, esperando o grosso do seu exercito.

Mandou Bagnuolo seu tenente-general Affonso Ximenes de Almiron com quinhentos homens, o capitão-mór dos indios com trezentos, e o capitão Henrique Dias com os seus oitenta negros, para que fossem encontrar o inimigo. Era já quasi noite quando, a tiro de mosquete, se avistárão uns aos outros. Cada um se fortificou onde fizera alto. Os nossos ficárão em uma baixa, junto a um riacho, onde levantárão uma trincheira

e estacada, em passo muito defensavel, armando aos lados duas emboscadas. O inimigo fizera-se forte no ponto mais elevado do monte, junto á casa do morador já nomeado. Tambem levantou trincheira com quatro peças de campanha, que toda a noite estiverão jogando.

Bagnuolo enviou mais o sargento-mór Martim Ferreira com trezentos homens, e não fez pouca falta a gente que se deixou de guarda nos reductos, tão inutilmente, que nem os guardou, nem ajudou seus companheiros na occasião, servindo de mais embaraço que proveito; ainda que na verdade era tão desigual o partido para esperar o inimigo da fórma que se dispoz, que facilmente se podia ter por certo o máo resultado que houve.

Tambem foi enviado o capitão Manoel de França com cincoenta homens para guardar o rio das Pedras, afim de que as lanchas inimigas não subissem, como presumiamos, com abastecimentos ou qualquer outra cousa, ainda que para isso tinhão de navegar cinco leguas da barra do Bom-Successo.

Fevereiro 18 — A's 8 horas da manhã de 18 de fevereiro começou o inimigo a mover-se em tres divisões para fazer-nos dividir. Arquichofle commandava uma, Segismundo outra, e Nassau a terceira, com cincoenta arcabuzeiros a cavallo Com esta ordem nos atacárão no posto em que os aguardavamos. E apezar de sua grande vantagem, duas vezes forão rechaçados; da terceira porém, carregando-nos em columna cerrada, rompêrão-nos e degollárão quarenta, sendo deste numero D. Antonio Coutinho, cavalheiro de grandes esperanças, filho de D. Luiz Coutinho; Cosme Vianna, o ultimo dos cinco irmãos Viannas, que morrêrão nesta guerra; os alferes reformados D. Gaspar Cabral e João de Uchôa, Pedro da Cruz, sargento de Francisco Peres do Souto, e um seu soldado Francisco Freire, José Fernandes, natural de Pernambuco, e da companhia do capitão Atilano. Tivemos vinte feridos, entre os quaes o capitão João Lopes Barbalho de um arcabuzaço na mão esquerda e uma frechada no rosto, erão poucas as occasiões em que sahia illeso; Romão, sargento de Alvaro de Azevedo, Vicente de Paiva, que o era de D. Pedro de Roxas; André Nunes, cabo de esquadra de Francisco Peres do Souto, e o tambor-mór do terço de Portugal com seis feridos. A Henrique Dias coube um mosquetaço no braço esquerdo, de que resultou a amputação de metade; matárão-lhe tres capitães e o sargento-mór de sua tropa. Forão prisioneiros os capitães Manoel de Souza e Abreu, Balthazar da Rocha Pitta e D Bartholomeu de Roxas, ajudante do tenente do mestre de campo-general, que tinha vindo como engenheiro, e o ajudante José Castanho.

O tenente-general Affonso Ximenes fez quanto podia e devia ao seu estado, e da mesma sorte os mais, particularmente os capitães D. Pedro de Roxas, João Lopes Barbalho, Estevão de Tavora e Antonio Gomes Taborda. Os indios de Camarão provárão mal neste dia, mas não assim Henrique Dias e seus negros. Finalmente venceu a demasiada superioridade numerica, como de ordinario acontece.

O conde de Bagnuolo, que não ignorava as consequencias desta derrota, tratou em tal confusão do que lhe foi possivel; mas como já não era a tempo de ter execução qualquer plano, e sómente fazer o que as occurrencias dessem, considerando com madureza, e achando-se com menos gente (porque muita não voltou ao reducto em que elle estava, e mesmo do campo seguiu para Lagunas), retirou-se com a que tinha, e que ainda póde juntar, que ainda chegaria a oitocentos homens para Lagunas na mesma noite de 18. Deixou-lhes o tenente Ximenes para comboiar os moradores que se fossem retirando pelo caminho da praia, por ser mais facil para carros, e o fez a maior parte dos daquella parochia e os que havião vindo do campo. O conde de Bagnuolo seguiu com poucos pelo caminho que fizera abrir e por onde tinha vindo.

Depois de Nassau romper-nos foi-se chegando ao nosso forte, tomando posição em uma baixa para não receber damno da artilharia, e ali acampou naquella tarde e noite, durante a qual forão subindo pelo Rio das Pedras algumas lanchas com gente, com quem o nosso capitão Manoel de França pelejou por duas horas; mas vendo que não era soccorrido, e sabendo do successo antecedente, não tendo outra ordem do conde de Bagnuolo, e não podendo além disso resistir, retirou-se para o segundo posto do rio, e mandou saber o que deveria fazer; porém como já não estivesse Bagnuolo no reducto, abandonou o posto no dia seguinte.

Fevereiro 19.— Na madrugada deste dia enviou o tenente-governador do forte Miguel Giberton a saber de Bagnuolo, e não se

achando fez pôr fogo a tudo o que ficára no reducto e inutilisar as tres peças que ali tinhamos, as quaes o inimigo entrando desencravou tão facilmente que naquella mesma tarde se serviu dellas contra o forte, mettendo-lhe dentro algumas balas.

O conde de Nassau, não querendo perder qualquer occasião, mandou, ainda que tarde, um sargento-mór com seiscentos homens para seguir na retaguarda de Bagnuolo; porém como no espaço de duas leguas o não alcançasse, volveu.

Fevereiro 20. — A 20 subirão o rio o resto das lanchas com artilharia, munições, abastecimentos e todo o necessario para pôr o forte em sitio. Occupou o inimigo quatro postos, um a duzentos passos do rio e lanchas em que acestárão quatro meios-canhões; outro na subida da baixa em que tinhão feito alto, onde postárão dous, collocando quatro em cada um dos outros, os quaes ficárão alguma cousa sobranceiros ao forte, e afastados delle mais de trezentos passos para a banda do outeiro de Amador Alvares, onde os franciscanos descalços começavão um convento.

Emquanto elle ia fazendo seus quarteis e esplanadas, e plantando artilharia em que não se deteve muito, detiverão-se os nossos em fazer alguma sahida, bem que tinhão desculpa á vista da pouca gente que tinhão, e desta bastante parte enferma. Giberton além disso ficára mui confuso por ver-se sem uma carta, sem um aviso de Bagnuolo, ignorando até o destino que tomára; estava portanto convencido de que não podia ser soccorrido para defender-se por muitos dias. Sem embargo disto, fazia quanto estava a seu alcancé, deitando á noite alguns soldados para estorvar o inimigo de vir reconhecer o fosso (porque lhe faltava muito para sê-lo) o qual pelas suas imperfeições não obstava o assalto. Por este receio ficárão todas as noites as peças carregadas de cartuxos com balas de mosquete e metralha. Para augmentar o cuidado fugiu para o inimigo um Flamengo, que era dos sapadores, do qual pôdia elle informar-se de tudo largamente.

Fevereiro 25. — Não pouco damno faziamos de dia ao inimigo. No dia 25 avistou-se um com trajes mais luzidos, applicado em mandar a seus artilheiros que atirassem ao forte, e soube-se que lhes pagava a dinheiro os bons tiros. Porém um dos nossos, que gratuitamente lhe apontárão os condestaveis Manoel de Plusultra e Jorge Inges, lhe levou a cabeça, com o que pagaria mais de contado, mais caro, e mais justamente na outra vida.

Era elle Henrique de Nassau, filho natural do velho conde Mauricio e sobrinho de João Mauricio, conde de Nassau, que estava presente, e com quem tinha vindo como capitão de duas companhias. Sentirão muito sua morte, e talvez que com isto ficasse antecipadamente compensada a perda no nosso forte pelas muitas que elle poderia causar-nos se vivesse, pois que, na verdade, era joven de valor e muitas esperanças para os seus.

Fevereiro 26. — No dia seguinte um canhão apontado pelo condestavel Plusultra mantou Deumque Carlo, capitão de grande opinião. As baterias inimigas vingavão estas perdas, porque nos ião derribando todos os parapeitos, e descobrindo a capella-mór da igreja velha, com o que forão desmatellando-a, cahindo tudo sobre os abastecimentos que ali se guardavão, de sorte que, misturada a farinha com a caliça, ficava incapaz de servir ao sustento; accrescendo a isto a chuva que cahiu em abundancia, que ao mesmo tempo serviu de remedio á sede que se soffria; porquanto o poço do forte estava já inutilisado pelas ruinas que o entulhárão.

Conhecendo Nassau que a demora lhe augmentaria as difficuldades para acabar com aquillo e proseguir em sua missão, e tambem para isentar-se do rigor do inverno que já começava, e que ali só differe do verão pelas continuadas chuvas, enviou um trombeta com bandeira branca. Recebeu-o um ajudante, e vendando-lhe os olhos o introduziu. Trazia uma carta para o governador Giberton escripta em francez, cuja traducção é a seguinte: « Para fazer justiça e honra á vossa grande reputação militar não quiz render-vos, sem que primeiro vos puzesse baterias, pois bem sabeis que esse forte será meu logo que o queira, á vista dos poucos meios de defesa que tendes; e assim folgaria muito de servir-vos, o que depois não será com tanta commodidade Sabeis bem que não vos podeis sustentar, mórmente por ter-se ausentado o conde de Bagnuolo, de quem não deveis esperar soccorro. Deste sitio de Porto-Calvo, 4 de março de 1637. Vosso muito affeiçoado, João Mauricio, conde de Nassau. »

Reflexionando o governador com seus capitães sobre esta carta, resolvêrão todos que respondesse o que se segue:

« Exm. Sr.— Tenho em muito apreço a mercê que V. Ex. me faz, e a esperava em consequencia do muito que me obsequiava o Sr. conde de Nassau, irmão de V. Ex. Mas quanto á entrega deste forte, bem sabe V. Ex. que o não posso fazer sem ordem do conde de Bagnuolo, ou, pelo menos, sem prévio aviso. E assim supplico a V. Ex. a concessão de 25 dias para isto, findo os quaes servirei a V. Ex. se não vier soccorro. V. Ex. sabe que assim se costuma praticar, como succedeu no cerco de Bredá, dando-se tempo aos sitiados para avisar e pedir soccorro. Guarde Deus a V. Ex. Deste forte de Porto-Calvo, a 4 de março de 1637. Humilde criado de V. Ex., Miguel Giberton. »

Março 5.— No seguinte dia voltou o trombeta com a intimação de que decedissem dentro de 24 horas, aliás que não tratassem os sitiados de conveniencia alguma ; isto fôra escripto seccamente e sem cumprimentos. O governador communicou com os capitães, e vendo todos o extremo a que chegárão, e que os mantimentos durarião ao muito para 8 dias, e que depois, obrigados da fome e sede, virião a rogar o que agora se lhes offerecia, e que talvez fosse negado, resolvêrão sahir com honra, já que não podião fazer outra cousa. Sahirão a tratar da capitulação os capitães D. Fernando de Viveros e João Rodrigues de Souza Nassau enviou um sargento-mór e um capitão ao forte.

A proposta dos nossos foi que tirarião quatro peças com seus pertences e toda a polvora e munições ; que sahirião com suas armas, morrões acesos, bala em boca, com bandeiras despregadas e a toque de caixa ; que levarião seu trem e bagagens ; que se lhes daria passagem e mantimentos até ás Indias. O conde de Nassau concedeu sómente que se tirasse uma peça com seus petrechos, e duzentas libras de polvora, outras tantas de balas e igual peso de corda ; que os capitães e officiaes levassem cada um sua mala de roupa, e os soldados a que coubesse nas moxillas, e que tudo o mais era delle, sob pena de que, obrando o contrario, serião detidos, e que todas as pessoas que tivessem escravos os podião levar, que se entregaria mutuamante os prisioneiros que houvesse, e que os capitães e officiaes sahissem em esquadrão formado com suas insignias, e os soldados com armas, e tudo o mais que tinhamos exigido, até ás Indias.

Firmados estes artigos na manhã de 6, marchárão á tarde com dous esquadrões até o fosso.

Março 7.— No seguinte dia o governador Miguel Giberton entregou as chaves, e o inimigo entrou no forte, onde não achou as fazendas que imaginava, e só a artilharia e munições. Os barris de polvora excedião quinhentos de cem libras cada um, porque, como já vimos, toda a que trouxe o mestre de campo-general D. Luiz de Roxas se havia transportado para ali do quartel da Laguna. O conde de Nassau quiz que Giberton e os capitães jantassem com elle antes de sahirem. Assim, conforme o capitulado, sahirão os nossos em esquadrão até o varadouro, onde algumas lanchas os esperavão. Ao entrar nellas os ião desarmando e conduzindo aos navios que estavão na barra, donde seguirão para o porto do Recife, e de lá para as Indias No encontro que o inimigo teve com o tenente-general Affonso Ximenes perdeu mais de cento e cincoenta homens.

Nassau, vendo-se no forte sem morador algum daquella parochia, achou-se sem noticias que tanto necessitava para proseguir. Tambem não havia quem lhe fornecesse mantimentos, porque até a farinha se lhe tornava cada vez mais difficil, visto que os moradores ou tinhão levado ou deixado em pedaços todos os utensilios com que a preparavão, com o que de necessidade lhe havia de ir tudo de seus navios, que não era pequeno incommodo, estando elles a cinco leguas.

O conde de Bagnuolo chegou á povoação da Laguna do sul (que já era villa de Magdalena) a 25 de fevereiro, e no dia seguinte o tenente Affonso Ximenes com a infantaria, tendo dado comboi e guarda aos muitos moradores que se ião retirando, os quaes com os que já o havião feito de outros logares vierão a fazer grande numero ; não sendo poucos dos mais nobres, que não só pelo que vião como pelo que receiavão, preferirão aquelles incommodos e privações aos regalos de suas casas em que nascêrão e se criarão na abundancia. E mais dolorosa era a consideração de que estando ali quasi á vista dellas, não podião conservar-se, e nem sabião onde o farião. Estavão resolvidos a proseguir a peregrinação se Bagnuolo a destinasse, acompanhando como pudessem as armas do rei, a troco de não ficarem com o inimigo. Não podia certamente fazer-se isto sem sentimento, pois era impossivel sahir-lhes da memoria

a antiga bonança comparada com a presente miseria!

O conde de Bagnuolo affligia-se á vista do estado das cousas, e pelos inconvenientes que se apresentavão a qualquer projecto. Ignorava o destino do forte do Bom-Successo, e não atinava onde fizesse assento, com a lembrança de que Nassau o viria seguindo. Finalmente no dia 8 enviou o ajudante Diogo Sanches a procurar noticias de que tanto precisava para saber governar-se.

Passou depois a formar conselho sobre o que deveria fazer. Alguns dos que nelle se achavão disserão que aquella villa era por natureza defensavel, na qual agora havia muita farinha que a falta passada havia feito plantar; que ali se conservára Mathias de Albuquerque quasi cinco mezes, com quatrocentos homens sómente, e que deviamos seguir, agora que nos achavamos com mil e duzentos, afóra os indios, que na Laguna do norte ainda existião trinta e cinco barris de polvora, muita bala e corda, que tudo serviria emquanto da Bahia não fossemos soccorridos. Como esta opinião era da minoria, ficou logo vencida pela maior parte, que se conformava com o parecer de Bagnuolo, que era retirar-se até o rio de S. Francisco, raia de Pernambuco, a vinte leguas mais para o sul, julgando mais proprio este logar para receber os soccorros da Bahia.

Executou-se logo esta retirada, e não sem que muitos temerariamente cressem que não era no Rio de S. Francisco o posto em que ficariamos; por levar-se a mira no descanso e commodidade da Bahia, que havia trinta annos faltava aos que continuavão esta guerra. E verdade era que nella nunca os soldados tiverão vinho, pão, cama, vestido, calçado, nem camisa e muitas vezes nem medicamentos para suas molestias, nem mesmo unguento para as feridas. Com isto aquelles com quem a commodidade podia mais que a razão forão de parecer que se puzesse em pratica esta retirada.

Março 17. Sem esperar-se participação do forte de Porto-Calvo (bem que já corria a voz de que era perdido) nem as noticias que o ajudante Sanches fôra colher, começou-se a marchar no dia 10, e a 17 estavamos na villa de S. Francisco, que está na margem do rio do mesmo nome, que dali a oito leguas desagua no mar por uma barra capaz de navios de 200 toneladas, a 10 e meio gráos de lat sul. Terá de largura em algumas partes um quarto de legua, em outras menos. E' grande sua corrente, e maior o nascimento, porque até hoje ainda não se descobriu; tem algumas ilhas, e suas enchentes são pelo verão A quarenta ou cincoenta leguas acima da barra habitão junto á sua margem muitos indios Tapuias, que se guerreão quasi sempre mutuamente. Os moradores aproveitão para seus gados os muitos e bons pastos que por ali ha.

Março 18. — No dia seguinte ordenou o conde de Bagnuolo que o seu tenente Affonso Ximenes passasse á outra banda do rio (onde principiava o terreno pertencente á praça de Sergipe de El-rei) com os terços castelhano e napolitano, ambos já bem diminuidos pelos mortos no campo, ou de enfermidades, e pelos que havião ficado no forte do Bom-Successo.

Março 19. — No dia 19 fez passar mais duzentos do terço de Portugal, depois do que mandou a dar conta disto a Duarte de Albuquerque, pelo capitão Francisco Duarte, perguntando se deveria continuar a passar a gente para lá do rio. Duarte de Albuquerque respondeu-lhe «que não só pelo que desejava acertar em tudo o que tocasse áquella guerra, em que tanto ia ao real serviço de Sua Magestade, como pelo que em particular lhe dizia respeito, era de parecer que não passasse mais gente, e fizesse voltar a que já estava da outra banda para defender aquella villa, que se poderia segurar com alguma gente de guarda em duas trincheiras que se fizessem nos dous passos do riacho Piagui, que tendo muito fundo, não tinha a largura de tres lanças, tornando por isto impossivel a passagem e nem o inimigo tinha outro logar para tenta-la, com o que se conservaria segura a villa, que estava a duas leguas deste riacho, e tinha em seus contornos mais de oitenta mil vaccas e muitas roças de farinha, o que tudo ajudava não só á conservação daquelle posto, como á sustentação das tropas; o qual posto, já na villa da Magdalena se havia indicado como o mais apropriado para receber soccorros da Bahia, e que lhe parecia que nos deviamos esforçar para sustentar em Pernambuco um ponto, e que sendo este o ultimo, convinha aproveita-lo, para ao menos com a nossa residencia assegurarmos o desembarque de qualquer soccorro que nossas armadas nos trouxessem para Pernambuco, o que se difficultaria em nossa ausencia. E que finalmente se Sua Magestade não o encarregava das armas para defendê-lo com

todas as obrigações de seu real serviço e as que elle tinha em particular, não o desobrigava de emittir sua opinião, quando fosse consultado, o que fazia com o affecto devido a tantas razões. »

O conde todavia, seguindo seu parecer, passou o rio com a mais gente, e estando nesta diligencia na madrugada de 26, chegou aviso de que o inimigo marchava para o riacho Piagui, não só deixou de ir defender-lhe a passagem, mas acabou de transpor (com tudo o que havia) o Rio de S. Francisco, tão acceleradamente, que muitos moradores que vinhão se retirando não puderão acompanha-lo, e forão presos pelo inimigo. Neste numero entrárão os dous irmãos Felippe e Miguel Paez, Bodrigo de Barros Pimentel, Vasco Marinho Falcão e seus filhos e genro André da Rocha, Manoel Camello e outros.

Manoel de Navalhas, dono de um engenho na parochia da Ipojuca, e dos mais ricos e regalados de Pernambuco, viu-se tão apertado do inimigo, que para livrar-se abandonou-lhe vinte carros e alguns cavallos, que trazia carregados do mais precioso que tinha, e passou sem nada mais que sua mulher e seis filhas a pé, com grandes incommodos, que lhes parecião ainda maiores, por nunca os terem experimentado, e por isso mais louvavel se torna seu procedimento. Igual foi o de Antonio de Abreu, dos mais ricos moradores de Porto-Calvo, onde tinha sustentado á sua custa cem soldados, e agora precisava que o sustentassem a elle, porque seus carros, cavallos, roupa e tudo o mais cahiu em poder do inimigo.

Passou este o riacho Piagui, e apezar de não achar opposição, foi tal o perigo, que ainda se lhe afogárão tres homens e dous cavallos, e os mais conseguirão sahir a salvo com muito trabalho e embaraços, servindo-se de umas balças que nos rios estreitos servem de embarcação

Março 27.— A's 11 horas do dia 27 acabou de chegar o inimigo á villa S. de Francisco. Reconhecendo o sitio, posição e conviniencias que lhe resultarião de fortificar-se ali para defender a passagem para Pernambuco, e segurar-se do muito gado que naquellas immediações havia, resolveu levantar um forte real com quatro baluartes e com um reducto na frente, da outra parte do rio, em umas casas que os Andradas ali tinhão. Deixando o conde de Nassau estas fortificações ao cuidado de Segismundo Escup, voltou ao Recife, e o coronel Christovão Arquichofle se foi para Hollanda.

Março 31. — A 31 chegou Bagnuolo á cidade de Sergipe d'El-rei, a 25 leguas do rio de S. Francisco. Esta povoação, com o nome de cidade de S. Christovão, dista do mar cinco leguas, em altura de 11 gráos e um terço da equinoxial para o sul. Aqui fizemos alto para alojarmos, cada vez com menos noticias do inimigo, pela distancia em que ficámos e o embaraço não pequeno de ter em meio o caudaloso Rio de S. Francisco, sem barcos para o atravessar, privando-nos assim de continuar a guerra. Porém o valor da nossa gente tudo facilitava quando era mister.

Deu o conde a companhia de Manoel de Souza e Abreu a D. João de Toar, e a de Balthazar da Rocha Pitta a Antonio Ferreira. Tratou logo de aprestar uma embarcação que ali havia, maior que um barco, para ir a Hespanha com communicações, que levou João Paes Barreto, commissario da cavallaria sem exercicio, por não havê-la. Despachou tambem pela Bahia com igual commissão o seu tenente Manoel Dias de Andrada, dando conta a el-rei do successo que ali o trouxera e do estado das cousas. Offereceu-se ao governador o capitão-general Pedro da Silva para ir soccorrê-lo com a gente que tinha, entendendo que logo que o inimigo acabasse as fortificações do Rio de S Francisco tomaria a si outras emprezas, sendo a Bahia talvez o alvo da primeira, por onde tinha começado em 1625.

Pedro da Silva, não prevendo quanto lhe poderia ser util o offerecimento de Bagnuolo, desestimou-o, respondendo com cumprimentos, importando tanto que o tivesse penetrado, como veremos; mas isto costuma acontecer muitas vezes em nossa cega vontade, errando em nossos projectos quando os julgamos mais acertados. Pedro da Silva, além de não o querer por vizinho, dava a entender na sua resposta que mais conviria o conservar-se em Sergipe, já que não pôde em Pernambuco Não deixou Bagnuolo de resentir-se, como sóe acontecer nestas occasiões e circumstancias

Vendo elle que não agradava sua ida para a Bahia, tratou de conservar-se ali com os moradores que se havião retirado de suas habitações, accommodando-se junto á cidade em choupanas e fazendo plantações de mantimentos, suppondo que dali voltarião a suas casas, pela esperança que ainda nu-

trião de que a Hespanha mandaria poder bastante para restaurar tudo, segundo confirmavão as noticias que de lá vinhão

Entendeu o conde que devia trazer sempre no campo do inimigo alguns soldados para tirar-lhe a segurança com que por ellê andavão, e mais para obter noticias, sem as quaes nada de bom se póde obrar, mórmente na guerra.

Abril 19. — Para isto enviou a 19 de abril o capitão Sebastião do Souto com quarenta homens, sendo a metade indios, para que atravessassem o Rio de S. Francisco para a banda de Pernambuco, deixando de darlhe mais gente, pela difficuldade daquella passagem, a qual se effectuou de noite (cinco leguas acima da villa) em jangadas, que fizerão, e com não poucos riscos. Forão dar na casa de um morador, onde acharão onze soldados tão fiados na segurança que o rio lhes offerecia, que logo forão mortos sete, presos tres, escapando um só.

Enviou-se tambem o capitão João de Almeida com oitenta de seus indios a percorrer a margem do mesmo rio, pelo nosso lado, para observar o que por ali obrava o inimigo.

Maio 5. — A 5 de maio entrou elle, vinte a cavallo e cincoenta peões, que andavão tirando gado da nossa banda para transporta-lo á sua; matou quinze, e trouxe sete cavallos, mas custou-lhe isto dous arcabuzaços, de que morreu em poucos dias, com grande sentimento de quem o prezava como um indio de fidelidade e valor.

Erão os dous districtos de S Francisco e Sergipe os mais abundantes de gado em todo o Brasil, e como o inimigo tinha já por seu o primeiro, procurava tirar o que pudesse do segundo, não só para accrescentar o seu, mas tambem para ir-nos desfalcando, considerando (e bem) que depressa nos faltaria e á Bahia, que tambem dali se provia, e que se por ventura chegassem nossas armadas, privados deste tão necessario mantimento, não poderiamos sustentar a guerra, assegurando-se na persuação de que de Hespanha não viria todo o preciso, como a elle tinha vindo de Hollanda, pois sustentou-se assim mais de seis annos, em que não possuião um palmo de campo

Com estas considerações procuravão fazernos esta guerra, não esquecendo de presente o que haviamos de sentir de futuro. Chegando Bagnuolo a conhecer isto, poz todo o cuidado em retirar quanto fosse possivel das proximidades do Rio de S. Francisco para entre a Bahia e Sergipe Pouco effeito teve este zelo, sem embargo de ser cousa que obrigava a toda applicação; porque o inimigo fazia muito por impedi-lo; com o que havia alguns encontros, em que se perdia gente de um e outro lado. Em um delles matámos-lhe oito a cavallo.

Maio 20. — No dia 20 sahiu outra vez o capitão Souto com trinta soldados e quarenta indios a percorrerem a margem d'alem do Rio de S. Francisco. Passou-o entre a villa e a barra, e chegou até Villa-Formosa, degollando mais de vinte, dos que encontrava bem descuidados, por crerem que não podiamos passar o rio.

Junho 26. — Mal tinha elle chegado a Sergipe quando o conde a 26 de junho o reenviou com quarenta soldados e vinte indios. Traspoz o proprio rio em balças, com grande risco, por sua largura, vinte leguas acima da villa, que o inimigo occupava. Marchando pelo interior, foi dar no engenho de Gabriel Soares, a tres leguas da villa da Magdalena, onde fez sete prioneiros que trouxe Um destes era negociante, e sobrinho de João Gueselin, um dos representantes da Companhia Occidental, outro era auditor da gente que tinhão na villa e forte de S. Francisco.

Junho 27. — O general de mar João Cornelles sahiu do porto do Recife com dezoito navios e pouca infantaria, e a 27 do mesmo junho deu na praça dos Ilheos, trinta leguas ao sul da Bahia e a 14° 2/3 de latitude meridional. E' uma pequena povoação, com porto capaz de pequenas embarcações, onde tinha um nosso navio mercante. Saltando em terra, queimou-o ainda que já estava descarregado; depois, querendo saquear a povoação sita meia legua acima, seus poucos moradores lh'o estorvárão como puderão, e mais do que quizera o proprio Cornelles; porque de um mosquetaço que ali recebeu em uma perna ficou côxo, e foi a vantagem que tirou desta facção.

Junho 28 — A 28 chegou a Sergipe, vindo da Bahia, o sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama, a servir de tenente de mestre de campo-general, cuja patente lhe trouxera D. Luiz de Roxas, e por estar entre o inimigo desde que se rendêra o forte do Cabo de Santo Agostinho, servia em seu logar Manoel Dias de Andrada, que o conde de Bagnuolo enviára agora á Hespanha, por achar-se Pedro Corrêa na Bahia, tendo-o o

inimigo deitado nos Ilhéos, como já se disse, e pareceu que devia vir exercer seu posto. O de tenente de capitão-general da artilharia que occupava Miguel Giberton deu-se ao capitão Francisco Peres do Souto.

Julho 8.— A 8 de julho partirão do Recife dez náos e dous patachos com mil e quinhentos homens, e por cabo João Lonio, que tinha vindo por capitão da guarda do conde de Nassau. Levava tambem o sargento-mór Buen Garçon e os capitães Balet e Malbur, e outros. A empreza a que se dirigia, e que a Companhia Occidental tinha resolvido tentar com a approvação do principe de Orange e dos estados geraes era a da nossa fortaleza de S. Jorge da Mina, na costa de Guiné, a quarto e meio de latitude norte. Tão desprovida estava ella, que foi facil ao inimigo toma-la. Por ser este alheio ao meu assumpto, deixo de o referir, particularmente, mas não deixo de sentir justa dôr deste successo, não só porque deve tocar a todos em commum como a mim em particular. Foi grande ali a perda da reputação de nossas armas, que tão gloriosas florescêrão nos tempos em que ganhárão com incrivel valor o que nossa desdita agora deslustra e perde.

Agosto 16.— A 16 de agosto chegou á Bahia Luiz Barbalho Bezerra com quatro caravellas e duzentos e cincoenta homens, dos oitocentos que se havião promptificar em Lisboa, e que bastante tardárão depois delle. Tinha-o Sua Magestade feito mestre de campo deste terço, e os capitães que trouxe erão Guilherme Barbalho, seu filho, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Antonio Bezerra, Gaspar de Souza e Carvalho, Tristão de França, e por seu alferes Antonio Teixeira. Por não trazer sargento-mór nomeou o conde de Bagnuolo ao capitão reformado Francisco Duarte, porque Barbalho trazia ordem de servir sob seu commando juntamente com a gente de Pernambuco de que era Bagnuolo mestre de campo-general.

Logo que Luiz Barbalho chegou, participou ao conde, enviando-lhes as cartas e ordens de el-rei, e pedindo-lhe que escrevesse ao conde de Nassau para que se servisse enviar-lhe sua mulher e dez filhos que estavão em Pernambuco; os capitães Antonio de Freitas e Silva e Gaspar de Souza Uchôa, fizerão o mesmo. Bagnuolo escreveu logo a Nassau, e este respondeu enviando-as aquellas familias dahi a alguns dias em um navio que foi po-las na Bahia.

Os tres representantes da Companhia Occidental, o conde de Nassau e os mais de seu conselho andavão solicitos por terem tão perto o Bagnuolo, em razão das excursões que continuava a mandar fazer, a despeito do Rio de S. Francisco que elles julgavão serviria de impedimente. Por isso resolvêrão vir expulsa-lo de Sergipe, encarregando a facção a Segismundo Escup, para o que viria do Recife João Gueselin com mais gente para melhor facilitar o resultado de seu projecto.

Outubro 27 — Bagnuolo teve noticia de haver entrado mais gente na villa de S. Francisco, e para certificar-se mandou a 27 de outubro o capitão Sebastião do Souto para colher algum soldado do inimigo de quem obtivesse informações. Partiu elle escolhendo só tres homens, e atravessou a nado o Rio de S. Francisco com evidente perigo de vida. Deu na casa de um morador, onde achou um cabo de esquadra da cavallaria. Trouxe-o, repassando o rio em uma canôa, até a cidade de Sergipe, onde chegou a 5 de novembro. Perguntado, disse que havião chegado á villa de S. Francisco mil e oitocentos homens dos seus, e quinhentos indios com João Gueselin para, com os que Segismundo pudesse dispor, virem desalojar-nos.

Novembro 7.— No dia 7 chegou o alferes Manoel Rodrigues Monteiro (que tinha sahido ao mesmo fim) com outro prisioneiro que confirmou o depoimento do primeiro. Deu isto tanto cuidado ao conde, como era justo, flutuando na incerteza do resultado, se o inimigo o buscasse em logar aberto e sem fortificação alguma. Antes de resolver ouviu a opinião dos habilitados a emitta-la, os quaes divergirão em sentimentos. Uns dizião que se devia esperar o inimigo em posição favoravel, e pelejar para não perder a reputação já ferida, por não o termos feito nas villas de Magdalena e de S. Francisco, afim de que não se dissesse que, aterrados só com a aproximação do inimigo, lhe largavamos todos os postos sem ver-lhe a cara, estando tão fresca a memoria dos evidentes perigos que Mathias de Albuquerque arrostára, conseguindo por isso conservar-se tantos annos com menos gente do que a que agora contavamos, e que seguir para a Bahia no intuito de seccorrê-la era ajudar a sua perdição por não poder sustentar-se ali tanta gente, visto que, abandonando nós Sergipe, faltavão lá as carnes que daqui ião; além disse era pouco airoso, e mesmo inconveniente, seguir para ali contra a vontade do

governador e capitão-general, segundo de sua resposta se tinha deprehendido.

Outros, porém, sustentavão que de nenhum effeito nos era a conservação de Sergipe, e que não convinha expor-nos ao perigo evidente de defender um logar aberto e sem porto de mar principal, a 66 leguas da Bahia, distancia grande para soccorrê-la, sendo necessario, como julgavão, visto que o inimigo nenhuma outra empreza tinha no Brasil que tanto lhe conviesse pela grande capacidade daquelle porto, e que isso mesmo nos obrigava mais a conserva-la para recolher nossas armadas quando viessem para restauração do perdido, e que com a perda da Bahia aniquilavão-se as esperanças de tudo, e que finalmente esta consideração era muito maior do que a de guardar em Sergipe uns curraes de vaccas, havendo outros muitos no Rio Real e Itapicurú, que ficavão doze e vinte leguas menos distantes da Bahia

Bagnuolo, conformando-se com este ultimo parecer, tratou de marchar logo para a Bahia. Antes porém de o fazer enviou ao campo oitenta homens repartidos pelos capitães de emboscadas João e Antonio Gomes Taborda, irmãos, e Antonio Rodrigues Oziqui e o ajudante Bento Dias Bezerra, e os alferes Simão Soares e Pedro Duarte com ordem de que, separando-se, fossem queimando todos os canaviaes, por ser esta uma das maiores perdas que se podia causar ao inimigo. Os dous alferes cumprirão pontualmente o serviço que lhes destinárão: dos outros se disse o contrario.

Renovou-se a dôr aos pobres moradores que já tinhão suas choupanas e plantações junto á cidade de Sergipe, ao assoalhar-se a retirada do conde, por serem obrigados a segui-lo, estando a maior parte delles impossibilitados para o fazer, porque a uns tinhão morto os negros sem os quaes mal se póde viver no Brasil; a outros os cavallos e bois, e muitos os havião vendido para sustentarem-se. Tudo isto era sensivel, mas ainda se augmentava a dôr ao esvairem-se as esperanças que até ali os animava. Porém a fidelidade que devião a seu rei os obrigava a seguir suas bandeiras com a mesma constancia que até então mostrárão.

Novembro 14.—Sahiu o conde de Bagnuolo de Sergipe a 14, levando sempre na retaguarda os capitães Alvaro de Azevedo, Manoel de França, D. João de Toar e Sebastião do Souto, para que com suas companhias fossem assegurando os moradores que se retiravão, e recolhendo os soldados que ficassem estropeados, pois o caminho do interior por onde vinhão era mais extenso e incommodo que o da praia, e além disso já tinha a certeza de que o inimigo passára o Rio de S. Franscisco com tres mil soldados, quinhentos indios e sessenta de cavallo que chegárão á cidade de Sergipe no dia 17, achando-a de todo evacuada.

Não fizerão fortificação alguma, e sómente fechárão algumas ruas com trincheiras, emquanto ali se detiverão, que não foi por muito tempo, como em seu logar se verá.

Novembro 29.—Gastou o conde 15 dias de Sergipe á Torre de Garcia d'Avila, casa grande que pessoa deste nome ali fundou, com outras poucas e uma ermida, 14 leguas ao norte da Bahia, e uma milha distante do mar. Aqui chegou no dia 29 tendo-se soffrido nesta retirada grande penuria de mantimentos, especialmente de farinha, e descommodidades de alojamento, que sempre era no campo, bem que todos estavão tão affeitos áquelle penar que não estranhavão, nem sua constanc a minorava.

Achou Bagnuolo naquelle sitio a Pedro Cadena Villa-Santi (que servia o officio de provedor geral da fazenda real) enviado pelo governador capitão-general Pedro da Silva para ajustar com elle a parte em que melhor alojoria a sua gente, e dizer-lhe que era de parecer mandasse a Sergipe para saber os designios do inimigo, e que emquanto estes emissarios não voltassem, conviria conservar por ali gente, não só para este effeito, como para recolher algum gado antes que o inimigo se aproveitasse de todo. O conde respondeu que logo que descansasse iria ter com o governador capitão-general, e então tratarião de tudo o que conviesse.

Novembro 30.—Tanto que no dia seguinte se retirou o provedor geral Pedro Cadena, enviou o conde quatro capitães de emboscadas a Sergipe com dez homens cada um; erão elles Bartholomeu Lobo Bocarro, João de Magalhães, Paulo Lopes e Balthasar dos Reis. Fez isto sómente para que quando se avistasse com Pedro da Silva lhe pudesse dizer que já o havia feito, afim de que elle o não ordenasse, porquanto, ainda que os governadores e capitães-generaes do Brasil, cuja residencia era a Bahia, tinha jurisdição sobre todo elle depois que começou a guerra de Pernambuco, ficárão em certo modo separadas as attribuições; porque Bagnuolo go-

vernou independente o seu exercito, como fez, o que adiante se verá. Enviados aquelles capitães a Sergipe, tratou Bagnuolo de sua viagem á Bahia, levando comsigo o tenente de mestre de campo-general Pedro Corrêa da Gama e Affonso Ximenes de Almiron, o de artilharia Francisco Peres do Souto, provendo a companhia, que por elle tinha vagado em D. Gregorio Cadena, filho do provedor geral, que tambem o acompanhou. Deixou por governador do quartel da Torre de Garcia d'Avila, durante sua ausencia, o sargento-mór Martim Ferreira.

Dezembro 15.—Chegou o conde a Bahia a 15 de dezembro, e a um quarto de legua desta cidade o foi esperar o governador e capitão-general Pedro da Silva, com aquellas demonstrações de satisfação e agazalho que a etiqueta estatuiu, dando-lhe a direita, e postando previamente toda a infantaria dos terços que ali havia em alas, principiando nas portas de S. Bento, por onde era a entrada, salvando e abatendo-se as bandeiras quando elle passava. Chegado ás portas da cidade, foi saudado com cinco tiros de peças, e apeando-se em casa do governador ecapitão-general, ali ficou residindo a instancias deste; ainda que tinha prevenido agazalho no convento dos descalços de S. Francisco. Os dias que se deteve ali forão passados em obsequio, sendo elle quem dava o santo á guarnição, por querê-lo assim Pedro da Silva. Quem não admirará tão devotadas finezas naquelle que tão pouca vontade mostrára quando Bagnuolo lhe fez offerecimento de vir soccorrê-lo?

Dezembro 16 — No dia seguinte quiz o governador que se conferenciasse em conselho de estado sobre a actualidade, afim de deliberar ácerca do que se deveria fazer. Reunidos o bispo dali D. Pedro da Silva Sampaio, o mestre de campo D. Fernando de Lodena; o sargento-mór Pedro Martins; João de Araujo, tambem sargento-mór, e o provedor geral, Pedro Cadena Villasanto; ao conde de Bagnuolo; ao mestre de campo Luiz Barbalho, e aos tres tenentes que o conde levava, pediu-se a este que emittisse primeiro a sua opinião. Então elle disse que era provavel a vinda do inimigo a sitiar aquella praça, e que para defendê-la era forçoso aquartelar sua gente na Villa-Velha, a meia legua da cidade; porquanto quatorze leguas de distancia, em que estava a Torre de Garcia d'Avila, não se vencião com a rapidez precisa, para soccorrê-la; que ella necessitava de ser melhor fortificada, tanto interna como externamente, devendo fazer-se cuidadosamente toda a prevenção de abastecimentos; pois era crivel que Nassau não se limitasse á facção de Porto-Calvo; e marchasse a sitiar esta praça, como a principal do Brasil, perdida a qual, se podia considerar perdido tudo, que com isto e com o valor de seus soldados esperava ajudar muito aos da cidade na sua defesa.

Este parecer do conde foi seguido sómente pelos seus tres tenentes e pelo mestre de campo Barbalho, porque os mais com o governador opinárão que o inimigo não tinha a gente necessaria para pôr sitio á Bahia, cuja guarnição, junta á tropa que chegava de Pernambuco, chegava a tres mil homens aguerridos e fieis, e que não havendo occasião para junta-los, serviria de mais embaraço que utilidade á sua estada áquem da Torre, e peior em Villa-Velha, onde sem duvida apparecerião questões de competencia e tambem emulações, que, se nas occasiões de guerra augmentão o brio, são sempre damnosas em tempo de paz, e que convinha evita-las, conservando-se distantes, e que quanto ás fortificações e provisão de mantimentos, se trataria logo.

Bem se deixa ver a repugnancia que tinhão á vizinhança dos soldados de Pernambuco, dos quaes tão depressa vierão a precisar.

Dezembro 21. — Voltou Bagnuolo para a Torre de Garcia d'Avila, onde chegou a 21, tendo sido regalado pelo governador e capitão-general, que o acompanhou até onde o havia esperado na occasião da sua entrada. Na retaguarda do conde chegou tambem o mestre de campo Barbalho com os seus duzentos e cincoenta homens.

Dezembro 25. — A 25 seis navios inimigos fizerão dar á costa junto á Bahia um nosso, em que vinha de Lisboa o capitão Francisco de Villa-Gomes com soccorro e a sua companhia. Acudindo logo ali a governador Pedro da Silva, julgando erradamente que não se podia salvar, se lhe poz fogo, porque estavão mui perto os do inimigo jogando a artilharia para elle e para a praia em que estavão os nossos. Salvárão-se os soldados, e da carga mui pouco.

Dezembro 31. — No dia 31 chegou participação dos quatro capitães de emboscadas, que havião ido a Sergipe, de como aos 25 deste mez tinha o inimigo queimado a cidade e os oito engenhos de assucar que

lhe pertencião, reservando sómente as igrejas, e voltando depois ao seu Forte de S. Francisco, para onde fizerão seguir alguns moradores que tinhão ficado no districto de Sergipe. A tantas perdas que neste anno tivemos, accresceu ainda a da debil praça do Ceará, de que tratámos em 1631. Como os muitos indios dali são por natureza inconstantes, ao saberem das vantagens do inimigo enviárão dous a cumprimentar o conde de Nassau, e dizer-lhe que, se mandasse tomar aquella praça, lh'a entregarião e renderião obediencia, porquanto não podia estorva-los a gente que el-rei ali tinha, por ser mui pouca e ter morrido o capitão. Nassau, julgando que quanto de novo fosse adquirindo lhe ia accrescentando a reputação, embora fosse de tão diminuta utilidade como aquella praça, aceitou o offerecimento.

Expediu duzentos homens em quatro navios, que dando fundo a 20 deste mesmo mez, tres leguas ao mar do Ceará, e deitando a gente em terra, concorrêrão logo muitos indios, e não houve no reducto outra acção mais que a de entregar-se Tinha só vinte soldados e duas pequenas peças de ferro. O capitão fallecido havia sido Domingos da Veiga Cabral. Alguns annos depois achárão nesta praça e na do Rio Grande copiosas salinas, que muito aproveitárão.

Eis os bons successos que o inimigo teve neste anno, e maiores poderião ser se não houvesse errado em seus projectos, suppondo que lhe convinha expulsar de Sergipe o conde de Bagnuolo, quando pelo contrario, se o não tivesse feito e se dirigisse logo á Bahia, difficultoso nos seria soccorrê-la de tão longe, e facil a elle esta empreza, visto a falta de fortificações, abastecimentos, e mesmo de cuidado, por não esperar tal aggressão. Qualificou este erro o ver que, desenganado a respeito de Sergipe, lhe poz fogo, ausentando-se para tratar de mais util expedição.

1638

Larga o conde de Bagnuolo o quartel da Torre, e passa a Villa-Velha para mais segurança da Bahia. Sitia-a o conde de Nassau, e os successos até levantar o sitio com muita perda. Mercês que el-rei fez a alguns dos que assistirão a esta defesa. Pie de Palo sahe de Hollanda com um só patacho, e chega ao Recife; apresta uma armada, seus designios e o effeito. Volta o inimigo com alguns baixeis, e entra na barra da Bahia. Chegão noticias de que vinhão nossas armadas, com o que acabão estas Memorias e o anno de 1638.

Fevereiro 15. — A 15 de fevereiro chegou de Hespanha á Torre de Garcia d'Avila uma caravella em que vinha Heitor de la Calche, com patente de mestre de campo do terço Napolitano, que fôra do conde de Bagnuolo, cuja posse se dilatou. Queixava-se Heitor de la Calche, não faltando ellas ao conde, fundadas em que elle havia pedido aquelle terço depois de estar promettido a seu filho D. Marcos Antonio Sanfeliche. Negava isto de la Calche affirmando que sem pedirlhe fôra dado, e que logo o enviárão naquella caravella para que viesse servir. Todavia, a despeito de suas justificações, a posse lhe foi dilatada por muitos dias, e mais serião se não sobreviesse o que logo veremos, e se Duarte de Albuquerque não procurasse fazer que não se lhe detivesse

João de Magalhães, um dos quatro capitães de emboscadas que tinha ido a Sergipe, chegou com dous prisioneiros, cujas confissões concordavão em que todos os seus navios estavão reunindo-se no porto do Recife por ordem de Nassau. Pareceu a Bagnuolo que este preparativo seria para aggredir a Bahia, e resolveu deixar a Torre e ir aquartelar na Villa-Velha, a meia legua da cidade, como já dissemos.

Fevereiro 23. — Antes de abalar, enviou a Pernambuco no dia 23 o capitão Sebastião do Souto, de quem fiavão sempre as diligencias mais espinhosas, e voltou com elle João de Magalhães, levando ambos sessenta homens entre soldados e indios. O fim de sua excursão era explorar os intentos do inimigo.

Março 14. — A 14 de março chegou a Villa-Velha o conde de Bagnuolo, e bem que o governador e capitão-general, com os mais da Bahia, sentissem que elle fizesse este movimento contra o combinado, pouco tardou quem lhes fizesse apreciar aquella resolução, e pagar de sua fazenda muito espontaneamente aquella mesma gente que agora lhe desagradava tanto.

Com tal proximidade das autoridades começou a haver alguma confusão sobre as ordens e guardas que os da Bahia fazião no exterior da cidade; porém acommodou-se isto de modo que alternavão de quinze em quinze dias o serviço a uma e duas leguas, junto ao mar, para a parte da Itapoã ao norte da barra. O santo para toda a guarnição era dado uma noite por Pedro da Silva e outra por Bagnuolo.

Apezar de lançar-se mão deste meio para a boa harmonia e conformidade, não faltavão motivos de altera-la e occasionar desgostos, o que Duarte de Albuquerque aplanava com a boa intelligencia que mantinha com os dous generaes. Tendo prompta uma embarcação com o necessario para ir-se á Hespanha, por haver cessado o motivo que o detinha no Brasil, chegou noticia do

bom resultado que tivera o capitão Souto, e participação importante que este mandava; pelo que não só Duarte de Albuquerque adiou sua viagem, como offereceu de novo a sua presença para uma tal occasião como a que se esperava.

Quando Sebastião do Souto chegou ao Rio de S. Francisco, apartou-se com quinze soldados para atravessa-lo mais ao pé da barra, enviando com os outros o capitão João de Magalhães para que fizesse o mesmo mais acima da villa, combinados para se reunirem em certo dia nas Lagunas Achou o Souto melhor commodo do que esperava. Estava na margem uma chalupa com dez homens do inimigo, pertencentes a um patacho que dera fundo dentro do rio, e os tinha mandado á terra. Dando sobre ella, degollou seis, e aprisioneiros quatro (dos quaes um era o proprio capitão do patacho) os mandou logo com tres soldados ao conde de Bagnuolo, e passou o rio na chalupa.

Devemos ponderar que ao Souto aconteceu nesta occasião o que já tem acontecido a grandes homens, ou porque, cuidadoso de sua missão, não quizesse occupar se com outra cousa, ou porque, embaraçado o animo, não lhe deixasse tempo de pensar em objecto alheio. O caso é que mui facil lhe seria tomar aquelle patacho, se o acommettesse na chalupa; porquanto, bem que se achasse com só doze homens, tendo-lhe tirado dez com o capitão, não haveria resistencia consideravel. De qualquer maneira o Souto, com o seu costumado valor, secundado agora da fortuna, transpoz galhardamente o rio sem lembrar-se do patacho.

Soube logo de um morador que dali a dez leguas para o norte, no logar chamado Cururuipe (a um quarto de legua do mar) havião fundeado dous navios do inimigo, e estavão carregando páo-brasil, que naquella paragem é o melhor, e que sua tripolação, constante de vinte e cinco homeus, se alojavão na igreja que ali havia, em torno da qual havião feito uma trincheira com seu fosso. Sem embargo da difficuldade, resolveu o capitão Souto, com mais bizarria do que prudencia, ir reconhecer aquella trincheira.

Março 20. — Investiu-a na madrugada de 20 de março com tal resolução, que degollou dezasete e prendeu dous, fugindo seis; e sahindo, encontrou dous dos mesmos navios que vinhão procurar seus companheiros, e degollou-os tambem, sendo um delles o capitão de um dos vasos em cuja algibeira achou uma carta que havia recebido do Recife, e constava della que Nassau estava embarcado com toda a sua gente para ir sitiar a Bahia. Enviou immediatamente esta carta e dous prisioneiros ao conde de Bagnuolo, e tambem os foi seguindo, avisando o capitão Magalhães do succedido, para que não o esperasse nas Lagunas.

Emquanto os da Bahia não se certificavão por esta carta da resolução do inimigo, não acabárão de persuadir-se disso, parece que sómente porque não desejavão isto, e tinhão razão, mas não na pouca prevenção com que estavão para espera-lo e defender-se; porquanto não havião reparado uma só muralha nem levantado fortificação alguma de novo. Os religiosos, o bispo e o mais clero forão quem começárão a fazê-lo, depois de ter já o inimigo tomado posições para o assedio. Nem as esplanadas estavão como devêrão, nem as balas apartadas segundo seus calibres, nem a polvora encartuxada! Do que se collige que se o inimigo buscasse esta praça, em vez de ir desalojar de Sergipe o conde de Bagnuolo, lhe custaria menos ganha-la do que depois lhe custou o perdê-la. Havia em deposito alguma farinha, mas faltava carne salgada, pescado, sal, e tudo o mais para sustentar a defesa Além dos dous terços com mil e quinhentos homens, a gente que havia erão algumas companhias de milicias.

Abril 8. — Tal era o estado em que se achava a Bahia, a 8 de abril, quando chegárão os prisioneiros e a carta enviados por Sebastião do Souto; e então tendo já por infallivel a vinda do inimigo, começárão a prevenir-se, levando um baluarte junto ao convento de S. Francisco, que olha para as palmeiras, e era um dos postos donde D. Fradique de Toledo tinha batido a cidade em 1625, e que nós por essa causa occupámos agora.

Abril 14. — Na manhã de 14 appareceu a armada inimiga ao pé de terra na Itapoã, acabando de desenganar os incredulos. Achavão-se de guarda naquella paragem duas companhias do terço de D. Fernando de Lodena, a quem se ordenou que com as outras fosse para lá afim de impedir o desembarque ao inimigo, se o tentasse fazer ali.

Abril 15. — Em todo o dia 15 não venceu a armada mais que até o Rio-Vermelho, sendo o fim desta demora dar a entender que queria effectuar ali o desem-

barque, mettendo logo a gente nas lanchas e barcaças, com que havião de tomar o logar destinado para o seu intento.

Abril 16. — A's duas horas da tarde de 16 começou a armada a entrar com a maré pela Bahia. Constava ella de quarenta vasos de differentes portes, de que era cabo João Mastio. Deu fundo da ponta de Itapagipe para dentro, não mais de uma legua da cidade. A's 4 para 5 horas forão chegando á terra as embarcações que levavão a gente, ao abrigo de alguns patachos, saltando na praia entre as Ermidas de Nossa Senhora da Escada e S. Braz, a uma legua sómente da cidade, em que havia tres mil soldados velhos, afóra a milicia, sem que fosse possivel impedi-los por serem tantos e tão destacados os pontos que tinhão de guardar. E' isto o que não ponderão os que, entre os regalos de suas casas, donde nunca sahirão, e talvez com bem differente profissão, condemnão a esmo os variados accidentes de uma guerra desigual. Tal foi o successo do inimigo neste desembarque, que conseguiu sem lhe custar um mosquetaço. Esteve sobre as armas toda a noite, até reconhecer o que lhe convinha e resolver-se a marchar.

Abril 17. — Na madrugada de 17 seguiu até occupar uma eminencia ao pé do engenho de Diogo Muniz Telles, onde fez alto. Os mestres de campo D. Fernando de Lodena, que tinha voltado ao ver o inimigo entrar na Bahia, e Luiz Barbalho e o tenente de mestre de campo-general Affonso Ximenes de Almiron, forão logo occupar o proprio engenho antes que o inimigo o fizesse, rechaçando alguns que o tentárão.

Forão tambem chegando o governador e capitão-general, o conde de Bagnuolo e Duarte de Albuquerque com a mais gente que se póde reunir; deixando sómente na cidade a que não se podia tirar dos postos que guardavão. Occupou-se outro monte do lado da cidade, na frente, e a tiro de canhão daquelle em que o inimigo estava, ficando o engenho no meio, e assim se esteve por mais de duas horas de ambas as partes sem fazer-se movimento algum.

Então disse Bagnuolo que não se devia acommetter o inimigo pelas consequencias de qualquer infeliz successo que se podia temer, sendo nós em numero muito menor, e que a gente que perdessemos nos faltaria depois para o essencial, que era a cidade, a qual, tendo ficado com tão pouca, nos obrigava a voltar, porque vendo-nos o inimigo ali, poderia ir de noite invadi-la em suas lanchas e barcaças.

Não faltou quem contrariasse o parecer do conde; porém o governador conformou-se com elle, e resolvêrão retirar-se. Como o vulgo não considera as acções que cegamente condemna, o fez a esta, com outra bem indigna e licenciosa; pois tanto que volvêrão á cidade, começou-se a tocar o sino da camara, o que só é costume fazer-se para negocio mui grave e de utilidade publica. Concorrendo muita gente, levantárão alguns a voz dizendo que visto não querermos pelejar com o inimigo e defender a cidade, elles ião escolher quem os governasse. Temerario procedimento e perigoso em demasia.

Acudirão por uma e outra parte o bispo e Duarte de Albuquerque (com não pouco risco) a aquietar este inconsiderado tumulto, e fazer escutar a razão aos que sem ella se ião precipitando. A muito custo finalmente acalmou-se a explosão, e cedêrão ás satisfações e ás esperanças do que se lhes promettia obrar.

Abril 19. — Não só para dar satisfação ao povo, como por fazer alguma cousa, sahiu o conde de Bagnuolo a 19 com sua gente e os dous terços da Bahia, um commandado pelo mestre de campo D. Fernando de Lodena, e o outro pelo sargento-mór que o governava, João de Araujo, a buscar o inimigo ao mesmo logar em que estava no dia antecedente; mas não o achou já, por ter avançado por outro caminho; e se elle soubesse da força que Bagnuolo trazia, marcharia á pressa para a cidade, e a acharia sem defesa, como o mesmo conde tinha previsto, e que agora sahira só para dar satisfação a quem não a quer razoavel e im apparente

Considerando todavia o conde de Bagnuolo o que já temia, por não achar o inimigo, resolveu voltar á cidade, e tão poucas noticias ou nenhumas havia do que tanto se precisava, que augmentavão o cuidado e a confusão.

Retirando-se o conde, não o quiz seguir o mestre de campo D. Fernando de Lodena, ficando-se no posto para o qual o tenente-general Affonso Ximenes (depois de acompanhar o conde até a Ermida de Santo Antonio, a tiro de mosquete da cidade) depondo o bastão, e tomando uma lança, voltou. Vendo o conde tal resolução e a pouca gente que lhe ficára, deixou-a ao capitão-mór D. Antonio Felippe Camarão, com a sua gente, e a Henrique Dias com a sua, e de-

pois enviou o capitão João Lopes Barbalho com cento e cincoenta homens, para que como pudesse, tomando a retaguarda do inimigo, visse se colhia algum de quem se obtivesse noticia da gente e do intento que trazião; porque havendo tres dias que estavão em terra, ainda não se sabia ao certo.

Indo o capitão Barbalho a esta diligencia, e querendo passar por onde estava o mestre de campo D. Fernando, não lhe foi concedido. Sentiu-se justamente Bagnuolo disto, pela occasião em que se desobedecia, e pela confusão com que se tratava da defesa.

Abril 20. — O governador, por dar-lhe satisfação, mandou ordem no seguinte dia para que D. Fernando se retirasse, o que já havia feito, obrigado do inimigo, com quem se encontrou, sendo as forças tão desiguaes. Veiu juntar-se com o conde na ermida de Santo Antonio, além das portas do Carmo, onde o governador e capitão-general antecedente Diogo Luiz de Oliveira tinha feito uma trincheira (de que só apparecião as ruinas) por ser sitio apropriado para melhor defesa, e considerando-o assim Bagnuolo, ordenou a reedificação da trincheira, em que á pressa todos trabalhárão. A' uma hora da tarde deste mesmo dia occupou o inimigo o alto da casa do padre Bartholomeu Ribeiro, a tiro de mosquete da trincheira que levantavamos, e que logo bateu com duas peças de campanha.

Com a posse deste ponto ficou o inimigo sobre o reducto que tinhamos em Agua de Meninos, que estava por baixo junto ao mar, com duas peças, o qual largámos, por não poder sustenta-lo, e o mesmo fizemos com o Forte do Rosario tirando tres peças de bronze, e rebentando as outras tres que tinha. Este Forte e aquelle reducto se fizerão para obstar o dar-se fundo naquella parte; e como o inimigo o deu onde já vimos, e agora estava sobre elles, erão-nos por isso inuteis. Occupou elle logo o reducto, por ficar-lhe mais debaixo e junto do seu quartel; e servindo-se das duas peças que achárão, nos matou quatro soldados da companhia de D. Diogo Alcedo, do terço de D. Fernando de Lodena.

Collocámos as tres peças de bronze que tirámos do Forte do Rozario em uma esplanada na trincheira de Santo Antonio, e na tarde deste mesmo dia pudemos cavalgar uma, com a qual se fizerão mui bons tiros.

O mais sensivel era o conflicto de jurisdicção no momento que demandava a mais estreita união, porque os officiaes e cabos da gente da Bahia não obedecião ao conde de Bagnuolo, nem os de Pernambuco ao governador Pedro da Silva, o qual, considerando isto demasiadamente perigoso, se resolveu a fazer uma acção notavel. Pediu ao conde que tomasse a si o commando em chefe, e mandou aos seus que lhe obedecessem. Esta acção generosa sorprendeu a todos os que sabem apreciar o que é ser responsavel por uma praça; pareceu a alguns que elle o fizera para ter companheiro na perda desta, que julgavão inevitavel; porquanto se o governador tivesse esperança animadora, ninguem acreditaria que elle quizesse repartir a gloria do vencimento, aliás esta resolução vinha a ser mais propria de um recoleto do que de um governador e capitão-general; ainda que a tudo devia obriga-lo o empenho de procurar sua melhor defesa.

O conde aceitou o offerecimento ou rogativa, e foi trabalhando com grande applicação e diligencia, particularmente na trincheira de Santo Antonio, em cuja ermida assistia, para dar mais calor á obra a que todos acudião. Enviou logo alguns dos seus capitães de emboscadas a tomar os caminhos, para que se estivesse com mais segurança, porque sem isso podia o inimigo vir, sem ser sentido, postar-se entre a trincheira e a cidade. Havendo quatro dias que estava em terra, ainda não se sabia de suas forças e intento.

No mesmo dia 20 expediu elle um trombeta para a nossa trincheira. Antes que chegasse a vê-la, enviou o conde um ajudante para que lhe vendasse os olhos e o conduzisse. Trazia duas cartas de João Mauricio, conde de Nassau (e por ellas se soube que elle estava ali) uma para o governador Pedro da Silva e outra para Bagnuolo. A substancia era que de Pernambuco trazia um religioso dos descalços de S. Francisco, o qual necessitava fallar com o seu custodio. Pareceu que Nassau usava deste pretexto para outro fim, e por isso respondeu-se-lhe negando a entrada áquelle religioso.

Na noite em que o inimigo desembarcára se despachou para Hespanha algumas embarcações a participar a El-rei o estado das cousas, que se pôde remediar com isto pela demora da ida e volta, ainda que já estivesse lá o soccorro prompto; mas antes disso remediou-o Deus cegando o inimigo, para que

elle proprio nos ajudasse a defender e conservar aquillo mesmo que pretendia tirar-nos, fazendo-o por caminhos despropicios a seu intento, e vantajosos para nós.

O inimigo, sabendo que as nossas embarcações largavão de noite, mudárão algumas das suas mais para a frente da cidade para impedir-nos a continuação da sahida das que tinhamos bem junto á terra para segura-las melhor, e com a artilharia das que a tinhão seguravamos a praia, que ficava abaixo da eminencia em que estava collocada a cidade.

Abril 21. — Na madrugada de 21 veiu o inimigo com sete lanchas e uma barcaça, correndo a marinha, e tocando-nos alarma junto á praia onde estavão surtos nossos navios. Segundo o que depois succedeu, parece que foi para attrahir-nos a attenção para esta parte, afim de achar menos na que tencionavão aggredir.

No mesmo dia entrou elle o nosso Forte do Montserrat, de que era capitão Pedro Alvares de Aguirre, sem custar-lhe uma carga de polvora. Porém o capitão e o Forte erão tão fracos, por sua muita idade, que só isto se poderia esperar delles. Estava a meia legua da cidade, junto ao mar, e tinha sómente seis peças de ferro e pouca gente de guarnição.

O capitão de emboscadas de Pernambuco, Gaspar de Moraes e Tavora, trouxe um prisioneiro, cujo depoimento affirmou que Nassau viera conquistar a cidade com João Gueselin e cinco mil e oitocentos homens de guerra, sendo os oitocentos indios e quasi dous mil de mar, e todo o necessario, e que Segismundo Escup tinha ido para Hollanda contrariando esta empreza.

Com tal noticia, confirmada pelo capitão Sebastião do Souto, que chegou nessa mesma tarde, ninguem mais duvidou dos fins do inimigo. Muitos auguravão o máo successo que teriamos, fazendo juizos temerarios, conformando-se com seu natural, e regulando-se pelas poucas prevenções que houve; tudo emfim parecia desajudar-nos para depois luzir mais o nosso esforço.

Ainda no mesmo dia nos ferirão a Mathias de Reus de um mosquetaço no braço esquerdo indo a reconhecer o quartel do inimigo; era ajudante do terço que foi do mestre de campo João Ortiz.

Não se levantava a mão nem o cuidado do trabalho da trincheira de Santo Antonio, porém, começada havia tão pouco tempo, pouca defesa offerecia ainda. Considerou o inimigo que muito lhe convinha não deixar aperfeiçoa-la, e occupar o mesmo posto donde melhor podia bater a cidade, e por isso investiu-a ás oito horas da noite de 21 com mil e quinhentos homens, e se trouxesse mais, como podia, segundo a confusão e desordem que houve entre nós, lhe seria facil não só ganhar a trincheira como a cidade. Chegou a tanto, que não se pôde cerrar a porta chamada do Carmo, tanto pelo máo estado della, como porque por ella era a serventia da cidade para a trincheira de Santo Antonio.

Todas as noites se mandava gente a emboscar nos caminhos que havia entre a nossa trincheira e o outeiro do inimigo. Esta gente era sempre da de Pernambuco, e nesta noite tocou aos capitães João da Silva e Azevedo e Estevão de Tavora, que, tocando a rebate e começando a escaramuçar com o inimigo, forão os de nossa trincheira tomando as armas; e acudindo Bagnuolo com a gente que ali assistia, foi-se difficultando ao inimigo a empreza que ao principio lhe parecêra facil, e o fôra de todo se trouxesse maior numero ou se acommettesse outro qualquer ponto.

O conde de Bagnuolo, com a espada em punho, andou por toda a parte acudindo a tudo com os capitães Antonio de Freitas e Silva, D. João de Estrada, Atilano Gonçalves de Orejon, D. Pedro de Roxas, e depois com o mestre de campo Luiz Barbalho e os capitães de seu terço Pedro Cavalcanti de Albuquerque e Gaspar de Souza e Carvalho. Bem foi mister a pessoa do conde para incutir coragem a muitos que nesta noite desanimárão.

O mesmo fez o governador e capitão-general acudindo da cidade, com o que o inimigo muito á sua custa (e não com pequena nossa) desenganou-se começando a retirar-se com perda de duzentos homens, e levando um mosquetaço o sargento-mór Torlon, em recompensa de haver-nos morto o capitão João de Silva e Azevedo, que era natural de Guimarães, cuja companhia o conde deu ao capitão Nicoláo Aranha Pacheco. Morreu tambem o ajudante Manoel do Rego do terço de Portugal. Ferirão nos peitos o capitão Estevão de Tavora, de que morreu em poucos dias com justo sentimento de todos por seu procedimento e grande valor provado em muitas occasiões de que sahiu ferido sete vezes: era natural de Pernambuco. Sua companhia foi dada ao ajudante André Vidal.

Ferido em uma perna, tambem morreu o capitão Salvador de Mitarte, do terço que governava o sargento-mór João de Araujo. Havendo um dos inimigos ferido no rosto com uma chuçada a Gaspar de Albuquerque, este o matou. Tivemos mais dezoito feridos, cujos nomes não chegárão ao meu conhecimento para cita-les.

Aquelle intento do inimigo accrescentou-nos o cuidado para o adiantamento da trincheira, e brevemente a levámos a estado de poder dar-se-lhe outro nome, porque quizemos fecha-la ainda que ficasse aberta pela parte da cidade. Puzerão-se nella quatro peças de calibres 16 e 24, fizerão-se-lhe tra vézes, ainda que ficárão um pouco curtos, e o fosso menos profundo do que pudera ser, pela pressa com que se fazia. Mas assim mesmo não custaria pouco ao inimigo uma segunda tentativa.

Forão-se cortando os caminhos e levantando trincheiras nos logares expostos ao inimigo, tendo-as sempre com guardas. Feito isto, e encarregada a trincheira de Santo Antonio aos mestres de campo D. Fernando de Lodena e Luiz Barbalho, ficárão alternadamente governando-a por semana com a melhor intelligencia possivel.

Passou se então Bagnuolo para a cidade a residir em um quarto da casa do governador, donde ordenava e dispunha, indo algumas vezes á trincheira de Santo Antonio, e igualmente o governador, que de sua parte fazia quanto podia para melhor ajuda-lo. Duarte de Albuquerque tambem não faltava em assistir a ambos com o cuidado que convinha para manter entre elles a harmonia que tão importante era nesta occasião.

Abril 22.— A 22 tomou o inimigo outro forte chamado de S. Bartholomeu, de que era capitão Luiz de Vedoy, e que ficava entre a casa do Padre Ribeiro e o logar do seu desembarque. Havia o feito o governador e capitão-general Diogo Luiz de Oliveira para guarda dos navios que se ião ali querenar. Tinha dez peças e setenta soldados, com o que podia defender-se por alguns dias; mas o capitão não o fez nem por uma hora, ao menos para desculpar-se. Assim conseguiu o inimigo mais facil e mais proximo desembarque para o que quizesse de seus navios, e ficar mais em communicação com elle, crescendo-lhe as esperanças do bom resultado da empreza, ao passo que enfraquecião em alguns dos nossos para a defesa. E a tal ponto chegou, que não faltou quem tentasse sahir da cidade por mar, e o farião se Duarte de Albuquerque não os contivesse fazendo-lhes ver quão perigoso era este exemplo de cobardia. Alguem houve totalmente desesperado da defesa, e o peior era que achava nisto consolo, porque julgava (e eu o ouvi) que se lhe acabarião aquelles trabalhos, dando-se já por rendidos, e passaria á Hespanha com mais segurança nos proprios navios do inimigo. Tão louco e offensivo discurso se alguma desculpa pudesse ter seria a falta de remedios e as impossibilidades com que sempre se lutou nesta guerra, mas nunca bastantes para obrigar-nos a tal precipicio.

Para que isto pudesse ter alguma origem succedeu que, indo-se antes de amanhecer á casa da polvora tirar munições, achou-se uma corda estendida por debaixo da porta, tendo uma extremidade de fóra e acesa! Alguma hora mais que continuasse sem ser vista, o inimigo teria o que pretendia com mais brevidade ainda do que elle desejára. A' vista disto não faltárão suspeitas de intelligencias secretas entre o inimigo e alguem da cidade, mas por esta vez não teve effeito a diligencia.

Para maior conhecimento da confusão em que se elaborava, referirei que o capitão André Leitão de Faria, do terço de D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, vendo desembarcar o inimigo da fórma que já dissemos, e marchar sem opposição alguma, e tomar o porto que estava fortificando e os dous fortes, possuiu se de tal impressão que perdeu o sizo, e com elle a vida em mui poucos dias, com grande sorpreza de todos.

A gente do capitão-mór Camarão fez neste mesmo dia uma emboscada, e trouxe um prisioneiro, mas nada de novo accrescentou ao que já se sabia.

Abril 23.— O capitão Sebastião do Souto com dez homens chegou quasi no dia 23 a estar dentro do quartel inimigo, e matando-o um trouxe outro O conde de Nassau enviou outro trombeta dizendo que não mandava logo os setenta homens tomados no forte de S. Bartholomeu por julgar que os não quereriamos (dando a entender que nos faltavão mantimentos), e que lhe quizessemos remetter os seus prisioneiros. Foi logo obedecido com dezoito que havia, os quaes voltárão melhor vestidos do que tinhão vindo. Porém elle não entregou os setenta que offerecêra sem que nós o exigissemos;

o que parece que pendia já de sua vontade mais do que da nossa.

A' noite chegárão á barra junto aos dous fortes que ali tinhamos dous barcos com mil e duzentas fangas de farinha, vindos de Camamú, a dezaseis leguas para o sul, donde principalmente se aprovisionava a cidade por ser o logar em que se plantava mais Como o inimigo não teve o cuidado de bloquear os pontos por onde nos entravão os soccorros, com facilidade os tinhamos, e aproveitando-nos de seus erros, negociavamos a nossa conservação e defesa

Tratou Bagnuolo de trazer sempre alguma gente por fóra da cidade e pela retaguarda do quartel do inimigo, não só para inquieta-lo, mas para distrahi-lo do que pudesse fazer na frente, e tambem para assegurar os caminhos aos abastecimentos que nos vinhão por terra. Para isto se elegeu o capitão Sebastião do Souto, como homem capaz de dar conta da commissão. Derão-lhe cem homens escolhidos por elle.

Abril 25.—A 25 chegou com elles tão perto do quartel inimigo,que lhe matou doze e trouxe nove prisioneiros, dos que estavão fazendo suas barracas. Premiou-o o governador e capitão-general lançando-lhe ao pescoço uma cadêa de ouro que tirára do seu. Proseguindo elle na sua diligencia, voltou depressa trazendo outros nove prisioneiros, tendo matado um só na occasião do encontro.

Abril 26.—Pelo bom resultado destas sortidas se enviavão novas tropas. Indo a 26 com uma Francisco Gonçalves, irmão do capitão Manoel Gonçalves Doria, naturaes da Bahia, degollou oito, e prendeu dous, os quaes affirmárão que tendo-se o inimigo fortificado naquelle quartel, havia de tomar outro posto que fosse bem differente; era o que receiavamos, e o que aconteceu, como logo veremos.

Abril 27.—A 27 trouxe o capitão Souto mais cinco prisioneiros,tendo degollado vinte e dous inimigos. Um dos cinco, que era Francez, e dizia ser catholico, affirmou que sem falta Nassau tencionava tomar outro posto, e para o que occupavão tinha já alguma artilharia ali, e feito uma bateria a sessenta passos (para o mar) da casa do padre Ribeiro, e que suppunha que no fim de abril começaria a bater-nos com seis canhões, sendo cinco de 24 e um de 28 libras de bala, e que ouvira dizer que tencionava acommetter segunda vez a nossa fortificação de Santo Antonio.

Pelo cuidado que nos dava a resolução de Nassau em tomar outro posto pareceu conveniente que occupassemos o das Palmas, que estava sobre a cidade, e separado sómente por um fosso de agua, a que impropriamente chamavão Dique, o qual o inimigo, havia feito em 1625: quando esteve de posse da praça julgou-se dever encarrega-lo a pessoa pratica e de toda a confiança; e como taes qualidades concorrião na do mestre-de-campo Heitor de la Calche, que ainda não servia em seu terço, foi Duarte de Albuquerque do parecer (e não se enganou) que não podia Bagnuolo deixar de dar-lhe a posse, até então adiada, visto que a occasião obrigava mais ao serviço do rei do que a respeitos particulares. Rendeu-se o conde a este empenho, e no mesmo dia começou Heitor a exercer seu cargo. Com sua gente e alguma da milicia da Bahia deu principio logo á fortificação do porto das Palmas, cortando alguns caminhos que ali ião dar, fez no principal uma boa trincheira,na qual entrava de guarda uma companhia inteira, porque poderia o inimigo vir por elle. Assim se preparava a defesa do melhor modo possivel.

Abril 28 —Cada dia se augmentavão as esperanças de podermos resistir com os soccorros que nos enviava a gente que traziamos no campo. A 28 trouxe João Barbosa, ajudante do terço de Portugal, duzentas e cincoenta vaccas, de que já se necessitava pela pouca ou nenhuma prevenção que tinha havido a tal respeito.

Não tardou muito que o capitão de cavallos Francisco Rabello (que tambem por lá andava com sessenta homens) trouxesse duzentas vaccas, e tendo-se encontrado com duzentos soldados do inimigo, junto a uma fazenda dos monges benedictinos (chamada de S. Francisco, ao pé de Itapoã),ao pôr do sol emboscou-se em parte bem acommodada ao intento, com o que já á noite degollou quinze dos que se tinhão adiantado mais. Parecendo aos outros que seriamos em maior numero, retirárão-se, e Rabello veiu para a cidade com o soccorro que conduzia.

Com elles se alentavão os nossos de modo que se viu obrigada a camara a fazer alguma demonstração de gratidão com os soldados que vierão de Pernambuco. Foi ella o darlhes um pagamento á sua custa, o qual montou a dezaseis mil ducados, declarando que

fazião aquillo sem que se lhes descontasse nada do que el-rei lhes devia. Desde que elles servião na guerra de Pernambuco até este dia forão tão poucos os pagamentos que o valor e constancia que apresentavão póde tomar-se por um singularissimo exemplo, comparado com tantos que muitos soldados tem dado na Europa por faltar-lhes a paga de alguns mezes, quando a de tantos annos não obrigou estes a desviar-se da honra e de seus deveres.

Abril 30.— A 30 enviou Nassau um trombeta trazendo o nosso tambor-mór, que lá tinha ido com o ajudante D. Fernando de Alvarado, o qual não deixou voltar dizendo que tinha ido sem ordem, e isto com tal imperio que parecia nos davão leis.

Ao mesmo dia proveu Bagnuolo de tenente de mestre de campo-general o sargento-mór Martim Ferreira, cuja bengala passou ao capitão Antonio de Freitas e Silva, e a deste a João Dias, alferes que tinha sido de Estevão de Tavora. Ao capitão D. João de Estrada fez sargento-mór do terço que fôra de João Ortiz, que ainda governava o tenente-general Affonso Ximenes, o qual, descontente por tirar-se-lhe, deixou por alguns dias o proprio cargo de tenente. Duarte de Albuquerque extinguiu este enfado, como fez em todas as dissidencias que apparecêrão nesta guerra tantas vezes, mórmente na Bahia. Ximenes voltou ao seu emprego.

Maio 1.—No primeiro dia de maio começou a bateria do inimigo com os seis canhões de que já tinhamos noticia. Matou-nos seis homens, porque sua posição descortinava quasi todo o caminho que ia da cidade á nossa fortificação de Santo Antonio, a qual, por ter-se engrossado, recebia menos damno. Tambem mettêrão muitas balas na cidade, de modo que não havia logar sem perigo, nem elles estavão isentos, porque o capitão Souto por fóra e o tenente-general de artilharia Francisco Peres nos inquietavão bem, fazendo grandes perdas ao inimigo.

Determinámos levantar dous reductos a mais de mil passos para o interior da terra, e ao lado direito da fortificação de Santo Antonio. Foi encarregado de um o mestre de campo Luiz Barbalho, e do outro o capitão-mór Camarão, assistido pelo tenente Francisco Peres do Souto, em que logo fez uma esplanada com duas peças de dez libras, que com demasiado trabalho trouxe dos fortes da Barra, o que se teve por bem empregado pelo damno que recebia dali o quartel do inimigo.

Ao sargento-mór Antonio de Freitas, com seu terço, se encarregou um ponto que tomava dous caminhos principaes, e donde melhor se podia coadjuvar os mestres de campo Lodena e Barbalho quando a occasião o exigisse. Com isto se ia já devéras, conhecendo o cuidado com que o conde de Bagnuolo tratava da defesa.

Todavia o mestre-de-campo Lodena, não concordando com isto, começou de novo a soprar dissidencias não querendo receber as ordens de Bagnuolo, e dizendo que só ao governador e capitão-general Pedro da Silva reconhecia por superior.

O conde, attendendo, com sua costumada prudencia, mais á occasião presente do que aos caprichos com que de largo tempo se deserve o rei, disse ao governador que para desviar inconvenientes damnosos á defesa, da qual só se devia tratar, fosse reciproca a confianca que delle havia feito. Com isto se aquietou Lodena, reconhecendo melhor a occasião e o effeito que se devia desejar do que a duvida que movêra.

Maio 4.—No dia 4 fez Bagnuolo enforcar um homem como espia do inimigo. O miseravel confessou o crime quando o prendêrão, dizendo que para esse effeito o havião deitado em uma lancha junto á Torre de Garcia d'Avila, antes de seus navios entrarem na Bahia, tendo juntamente desembarcado mais dous, para que, separando-se, pudessem melhor fazer suas observações, que erão examinar as nossas fortificações, saber dos abastecimentos, donde vinhão, e onde os donos dos engenhos guardavão os cobres e mais utensilios da moagem, e outras cousas que lhes convinhão.

Neste mesmo dia, estando de sentinella bem junto do quartel inimigo um soldado do capitão Jeronymo de Hinojora, encontrou-o um capitão de um dos navios Hollandezes, que vinha reconhecer aquelle caminho, por onde tinha de conduzir umas peças para a segunda bateria que fizerão. Pelejou com valor contra a nossa sentinella; mas achando nella ainda mais, deixou-lhe a vida, cuja falta se sentiu muito entre os seus por ser homem de serviços. O nosso soldado chamava-se André Coelho, e era natural de Alverca, ao pé de Lisboa.

Nassau enviou outro trombeta com umas cartas que forão achadas em um navio que nos tomárão vindo de Lisboa com soccorro

a cargo do capitão Sebastião Pereira Ofana. Dizião nellas os inconsiderados que era inutil esperar brevidade na partida das nossas armadas para a restauração da Bahia e do Brasil, porquanto a Hespanha precisava dellas para outras necessidades. Claro está que se estas noticias nos fossem uteis não as mandaria o conde de Nassau

Neste mesmo dia tomou-se ao inimigo um negro que elle enviava a indagar que gente deitavamos de noite para as emboscadas, e em que ponto nos offenderia mais sua artilharia. Igualmente se colheu um sapateiro da cidade que se ia entregar ao inimigo, como o fez um artilheiro genovez. Isto acontece muitas vezes nos sitios, sem que se possa evitar, e quasi sempre em damno dos defensores.

Maio 5.—A 5 nos entrárão dous barcos com mil e trezentas fangas de farinha, e por terra oitenta vaccas. Na distribuição deste mantimento e de todo o mais que pertencia ao provedor-geral, Pedro Cadena Villasanti, deu elle mui boa conta e provas de sua applicação.

Pareceu que deviamos collocar duas peças atrás da Sé (ainda que ficava um pouco longe), com as quaes se fizerão mui acertados tiros, dos quaes um por mui pouco que não leva a vida de Nassau, segundo disse um negro que de lá fugiu. Porém depressa se puderão vingar, porque no dia 7, estando o governador e Duarte de Albuquerque na trincheira de Santo Antonio, ao pé de um carpinteiro, veiu uma bala de 24 libras, que se contentou de levar sómente este homem, que estava trabalhando em seu officio.

Maio 8. — A 8 entrou na cidade o capitão Francisco Rabello com duzentas vaccas e cem ovelhas, que servirão de grande soccorro aos feridos e enfermos. Já não pareciamos sitiados, porque tinhamos carne fresca, e andavamos facilmente pelo campo para conduzi-la. Se o inimigo tivesse vedado isto, como pudera se quizesse, teria soffrido menos, dado e obrado mais

Maio 9. — Amanheceu a 9 o inimigo com um trincheirão feito a 600 passos do seu quartel para os reductos que o mestre-de-campo Luiz Barbalho estava acabando, e do capitão-mór Camarão. O fim desta obra era cobrirem-se melhor do fogo que lhes farião as duas peças deste reducto. Começando os nossos a reconhecê-lo, e ordenando-se-lhes que o cercassem, o fizerão com tal denodo, que obrigárão o inimigo a retirar-se com alguma perda, porém depois volveu a occupa-lo. Ali nos matárão Christovão Paez de Altero, natural de Pernambuco, com uma bala de canhão, e mais outro, fazendo-nos igual numero de feridos.

No morro de S. Paulo, 12 leguas ao sul da Bahia, tinhamos um reducto com quatro peças, onde cada mez ião metter guarda duzentos homens com um capitão, por ser a paragem donde vinha a farinha para a cidade, e tambem a que os navios vindos de Hespanha demandavão para melhor marcação nos seis mezes do anno em que dominão os suéstes. E como o estado da cidade exigia mais gente, tirárão-se dos duzentos do morro cento e cincoenta com seu capitão Manoel Mendes Flores, soldado de experiencia. Chegou elle á cidade na noite de 10, deixando lá, conforme a ordem, um ajudante com os cincoenta, mais para testemunhas de um máo successo, que para evita-lo se o inimigo o intentasse.

Maio 11 —A 11 trouxe o capitão Souto mais seis prisioneiros, os quaes se conformárão dizendo que lhes ia faltando mantimento Ainda que não se lhes deu credito, em razão do pouco tempo que era decorrido desde a sahida de Nassau do Recife. todavia logo se soube que pela ira de ver que com esta falta não poderião conseguir o fim de sua expedição, tinhão passado á crueldade de matar os moradores que achavão e ião procurar no reconcavo da Bahia. Deste desgraçado numero forão Antonio de Sá Maia, retirado de Pernambuco, que deixou dous engenhos, e seu cunhado Simão de Albuquerque, e o sogro deste, de mais de 80 annos, que era João de Mattos Cardoso, capitão que fôra do Forte do Cabedello, na Parahyba, donde se havia retirado para achar aqui esta desgraça, quando pensava evita-la, o que a outros muitos succedeu, como o certificava uma negra com um menino branco que criava, e que Nassau enviára no dia 12 a seu pai, que estava na cidade; porém outros filhos seus, a mulher e os criados, todos forão mortos.

O inimigo attribuia isto á insubordinação de alguns de seus indios; porém tal crueldade ficou sem castigo, e os infelizes moradores cruelmente castigados. Daqui inferimos que o conde de Nassau devia ir gradualmente perdendo as esperanças do bom

successo que tinha concebido ao sahir de Pernambuco.

No mesmo dia entrou á barra da Bahia um navio do inimigo, com bandeira de quadra, e ao pé della outra arrastando, em signal de terem feito preza, a qual tinha sido com effeito em um navio nosso, a vinte leguas daquella costa, o qual vinha de Lisboa, de que Nassau enviou tambem algumas cartas a Bagnuolo, que erão quasi da mesma substancia das primeiras; parecendo-lhe (e não se enganava) que com ellas nos fazia maior bateria do que com seus canhões. Na verdade, em muitos fizerão sempre maior brecha estas desesperadas cartas do que podia o inimigo desejar.

Os mestres-de-campo trabalhavão incessantemente nos seus postos; porque o inimigo, não se descuidando, tinha amanhecido neste dia com outra bateria de duas peças, a mil e oitocentos passos pela terra a dentro, e ao lado esquerdo da que tinhão, ficando mais perto do reducto da que fazia o mestre-de-campo Barbalho, e que logo por sua altura metteu na cidade muitas balas, ainda que com pouco damno, todavia com muito receio dos seus habitantes.

A' vista disto ordenou que o mestre-de-campo Luiz Barbalho fosse das dez para as onze horas desta mesma noite reconhecer e atacar esta bateria. Dando-se rebate ao inimigo por outras partes, para distrahi-lo desta, como elle não estava descuidado, colheu (naquella por onde foi o ajudante Gaspar Lopes) um sargento reformado e tres soldados. Com este successo mandou-se ao mestre-de-campo que fizesse alto; porque dos quatro que faltavão saberia o inimigo o nosso intento. Assim se passou a noite de 13. Apparecêrão de manhã os tres soldados, tendo o inimigo matado o sargento.

Maio 14. — Neste dia 14, indo o capitão Sebastião do Souto correr o campo com menos gente que das outras vezes, deu em uma emboscada do inimigo: e grande ventura foi o poder salvar-se matando-lhe quatro: sendo um destes Francisco Donel Saboijano, que tendo servido o inimigo, havia tres annos se passára a nós, procedendo sempre com tal valor, que Bagnuolo o havia feito capitão dos rendidos, de quem menos se fiava. Destes mesmos forão os outros dous mortos; e o quarto foi o alferes reformado Simão Soares, Portuguez, e natural da villa de Ameda. Aqui principiou a fortuna a volver as costas ao capitão Souto, como brevemente veremos.

Maio 15. — Na noite de 15 pôde sahir para Hespanha uma caravella participando o estado destas cousas. Verdade que não era isto remedio para o presente; mas pareceu dar conta dellas pelo cuidado que lá faria o primeiro aviso, e pela razão que havia para que a todos interessasse.

Não passava um dia em que a artilharia inimiga não nos roubasse vidas, particularmente nos dias 16 e 17. No reducto do mestre-de-campo Barbalho uma só bala de canhão matou dous soldados e o alferes reformado Alvaro Luiz, natural de Alcobaça, e feriu um estilhaço o alferes Felippe Pereira, maltratou sem ferir o capitão Luiz Gomes de Bulhões, e levou a copa do chapéo a Luiz de Albuquerque. Os remedios para os feridos erão tão poucos e máos como os cirurgiões; o que não era menor estrago, sem que pudesse obsta-lo a muita caridade dos irmãos da Misericordia, a cujo cargo estava o hospital.

Resolveu Nassau fazer o ultimo esforço para conseguir seu intento ou desenganar-se. Mandou investir outra vez a nossa trincheira de Santo Antonio por tres mil homens escolhidos e juramentados em suas mãos de não voltar sem ganha-la.

Maio 18. — Foi no dia 18 ao anoitecer que o tentárão, tocando primeiro alarma no reducto do mestre-de-campo Barbalho afim de attrahir-nos, para então darem sobre o mestre-de-campo D. Fernando de Lodena. Ao primeiro rebate acudirão logo da cidade o conde de Bagnuolo, o governador e Duarte de Albuquerque á trincheira, onde já estavão os inimigos atacando com tal coragem, que muitos entrárão o fosso, e dous forão mortos, no momento já de entrarem, por uma canhonheira, a que tinhão subido, fazendo todos o maior esforço para derrubar a porta. Muitos levavão granadas de fogo para melhor franquearem a subida da trincheira; com uma ferirão João Soares de Siqueira, pagem de Duarte de Albuquerque, que o tinha junto a si, e que tinha observado ao conde e ao governador, por vezes já, que fizessem sahir ao menos duzentos homens pelo lado direito da trincheira para colher de través os que estavão no fosso sem receber damno da artilharia por ficarem-lhe muito debaixo. Com isto se ordenou que sahissem os capitães Gaspar de Sousa Uchôa, João Rodrigues Pestana, Assenso da Silva,

do terço de Portugal, João de Lucena e Christovão da Silva, do de D. Vasco Mascarenhas, e tambem sahiu o tenente Souto com alguns soldados. Todos pela parte que ião forão fazendo grande damno ao inimigo que estava no fosso, onde se deteve muito, defendendo-se com valor, e começando a fortificar-se, tendo trazido todos os instrumentos e materiaes necessarios para isso. Da nossa trincheira fez-se-lhe tambem grande damno com umas vigas que se lhes lançárão, e alguns cantos que fizerão trazer o tenente-general Ximenes e Pedro Martins, sargento-mór de D Fernando: o capitão Lourenço de Brito ajudou aqui muito em tudo; como estes pesos lhes cahião nas cabeças, mal os podião reparar.

Depois que o inimigo tocou a rebate no reducto de Luiz Barbalho e atacou a trincheira do Lodena, foi Barbalho sahindo com os sargentos-móres D. João de Estrada e Antonio de Freitas e Silva com sua gente, que não era muita, por terem a maior parte nas emboscadas. Não se dirigírão a entrar na trincheira de Santo Antonio, e sim por fóra, para poder reunir os das emboscadas, e cortar o inimigo que ficava entre o seu quartel e os nossos. Vierão emfim tanto a tempo, que colhêrão pela retaguarda os tres mil que estavão batendo a trincheira. Vendo-se elles assaltados por onde se julgavão mais seguros, forão desanimando e perdendo a esperança do que havião promettido e jurado, e começárão a desordenar-se, bem que pelejando sempre e sendo soccorridos.

Como isto era de noite, não faltava confusão, e por duas vezes se salvárão alguns troços do inimigo, encontrando-se com os nossos, por fallarem hespanhol. Com este engano nos matárão e ferirão alguns, entre os quaes foi Pedro Gomes de Abreu, alferes da companhiado mestre-de-campo D. Vasco Mascarenhas; foi prisioneiro e ferido com dous arcabuzaços o capitão João Paez de Mello, e quiz sua sorte que a tropa que o levava encontrasse o nosso capitão Nicoláo Aranha Pacheco, que, envestindo-a com a sua companhia (que era uma das que nesta noite emboscára), matou uns, feriu outros, e libertou o Mello. Ambos erão do terço de Portugal.

O sargento-mór delle Antonio de Freitas e Silva não andou esta noite menos bizarro; porque, depois de ter recebido um arcabuzaço, tomou e trouxe dous do inimigo que vierão servindo-lhe de arrimo. O sargento-mór D. João de Estrada, com os capitães de seu terço, andou com muito valor; ferirão-lhe dous, que forão D. Pedro de Roxas, e Antonio Rodrigues d'Avila.

Emquanto da banda de fóra se meneiavão tambem as armas, não continuavão com menos alento os da nossa trincheira; e ainda que foi tarde a ordem ao mestre-de-campo Heitor de la Calche para deixar o posto que fortificava e vir soccorrê la, todavia sua muita diligencia não só lhe deu pés mas tambem azas para que, chegando ainda a tempo com os seus mosqueteiros, não dessem em vão duas cargas.

Vendo o inimigo que tanto á sua custa o repelliamos, começou a retirar-se tão desordenadamente, que, ignorando muitos o caminho, vinhão cahir em nossas mãos. De manhã se achárão alguns perdidos, sem atinar com o seu quartel, tendo-o tão perto. Entre estes, e os feridos que não puderão retirar-se nos ficárão cincoenta e dous, e muitas armas e instrumentos de fortificação.

Ainda que o inimigo teve este máo successo, ficou assás vingado com ferir-nos pelos peitos com um mosquetaço o capitão Sebastião do Souto, na mesma trincheira de Santo Antonio, do que morreu no dia seguinte, com geral sentimento, como na verdade merecia pelo valor, fidelidade e boa fortuna com que servia. Era elle natural da villa de Chaves.

Foi ferido de uma granada Francisco Gil de Araujo, alferes da companhia de D. Fernando de Lodena; o capitão Pedro de Carreira e Arenas, o ajudante Diogo Ferreira, que depois foi sempre padecendo até morrer da ferida, era natural de Torres-Novas; o alferes Pedro Gomes de Abreu, da companhia de D. Vasco Mascarenhas; Pedro Monteiro, que o era de Christovão da Silva. Matárão Manoel de Figueiredo, sargento do capitão D. Felippe de Moura, e Manoel Ramalho, seu cabo de esquadra, e cinco soldados, ferindo onze. Tambem morrêrão Francisco Fernandes e Nicoláo de Araujo, da companhia de Antonio de Brito e Castro; João Vieira, Pedro de Heredia, Francisco Fernandes, Antonio Rodrigues, Pedro Gonçalves Belchior do Valle, e Mathias de Abreu, todos da companhia de Manoel Pinto. Do terço de Luiz Barbalho morrêrão Duarte Lopes de Uchôa, filho de Diogo Lopes de Uchôa, natural de Lisboa. Ferirão o capitão Antonio Bezerra Monteiro, do que depois

morreu; era natural de Pernambuco, filho do capitão Francisco Bezerra e primo do proprio mestre-de-campo Barbalho.

Do terço que foi de João Ortiz morrêrão brevemente de suas feridas os capitães D. Pedro de Roxas, filho de D. Pedro de Roxas, que tinha sido mestre-de-campo no Perú, e irmão do nosso mestre-de-campo general fallecido D. Luiz de Roxas e Borgia, e Antonio Rodrigues d'Avila. Morreu mais um soldado de D. Gregorio Cadena, e forão feridos dous de D. Jeronymo de Hinojosa. De Heitor de la Calche matárão Donato Antonio de Crespa, e Carlos Duvivo, da companhia de João Bernardino Corchon; D. Antonio Melerva, Antonio de Leonardes, Francisco Laurino, Antonio Minela, os sargentos Innocencio Trota e Flaminio Jovente, da companhia de Raphael Silaes. Forão feridos Silvestre Mirella e Horacio Saluve, da do mesmo Calche; o alferes reformado Pompeu Pagano, Pedro Antonio Tartesano e Angelo de Francisco.

Do terço de Portugal sahiu ferido o sargento-mór que o governava, Antonio de Freitas e Silva, de um arcabuzaço; o capitão João Paes de Mello, de dous; o capitão D. João de Toar Roxas e Sandoval, de outros dous; o capitão reformado Pedro Marinho Souto-Maior de um; João Leonardo e João da Silva. Morreu o alferes Antonio de Souza e o cabo de esquadra Francisco de Campos, ambos da companhia de Manoel de França. Os outros mortos, de quem não alcancei o nome, serião vinte e sete, e os feridos mais de oitenta.

O inimigo andou neste sitio, e particularmente nesta noite, tão desattento, que podendo distrahir-nos a attenção da trincheira de Santo Antonio antes de dar nella, para acha-la com menos gente, o fez quando começava a retirar-se, dando com dez lanchas e algumas barcaças, abaixo da cidade um tiro de canhão para a parte da barra, onde chamão — Agua de Gabriel Soares, — e se costumava fazer aguada, e tinhamos ali duas campanhias de guarda. Na verdade, se tivessem calculado melhor atacando-nos aqui primeiro, talvez que o successo lhes fosse muito mais favoravel.

Maio 19 — Madrugou sua vingança no dia 19, matando-nos com uma bala de canhão tres soldados no quartel de Santo Antonio sendo um destes Pascoal de Brito, alferes de D. Felippe de Villarte, do terço de D. Fernando. A's 9 horas mandou Nassau pedir suspensão de armas por algumas horas, emquanto retirava e sepultava os mortos, o que se lhe concedeu, enviando-nos elle um capitão em refem, e nós outro, que foi Pedro de Carrera e Arenas. Ambos se entretiverão fóra dos quarteis e baterias, acompanhados de quinhentos homens, sempre com as armas nas mãos. Os mortos que o inimigo desviou agora forão trezentos e vinte e seis, além dos que teria retirado durante a noite, e cincoenta e dous feridos, e dos prisioneiros que nos ficára. Soube-se, porém depois, que nesta acção tinhão perdido mais de seiscentos homens, e entre elles cinco capitães: o sargento-mór André Zon ficou côxo de uma perna. Tal foi sua perda, a qual nos deu firme segurança do successo que depois tivemos.

Maio 20.— No dia 20 entrou o capitão Francisco Rabello com mil vaccas, com o que os sitiados fruião mais o campo do que os sitiadores.

Maio 21.— Pediu Nassau os seus feridos e prisioneiros, olvidado de que deixára de cumprir a promessa que nos havia de motu-proprio feito dos setenta soldados colhidos no forte de S. Bartholomeu, e menos se lembrou de que a sua posição e o estado das cousas erão agora mui differentes. Pelo que Bagnuolo negou-lhe desta vez o que da outra tão prompto executára.

Maio 22.— A desvantagem do inimigo conhecia-se em todas as suas acções. No dia 22 enviou-nos uma carta que o religioso descalço que trouxerão de Pernambuco escrevia ao seu custodio, que se achava no convento da Bahia, dizendo-lhe que o mandavão em um patacho para Pernambuco, e que por isso não podia fallar-lhe, e advertia-o tambem de algumas cousas para melhor governo dos religiosos.

Maio 23.— A 23 se encarregou ao capitão reformado Lourenço de Brito Corrêa o baluarte de Santiago, que o governador e capitão-general Diogo Luiz de Oliveira tinha feito entre o mosteiro de S. Bento e a ermida de S Pedro, porque estava quasi por terra no tempo em que devia achar-se muito bem prompta, não esta fortificação como as mais que havia no mesmo estado. Nesta começou Brito a trabalhar com alguma gente da milicia.

Maio 24.— A 24 metteu o inimigo na cidade muitas balas sem damno consideravel, mais do que matar-nos um cavallo e um boi. Porém no dia seguinte matárão

Miguel Brandão, capitão de milicias, natural da Bahia, e filho do coronel dellas Belchior Brandão.

Maio 26.—Na quarta-feira 26 amanheceu o inimigo retirado, e tanta devia ter sido a pressa com que o fez, que deixou duas peças de calibre 24 na bateria das seis, e outras duas do mesmo porte mais para o interior da terra, a barraca de taboas do conde de Nassau, e todas as mais que havia feito; muitas armas, machados, sapas, pabas, marracos e mais de mil barris de farinha que fazião o pão de munição, arroz e outros muitos legumes, caldeirões de uma e outra cousa, e muito pão que estavão cozendo nos fornos que havião feito. Nos fortes de Agua de Meninos, Montserrat e S. Bartholomeu deixou todas as peças que tinhão. Embarcou-se no mesmo logar onde effectuára o desembarque, para cujo ponto, nesta mesma noite, a sua capitania com mais sete ou oito náos tinha ido deixando o logar onde estavão fundeadas, que era em frente da cidade. Nassau embarcou toda a gente, e esteve ahi dous dias ainda.

Maio 27.—A 27 enviou uma chalupa á terra com o nosso ajudante D. Fernando de Alvarado, que ainda retinha, e com alguns moradores que havia tomado no sitio, porque já não esperava que os pedissemos. Tornava a exigir seus prisioneiros, e de novo lhe foi indeferido; tanta animosidade infunde um bom successo.

Maio 28.—No dia seguinte entrou com um navio de Portugal sem que o inimigo pudesse estorva-lo, estando com tal armada na barra parece que para confirmar o erro com que emprehendêra este sitio, que durou quarenta dias, e nos ultimos vinte e cinco atirárão 1446 balas, segundo se affirmou. Perdêrão mais de dous mil homens, munições e o mais que se pôde julgar, não fallando na reputação, porque não a podião perder sendo vencidos pelas reaes armas de Sua Magestade nas mãos de tão valorosos soldados.

Já por noite do mesmo dia 28 se fizrão á vella voltando a Pernambuco. Antes disso enviou Nassau quatro navios a Camamú para queimarem um nosso que ali estava carregado de farinha, e deitar mais de cem prisioneiros que levavão dos moradores de fóra da cidade. Apenas chegou a Pernambuco prendeu os de lá, particularmente os donos de engenhos e pessoas de consideração, como se fossem culpados do seu máo exito na empreza da Bahia. Mas é muito usual castigar a innocencia alheia pelos erros proprios.

Maio 29.—No seguinte dia derão-se na cidade as devidas graças a Deus, com as publicas demonstrações de humildade, gratidão e regozijo pelo bom successo que foi servido conceder-nos. Depois tratou-se de arrazar o quartel e fortificações que o inimigo havia feito.

O conde de Bagnuolo, depois de dar tão boa conta do que o governador e capitão-general Pedro da Silva lhe incumbira, passou com toda a gente de Pernambuco a residir em umas casas que havia junto ao mosteiro de S. Bento, fóra das portas da cidade onde ficou na mesma boa intelligencia com o governador, que manteve quando veiu occupar a Villa-Velha, como fica referido já.

Despachou-se logo para a Hespanha tres caravellas com avisos, indo em cada uma duas pessoas, uma com cartas do governador, que foi o capitão Pedro Carrera de Arenas, e outra com as do conde, que foi o tenente de artilharia Francisco Peres do Souto. Estes chegárão. Na segunda com as do governador ia o capitão Sebastião de Lucena, e com as de Bagnuolo o capitão D. Gregorio Cadena. Na terceira ia sómente o licenciado Gregorio Gomes Madeira, que acabava de servir de auditor geral da gente de Pernambuco, substituido agora pelo licenciado Simão Alvares da Penha.

Foi grande a satisfação que esta nova causou na Hespanha pelo muito cuidado que havia dado o primeiro aviso de que Nassau nos tinha assidiado na Bahia. As mercês que el-rei fez a muitos dos que se achárão aqui forão prova do regozijo de que se possuira. Ao governador e capitão-general Pedro da Silva deu o titulo de conde de S. Lourenço, além de outras honras; ao conde de Bagnuolo deu o de principe em Italia e um feudo em Napoles, e uma commenda, passando a seu filho a que já tinha; a cada um dos mestres-de-campo Lodena, Barbalho e Calche uma commenda; um habito a cada um dos tenentes de mestre-de-campo-general Affonso Ximenes de Almiron e Martim de Freitas; ao primeiro com dous mil duzentos e cincoenta reales de pensão, e ao segundo com dous mil. A Pedro Corrêa da Gama deu o fôro de fidalgo que em Portugal era de grande estimação, e que se estimou agora bem pouco porque havia quatorze annos que se lhe tinha feito esta

mercê por mâis de quarenta de serviços. Deu habito a quatro sargentos-móres que o não tinhão, a saber, Pedro Martins, Antonio de Freitas e Silva, D. João de Estrada e Paulo Vernola com as respectivas pensões; ao capitão Lourenço de Brito Corrêa mandou que se cumprisse a promessa de uma commenda que lhe tinha sido feita, e deu habito a seu filho, e outro com a pensão de mil e quinhentos reales, ao capitão D. Gregorio Cadena e a Pedro Cadena Villasanti o fôro de fidalgo e uma commenda, e que o officio de provedor-geral que exercia lhe ficasse em propriedade, podendo encartar nelle qualquer filho ou filha. Ao capitão-mór dos indios D. Antonio Felippe Camarão deu uma commenda de duzentos ducados, e aos camaristas da cidade novos e mais amplos privilegios. Outros que nesta occasião se distinguirão muitos deixárão de ser contemplados na lista das mercês, porque de telhas abaixo não póde haver premio igual nem para todos.

Tratou-se de fortificar melhor a cidade pelo grande cuidado que nos tinha dado a falta deste meio de defesa. Para o lado de S. Bento, entre o reducto de Santiago, em que trabalhava Lourenço de Brito e a ermida de S. Pedro, se começou um forte de quatro baluartes em posição que tomava os caminhos principaes; no das Palmas, que se havia encarregado ao mestre-de-campo Heitor de la Calche, se ia fazendo outra fortificação e aperfeiçoava-se a de Santo Antonio, á qual se devia este cuidado (ainda que não durou muito) para n'outra occasião estar mais prevenida uma praça tão importante.

Entendeu Bagnuolo, de accordo com o governador, que convinha mandar dous barcos com até trinta homens cada um para que fossem entrar em algum dos rios de Pernambuco, afim de obterem noticias. Em um destes foi o capitão André Vidal e no outro o ajudante Agostinho de Magalhães, ambos do terço portuguez. Nos dias que se detiverão degollárão alguns dos inimigos que encontravão descuidosos pelo campo, queimárão canaviaes, e fizerão o maior damno que puderão. Assim obtinhamos muitos avisos do campo e dos intentos do inimigo, afim de nos prevenirmos para frustra-los.

Soube-se, entre o mais, que o conde de Nassau chegára ao Recife a 5 de junho, surgindo ali em um patacho vindo da Hollanda Pie de Palo, que, tendo sido pirata, era hoje seu general de mar, e o despachárão daquella fórma para melhor dissimulação do que lhe incumbirão, que era escolher ali doze náos e dous patachos com a infantaria e gente de mar que melhor lhe parecesse. Tão rapidamente effectuou isto, que sete dias depois de sua chegada sahiu a 15 do mesmo junho para a facção determinada.

Era ella ir ás Indias procurar os galeões da Plata, de que era então general D. Carlos de Ivarra, marquez de Taracena. Com tal manha andou Pie de Palo, que pôde conseguir um dos seus intentos, bem que não fosse o principal, encontrando com os nossos galeões antes de embocar o canal de Bahamá, na paragem de Pan de Cabanas, a 12 leguas de Havana, [illegible] 31 de agosto e 3 do setembro, pelejan[illegible] com elles duas vezes nestes dias, mas [illegible] menos fortuna do que se prom[illegible] embargo, porém, de tê-la [illegible] deixar de repetir uma e muitas [illegible] as commodidades e conveniencias que o inimigo ia tirando de o deixarmos gozar tanto o Brasil, por que já se servia do porto do Recife como se fosse o de Amsterdam na Hollanda ou Vlissingen na Zelandia, tirando náos e gente para suas emprezas, sendo tanto mais commodo para ellas o de Pernambuco pela sua posição geographica.

Agosto 1. — No primeiro de agosto entrou na Bahia um barco do inimigo com mais de dezoito ducados em mercadorias que trazia para vender aos moradores de Porto-Calvo e Lagunas a troco de assucar. O cabo deste barco era Manoel Garcia, natural da Ilha de S. Miguel, maritimo bastante experiente daquella costa, e que, segundo disse, havia onze annos servia o inimigo por havê-lo tomado em um navio do Brasil. Para fugir com este barco matou tres Hollandezes que nelle vinhão, e com tres Portuguezes que trazia entrou na Bahia. Não faltou quem affirmasse que desta acção sómente lucrárão o interesse de voltar ao serviço do seu rei, sem que fruissem cousa alguma do barco ou carregamento.

Nassau punha todo o cuidado em fazer retirar o gado de Sergipe de El-rei para Pernambuco. Afim de melhor conseguir isto, ajuntou-se com algumas pessoas, dandolhes certa quantia por cada cabeça. Julgava elle com bom fundamento que assim fazia maior guerra á Bahia, apertando-a mais do que com o sitio antecedente, em que não

tinha podido vedar-lhe a entrada de tanto gado.

Outubro 16.— A 16 de outubro enviou o conde de Bagnuolo Balthazar de Brito, que havia sido morador do Rio de S. Francisco, com pouca gente sómente para tomar lingua, o qual colheu um soldado do inimigo, degollando quatro.

Novembro 17.— No dia 17 de novembro entrárão pela Bahia dez navios do inimigo e dous patachos, o que mal se lhes pôde impedir, visto ter a barra tres leguas de largura, e a bahia tanto espaço que melhor se poderia chamar mediterraneo. Derão fundo em frente de Itapagipe; e deitando a gente em terra para a parte em que Matheus Lopes Franco tinha um engenho de assucar, saqueárão tudo, sendo [illegible] cobres que levárão o que mais falta fazia [illegible].

Estes e outros da[illegible] soffrião cada dia os pobres moradores [illegible] o [illegible]sil, havendo já nove annos que conti[illegible] em [illegible]adecião, e não menos a fazenda [illegible]da a [illegible] co[illegible]deravel diminuição de direitos. [illegible]rém agora mais se deveria sentir (e parece que se sentia menos) era ver as raizes que o inimigo ia deitando nas praças que occupava, como Rio-Grande, Parahyba, Itamaracá e Pernambuco, casando muitos calvinistas e outros herejes com catholicas, semeando dest'arte infames seitas por meio dos livros que espalhavão. E para encontrar menos opposição, ião mandando para as Indias os religiosos e clerigos que ainda havião Quem ler isto com maior talento do que vai escripto não deixará de sentir gravissima dôr ao ver que, em tão pouco tempo, procurava o herejo arrancar d'ali a fé catholica plantada desde tantos annos pelo admiravel zelo daquellos serenissimos reis, a quem coubérão em sorte estes descobrimentos e conquistas, empregando não pouco em fazenda e singulares vassallos que, prodigos de suas vidas, se fizerão illustres nesta evangelica cultura.

Dezembro 3 — Depois que os dez navios e dous patachos obrárão o que fica referido, sahirão a 3 de dezembro, ainda que nunca faltavão outros que impedissem a entrada e sahida de nossas correspondencias, e punhão dest'arte a Bahia em cuidado e aperto.

Por este tempo partiu Duarte de Albuquerque para a Hespanha. E no dia 6 chegou á Bahia uma caravella sahida de Lisboa, de que era mestre João Domingues. Levava ella a certeza de que já ião navegando nossas armadas, das quaes se apartára na altura das Ilhas Canarias. Da Castelhana era general D. João da Vega Baçan, e almirante Francisco Dias Pimenta. Da de Portugal era general Francisco de Mello e Castro e almirante Cosme do Couto Barbosa. E o capitão-general de mar e guerra, a cujo cargo ia tudo, era D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre.

Como os successos destas armadas já pertencem ao anno de 1639, em que eu não me achei presente, deixo a relação delles a quem a queira fazer, porque sómente tomei nota daquelles que observei até o fim de 1638.

FIM.

r
-
a
o
e-
n-
la
as
ra

os
o,
ca
a e
ou-
to).
er-
u à
de
ava
os-
ura
ge-
ante
era
lmi-
tão-
o ia
has,

per-
não
les a
omei
n de